

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SOLANGE BERTOZI DE SOUZA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS: ESTRATÉGIA FAMILIAR DE
CLASSES MÉDIAS INTELECTUALIZADAS EM CAMPO GRANDE-MATO
GROSSO DO SUL**

**CAMPO GRANDE/MS
2019**

SOLANGE BERTOZI DE SOUZA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS: ESTRATÉGIA FAMILIAR DE
CLASSES MÉDIAS INTELECTUALIZADAS EM CAMPO GRANDE-MATO
GROSSO DO SUL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis

**CAMPO GRANDE/MS
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil).

Souza, Solange Bertozi de.

Internacionalização de estudos: estratégia familiar de classes médias intelectualizadas em Campo Grande-Mato Grosso do Sul/ Solange Bertozi de Souza. – Campo Grande, MS, 2019.

216 p.

Orientadora: Jacira Helena do Valle Pereira Assis

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,
Faculdade de Educação/Campo Grande-MS

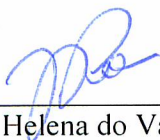
1. Internacionalização de estudos. 2. Famílias de classes médias intelectualizadas. 3. Mundo globalizado. I. Assis, Jacira Helena do Valle Pereira. II. Título.

Solange Bertozi de Souza

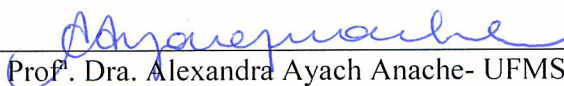
**INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS: ESTRATÉGIA FAMILIAR DE
CLASSES MÉDIAS INTELECTUALIZADAS EM CAMPO GRANDE – MATO
GROSSO DO SUL**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação,
da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito
final para a obtenção do título de Doutor.

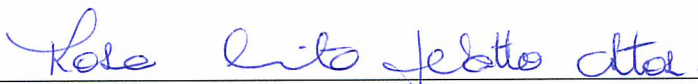
COMISSÃO EXAMINADORA



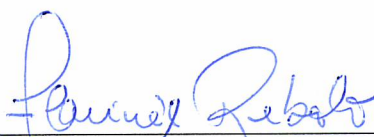
Prof.ª. Dr.ª. Jacira Helena do Valle Pereira Assis - UFMS
Orientadora



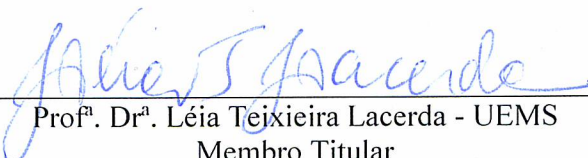
Prof.ª. Dra. Alexandra Ayach Anache- UFMS
Membro Titular



Prof.ª. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos - UFMS
Membro Titular



Prof.ª. Dr.ª. Flavinês Rebozo - UCDB
Membro Titular



Prof.ª. Dr.ª. Léia Teixeira Lacerda - UEMS
Membro Titular

Campo Grande - MS, 12 de abril de 2019

Dedico aos meus pais, Alberto Ignácio de Souza e Márcia Bertozi de Souza, que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me permitiu chegar até aqui.

Agradeço a toda a minha família, pelo grande apoio e carinho que sempre me deram.

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Jacira Helena por ter me ajudado a crescer como profissional.

Aos entrevistados da pesquisa, que me permitiram entrar em suas vidas.

Eu não tenho paredes. Só tenho horizontes.

Mário Quintana.

RESUMO

Esta tese de doutoramento trata da internacionalização de estudos como estratégia educacional por famílias de classes médias intelectualizadas, compreendidas como docentes da educação superior e seus filhos. O intuito é compreender como essas famílias se organizam no processo de escolarização e qual formação desejam frente ao mundo globalizado. A linha de pesquisa em que o trabalho se realizou no PPGEDU/FAED/UFMS é a de Educação, Cultura, Sociedade. A perspectiva teórica remete aos estudos de Pierre Bourdieu e interlocutores. Do ponto de vista metodológico, a produção das informações ocorreu por meio de uma investigação de caráter descritivo-analítico para a qual foi realizada uma revisão bibliográfica, seguida de aplicação de entrevistas semiestruturadas realizadas com docentes da educação superior e seus filhos que utilizaram alguma estratégia de internacionalização: escola livre de idiomas, escola bilíngue ou intercâmbio. Também foram entrevistados professores de cursos nessa modalidade. A pesquisa foi delimitada na cidade de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul. Algumas indagações orientaram a pesquisa: a) as classes médias intelectualizadas – professores universitários e filhos – conseguem dimensionar a importância de ter uma certificação internacional? O que ela representa? b) O preparo acadêmico e profissional, a ampliação do volume do capital cultural que esses professores desejam a seus filhos visa atingir o mundo internacional, o nacional ou sequer supera o regional? c) O processo educacional e a profissionalização dos filhos de professores universitários residentes em Campo Grande são condizentes com as necessidades do mundo contemporâneo do trabalho e com a formação de um sujeito cosmopolita? Os resultados da investigação sinalizaram que a internacionalização de estudos é considerada uma estratégia educacional por parte dessas famílias, as quais buscam adesão ao mundo globalizado, indo além das fronteiras nacionais. O discurso apresentado para justificar a internacionalização de estudos traz implícito um conjunto de disposições, tais como: autonomia, disposição à mobilidade, tolerância à alteridade, bem como propiciar capital cultural como, por exemplo, competências linguísticas e cultura geral, além de capital social, como contatos internacionais. Na análise, identificou-se ainda que as estratégias educacionais representadas pela internacionalização de estudos trazem vantagens a quem pode ter acesso a elas, e ao que indica a pesquisa, na prática, bastante relacionadas à conquista de postos especializados no mundo do trabalho, com melhores salários, ou seja, relaciona-se ao capital econômico e simbólico e à busca de ascensão social. Da forma como está configurado, o sistema escolar, ao invés de ter uma função transformadora e agregadora na vida dos indivíduos, reproduz e reforça as desigualdades sociais, uma vez que a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais, posicionamento preconizado pela teoria bourdieusiana. Há acesso à internacionalização de estudos por uma parcela da população, com um custo financeiro, e isto se apresenta como elemento distintivo. De um ponto de vista educacional que se propõe democrático de fato, o maior desafio quanto à internacionalização de estudos é garantir seu acesso à população ampla, por meio de políticas públicas, sem que ocorram distinções, pois atualmente não há programas que possibilitem tal acesso.

Palavras-chave: Internacionalização de estudos. Famílias de classes médias intelectualizadas. Mundo globalizado.

ABSTRACT

This doctoral thesis deals with the internationalization of studies as an educational strategy by families of intellectualized middle classes, understood as higher education teachers and their children. The aim is to understand how these families are organized in the process of schooling and what training they want in front of the globalized world. The research line in which the work was carried out at PPGEDU / FAED / UFMS is Education, Culture, Society. The theoretical perspective refers to the studies of Pierre Bourdieu and interlocutors. From the methodological point of view, the production of the information occurred through a descriptive-analytical investigation for which a bibliographic review was carried out, followed by the application of semi-structured interviews with higher education teachers and their children who used some strategy of internationalization: language-free school, bilingual school or exchange. Teachers of courses in this modality were also interviewed. The research was delineated in the city of Campo Grande, State of Mato Grosso do Sul. Some questions guided the research: a) the intellectualized middle classes - university professors and children - can measure the importance of having an international certification? What does it represent? b) The academic and professional preparation, the expansion of the cultural capital that these teachers wish their children to reach the international world, the national or even surpasses the regional? c) Is the educational process and the professionalization of the children of university professors living in Campo Grande compatible with the needs of the contemporary world of work and with the formation of a cosmopolitan subject? The research results indicate that the internationalization of studies is considered an educational strategy by these families, which seek to join the globalized world, going beyond national borders. The discourse presented to justify the internationalization of studies implies a set of dispositions such as: autonomy, willingness to move, tolerance to otherness, as well as providing cultural capital such as language skills and general culture, as well as social capital, as international contacts. In the analysis, it was also identified that the educational strategies represented by the internationalization of studies bring advantages to those who can have access to them, and to what research indicates, in practice, quite related to the achievement of specialized positions in the world of work, with better wages, that is, it is related to economic and symbolic capital and the search for social ascension. As it is configured, the school system, instead of having a transforming and aggregating function in the life of individuals, reproduces and reinforces social inequalities, since the school is a space of reproduction of social structures, a position advocated by the Bourdieusian theory. There is access to the internationalization of studies by a portion of the population, with a financial cost, and this presents itself as a distinctive element. From an educational point of view that proposes to be truly democratic, the greatest challenge in the internationalization of studies is to guarantee their access to the broad population, through public policies, without distinction being made, as there are currently no programs that allow such access.

Keywords: Internationalization of studies. Families of intellectualized middle classes. Globalized world.

RESUMEN

Esta tesis de doctorado trata de la internacionalización de estudios como estrategia educativa por familias de clases medias intelectualizadas, comprendidas como docentes de la educación superior y sus hijos. La intención es comprender cómo estas familias se organizan en el proceso de escolarización y qué formación desean frente al mundo globalizado. La línea de investigación en que el trabajo se realizó en el PPGEDU / FAED / UFMS es la de Educación, Cultura, Sociedad. La perspectiva teórica remite a los estudios de Pierre Bourdieu e interlocutores. Desde el punto de vista metodológico, la producción de las informaciones ocurrió por medio de una investigación de carácter descriptivo-analítico para la cual se realizó una revisión bibliográfica, seguida de aplicación de entrevistas semiestructuradas realizadas con docentes de la educación superior y sus hijos que utilizaron alguna estrategia de internacionalización: escuela libre de idiomas, escuela bilingüe o intercambio. También fueron entrevistados profesores de cursos en esa modalidad. La investigación fue delimitada en la ciudad de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul. Algunas indagaciones orientaron la investigación: a) las clases medias intelectualizadas - profesores universitarios e hijos - logran dimensionar la importancia de tener una certificación internacional? ¿Qué representa? b) La preparación académica y profesional, la ampliación del volumen del capital cultural que estos profesores desean a sus hijos apunta a alcanzar el mundo internacional, el nacional o incluso supera al regional? c) ¿El proceso educativo y la profesionalización de los hijos de profesores universitarios residentes en Campo Grande son concordantes con las necesidades del mundo contemporáneo del trabajo y con la formación de un sujeto cosmopolita? Los resultados de la investigación señalaron que la internacionalización de estudios es considerada una estrategia educativa por parte de esas familias, que buscan adhesión al mundo globalizado, más allá de las fronteras nacionales. El discurso presentado para justificar la internacionalización de estudios trae implícito un conjunto de disposiciones, tales como: autonomía, disposición a la movilidad, tolerancia a la alteridad, así como propiciar capital cultural como, por ejemplo, competencias lingüísticas y cultura general, además de capital social, como contactos internacionales. En el análisis, se identificó además que las estrategias educativas representadas por la internacionalización de estudios traen ventajas a quienes pueden tener acceso a ellas, y al que indica la investigación, en la práctica, bastante relacionada a la conquista de puestos especializados en el mundo del trabajo, con mejores salarios, es decir, se relaciona al capital económico y simbólico ya la búsqueda de ascenso social. De la forma en que está configurado, el sistema escolar, en vez de tener una función transformadora y agregadora en la vida de los individuos, reproduce y refuerza las desigualdades sociales, una vez que la escuela es un espacio de reproducción de estructuras sociales, posicionamiento preconizado por la teoría bourdieusiana. Hay acceso a la internacionalización de estudios por una parte de la población, con un coste financiero, y esto se presenta como elemento distintivo. De un punto de vista educativo que se propone democrático de hecho, el mayor desafío en cuanto a la internacionalización de estudios es garantizar su acceso a la población amplia, por medio de políticas públicas, sin que ocurran distinciones, pues actualmente no hay programas que posibiliten tal acceso.

Palabras clave: Internacionalización de estudios. Familias de clases medias intelectual
Mundo globalizado.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Teses e Dissertações.....	22
Quadro 2-	Levantamento da produção científica sobre o assunto.....	24
Quadro 3-	Teses e Dissertações do PPGEdu/FAED/UFMS sobre internacionalização de estudos, cultura e escola e estratégia educacional.....	27
Quadro 4-	Identificação dos agentes (docentes e filhos).....	38
Quadro 5-	Identificação dos agentes (professores de língua estrangeira).....	40
Quadro 6-	Síntese das características das estratégias dos grupos dos filhos.....	89
Quadro 7-	Síntese das características das estratégias dos grupos de famílias.....	92
Quadro 8-	Estratégias dos grupos de famílias – semelhanças e diferenças.....	102
Quadro 9-	Estratégias dos grupos de filhos – semelhanças e diferenças.....	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Pesquisas das teses e dissertações.....	23
Tabela 2-	Temáticas dos artigos publicados sobre internacionalização de estudos e áreas afins.	26
Tabela 3-	Perspectiva dos trabalhos do PPGEdu/FAED/UFMS sobre internacionalização de estudos, cultura e escola e estratégia educacional.	28
Tabela 4-	Agentes/participantes da pesquisa - Grupo Famílias.....	37

LISTA DE SIGLAS

ABEP		Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa.
AML	-	Academia Mato-Grossense de Letras.
BDTD	-	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CNPq	-	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
ENBA	-	Escola Nacional de Belas Artes.
FAPEMIG	-	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.
FAPESP	-	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
FIES	-	Fundo de Financiamento Estudantil (Programa do Ministério de Educação).
GEPASE	-	Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação.
GEPEM	-	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Migração.
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IHMT	-	Instituto Histórico do Mato Grosso.
INEP	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MCTI	-	Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação.
MEC	-	Ministério da Educação.
OEBI	-	Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo.
PCN	-	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PROUNI	-	Programa Universidade Para Todos.
SCIELO	-	<i>Scientific Library On Line.</i>
TTU	-	<i>Texas Tech University.</i>
UCDB	-	Universidade Católica Dom Bosco.
U-Curve	-	Curva de Adaptação Cultural.
UEMS	-	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.
UFMS	-	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
UNIDERP	-	Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.
UNIGRAN CAPITAL	-	Faculdade Unigran Capital.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS.....	16
1 INTRODUÇÃO.....	20
1.1 Delimitação do tema, justificativa, revisão da literatura e objetivos.....	20
1.2 Contexto da investigação: a realidade de Campo Grande-MS e a questão da internacionalização.....	29
1.3 Procedimentos de construção e análise dos dados.....	35
1.4 Estrutura da Tese.....	41
2 INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS COMO ESTRATÉGIA DE ESCOLARIZAÇÃO.....	43
2.1 Escolha de estabelecimento escolar: estratégia de ampliação do volume do capital escolar internacional.....	49
2.1.1 Escolas bilíngue e trilingue: faces da internacionalização na educação básica.....	54
2.1.2 Cursos Livres de Idiomas: estratégia de ampliação capital cultural internacional.....	59
2.1.3 Intercâmbios internacionais: experiência e certificação internacional.....	66
2.1.3.1 Programa Ciência sem Fronteiras: uma política oficial em busca do cosmopolitismo.....	79
2.2 Reflexões sobre a utilização da internacionalização de estudos como estratégia de escolarização.....	81
3. ESTRATÉGIA FAMILIAR DE CLASSES MÉDIAS INTELECTUALIZADAS: INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS EM CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL.....	83
3.1 O papel da família na sociedade contemporânea.....	86
3.1.1 Semelhanças entre os grupos de famílias.....	103
3.1.2 Diferenças entre os grupos de famílias.....	104
3.1.3 Semelhanças entre os grupos de filhos.....	106
3.1.4 Diferenças entre os grupos de filhos.....	106
3.1.5 Contexto das classes médias intelectualizadas em Campo Grande/MS.....	113
4. ESTRATÉGIAS DITAS E NÃO DITAS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS: DO SONHO À REALIZAÇÃO.....	134
4.1 A estratégia da internacionalização de estudos no mundo globalizado.....	146
4.2 Fronteiras ultrapassadas e desafios vivenciados por meio do cosmopolitismo e da	

globalização.....	162
4.3 A relação entre a trajetória de escolarização de longa duração e a internacionalização de estudos.....	172
À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS.....	194
APÊNDICES.....	206
Apêndice A. Roteiros de entrevistas.....	207
ANEXOS.....	212
Anexo A. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética - Plataforma Brasil.....	213

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Nesta tese algumas temáticas são trazidas à tona e analisadas, a saber: internacionalização de estudos, globalização, famílias de professores da educação superior, mundo do trabalho, cultura local e intelectualidade. São focos de estudos que surgem inseridos no tempo atual, contemporâneo, na tentativa de realizar aproximações da realidade a qual vivenciamos. Todos esses elementos são pensados em torno da internacionalização de estudos, pontuando a aprendizagem de uma segunda língua e o intercâmbio cultural.

Embora não houvesse a denominação de intercâmbio, desde o período colonial havia o entendimento de que atividades técnicas e artísticas não encontravam localmente modos de se realizar a contento, sem o aval da tradição europeia. Uma vez que a cultura aqui encontrada, a dos povos indígenas, foi suprimida por aquela trazida pelo colonizador, a ideia de enviar estudantes para a Europa para de lá trazer o que havia de mais moderno já existia.

Dessa forma, alguns exemplos podem ser citados, no período do Império, de atividades próximas às intercambiais: os artistas da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) esforçavam-se em ganhar os salões locais de artes para então receberem bolsas para estudar fora, em geral seu destino era a França. Inicialmente as escolas ensinavam línguas clássicas como o latim, mas houve certa glamourização a respeito da língua francesa (aparentemente presente ainda hoje). Também os construtores - sem formação acadêmica por aqui – os quais se dedicavam à arquitetura, desejavam ir a Portugal ou a outro país europeu para estudar seu ofício com os mestres.

Não obstante, os vencedores dos prêmios para viajar a estudos para a Europa costumavam vir de famílias tradicionais, que reafirmavam assim seu valor econômico e social. O que enfatizamos com isso é que sempre houve o papel do imaginário e as estratégias de dominação, e essa ideia do intercâmbio não é fenômeno exclusivo da contemporaneidade, e ainda, a educação parece ainda carregar seu viés colonialista.

Na atualidade, foi observado um aumento da procura por escolas bilíngues, o que remete à necessidade de acompanhar as transformações sociais, econômicas, políticas, culturais de um determinado campo. Tal estratégia de aprender outra cultura e língua ainda se faz presente, mas questionamos com quais expectativas e objetivos.

Desse modo, pretendemos analisar de que forma uma sociedade se organiza e se

compõe e isso tem sido base frequente de pesquisas científicas, por isso se justifica este estudo.

O objeto da tese é a internacionalização de estudos como estratégia utilizada por famílias de classes médias intelectualizadas (docentes da educação superior) na escolarização dos filhos.

A atenção a essa temática está diretamente relacionado à minha trajetória acadêmica e profissional. Ao terminar o mestrado na Universidade de São Paulo, em 2002, optei pela área da docência, o que me despertou o interesse pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão, fazendo com que optasse por essa área de atuação.

O interesse pela pesquisa foi aguçado quando, a partir de 2007, comecei a participar de um grupo de estudos e pesquisas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, qual seja, Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação – GEPASE – visto que acredito que um professor universitário necessita estar constantemente estudando e se atualizando, e esse foi o motivo que me instigou a integrar o referido grupo.

Nesse grupo, os temas da Sociologia da Educação versam sobre estudos relativos à família, escola e internacionalização de estudos, tendo como referencial teórico Pierre Bourdieu e seus interlocutores, como os autores: Maria Alice Nogueira, Nadir Zago, Ceres Prado, Andréa Moura de Souza Aguiar, Patrice Bonnewitz, dentre outros. No mestrado já havia tido um breve contato com a obra de Bourdieu, ao abordar a questão da migração, o que me levou à necessidade – e ao desejo – de continuar estudando a sua área de atuação, principalmente pela perspectiva sociológica do contemporâneo que o autor apresenta em seus estudos. O GEPASE foi decisivo na constituição de minha opção pela área da Educação, na medida em que me estimulou a continuar nesse caminho e aprofundar os conhecimentos por meio do ingresso no Programa de Doutorado.

Atualmente, minha prática docente nas áreas da Psicologia e do Serviço Social acontece em três instituições de ensino: Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP; Faculdade Unigran Capital e Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Meu leque de atuação é vasto, pois ministro disciplinas específicas dessas duas áreas, em interlocução com uma perspectiva sociológica e educacional.

Além das atividades de ensino, a área da pesquisa científica sempre me interessou e acabou por me aproximar do tema proposto no projeto para ingresso no

Doutorado. No período em que lecionei no curso de Turismo da UNIDERP, entre 2002 a 2007, tive contato com a situação de acadêmicos que realizavam viagens a estudo e intercâmbios, pois faziam estágios ou trabalhavam em agências de turismo que propiciavam essas práticas. Também orientei trabalhos e participei de bancas de defesa de monografias que tinham esses temas como base. Sempre me chamava a atenção os desdobramentos resultantes da ida dessas pessoas para o exterior, a fim de realizar estudos, bem como o preparo das pessoas que estavam ainda no Brasil, mas com a perspectiva voltada para experiências educativas internacionais.

Outra situação que despertava minha curiosidade científica era observar, ao ministrar aulas de Psicologia da Educação e da Aprendizagem para o curso de Letras, o movimento dos acadêmicos que, ainda durante sua formação inicial, lecionavam inglês, francês, português ou espanhol em instituições de ensino.

Esse conjunto de elementos contribuiu para que a questão da internacionalização de estudos e de seus desdobramentos me incentivasse a tomá-la como objeto de estudo, fato que se materializou com o ingresso no Doutorado em Educação, permitindo que, ao mesmo tempo em que houvesse um investimento na carreira profissional para permanecer atuando na docência, continuasse em contato com uma área que despertou meu interesse.

Ao que parece, a temática também tem despertado o interesse daqueles que estão envolvidos com pesquisas educacionais, uma vez que, ao apresentar artigos em eventos, percebia que ela era muito destacada nas intervenções de colegas, os quais ressaltavam a importância de se pesquisar essa questão no atual momento histórico. Acredito que isso se deva à abrangência do assunto e pelo fato de muitas famílias brasileiras terem se utilizado dessa estratégia no passado e de ainda a utilizarem no presente para possibilitar maior preparo acadêmico e profissional para os seus filhos.

Justifica-se a relevância da proposição desta pesquisa em um momento histórico em que a relação com o internacional está consolidada, principalmente com o avanço da tecnologia e com as fronteiras dos países se estreitando gradativamente. Este é o campo em que foi feita a imersão do nosso objeto: a internacionalização de estudos.

Essa exposição foi feita para trazer à tona a internacionalização de estudos como uma questão nuclear dos nossos dias, embora o Brasil tenha estancado esse movimento com o programa Ciência sem Fronteiras (2011), pois a fronteira foi transposta e tende a beneficiar aqueles que agregam capitais econômico e cultural. O programa será abordado no primeiro capítulo.

Defendemos a tese de que os capitais cultural, social e educacional, embora cada um tenha seu valor característico, são apropriados por essa classe média no intuito de propiciar ascensão social, fortemente ancorada no capital econômico e como este se organiza em termos de capital simbólico.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Delimitação do tema, justificativa, revisão da literatura e objetivos.

Este tópico tem como finalidade demonstrar a delimitação do tema, a justificativa, ou seja, o motivo pelo qual a tese foi proposta e também a formulação do problema de pesquisa.

A intenção de se pesquisar as classes médias intelectualizadas, mais especificamente os professores universitários e suas famílias, advém da necessidade de entender como essas famílias se organizam no sentido do processo de escolarização, se almejam uma formação intelectual para um mundo globalizado e atual, buscando estratégias educacionais internacionais, como é o caso da internacionalização de estudos.

Dessa forma, algumas indagações orientam a pesquisa, quais sejam: a) as classes médias intelectualizadas – professores universitários e filhos – conseguem dimensionar a importância de ter uma certificação internacional? O que ela representa? b) O preparo acadêmico e profissional, a ampliação do volume do capital cultural que esses professores desejam a seus filhos visa atingir o mundo internacional, o nacional ou sequer supera o regional? c) O processo educacional e a profissionalização dos filhos de professores universitários residentes em Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, são condizentes com as necessidades do mundo contemporâneo do trabalho e com a formação de um sujeito cosmopolita?

Vemos que muitas questões permeiam a discussão sobre a internacionalização de estudos utilizada como estratégia educacional de famílias de classes médias intelectualizadas e a sua relação com a inserção no mundo globalizado. Portanto, a suposição que levantamos é a de que a internacionalização de estudos é considerada uma estratégia educacional por professores universitários e seus filhos em Campo Grande-MS, os quais buscam adesão ao mundo globalizado para além das fronteiras nacionais.

Os objetivos para aproximar das indagações são os seguintes: a) Identificar e analisar as expectativas e os tipos de internacionalização das famílias de professores universitários pertencentes às classes médias intelectualizadas de Campo Grande-MS, ao se utilizarem da internacionalização de estudos como estratégia educacional; b) Traçar o perfil das famílias de professores universitários que se utilizaram ou utilizam

da internacionalização de estudos como estratégia educacional; c) Conhecer as práticas culturais desenvolvidas pelas famílias de professores universitários que se utilizaram ou utilizam da internacionalização de estudos como estratégia educacional; d) Analisar se a internacionalização de estudos, que é usada como uma estratégia educacional pelas famílias de professores universitários pertencentes às classes médias intelectualizadas de MS, propicia a ampliação do capital cultural e uma preparação acadêmica e profissional para além das fronteiras nacionais.

O número reduzido de estudos com esse enfoque, principalmente levando-se em consideração a realidade de Campo Grande-MS, confirma a relevância desta pesquisa, que vai ao encontro das temáticas atuais no campo da Sociologia da Educação.

No que se refere à internacionalização de estudos, Nogueira, Aguiar e Ramos (2008, p. 357) avaliam que há “[...] poucos trabalhos sobre o assunto”, o que reiteramos ao fazer uma busca nos bancos de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD, *Scientific Library On Line* - Scielo e Google Acadêmico, pois, ao cruzar os descritores com internacionalização de estudos, obtivemos uma quantidade reduzida de trabalhos.

Os descritores que utilizamos para a busca foram: “estratégia educacional”; “famílias de classes médias”; “cultura e escola”; “intercâmbio” e “escola bilíngue”. A escolha dos referidos descritores se deve ao fato de que eles fazem parte do conjunto de elementos investigados, considerando sua interligação com o tema central, que é a internacionalização de estudos.

Os descritores “intercâmbio” e “escola bilíngue” possuem uma relação direta com a ideia de internacionalização de estudos. O descritor “cultura e escola” aproxima-se do tema por se referir à questão cultural. Já o descritor “estratégia educacional” está vinculado ao fato de que a teoria empregada na pesquisa é a do autor Pierre Bourdieu e seus interlocutores, os quais possuem estudos significativos sobre as estratégias educacionais utilizadas por famílias para a obtenção do sucesso escolar de seus filhos. A opção pelo descritor “famílias de classes médias” se deu porque utilizamos as classes médias como recorte na pesquisa.

No site da BDTD, encontramos 459 trabalhos, entre teses e dissertações, que abordavam a internacionalização, porém voltados para outras áreas de estudo, como economia e administração, portanto não envolviam o objeto desta pesquisa. Vários outros trabalhos encontrados também não se aproximavam do tema proposto.

Ainda nessa base de dados, ao refinar a internacionalização de estudos com o descritor “famílias de classes médias”, não obtivemos nenhum resultado. Com o descritor “estratégia educacional” apareceram 6 trabalhos que tratavam, especificamente, da educação superior brasileira e, ao refinar “internacionalização de estudos e intercâmbio”, apareceram 6 trabalhos, e, por fim, ao refinar “internacionalização de estudos e escola bilíngue”, obtivemos um trabalho. O critério de seleção foi a data de publicação, a partir de 2002, até os mais recentes e as três possibilidades de internacionalização estudadas, escola livre de idiomas, escolas bilíngues (ou trilíngues) e intercâmbio. Observamos nos artigos uma busca pela internacionalização desde a infância aos primeiros anos escolares.

Quadro 1 - Teses e Dissertações

	Título	Autor /ano	Titulação	IEF
1	“Intercâmbios culturais” como práticas educativas em famílias das camadas médias	Ceres Leite Prado (2002)	Doutorado	UFMG-MG
2	Escola internacional, educação nacional: a gênese do espaço das escolas internacionais de São Paulo	Adriana Lech Cantuaria (2005)	Doutorado	UNICAMP-SP
3	O recurso às escolas internacionais como estratégia educativa de famílias socialmente favorecidas	Andréa Moura de Souza Aguiar (2007)	Doutorado	UFMG-MG
4	A opção pela educação infantil bilíngue por famílias de Belo Horizonte: perfil social e motivações	João Eduardo Quadros (2013)	Mestrado	UFMG-MG
5	Construções de entre-lugar sociocultural de professores brasileiros e ingleses na implementação de um novo currículo em uma escola internacional	Alessandra Rente Ribeiro Gonçalves (2013)	Mestrado	PUC-RJ
6	A internacionalização e ensino básico: suas motivações.	Gustavo Brechesi Servilha (2014)	Mestrado	USP-SP

Fonte: BDTD (2017, 2018).

Organização: Souza, 2018.

Ao fazermos uma análise mais detalhada das Teses e Dissertações da BDTD, identificamos determinadas aproximações entre os assuntos abordados nas pesquisas. Dessa forma, agrupamos segundo os seguintes temas a) intercâmbios; b) estratégias educativas; c) famílias de classes médias; d) escolas internacionais; e) famílias

socialmente favorecidas; f) ensino básico; g) cultura e escola; h) novo currículo de escola internacional; i) educação nacional.

A Tabela 1 apresenta a concentração dos objetos de estudo das teses e dissertações descritas no Quadro 1.

Tabela 1 - Pesquisas das teses e dissertações

Objeto de estudo de Teses e Dissertações	Quantidade de trabalhos
Intercâmbios	01
Estratégias educativas	02
Famílias de classes médias	01
Escolas internacionais	02
Famílias socialmente favorecidas	01
Ensino básico	02
Cultura e escola	01
Novo currículo de escola internacional	01
Educação nacional	01
Total	12

Fonte: Google Acadêmico (2018).
Organização: Souza, 2018.

Destacaremos o objetivo indicado pelos autores desses trabalhos os quais se aproximam de nossa investigação. Dentre as teses, Prado (2002) elegeu como objetivo compreender a prática dos intercâmbios culturais no Brasil. Para tanto, pesquisou o estudante do ensino médio que frequenta, em país estrangeiro, um ou dois semestres escolares e reside, durante esse período, com uma família. Cantuaria (2005) apresentou como finalidade de sua pesquisa investigar a gênese do espaço de educação internacional da cidade de São Paulo ao longo das primeiras décadas do século XX. E, por fim, Aguiar (2007) visou compreender o recurso à escolarização internacional como estratégia educativa de famílias brasileiras.

Nas pesquisas em nível de Mestrado, a dissertação de Quadros (2013) teve como objetivo levantar o perfil socioeconômico e sociocultural de famílias que optam por

escolas de Educação Infantil bilíngue em Belo Horizonte e examinar as motivações que as levam a fazer essa escolha. Gonçalves (2013) apresentou como objetivo de seu estudo analisar construções identitárias e posicionamentos de professores brasileiros e ingleses de uma instituição escolar bilíngue do Rio de Janeiro, diante do processo de implementação de um novo currículo, com uma proposta de educação internacional. E, por fim, Servilha (2014) pretendeu analisar as motivações de uma internacionalização do ensino básico.

As informações obtidas no levantamento das produções acadêmicas afirmam que os trabalhos sobre o assunto internacionalização de estudos são ainda muito incipientes e pouco abrangentes, considerando a importância do assunto na atualidade. Igualmente isso ocorre em relação aos artigos que localizamos. A base pesquisada foi a Scielo e o buscador Google acadêmico, e os descritores mobilizados foram internacionalização, escolas bilíngues, intercâmbio cultural.

Quadro 2 - Levantamento da produção científica sobre o assunto

	Título	Autores (ano)	Local da publicação
1	Uma dose de Europa ou Estados Unidos para cada filho: estratégias familiares de Internacionalização dos estudos	Maria Alice Nogueira (1998)	Pro-posições (Belo Horizonte/MG)
2	Elites acadêmicas e escolarização dos filhos	Zaia Brandão e Isabel Lellis (2003)	Educação e Sociedade (Campinas/SP)
3	A escolha do estabelecimento de ensino e o recurso ao internacional	Maria Alice Nogueira, Andrea Moura de Souza Aguiar (2007)	Atos de Pesquisa em Educação (Blumenau/SC)
4	Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares	Maria Alice Nogueira, Andrea Moura de Souza Aguiar e Viviane Coelho Caldeira Ramos (2008)	Educação e Sociedade (Campinas/SP)
5	Quando a melhor escola é internacional: famílias brasileiras em busca de internacionalização “in loco”	Andrea Moura de Souza Aguiar (2008)	Anais da 31ª Reunião Anual da Anped (Caxambu/MG)
6	Estratégias educativas de internacionalização: uma	Andrea Moura de Souza Aguiar (2009)	Educação e Pesquisa (São Paulo/SP)

	revisão da literatura sociológica		
7	A heterogeneidade das elites brasileiras e as estratégias distintas na obtenção do sucesso escolar	Daiani Damm Tonetto Riedner e Jacira Helena do Valle Pereira (2012)	Revista Contexto e Educação (Ijuí/RS)
8	A Educação dos Brasileiros & o Estrangeiro: breve histórico da internacionalização dos estudos no Brasil	Marina Alves Amorim (2012)	Brasiliana – Journal for Brazilian Studies. (King's College London, Londres)
9	Estratégias de internacionalização dos estudos: um novo fator de desigualdade escolar?	Maria Alice Nogueira (2013)	Habitar a escola e as suas margens. Geografias Plurais em Confronto. (Instituto Politécnico de Portalegre e Escola Superior de Educação- Porto Alegre/RS)
10	Internacionalização de estudos: estratégia educacional das famílias de classe média em busca do sucesso escolar	Solange Bertozi de Souza e Jacira Helena do Valle Pereira Assis (2017)	Revista Eletrônica Pesquiseduca (Santos/SP)
11	A educação básica nos movimentos de internacionalização do currículo: aproximações conceituais	Juares da Silva Thiesen (2017)	II Colóquio desafios curriculares na formação de professores. Livro de Atas 2017 (Minho/Portugal)
12	Internacionalização dos currículos na educação básica: concepções e contextos	Juares da Silva Thiesen (2017)	E-Curriculum-Programa de pós-graduação em educação: currículo (São Paulo/SP)

Fonte: Google Acadêmico (2018).

Organização: Souza, 2018.

No que se refere aos artigos localizados, identificamos algumas similaridades entre os assuntos investigados nas pesquisas e pudemos agrupá-los¹ de acordo com as

¹Alguns artigos encontram-se em mais de um agrupamento, dessa forma o total não corresponde ao número de artigos analisados.

temáticas: a) elites brasileiras; b) escolarização dos filhos; c) escolha do estabelecimento de ensino; d) internacionalização de estudos; e) escolas internacionais; f) famílias brasileiras; g) estratégias educativas; h) sucesso escolar; i) educação básica, j) internacionalização dos currículos, conforme apresentamos na Tabela 2.

Tabela 2 - Temáticas dos artigos publicados sobre internacionalização de estudos e áreas afins

Temas dos artigos publicados	Quantidade de artigos
Elites brasileiras	2
Escolarização dos filhos	2
Escolha do estabelecimento de ensino	1
Internacionalização de estudos	7
Escolas internacionais	1
Famílias brasileiras	2
Estratégias educativas	4
Sucesso escolar	2
Educação básica	2
Internacionalização dos currículos	2
Total	25

Fonte: Google Acadêmico (2018).

Organização: Souza, 2018.

Na sequência, trazemos a análise das temáticas que são apresentadas na Tabela 2. Em relação aos objetivos dos artigos publicados, Maria Alice Nogueira (1998) examina as condições que o estudo fora do país proporciona ao jovem e suas consequências. Já Brandão e Lellis (2003) buscaram analisar as relações das elites acadêmicas com a escolarização dos filhos que cursam o ensino fundamental. Nogueira e Aguiar (2007) intentaram atualizar a discussão acerca do tema da escolha do estabelecimento de ensino e sua relação com o recurso a escolas internacionais, realizado por famílias socialmente favorecidas.

O objetivo de Nogueira, Aguiar e Ramos (2008) foi analisar experiências internacionais de escolarização, vistas como uma nova dimensão da realidade educacional contemporânea, que marca as trajetórias escolares de estudantes oriundos de meios sociais favorecidos. Aguiar (2008, 2009) elegeu como objetivo, no artigo de 2008, divulgar os resultados de uma pesquisa de doutorado que investigou o interesse de famílias brasileiras por uma escolarização de tipo internacional para seus filhos e, no de 2009, com a finalidade de traçar um panorama das contribuições de pesquisas estrangeira e nacional sobre o tema vinculado às estratégias educativas de internacionalização.

Riedner e Pereira (2012) apresentaram como objetivo compreender os diferentes grupos da elite identificados nos estudos sobre sua escolarização e quais estratégias têm sido acionadas pelas famílias para garantir o sucesso escolar dos filhos nesses diferentes grupos. Amorim (2012) procurou construir um breve histórico da internacionalização dos estudos no Brasil, além de desvelar as bases de sustentação desse fenômeno.

Maria Alice Nogueira (2013) apresenta a internacionalização de estudos como sendo um fator que propicia a desigualdade escolar. Souza e Assis (2017) analisam a internacionalização de estudos como uma estratégia educacional das famílias de classe média que visa ao sucesso escolar e Thiesen (2017), nos seus dois trabalhos, faz a discussão da internacionalização dos currículos na educação básica.

A internacionalização de estudos, como preocupação principal, aparece em 10 dos 12 artigos encontrados, porém fica perceptível que a quantidade de artigos sobre essa temática ainda é incipiente no Brasil.

Em relação às produções realizadas junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, a carência de estudos nessa área é mais evidente, pois, ao serem pesquisadas teses e dissertações em seus bancos de dados, encontramos apenas um trabalho que abordasse especificamente a questão da internacionalização de estudos. No entanto, foram encontrados trabalhos que se referem aos descritores “cultura e escola” e um trabalho que diz respeito à “estratégia educacional”, descritos no quadro a seguir:

Quadro 3 - Teses e Dissertações do PPGEdu/FAED/UFMS sobre internacionalização de estudos, cultura e escola e estratégia educacional

	Título	Autor /ano	Titulação
1	A história dos professores de espanhol nas fronteiras	Suzana Vinicia Mancilla Barreda (2007)	Mestrado

2	Histórias de vida de professores migrantes: culturas e contextos de Mato Grosso do Sul	Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues (2009)	Mestrado
3	Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa	Miriam Mity Nishimoto (2011)	Mestrado
4	Estratégias de escolarização: ações combinadas entre famílias de grupos da elite e uma escola de prestígio	Daiani Damm Tonetto Riedner (2013)	Mestrado
5	A internacionalização da pós-graduação em educação no Brasil: mobilidade e produtividade docente (2010-2016)	Flavia Melville Paiva (2017)	Doutorado

Fonte: PPGEdU/FAED/UFMS (2018).

Organização: Souza, 2018.

Dessa forma, agrupamos, na Tabela 3, a tese e as dissertações do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul conforme seus objetos de estudo, em: a) histórias de vida; b) cultura e escola; c) prática docente; d) estratégias educativas; e) relação família e escola; f) escolas de prestígio; g) elites; h) memória; i) identidade; j) internacionalização de pós-graduação.

Tabela 3 - Perspectiva dos trabalhos do PPGEdU/FAED/UFMS sobre internacionalização de estudos, cultura e escola e estratégia educacional

Objetos de estudo dos trabalhos		Quantidade de trabalhos
1	Histórias de vida	3
2	Cultura e escola	3
3	Prática docente	4
4	Estratégias educativas	1
5	Relação família e escola	1
6	Escolas de prestígio	1
7	Elites	1
8	Memória	3
9	Identidade	3
10	Internacionalização de pós-graduação	1
Total		21

Fonte: PPGEdU/FAED/UFMS (2018).

Organização: Souza, 2018.

O objetivo da pesquisa de Barreda (2007) foi narrar a história de professores de Espanhol em Campo Grande-MS, permitindo a interpretação subjetiva de fronteira. Rodrigues (2009) analisou a vivência de professores migrantes que atuam na Educação Básica de Mato Grosso do Sul. Nishimoto (2011) buscou analisar as memórias de quatro professoras aposentadas de origem japonesa que lecionaram na escola de cunho étnico Visconde de Cairu, em Campo Grande-MS, entre 1965 e 2006. Riedner (2013) apresentou como objetivo pesquisar as estratégias mobilizadas pelos pais no processo de escolarização, para manutenção da posição social e econômica dessas famílias, bem como as estratégias adotadas pela escola, que mantém o acompanhamento conjunto e intenso nesse processo. Paiva (2017) buscou estudar como é conceituado o termo internacionalização da pós-graduação e como vem sendo construídas suas estratégias para alavancar esse processo nos programas.

Em uma análise dos objetos de estudo desses trabalhos, observamos que, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS, foram realizadas pesquisas que tratam da relação entre as questões culturais e a escola, incluindo a memória e a identidade dos profissionais da educação que trabalham em contato direto com a questão da diversidade cultural. Os trabalhos que mais se aproximaram da nossa proposta foram a dissertação de Riedner (2013) e a tese de Paiva (2017). A primeira, porque analisou a estratégia de escolarização e a segunda, a internacionalização de estudos, no entanto na área da pós-graduação.

Assim, diante desse mapeamento das produções acadêmicas que guardam proximidade com o objeto de estudo, a fim de elencar as especificidades da abordagem desta pesquisa, foi possível observar como se encontra o tema e seus afins nos trabalhos atuais.

1.2 Contexto da investigação: a realidade de Campo Grande-MS e a questão da internacionalização

Este tópico aborda o campo de investigação da tese, que é o *lócus*, isto é, a realidade de Campo Grande-MS, considerando sua relação com a internacionalização. O campo é por excelência relacional.

Em decorrência da divisão do Estado de Mato Grosso e da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, surgiu uma nova caracterização cultural, contudo, mesmo passadas

algumas décadas, Mato Grosso do Sul ainda está em busca da sua identidade, inclusive quando se trata de desenhar o que seja o intelectual ou, ainda, um grupo de intelectuais.

A essa situação tem-se uma problemática, porque é um estado que valoriza a educação formal e a erudição, desde que estas sirvam ao interesse fortemente calcado nas raízes da cultura do agronegócio – grãos e bois. Na história do estado de Mato Grosso do Sul, vemos a questão da sua formação econômica, sendo a agropecuária sua principal atividade:

[...] vocacionado para a agropecuária, tendo se dedicado, até a década de 1960, a pecuária extensiva, possuidor de um dos maiores rebanhos bovinos do país, o quarto em 1975, terceiro produtor de soja, e colocado entre os cinco maiores produtores de trigo e de arroz: tal era o perfil econômico do estado nascido a 11 de outubro de 1977. (BITTAR, 2009, p. 262).

Logo, a formação educacional que a sociedade sul-mato-grossense, mais especificamente campo-grandense, propicia aos seus habitantes, tende a atender aos interesses de manutenção do poder econômico e político ligado aos grupos do agronegócio. O atual governador de Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja, é um grande produtor rural e, no pleito eleitoral em que venceu a disputa, seu patrimônio era o maior declarado entre todos os candidatos do país.

No passado, a constituição da primeira intelectualidade no estado de Mato Grosso do Sul se referia aos intermediadores entre cidadãos e detentores do poder. O estudo de Amarilha (2006) aponta para a importância da criação da AML (Academia Mato-Grossense de Letras) e do IHMT (Instituto Histórico do Mato Grosso) como um dos primeiros esforços para compor uma intelectualidade local e seu papel na definição do intelectual sul-mato-grossense após a divisão ocorrida entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Contudo, Amarilha (2006) adverte:

Vale a pena ressaltar que as criações de uma identidade sul-mato-grossense não são construções apenas dos intelectuais membros dessas instituições. Igualmente, mobilizam-se múltiplos elaboradores culturais, destacando-se os artistas plásticos, intelectuais, professores, políticos, escritores, pesquisadores, filólogos, turismólogos, ecólogos, comunicólogos, arqueólogos, antropólogos, literatos, jornalistas, historiadores, poetas, cantores, compositores, atores, cineastas, editores, publicitários, *designers* gráficos, cartunistas, dançarinos, promotores de eventos entre tantos outros que se encarregam, também, de criar identidades sul-mato-grossenses. (AMARILHA, 2006, p. 14).

Sendo os professores um dos grupos de intelectuais destacados por Amarilha (2006) e pertencentes às classes médias intelectualizadas, encontramos a relevância que essas classes têm no processo de construção da identidade do intelectual sul-mato-grossense.

A discussão de quem é o intelectual sul-mato-grossense contemporâneo perpassa pelo fato de que algumas situações atuais influenciam nessa constituição, tendo em vista a ampliação da escolaridade e do consumo, bem como o advento da internet e a expansão do acesso ao ensino superior por meio de programas, por exemplo, como o PROUNI e o FIES. Essas alterações, guardada as devidas proporções, sem dúvida, trouxeram transformações no perfil do intelectual, quando pensamos sua estruturação a partir da educação formal e da formação de uma consciência de sujeito, quando parte da sociedade deseja e expressa opiniões e pensamentos sobre seu contexto.

A reflexão sobre a identidade intelectual de Mato Grosso do Sul, mais especificamente de Campo Grande, e como esse grupo se compõe, é um dos elementos que pretendemos analisar neste estudo, estando cientes, como já foi dito anteriormente, de que o estado possui um perfil com características econômicas e políticas ligadas ao agronegócio, fato que influencia fortemente a estrutura cultural e social do local.

Quando pensamos em como as classes médias intelectualizadas se organizam para a obtenção de estratégias educacionais, considerando que essas estratégias possibilitam o preparo acadêmico e profissional, é possível ter em mente que a busca pela internacionalização de estudos vem ao encontro da necessidade de realizar negócios com o mundo globalizado.

Para que possamos situar a busca por internacionalização de estudos no contexto de Campo Grande-MS, a seguir vamos apresentar um panorama de escolas que oferecem uma proposta bilíngue e trilíngue nessa cidade. Em um levantamento realizado por Educação Bilíngue no Brasil (2018), site que traz informações específicas sobre plurilinguismo, interculturalidade e educação bilíngue no Brasil, foram listadas mais de 200 escolas consideradas bilíngues ou trilíngues². Destas, 11 estão localizadas em Campo Grande/MS, as quais são descritas a seguir:

1. Colégio Harmonia: com tradição de muitos anos no ensino bilíngue, em 2011 firmou convênio com a *Texas Tech University*- TTU, uma instituição

² Informação retirada do site: <<http://educacaobilingue.com/escolas/escolas-bilingues/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

norte-americana. Essa parceria permite aos alunos uma educação diferenciada e reconhecida internacionalmente, que facilita o aprimoramento de suas formações acadêmica e profissional. Em Mato Grosso do Sul, o Harmonia é uma escola credenciada a oferecer o currículo oficial norte-americano de Ensino Médio (*High School*) para alunos a partir do 9º ano do Ensino Fundamental³.

2. Escola *Mon Petit*: proporciona o ensino em três idiomas - português, francês e inglês - desde o berçário, além de oferecer um espaço para brincadeiras com base na aprendizagem⁴.

3. Colégio Status: é uma escola bilíngue que promete que os alunos poderão ter fluência no idioma inglês, conhecer outras culturas, viajar para outros países sem enfrentar dificuldades, além de interagir com cidadãos de todo o mundo pela internet⁵.

4. *Maple Bear Canadian School*: o currículo praticado pela escola segue os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) do Ministério da Educação – MEC, aplicando a metodologia canadense de ensino bilíngue⁶.

5. Escola SESC-MS: os alunos, desde a educação infantil até o 9º ano, aprendem com o método de ensino da escola bilíngue, ministrado por meio de conteúdos escolares dentro das disciplinas matemática, ciências, artes, história, geografia e educação física, bem como em atividades extracurriculares. Os alunos vivenciam o idioma como se estivessem em uma escola americana e aprendem o inglês como aprenderam o português: naturalmente. Para que os resultados sejam reconhecidos, o método propicia, no decorrer dos anos, os testes de proficiência da Universidade Cambridge. Então, o aluno poderá comprovar seu nível de fluência com um selo internacional, tanto na comunicação oral quanto na escrita⁷.

6. Escola *Kids@School*: atende crianças do berçário à pré-escola, ou seja, com idade a partir de 3 meses a 5 anos e 11 meses. É a primeira escola de

³ Informação retirada do site: <<http://www.colegioharmonia.com>>. Acesso em: 14 out. 2018.

⁴ Informação retirada do site: <<http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/escola-trilingue-de-ms>>. Acesso em: 14 out. 2018.

⁵ Informação retirada do site: <<http://statusms.com.br/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

⁶ Informação retirada do site: <<http://maplebear.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2018.

⁷ Informação retirada do site: <<http://www.capitalnews.com.br/educacao/escolas-do-sesc-de-ms>>. Acesso em: 14 out. 2018.

educação infantil bilíngue de Mato Grosso do Sul com a metodologia inspirada na pedagogia de Reggio Emilia. Essa filosofia se baseia na perspectiva do papel primordial da comunidade e dos pais na construção da educação⁸.

Há alguns anos temos acompanhado a criação de escolas bilíngues e trilíngues em Campo Grande-MS, por meio de pesquisas na internet pelo buscador Google, bem como observando outdoors publicitários em espaços diversos da cidade, atentando sempre à oferta de escolas com esse perfil. Em 2014, ao realizar um levantamento em sites de educação sobre a quantidade de escolas com ensino bilíngue e trilíngue, havíamos localizado apenas duas, ou apenas estas haviam divulgado seu trabalho na internet, quais sejam: a Escola *Mon Petit*, recém-inaugurada, e o Colégio Harmonia. Em 2015, esse número foi ampliado em mais três (*Maple Bear Canadian School*, Colégio Status, Escola SESC) e, no ano de 2016, surgiu mais uma escola, a Escola *Kids@School*. Em uma atualização no ano de 2018, foram localizadas outras cinco escolas:

- Escola Espaço Livre: atende crianças, da pré-escola ao ensino fundamental, de 01 a 10 anos de idade aproximadamente. Adota o sistema de ensino *Mackenzie* e, segundo a metodologia da escola descrita no site da instituição: “O Inglês é explorado em um sistema de projeto bilíngue. No *Prime Time*, na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, onde o professor especialista de Língua Inglesa participa de momentos diários com materiais específicos, livros e CDs”⁹.
- Escola Viva Infância: atende crianças e bebês. Segundo o site da instituição, a escola tem orientação humanista, com bases pedagógicas inspiradas em Emmi Pikkler e Reggio Emília. Está entre os valores da escola “Ser Bilíngue: promovemos o contato com a Língua Inglesa desde as primeiras palavras, garantindo que as crianças possam aprendê-la naturalmente”¹⁰.

⁸Informação retirada do site:< Informação retirada do site:< <http://www.acritica.net/noticias/kidsschool-oferece-metodo-de-ensino-criado-em-cidade-do-norte-da/162833>>. Acesso em: 14 out. 2018.

⁹ Informação retirada do site oficial da escola: <<http://escolaespacolivremms.com.br/metodologia>>. Acesso em: 14 out. 2018.

¹⁰ Informação retirada do site oficial da escola: <<http://vivainfancia.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2018.

- Escola Gappe: oferece formação da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental e anunciou ser atualmente bilíngue, conforme site da instituição¹¹.
- O Quintal - Metropolitano MS: anuncia, em seu site oficial, a opção integral bilíngue¹².
- O Casulo - Instituto Ana Borges: oferece educação infantil e anuncia em seu site ser uma instituição bilíngue¹³.

Um dado importante a ser colocado é que o aumento de escolas bilíngues e trilíngues respondem a um desejo dos consumidores. A busca e o número de instituições com esse perfil têm aumentado em todo país, conforme notícias localizadas na mídia publicadas entre 2015 e 2018.

Já em 2010, uma notícia sobre o aumento da procura por escolas bilíngues no Brasil havia sido publicada no “Estado” *on line* e, de acordo com a notícia, o número de escolas bilíngues no Brasil saltou de 145, em 2007, para 180, em 2009, registrando um aumento de 24% no período. O surgimento de novas instituições revela um nicho educacional disputado, que se tornou sonho de consumo de famílias de classe média e alta¹⁴. Após o último levantamento que realizamos, constatamos que há 11 escolas bilíngues ou trilíngues em Campo Grande-MS. Notamos a tendência de escolas que não eram bilíngues em realizarem essa adaptação para atender a demanda do mercado e, com isso, ficam alguns questionamentos a serem refletidos: a proposta que as escolas fazem de transformação em escolas bilíngues ou trilíngues atendem à necessidade do mercado? Essas escolas são consideradas efetivamente escolas bilíngues ou trilíngues ou apenas “vendem um produto” que não condiz com a realidade do que realmente é uma escola nesse perfil?

No que se refere à questão dos outros tipos de internacionalização de estudos, na cidade de Campo Grande-MS há escolas de línguas que oferecem cursos livres de idiomas e também existem agências de turismo que fazem a intermediação entre

¹¹ Informação retirada do site oficial da escola: < <http://www.escolagappe.com.br/index.html>>. Acesso em: 14 out. 2018.

¹² Informação retirada do site oficial da escola: <<http://metropolitanoms.com.br/educacao-infantil-e-ensino-fundamental-em-campo-grande-ms>>. Acesso em: 14 out. 2018.

¹³ Informação retirada do site oficial da escola: < <http://www.institutoanaborges.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2018.

¹⁴ Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geralcresce-procura-por-escolas-bilingues-no-pais,499839>>. Acesso em: 14 out. 2018.

estudantes e países para a realização de intercâmbio. Outro questionamento é proposto: essas instituições realmente oferecem qualidade para o atendimento das necessidades do mundo do trabalho globalizado ou a intenção é de apenas usar indevidamente essa tendência contemporânea com o intuito de obter ganhos? Essas discussões serão perscrutadas na tese.

1.3 Procedimentos de construção e análise dos dados

Com o intuito de atingir os objetivos previstos na proposta da pesquisa, foi necessário, inicialmente, compreender os conceitos fundamentais que direcionaram a análise do objeto; dessa forma, realizamos uma revisão bibliográfica com o intuito de aprofundamento da temática.

Operamos com os estudos que derivam de Pierre Bourdieu e seus interlocutores e Roger Chartier, como também autores que tratam da questão da intelectualidade, como Julien Benda, Edward Said e Bernard-Henri Lévy. Utilizamos ainda autores como Marisa Bittar e Carlos Magno Mieres Amarilha, que se referem à cultura sul-mato-grossense, como também trabalhos de autores que abordam a questão da internacionalização de estudos e globalização.

No segundo momento, elaboramos as estratégias para produção de informações, ou seja, nessa fase foram definidas as famílias de classe média intelectualizada, agentes da pesquisa. Os critérios de inclusão dos participantes foram: 1) serem consideradas famílias de classes médias intelectualizadas (informação obtida por meio de análise da renda familiar); 2) os pais utilizarem (ou terem utilizado) como estratégia educacional a escolha de um estabelecimento de ensino bilíngue, cursos de línguas ou a realização de intercâmbio no exterior para os estudos de ensino médio dos(as) seus(suas) filhos(as); 3) ser filho(a) de pais com esse perfil.

Optamos por escolher as famílias dentre os docentes de universidades e faculdades públicas e privadas de Campo Grande-MS, por reunirem os requisitos para serem consideradas famílias de classes médias intelectualizadas. O critério de delimitação dos participantes foi, no universo dessas famílias, aquelas que tivessem filhos(as) que realizam ou realizaram intercâmbio, que estudam ou estudaram em cursos livres de idiomas ou em uma escola bilíngue específica, escolhida por ser o estabelecimento de ensino bilíngue que está há mais tempo no mercado escolar campo-

grandense e que trabalha com o ensino médio. Dessa forma, a pesquisa foi delimitada dentro da cidade de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul.

Os critérios de exclusão, por sua vez, foram os seguintes: 1) docentes que não pertencem às classes médias (informação obtida por meio de análise da renda familiar); 2) filhos(as) que não estão ou não participaram dessas estratégias de internacionalização de estudos no período do ensino médio; 3) estudantes que fizeram uma estratégia de internacionalização de estudos, mas que não são filhos(as) de docentes universitários.

No terceiro momento, realizamos as entrevistas semiestruturadas com as famílias. A construção do instrumento foi baseada nos instrumentos de pesquisas realizadas com essa temática e os autores utilizados foram: Aguiar (2007); Prado (2002) e Quadros (2013).

A opção pela entrevista deve-se à sua potencialidade em permitir que os sujeitos se expressem com mais liberdade, bem como de possibilitar ao entrevistador um relacionamento mais estreito com os entrevistados.

Para Barros e Lehfeld (1986), há algumas vantagens na utilização da entrevista:

O entrevistador pode formular e reformular as questões para melhor entendimento do entrevistado. Também o entrevistador tem oportunidade de observar atitudes, reações e condutas durante a entrevista e ainda há oportunidade de se obter dados relevantes e precisos sobre o objeto de estudo. (BARROS; LEHFELD, 1986, p. 111).

Assim, destacamos que esta pesquisa se caracterizou como uma investigação qualitativa, de caráter descritivo-analítico. Tivemos a proposta de trabalhar com o sistema de rede, que, segundo Bott (1976), significa as unidades sociais, ou seja, indivíduos ou grupos com os quais um indivíduo ou grupo está em contato. Essas unidades sociais (rede) possibilitam a ampliação do número de pesquisados.

Segundo Duarte (2002), quando são colhidas as informações dos entrevistados no sistema de rede, a depender de sua qualidade e de seu volume, o material de análise pode se tornar mais denso e consistente. Dessa maneira, sugere que se faça a seguinte estratégia:

No que diz respeito ao número de pessoas entrevistadas, o procedimento que se tem mostrado mais adequado é o de ir realizando entrevistas (a prática tem indicado um mínimo de 20, mas isso varia em razão do objeto e do universo de investigação), até que o material obtido permita uma análise mais ou menos densa das relações estabelecidas naquele meio. (DUARTE, 2002, p. 144).

Diante do exposto, iniciamos com um mínimo de 20 entrevistados (dentre docentes e filhos estudantes ou formados), estendendo essa quantidade, dependendo da necessidade. No final, conseguimos entrevistar um total de 23 agentes, entre pais e filhos.

Com a finalidade de trazer outra perspectiva de análise sobre o objeto de pesquisa e enriquecer as fontes, realizamos também entrevistas semiestruturadas com 4 professores de cursos livres de idiomas em Campo Grande-MS, com o objetivo de obter suas opiniões sobre a motivação da família ao colocar seus filhos para realizarem estudo de línguas diferenciadas da sua língua nativa. Dessa forma, o total geral (englobando pais, filhos e professores) foi de 27 agentes entrevistados. Posteriormente, fizemos a análise das respostas obtidas por meio das entrevistas.

Os riscos previstos foram mínimos devido à produção de informação ter sido realizada por meio de entrevista e ficar garantida ao participante a recusa de resposta, caso houvesse algum constrangimento durante a entrevista. Aos agentes foi entregue um relatório dos resultados obtidos.

Os benefícios referem-se à realização de uma pesquisa que fomentou novos estudos sobre a questão da internacionalização de estudos em Campo Grande-MS, além de levantar outras questões de investigação na área aqui abordada, contribuindo para a ampliação dessa temática nas investigações desenvolvidas no campo da Sociologia da Educação.

Apresentaremos a caracterização dos docentes universitários, de seus filhos e dos professores dos cursos livres de idiomas, totalizando os 27 agentes/participantes da pesquisa. Foram entrevistadas duas famílias de docentes cujos filhos realizaram o intercâmbio, oito famílias de docentes que colocaram seus filhos em cursos livres de idiomas e uma família cuja filha estudou em uma escola bilíngue.

O grupo famílias (pais e filhos–estudantes/graduados) da pesquisa foi constituído por 23 agentes, conforme Tabela 4:

Tabela 4 - Agentes/participantes da pesquisa - Grupo Famílias.

Grupo Famílias	Total de participantes
Grupo do Intercâmbio	04
Grupo dos Cursos Livres de Idiomas	17
Grupo da Escola Bilíngue	02

Fonte: Pesquisa de campo, 2017, 2018.
Organização: Souza, 2018.

A seguir, será descrita a caracterização dos grupos de famílias pesquisados, contendo informações sobre os pais e os filhos, como nome fictício, idade e formação. Vale acrescentar que optamos por apresentar nomes fictícios, pois, como sugeriu Oliveira (1999, p. 64):

Os nomes verdadeiros dos sujeitos foram substituídos por outros fictícios para preservar a identidade das pessoas. [...]. Nomes trocados não invalidam a pesquisa, não distorcem conteúdos e protegem a intimidade dos sujeitos.

Em Bourdieu (1997, p. 9) também encontramos menção a não identificação dos entrevistados:

Sem dúvida, todos os nossos interlocutores aceitaram confiar-nos o uso que seria feito de seus depoimentos. Mas jamais houve um contrato tão carregado de exigências tácitas como um contrato de confiança. Devíamos, pois, cuidar primeiramente de proteger aqueles que em nós confiaram (especialmente mudando, muitas vezes, as indicações, tais como nomes de lugares ou de pessoas que pudessem permitir sua identificação).

Deste modo reconhecemos a importância dos agentes para nossa pesquisa, sem os quais não teríamos a aproximação necessária ao objeto de nosso estudo. No quadro 4 apresentam-se, com nomes fictícios, nossos agentes e sua formação.

Quadro 4 - Identificação dos agentes (docentes e filhos).

GRUPO FAMÍLIAS		
Grupo Cursos Livres de Idiomas		
MÃES E PAIS		
Nome fictício	Idade	Formação
Célia	60	Graduação em Letras; mestrado.
Márcia	43	Graduação em Letras; doutorado.
Ana	43	Graduação em Educação Física; mestrado.
Cibele	46	Graduação em Educação Física; mestrado.
Anita	52	Graduação em Biologia; doutorado.
Cristina	46	Graduação em Engenharia Civil; doutorado
Sara	53	Graduação em Psicologia; doutorado.
Roberto	50	Graduação em Engenharia Civil; mestrado

FILHOS		
Nome fictício dos filhos	Idade	Formação
Claudia	15	Estudante (Ensino médio)
João	17	Estudante (Ensino médio)
Daniel	17	Estudante (Ensino médio)
Dailton	16	Estudante (Ensino médio)
Evelin	16	Estudante (Ensino médio)
Andressa	18	Estudante (Ensino médio)
Mateus	18	Estudante (Ensino médio)
Cesar	24	Graduação em Engenharia civil
Adriano	27	Graduação em Direito
Grupo Intercâmbio		
MÃES		
Nome fictício das mães	Idade	Formação
Silvia	51	Graduação em Arquitetura; mestrado
Elisa	66	Graduação em Pedagogia; mestrado.
FILHOS		
Nome fictício dos filhos	Idade	Formação
Rafael	24	Graduação em Odontologia
Janaína	23	Graduação em Arquitetura
Grupo Escola Bilíngue		
MÃE		
Nome fictício da mãe	Idade	Formação
Helena	55	Graduação em Psicologia, Sociologia e Direito; mestrado
FILHO		
Nome fictício do filho	Idade	Formação
Gisele	18	Estudante universitária – Engenharia Civil

Fonte: Pesquisa de campo, 2017, 2018.

Organização: Souza, 2018.

No quadro apresentamos o perfil dos participantes da pesquisa, quanto ao grupo de docentes do curso livre de idiomas, temos a seguinte situação: sete foram mulheres e um homem, com idades variando entre 43 a 60 anos. Quanto à formação acadêmica,

duas são formadas em Educação Física, duas em Letras, dois em Engenharia Civil, uma em Psicologia e uma em Biologia. Relativo à pós-graduação, temos uma mesma proporção, pois quatro são titulados com doutorado e quatro com mestrado. No grupo dos filhos do curso livre de idiomas, a maioria é do sexo masculino: são seis homens e três mulheres. As idades variam entre 15 e 27 anos e a escolaridade consiste da maioria de estudantes de ensino médio e de dois formados (Engenharia Civil e Direito).

No que se refere ao grupo de docentes do intercâmbio, temos a seguinte composição: duas mulheres com 51 e 66 anos, sendo formadas em Arquitetura e Pedagogia e, tendo como pós-graduação, mestrado. Os respectivos filhos são um homem e uma mulher, com idades de 24 e 23 anos, respectivamente, e cuja formação é em Odontologia e Arquitetura, também respectivamente.

Para o grupo de escola bilíngue, temos uma mulher (a docente) e uma filha (a jovem). A docente possui 55 anos e é formada em três graduações: Direito, Sociologia e Psicologia, possui o mestrado como pós-graduação; já a filha tem 18 anos e é estudante universitária (curso: Engenharia Civil). Vale salientar que a opção por apenas uma família entrevistada na escola bilíngue não foi uma escolha nossa, uma vez que não encontramos mais famílias de docentes com esse perfil. Assim sendo, a entrevista foi realizada por aquela família que se encaixava na nossa proposta de pesquisa.

O segundo grupo da pesquisa foi constituído por quatro professores de cursos de idiomas, sendo cada um de uma língua específica: francês, inglês, alemão e espanhol e, a seguir, está contida a caracterização desse grupo que participou da pesquisa:

Quadro 5 - Identificação dos agentes (professores de língua estrangeira).

Grupo Professores de língua estrangeira		
Nome fictício	Idade	Formação
Marília	69	Graduação em Letras (alemão); mestrado.
Mariana	43	Graduação em Letras (inglês); doutorado.
Sueli	56	Graduação em Letras (espanhol); doutorado.
Eurico	49	Graduação em Letras (francês); graduação.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017, 2018.

Organização: Souza, 2018.

No que diz respeito à identificação dos professores de cursos livres de idiomas, foram entrevistadas três mulheres e um homem, com idades variando entre 49 e 69

anos, cuja formação acadêmica é o curso de Letras; uma entrevistada tem o mestrado, duas possuem doutorado e um não fez nenhuma pós-graduação. Foi possível investigar um professor de cada idioma, sendo os idiomas que ministram: inglês, alemão, espanhol e francês.

1.4 Estrutura da tese

A tese foi organizada em três capítulos, a saber: no primeiro capítulo trata da internacionalização de estudos como uma estratégia de escolarização. Inicialmente, discorreremos sobre a escolha do estabelecimento de ensino sob a ótica do capital escolar internacional, ou seja, a escolha de um estabelecimento escolar que contemple a questão do capital internacional. Abordaremos as escolas bilíngues e trilíngues, bem como as opções de tipos de ensino localizados dentro do país, mas que possuem a perspectiva voltada para a escolarização internacional. Explanaremos sobre os cursos livres de idiomas que constituem uma estratégia de pais que desejam dar um recurso internacional aos seus filhos sem precisar sair do país, adquirindo o aprendizado de um (ou mais de um) idioma além do nativo. Por último, comentaremos sobre outra estratégia de ensino internacional, que é o envio de filhos para realizarem intercâmbio ou estudarem em outro país no ensino médio e voltarem com uma certificação internacional, além da experiência adquirida em outro contexto cultural. Incluiremos aqui o Programa Ciência sem Fronteiras.

O segundo capítulo refere-se à pesquisa propriamente dita, no qual abordaremos a internacionalização de estudos como uma estratégia familiar de classes médias intelectualizadas dentro do contexto de Campo Grande-MS.

No terceiro capítulo, trataremos uma análise da pesquisa realizada com as famílias de classes médias intelectualizadas representadas pelos docentes universitários, como também uma análise dos seus filhos estudantes ou já formados, comentando seus percursos na experiência da internacionalização de estudos. Depois, apresentaremos a análise da pesquisa com os agentes formadores do processo de internacionalização, que são os professores de cursos de línguas que acompanham aqueles que ainda são estudantes nos cursos ou que acompanham os estudantes na realização do intercâmbio. As categorias elencadas para realizar essas discussões foram: família, classes médias intelectualizadas, estratégias de escolarização, internacionalização de estudos, cosmopolitismo, globalização e sucesso escolar e profissional.

Por último, nas considerações finais apresentamos as aproximações, nossa problematização e uma análise sobre as estratégias das famílias pesquisadas e sua relação com a internacionalização de estudos.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS COMO ESTRATÉGIA DE ESCOLARIZAÇÃO

Neste capítulo, abordaremos a questão da internacionalização de estudos como estratégia de escolarização e alguns questionamentos serão aproximados na intenção de compreender como, nos nossos dias, essa discussão é pautada, ou seja: que tipo de opções de internacionalização de estudos são mobilizadas pelas famílias no processo de escolarização? Que perspectivas e vantagens são almejadas quando se prioriza a opção por um tipo de internacionalização de estudos?

É preciso compreender internacionalização enquanto um movimento que pode visar ao aprendizado de uma língua estrangeira e/ou o intercâmbio cultural ou escolar propriamente dito. Se pensarmos especificamente nos estudos, caberia observar ainda que a internacionalização pretende adaptar um sujeito de uma dada cultura a relacionar-se com outra em aspectos globais como, por exemplo, cursando o ensino médio ou ensino superior em outro país que não o seu de origem, ou ainda, em seu país, mas com um aprendizado que lhe permita trabalhar em outro futuramente. Daí decorreria, grosso modo, o conhecimento de outra cultura, incluindo seus aspectos econômicos, já que um dos interesses por esse tipo de estudo é propiciar oportunidades de trabalho no mundo do trabalho internacional.

Em outra perspectiva, é necessário observar que as estratégias adotadas pelas famílias variam e, ainda, que nem todas, classificadas como classes médias ou consideradas com certo grau de intelectualidade, têm as mesmas expectativas ou objetivos quanto à internacionalização de estudos de seus filhos, pois não se deve pensar em estratégias homogêneas, já que existem diferenças nas histórias e trajetórias das famílias, que resultam em caracterizações diversas nas famílias de uma mesma classe social, já que há implicações múltiplas interferindo, como exemplo, aspectos de cunho religioso, da categoria socioprofissional, nível de escolarização, entre outros.

A internacionalização de estudos tem sido considerada pelos países em geral como sendo uma estratégia eficaz para se enfrentar o problema da concorrência mundial. Dessa forma, tem-se o fato de que a internacionalização tornou-se uma tendência generalizada: “Durante a última década, a internacionalização tornou-se uma das mais importantes características da educação numa perspectiva quase mundial.” (BROADY; BORJESSON; PALME, 2002, p. 206).

Com o mundo cada vez mais globalizado e com os meios de comunicação a favor dessa globalização, as famílias começaram a se preocupar mais com o preparo de seus filhos para esse tipo de sociedade e, certamente, a internacionalização de estudos acaba sendo imperiosa para garantir que os herdeiros reproduzam suas posições de classe social.

A isso, tem-se a compreensão de Nogueira et al (2008, p. 357):

O fato é que “nunca como hoje se consolidaram ao nível escolar, desde o ensino básico ao superior, tantas experiências de intercâmbio com instituições de ensino estrangeiras, tantos acordos e projetos com parceiros internacionais, tantas referências às vantagens da internacionalização dos estudos”, como escreve a socióloga portuguesa Maria Manuel Vieira (2007, p. 12), num dos poucos trabalhos de que dispomos sobre o assunto.

Referente à internacionalização pela perspectiva mercadológica, temos as seguintes definições:

- a) Meyer (1996) compreende que a internacionalização é um processo pelo qual uma empresa amplia o nível das suas atividades de valor acrescentado para além do país de origem;
- b) Calof e Beamish (1995) observam que a internacionalização é o processo de adaptação das operações da empresa (estratégia, estrutura, recursos, dentre outras) aos ambientes internacionais;
- c) Freire (1997) considera que a internacionalização de uma empresa consiste na vastidão das suas estratégias de produtos-mercados e de integração vertical para fora do seu país, de que resulta uma replicação total ou parcial da sua cadeia operacional.

Por meio dos autores supramencionados, compreendemos que o termo internacionalização apresenta um caráter de expansão de limites de mercado, visando a atingir uma dimensão significativa.

No que se refere à globalização, Vieira, (2000, p. 3) aponta que:

A globalização é um fenômeno mundial caracterizado pela abertura das fronteiras nacionais para a circulação de produtos, pessoas, informações numa velocidade instantânea que abrange aspectos econômicos, culturais, financeiros, ambientais, comerciais, entre outros, alavancada pela revolução da tecnologia, na qual a eletrônica se une às telecomunicações, acelerando ainda mais o processo.

Valente (2002) entende a globalização como algo fundado desde o início do capitalismo, visto que este já nasceu internacional, e ressalta que se trata de um processo de reorganização do capital, o qual procura novas respostas para a retomada da acumulação, cuja característica é a presença do capital financeiro assumindo a hegemonia no mundo do trabalho:

O desemprego estrutural; a terceirização e a fragmentação das esferas produtivas; a rejeição da presença estatal e consequente privatização estrutural; a transnacionalização da economia implicando a transferência da base industrial dos países ricos para os países pobres, tendo como atrativo a força de trabalho a baixo custo e a existência de bolsões de riqueza e pobreza substituindo a diferença entre países do primeiro e terceiro mundo são algumas das condições materiais que o ideário neoliberal tenta justificar, dissimulando o fato de serem formas contemporâneas de exploração e dominação. (VALENTE, 2002, p. 82).

O fato de a globalização sustentar a exploração e a dominação é algo perceptível na atualidade, visto que uma situação comum é ver que as relações entre empregado e empregador são pauperizadas, obrigando o primeiro a buscar cada vez mais condições de se reinventar perante as necessidades do mundo do trabalho.

Megale (2005) trata, em certa consonância com a exploração e a dominação, do aspecto elitista de se aprender uma nova língua, pois existe educação bilíngue para dois grupos distintos: dominante e minoritário. No caso do grupo minoritário, por exemplo, refere-se à educação bilíngue para crianças que vêm de comunidades socialmente desprovidas, como é o caso de crianças indígenas brasileiras ou ainda grupos de imigrantes, como o grupo espanhol nos Estados Unidos.

Podemos sinalizar que nesses casos, o uso da internacionalização, por meio de projetos desenvolvidos em comunidades em situação de vulnerabilidade social e econômica costuma ter viés logocêntrico e instrumentalizado, servindo à lógica dominante, e se tal aspecto guarda ambiguidade é devido ao lugar emancipador da educação de forma geral. O uso que os sujeitos fazem do que aprendem não é necessariamente o que se projetou inicialmente, positiva ou negativamente. Já no caso de educação bilíngue para crianças do grupo dominante, existe uma educação considerada elitista, buscando o aprendizado de um novo idioma, o conhecimento de outras culturas e a habilitação para terminar os estudos no exterior.

Devemos levar em conta então o caráter elitista do aprendizado de uma nova língua, o qual sinaliza a intenção ou o desejo de se obter status, dominação ou sobreposição ao outro. Há, nesse caso, vários aspectos positivos colocados, por

exemplo, pelas neurociências quanto ao aprendizado de uma nova língua, contudo seu aspecto elitista não pode ser desprezado. Cabe buscar compreender a intenção e a compreensão de cada família quanto às suas expectativas ao colocar um filho para aprender uma segunda língua. Que representações sociais estão sendo almejadas?

Sobre as representações sociais, Megale (2012) comenta tratar-se de saberes produzidos na sociedade que são capazes de gerar marcas tanto positivas quanto negativas no indivíduo ou no grupo em que ele está inserido, sendo que, com isso, afetam a maneira como esse indivíduo se percebe e percebe o grupo a que ele pertence.

É o caso de se refletir, por exemplo, em que medida uma representação a respeito de aprender outra língua e, sobretudo, sobre qual ou quais representações levam nossa sociedade a buscar o aprendizado da língua inglesa. Segundo Megale (2012), no Brasil existe uma valorização exagerada da língua inglesa e uma visível penetração do inglês em nossa cultura, já que as mudanças culturais, sociais, econômicas e tecnológicas iniciam pela sua circulação e, por isso, é necessário compreender o funcionamento do discurso da vida social contemporânea.

Um dos sujeitos da pesquisa realizada por Megale (2012) indicou motivações para o aprendizado da língua inglesa, afirmando a superioridade de que tal língua:

Alice direciona seu olhar a como a língua inglesa lhe proporcionou diferentes formas de atribuir sentido ao mundo. Uma das razões que motiva muitas pessoas a engajarem-se na aprendizagem de uma língua estrangeira é o desejo de ampliar os horizontes culturais. Sendo assim, Alice relata as vantagens associadas ao saber uma língua estrangeira, uma vez que a língua inglesa é encarada, no Brasil, como uma língua superior, mesmo por seu percurso histórico. (MEGALE, 2012, p. 258).

A globalização tem aspectos massificadores que cristalizam representações e, visando defender seus interesses, coloca a língua inglesa (a americana) como a língua do mundo dos negócios, da economia dominante, a qual, portanto, deve ser difundida.

Ao tratar de globalização, é importante ainda colocar que ela possui algumas características, tais como: quebra de barreiras entre nações; acelerada difusão e troca de informações; constante processo de mudanças e inserção de novas tecnologias no mundo do trabalho. Essas características contribuem para a necessidade de qualificação do profissional atual, visto que demandam um profissional mais bem preparado, com conhecimentos mais aprofundados para o desempenho de funções as quais, anteriormente, eram desenvolvidas por meio de um conhecimento limitado.

A qualificação cobrada pelo mundo globalizado e pelo mercado mundial solicita algumas exigências, isto é, domínio de idiomas, realização de cursos extracurriculares, experiência na área de atuação e, principalmente, uma vivência internacional, já que somente o término de uma graduação tem sido considerado insuficiente para o mundo do trabalho.

No contexto europeu, o termo utilizado para se referir à internacionalização da economia é mundialização. Optamos por utilizar o conceito dado por Chesnais (1996), que retrata o fenômeno, cuja identificação surge a partir dos anos de 1980, como sendo um novo perfil do capitalismo mundial em todas as suas adjacências, isto é, comando, desempenho e regulação.

Catani et al (2001) reforçam essa definição de Chesnais (1996), enfocando, na mundialização, a marca do acúmulo de capital recorrente da integração internacional dos mercados; das políticas neoliberais de liberalização, desregulamentação, privatização, desmantelamento das conquistas sociais e democráticas; do desenvolvimento financeiro, como também das novas tecnologias da informação e comunicação.

Segundo Hall (2003), a mundialização pode ser considerada um evento proveniente do esforço da ideologia neoliberal em consonância com as políticas econômicas nacionais e internacionais, as quais consolidam as atividades produtivas de organizações multinacionais e que se articulam para o crescimento do capital fictício (termo que se refere ao papel das finanças no capitalismo contemporâneo e das formas de gestão da riqueza social).

Em suma, a diferença entre mundialização e globalização é que a primeira é um fenômeno de maior ascendência no aspecto regional e econômico, com incidência no capital fictício; já a globalização se refere a um fenômeno mais abrangente, cujos efeitos podem ser observados nas perspectivas econômica, social, política, cultural e religiosa.

Existe uma faceta da globalização que traz, por exemplo, um convite ao sujeito para aprender uma segunda língua; de outro modo, esse mesmo fenômeno reforça, em certa medida, a necessidade de se preservarem as identidades sociais e grupais. É um desafio não se perder naquilo que é singularidade frente à standardização, que é cara ao capitalismo e à própria ideia de globalização.

Por outro lado, no caso da aprendizagem de outra língua ou do intercâmbio cultural, existe certa glamorização que, ao mesmo tempo em que torna o sujeito apto ao modelo que o capitalismo sugere – o de adaptar-se à outra cultura, em geral considerada

economicamente superior, confere-lhe certo *status* social e cultural. Muitas vezes, ao propiciar ao filho a oportunidade de estudar outra língua, algumas famílias apostam ainda que este seja um diferencial também econômico, ou seja, promissor quanto ao acesso ao mundo do trabalho.

Quanto ao acesso ao que chamamos de estratégias de internacionalização de estudos, cabe também ressaltar que, para possibilitar esse acesso, as famílias precisam dispor de certo poder econômico. Poucas instituições, como é o caso do Instituto Martin Luther King¹⁵, possuem apoio que visam dar acesso aos estudos de jovens de baixa renda com atividades voltadas à informática e pré-vestibulares, porém, nesses casos, não é oferecido o aprendizado de línguas estrangeiras. Notamos, então, que há um investimento razoável que precisa ser feito nesse sentido, e a falta dele impossibilita o acesso ao aprendizado de outras línguas para grande parte da população.

Existe, nesse contexto, a produção e a reprodução dos capitais sociais, econômicos, culturais e escolares e sua manutenção na sociedade, construindo distinções e colaborando para a manutenção das desigualdades sociais. Se for plausível pensar que a internacionalização dos estudos abre portas mais rentáveis para o mundo do trabalho, o não acesso a ela reproduz a manutenção da pobreza de uns e a prosperidade de outros, fato que vem passando de uma geração à outra.

Quanto às expectativas familiares, é necessário esclarecer em que medida elas podem refletir o desejo de manutenção do *status quo*, algo de glamorização, um verniz e, em alguns casos ainda, podemos considerar certa romantização, ou seja, um desejo de retorno à língua dos antepassados ou, ao menos, um simulacro disso, uma prótese. Conforme Megale (2012, p. 252):

Essa sensação de falta faz, segundo Derrida (2001), com que as pessoas construam próteses com o intuito de supri-la ou compensá-la. O autor destaca dois tipos de próteses: (i) a procura de história e de filiação, isto é, a recuperação ou invenção de uma narrativa da história familiar e (ii) a exigência compulsiva de uma pureza da língua, ou seja, a preocupação exacerbada com a correção linguística.

Observamos, portanto, que a ideia, ainda que protética da manutenção de um capital social e cultural permanece, conferindo-se à língua um valor de status e identidade. Desse modo, os conceitos mencionados anteriormente, internacionalização de estudos, globalização, famílias de professores da educação superior, mundo do

¹⁵ Site oficial da instituição. Disponível em: <<http://www.lutherking.org.br>>/. Acesso em: agosto 2018.

trabalho, cultura local e intelectualidade se entrelaçam com a ideia da internacionalização de estudos a partir do prisma de que todos eles dependem do contato com outras realidades e com outros contextos, mas indicam sérias questões a respeito da representação, do imaginário e de um olhar elitista quanto a essa internacionalização.

2.1 Escolha de estabelecimento escolar: estratégia de ampliação do volume do capital escolar internacional

Neste tópico discutiremos a relação entre a escolha de um estabelecimento escolar e o movimento de internacionalização dos estudos, tendo em vista sua compreensão como uma estratégia de ampliação do capital escolar internacional.

Há famílias de algumas frações das classes médias que se utilizam da escolha do estabelecimento internacional para seus filhos, em níveis de ensino fundamental e médio, preterindo o ensino nacional, pois é na opção internacional que as famílias buscam alternativas diferenciadas das encontradas no nacional. (PRADO, 2002).

Essa opção deve-se ao fato de que essas famílias veem no recurso internacional a possibilidade de um sucesso escolar e, futuramente, profissional, considerando a nova tendência da sociedade em privilegiar as relações internacionais. A aquisição de um idioma estrangeiro – principalmente a língua inglesa, que possui um largo espectro de possibilidades – é percebida como uma oportunidade para ampliar o volume de alguns capitais, dentre eles o cultural, o social e o econômico.

No que tange à escolha do estabelecimento de ensino, Nogueira e Aguiar (2007) comentam que:

[...] se, no passado, uma organização mais simples das redes escolares não demandava qualquer escolha, a complexificação dos sistemas de ensino passou, cada vez mais, a exigir dos pais uma certa “competência” face à necessidade de definir o melhor estabelecimento escolar para seus filhos. (NOGUEIRA; AGUIAR, 2007, p. 4).

Nogueira e Aguiar (2007) explanam que são as famílias mais dotadas dos capitais cultural, social e econômico as mais aptas à escolha do estabelecimento de ensino e as que dele tiram o melhor proveito. Portanto, essas famílias buscam conseguir da escola o serviço que melhor corresponde às suas expectativas.

Para analisarmos os motivos pelos quais uma família escolhe um estabelecimento de ensino, é preciso entendermos as motivações para isso e, principalmente, ter em mente as circunstâncias da escolha, ou seja, pesquisar a maneira pela qual a família chegou à decisão por certa escola, a fim de compreender a conduta dessa família e sua relação com a educação dos filhos.

A informação sobre as escolas é algo fundamental no momento da escolha e algumas famílias se utilizam de informações repassadas por familiares e amigos, ação denominada por Ball e Vincent (1998) como “conhecimento quente”, isto é, pautado nas respostas afetivas e nas experiências diretas dessas pessoas, sendo o resultado da convivência com indivíduos de um círculo social comum.

Por outro lado, existe o “conhecimento frio”, qual seja, o que corresponde ao conhecimento adquirido por meio de informações oficiais ou veiculadas pela mídia nos rankings ou na consulta aos especialistas. (BALL; VINCENT, 1998).

É notório que as famílias que agregam maior volume de capitais tendem a buscar acesso à informação sobre o estabelecimento escolar para fazer a escolha devido ao desejo de propiciar o melhor no que tange ao futuro escolar e, principalmente, profissional de seus filhos. A reprodução dos capitais está posta nesse momento da opção pelo estabelecimento escolar. Nesse caso, quais são as estratégias na área escolar que mais atendem os anseios de uma família que procura essa alternativa para seus filhos?

Ainda em relação à busca de informações sobre as características da escola, as famílias de frações das classes médias são tanto aquelas que mais se empenham para essa pesquisa como as que têm acesso à maior quantidade de fontes.

Em relação à postura dos filhos na seleção da escola, Nogueira e Aguiar (2007, p. 6) ressaltam que: “[...] juntamente com os pais, eles tentam ajustar seus níveis de aspiração e competência às escolas com as quais se identificam, ou seja, que correspondem ao tipo de estudante que estimam ser.” Isto é, os filhos, assim como os pais, também apresentam uma participação ativa na escolha do estabelecimento, sendo essa participação mais pautada na necessidade da correspondência às características da escola.

Outra perspectiva presente na escolha do estabelecimento de ensino refere-se à autonomia para decidir, pois ela surge como uma estratégia educacional utilizada por diferentes grupos sociais. Porém, são os grupos mais dotados de capital cultural, social e econômico que efetivamente reconhecem suas chances e possibilidades e tiram o maior

proveito dessa escolha no mercado escolar, uma vez que usufruem de recursos financeiros.

Dessa forma, indagamos: é possível pensar que as famílias com maior capital cultural podem desfrutar de uma possibilidade de escolha mais ampla? Sim, contudo, também nas famílias que detêm maior capital econômico, a escolha pelo estabelecimento de ensino para seus filhos é facilitada, já que esse tipo de capital possibilita que elas paguem mensalidades de alto custo financeiro pela escola.

Segundo Quadros (2013), o capital cultural possui uma dimensão específica: o capital cultural internacional, que se refere aos conhecimentos, habilidades e competências necessárias para a circulação em meios internacionalizados, principalmente nos mercados escolar, matrimonial e de trabalho. O capital cultural internacional está presente nas seguintes situações: no domínio e frequência de uso de línguas estrangeiras; nos relacionamentos sociais com indivíduos de outros países; nas viagens ao exterior com certa frequência e com destinos e objetivos definidos, assim como no gosto por objetos culturais estrangeiros, tais como televisão, música, teatro, jornais, revistas e *internet*.

O capital cosmopolita consiste em outro tipo de capital relevante na área da internacionalização de estudos. Conforme Weenink (2005), o capital cosmopolita é composto por predisposições corporais e mentais e por competências que facilitam o desenvolvimento da autoconfiança em arenas de disputa social globalizada, como é o caso do mercado educacional ou de trabalho.

Gewirtz, Ball e Bowe (1995) estabeleceram uma tipologia que delimita três perfis de famílias ligados à ação da escolha do estabelecimento escolar. Para esses autores, a tipologia se relaciona com as posições de classe dos grupos sociais. Primeiramente, existem os denominados: “*privileged/skilledchoosers*”¹⁶, que consistem em famílias favorecidas, habilitadas à escolha, porque são dotadas dos recursos culturais, econômicos e sociais que possibilitam distinguir as melhores oportunidades. Dentro dessa tipologia, existem duas categorias: os pais “*objectived/goalsoriented*”¹⁷, que levam em consideração, no momento da escolha, a performance acadêmica do estabelecimento; e os “*subjective/personoriented*”¹⁸, que valorizam o ambiente da escola e sua capacidade de proporcionar o desenvolvimento psicológico dos filhos.

¹⁶ Privilegiado/ escolhedores habilitados. (tradução nossa)

¹⁷ Objetivado/ objetivos orientados. (tradução nossa)

¹⁸ Subjetivo/ pessoa orientada. (tradução nossa)

A segunda tipologia se refere aos “*semi-skilledchoosers*¹⁹”, que são famílias que se encontram em posições intermediárias da escala social e não possuem muita capacidade para escolher, por não disporem dos recursos que auxiliam a decodificação das mensagens do mercado escolar. Por último, existe a tipologia dos “*disconnectedchoosers*²⁰”, que são famílias de trabalhadores tidos como manuais, que não são conectados ao mercado escolar e, por isso, não fazem escolhas. (GEWIRTZ; BALL; BOWE, 1995).

Ressaltamos que essa tipologia apresentada foi desenvolvida nos moldes internacionais e que, segundo Nogueira e Aguiar (2007), no que se refere à realidade brasileira, as pesquisas em nível nacional apresentam uma perspectiva parcial desse assunto:

A nosso ver, uma certa tendência da pesquisa nacional a privilegiar o estudo das camadas subalternas da população acaba por produzir uma visão parcial e atenuada das diferenças sociais (e educacionais) no Brasil, que deixa na penumbra fatores que poderiam tornar mais visíveis os mecanismos que trabalham silenciosamente para estabelecer fronteiras entre os que possuem e os que não possuem recursos os mais diversos que determinam consumos culturais, estilos de vida, formação escolar ou mais amplamente cultural, reservados a setores restritos da população. (NOGUEIRA; AGUIAR, 2007, p. 8).

Nogueira e Aguiar (2007) afirmam que essa situação é real, pois a questão da escolha do estabelecimento de ensino, devido a não valorização de seu estudo, acaba ficando “em segundo plano” nas pesquisas atuais.

No que tange à questão da ampliação do volume do capital escolar internacional, as escolas consideradas como internacionais possibilitam a aquisição de capacidades linguísticas que não são definidas apenas pelo conhecimento formal das línguas estrangeiras, mas pelo domínio prático de sua utilização nas relações sociais que os estudantes possuem.

Apontamos outra questão importante: se há alguns anos o intuito das famílias era o de proporcionar aos seus filhos a possibilidade de conhecerem uma língua estrangeira, por meio dos cursos livres de idiomas, atualmente, elas visam à fluência de uma língua alvo, principalmente o inglês, que possui um caráter de dominação no cenário social e essa fluência pode ser alcançada pelo aprendizado precoce, como também por cursos de imersão no exterior.

¹⁹ Escolhedores semi-habilidosos. (tradução nossa)

²⁰ Escolhedores desconectados. (tradução nossa)

Dessa forma, o investimento e o domínio de uma língua estrangeira podem proporcionar ao estudante uma situação de rentabilidade segura, pois, aliado a todo aprendizado que uma escola internacional propicia, tem-se um retorno no sentido utilitarista do ensino de outros idiomas, assegurando um rendimento a mais quando esse estudante estiver inserido no mundo do trabalho.

A escolha de um ensino internacional constitui-se em uma das estratégias educativas que tem como objetivo implementar a manutenção ou o desenvolvimento de um capital internacional já acumulado, sendo que o domínio de uma língua estrangeira propicia maior facilidade para se conviver em meio internacional.

Há famílias que se utilizam da internacionalização de estudos como estratégia educacional por perceberem como é crítica a situação do ensino brasileiro, acreditando que ele apresenta uma proposta de atuação deficitária e que não proporciona a produção de cultura.

Segundo Nogueira e Aguiar (2007), nessa perspectiva, os:

Bens internacionais distintivos – seja a alta-cultura de cunho humanista, seja um capital linguístico e atributos pessoais de cunho mais utilitário - são vistos como armas que fazem a diferença na luta por posições no espaço nacional, aspecto que, segundo os pais, as escolas brasileiras são menos capazes de produzir. (NOGUEIRA; AGUIAR, 2007, p. 17).

Todavia, podemos considerar que existem diferenças marcantes entre o ensino realizado no Brasil e o internacional? O diferencial entre o ensino brasileiro e o internacional é que o segundo torna possível um conjunto de possibilidades de inserção, concorrência e atuação dos filhos dentro de uma perspectiva nacional e, principalmente, global. Esse diferencial está diretamente relacionado às estratégias educacionais de que as famílias se utilizam para obtenção do sucesso escolar e também profissional:

A posse e cultivo da dimensão internacional do capital cultural estabelecem limites e hierarquias que separam e classificam os sujeitos que podem se servir de elementos internacionais na sua escolarização, e aqueles que estão restritos apenas aos aspectos nacionais. (QUADROS, 2013, p. 118).

Bourdieu, Boltanski e Saint Martin (1973) estão contemplados na perspectiva de Quadros (2013), pois, para esse autor, há um reconhecimento das formas de capitais mais rentáveis, afinal, pessoas ou grupos procuram, por meio de investimentos particulares, transformar ou atualizar a natureza de seu patrimônio.

A desigualdade social também aparece na situação de internacionalização de estudos, cuja realidade consiste no fato de que quem possui condições de fazer investimento nessa área pode se beneficiar da rentabilidade do capital internacional ao longo da trajetória escolar, em detrimento daqueles que estão em uma situação com menos privilégios, limitados aos recursos nacionais.

No próximo tópico, abordaremos a utilização de escolas bilíngues ou trilíngues como uma opção de internacionalização de estudos na contemporaneidade, revelando uma das facetas do movimento no século XXI em relação ao processo supramencionado.

2.1.1 Escolas bilíngues e trilíngues: faces da internacionalização na educação básica

Neste tópico analisaremos um tipo de internacionalização de estudos que vem crescendo significativamente no cenário escolar nacional, qual seja: escolas bilíngues e trilíngues no contexto da educação básica no Brasil.

Iniciaremos com uma breve incursão sobre o termo bilinguismo e sobre o que é ser bilíngue. O estudo realizado por Megale (2005) esclarece que há várias conceituações para bilinguismo, que variam de acordo com o domínio do sujeito sobre a segunda língua (se fala, lê, escreve), e coloca em questão quando é possível considerar-se um sujeito bilíngue.

A definição colocada por Megale (2005) considera a proposta dos autores Harmers e Blanc (2000), que atestam que a educação bilíngue apresenta três categorias: na primeira, a instrução é dada em ambas as línguas de modo simultâneo; na segunda, ela é dada numa primeira língua e a segunda é introduzida e ministrada até que os alunos possam utilizá-la academicamente, ou seja, existe uma visão da segunda língua como ferramenta para estudos. Na terceira, o conteúdo é dado na segunda língua (a ser aprendida) e a primeira língua é reintroduzida posteriormente, como matéria específica e depois como instrução.

Outro tema colocado refere-se ao tempo em que a segunda língua é aprendida: tem-se assim que o bilinguismo pode ser simultâneo ou consecutivo. No primeiro, a criança adquire as duas línguas ao mesmo tempo, enquanto, no segundo, uma língua é adquirida e a segunda língua é introduzida posteriormente, ainda na infância, quando já há uma base formada na primeira língua. Além disso, têm-se ainda uma classificação

quanto à idade em que essa segunda língua é aprendida; quando ocorre na adolescência, conceitua-se como bilinguismo adolescente, se na vida adulta, bilinguismo adulto. (MEGALE, 2005).

No que tange ao programa, destacam-se dois tipos: os de imersão e as escolas internacionais multilíngues. As escolas trilíngues estariam na classificação de multilíngues, acima de duas línguas, e os processos e métodos de ensino são semelhantes aos das escolas bilíngues.

O fato de o estudante ter a possibilidade de estudar uma língua diferente da sua tende a proporcionar uma abertura maior no que diz respeito à melhoria nos relacionamentos sociais e profissionais, bem como um maior desenvolvimento cultural e intelectual. Dessa forma, o domínio de uma língua estrangeira tem sido uma estratégia utilizada por alguns estabelecimentos de ensino, os quais proporcionam um diferencial aos seus estudantes, possibilitando o ensino bilíngue.

Quadros (2013) apresenta o conceito de escolarização bilíngue como um sistema de educação escolar que proporciona, em um dado período, simultânea ou consecutivamente, uma instrução planejada e ministrada em pelo menos duas línguas.

Para Marcelino (2009), o crescimento da educação bilíngue no Brasil decorre de uma demanda mercadológica, isto é, devido à pressão de pais de estudantes de escolas regulares que começaram a colocar seus filhos nesse tipo de ensino, objetivando melhor prepará-los para uma sociedade que exige maior domínio de uma segunda ou até mesmo de uma terceira língua.

Ao longo do tempo, as escolhas das escolas pelos pais já foram pautadas em modismos pedagógicos, expressos pela opção por escolas montessorianas, piagetianas, entre outras; e também na tradição escolar familiar, por exemplo, escolas salesianas. Nesses casos, o aprendizado de uma língua estrangeira era suprido pelos cursos livres de idiomas, já que a educação formal era elementar nesse quesito. O ensino de línguas, pois, existia somente como uma necessidade de composição da estrutura curricular. Para Marcelino (2009), hoje em dia as escolas regulares procuram melhorar esse *déficit* que possuem:

É nesse contexto que surgem as escolas bilíngues, escolas com a função, ao menos inicial, de integração do papel dos institutos de idiomas e das escolas regulares. A ideia parece ter sido bem aceita pelos pais, que veem nas escolas bilíngues a comodidade perfeita para se conseguir duas funções tão importantes e necessárias na educação de seus filhos: uma educação de qualidade e o ensino de um idioma. (MARCELINO, 2009, p. 2).

Uma característica nuclear da escolarização bilíngue consiste no fato de a língua estrangeira ser utilizada como meio para aprender os conteúdos curriculares e, assim sendo, cabe fazer uma diferenciação entre essa e algumas escolas que se denominam bilíngues por ensinar línguas estrangeiras como disciplinas escolares, com carga horária maior, as quais não podem ser classificadas dessa forma, pois “fogem” dos princípios que norteiam uma escola bilíngue.

É preciso atentar para essa questão, pois muitas escolas se utilizam dessa denominação como estratégia de *marketing* e não porque, especificamente, possuem uma proposta em relação à internacionalização de estudos. Alguns estabelecimentos não só estão proporcionando o ensino de uma língua estrangeira, como também de uma terceira língua, que é o caso das escolas trilíngues e, nesse caso, também cabe observar se realmente os conteúdos curriculares são ministrados nas três línguas ou se é apenas uma questão de *marketing* escolar.

Outra distinção importante é a diferença entre escola bilíngue e escola internacional. Essa última trata-se de uma escola que ensina uma língua estrangeira e pode incorporar uma língua local no currículo, sendo obrigada a seguir os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, ainda que seus conteúdos sejam ministrados em uma língua estrangeira, uma vez que os certificados são reconhecidos tanto pela legislação do país de origem como internacionalmente. Além do conteúdo, os aspectos culturais e o calendário também são relativos ao país de origem. No caso da escola bilíngue, o calendário é o brasileiro e as questões culturais são abordadas com uma perspectiva de valorização das culturas, diferentemente da escola internacional. (QUADROS, 2013).

Ressaltamos que, historicamente, estabelecimentos de ensino internacionais surgiram com o intuito de proporcionar um estudo diversificado aos filhos de estrangeiros e funcionários de embaixadas, porém, devido ao crescimento da procura, atualmente essa tendência se estendeu entre filhos dos grupos das elites e de algumas frações das classes médias.

O que se pode notar é que, a depender da região do país e de seu papel geopolítico e econômico, as ofertas e os produtos, aqui entendidos como as instituições privadas, variam bastante. Contudo, podemos pressupor que o desejo dos pais e mães, a partir de suas narrativas, apontam para uma escola internacional, e não apenas bilíngue, porém, cada família depende do que é possível em seu contexto. Não à toa observamos o aumento da oferta de escolas bilíngues em todo país, e seu público são frações mais elevadas das classes médias, sobretudo as que chamamos de intelectualizadas.

Nesse sentido, Flory e Souza (2009) apontam:

Antigamente as escolas bilíngues eram procuradas principalmente por famílias de imigrantes que desejavam que seus filhos crescessem em contato com sua cultura de origem (como alemães, franceses, italianos), ou por imigrantes em trânsito, ou seja, famílias que vinham passar um período limitado no Brasil, e depois se mudariam para outros países. Esse público procurava geralmente as escolas internacionais, com currículos britânicos e/ou americanos. (FLORY; SOUZA 2009, p. 25).

Diferentemente das escolas internacionais tradicionais, que seguiam currículos estrangeiros, as escolas bilíngues foram projetadas por educadores brasileiros, que possuem a proposta de atender aos estudantes, desde a educação infantil, resguardando as especificidades do currículo brasileiro. A ideia é fazer com que a criança, desde a tenra idade, seja imersa na cultura de outros povos. Existem no Brasil escolas particulares para crianças de três meses até cinco anos, porém é a partir do 1º ano do ensino fundamental que a carga do ensino de línguas passa de duas para oito a dez horas por semana. As escolas bilíngues ou trilíngues estão proporcionando aos seus estudantes uma formação para atuar em situações privilegiadas em nível internacional, pois essa condição requer um grau avançado de habilidades comunicativas na oralidade e na escrita (ASSIS-PETERSON; COX, 2007).

Além do aumento do número de horas-aula de línguas estrangeiras, essas escolas também possibilitam outros contextos para que o estudante tenha uma maior vivência com a língua alvo, por meio de outras disciplinas, como música e educação física. Outros recursos também são utilizados, tais como: disponibilizar na biblioteca da escola livros em língua estrangeira; deixar as salas de estudo com um ambiente personalizado; incentivar a ida aos intercâmbios para outros países a fim de ter um contato mais direto com a língua; realizar os exames internacionais para medir o conhecimento e o nível de proficiência dos estudantes, dentre outros.

Marcelino (2009) assegura que a escola bilíngue é considerada uma escola brasileira, com a diferença de que os conteúdos e interações escolares ocorram também em outro idioma. Dentro desse ambiente, a criança se desenvolve, age e interage com o meio e ainda adquire e constrói conhecimento. Com a possibilidade de colocar seu filho em uma escola bilíngue ou trilíngue, os pais pensam em obter uma educação que esteja em consonância com as exigências do mundo do trabalho.

Essa tendência não é prerrogativa apenas do Brasil, mas também dos países vizinhos e do resto do mundo, principalmente em relação ao ensino da língua inglesa.

As famílias esperam conquistar três condições para o estudante: obtenção de sucesso escolar, ascensão social e profissional e, ainda, visibilidade no mercado mundial.

Cabe ressaltar que essas conquistas não necessariamente são reais, pois existem outras variáveis a serem levadas em conta. No entanto, como foi colocado, as primeiras escolas bilíngues atendiam filhos de famílias em trânsito, como, por exemplo, diplomatas e outros profissionais com altas rendas e, nesse caso, essa escolha criteriosa e exigente quanto à escolarização de seus filhos estava fortemente atrelada à manutenção dos capitais social, cultural e econômico.

Um exemplo desse tipo de instituição é a Escola das Nações²¹, situada em Brasília – DF, uma escola internacional que atende crianças, filhos e filhas de políticos, diplomatas, juristas com altíssimo poder executivo e, com exceções, filhos e filhas de outros funcionários públicos, os quais sacrificam-se financeiramente para manter as crianças e jovens na referida escola, comprometendo alta porcentagem de seus ganhos. Porém, esses pais veem essa estratégia como uma oportunidade de formação melhor e mais eficiente para seus filhos.

Dessa forma, as pessoas que podem contar com o aprendizado de uma língua estrangeira – em cursos livres de idiomas – acabam aderindo a essa nova tendência, que é o estudo na escola bilíngue ou trilíngue. Contudo, os pais de estudantes que não podem pagar por um curso adicional de línguas, provavelmente serão excluídos desse mercado. Conforme a Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo – OEBI (MEGALE, 2005), a busca por escolas desse tipo está aumentando significativamente e essa decisão está ligada a fatores históricos, ideológicos, sociais, psicológicos e a relações de poder, que são determinantes.

Alguns pontos devem ser considerados ao se optar pelo ensino bilíngue. Um deles diz respeito ao entendimento de que os dois idiomas devem ser valorizados de maneira igualitária e isso deve ser muito bem planejado por quem faz a proposta para esse tipo de escolarização. Outra questão importante é que, ao se planejar a educação bilíngue, os objetivos e, principalmente, a forma como eles serão atingidos, devem estar bem definidos, pois, se a proposta do ensino é privilegiar as duas línguas, uma não deve ficar em desvantagem em relação à outra e o estudante precisa estar preparado para competir em um contexto local e também mundial.

²¹ Site da instituição. Disponível em: < <https://www.escoladasnacoes.com.br/>>/. Acesso em: agosto/2018.

Segundo Salgado e Dias (2010, p. 149), a preocupação da escola bilíngue precisa ser o de “[...] desenvolver no aprendiz suas condições individuais de uso das línguas que se dispõem em seu repertório.” Isto significa que, ao ensinar em uma segunda língua, a escola não deve suprimir uma para dar lugar à outra, pois em ambientes informais (casa do estudante, por exemplo) a utilização da sua língua materna se fará necessária.

Os referidos autores acrescentam ainda que:

No entanto, cabe ressaltar que a criação de um ambiente bilíngue não pressupõe o impedimento de uso da “Língua Materna” ou de qualquer outra língua. Ele pressupõe o respeito à diversidade e à liberdade dos educandos, a aceitação das experiências dos alunos como motivação para a aprendizagem, e a inserção de questões culturais e políticas que estão diretamente relacionadas às questões linguísticas. (SALGADO; DIAS, 2010, p. 150).

Salgado e Dias (2010) enfatizam que cabe à escola não apenas ensinar uma segunda língua ou mais de uma, mas sim ensinar ao estudante a importância de respeitar a diversidade e de aceitar a vivência relacionada às questões interculturais. Um aspecto relevante na relação com a educação bilíngue é o fato de a pessoa formada em escola bilíngue brasileira ter algum nível de proficiência nas quatro habilidades: ler, escrever, ouvir, falar; embora seja presumível que ela possa se sobressair mais em uma ou outra habilidade, dependendo de aptidão, identificação e interesse, além de outros fatores que possam influenciar no aprendizado.

No próximo tópico, abordaremos, especificamente, acerca dos cursos livres de idiomas, bem como a importância que eles tiveram em um momento histórico, em que a deficiência na formação em outra língua, durante o ensino regular, era evidente.

2.1.2 Cursos livres de idiomas: estratégia de ampliação do capital cultural internacional

Este tópico analisará a questão dos cursos livres de idiomas, que são considerados um tipo de internacionalização de estudos utilizado dentro do próprio país. Para tanto, evidenciaremos alguns elementos históricos para a compreensão da situação dos cursos de línguas na atualidade.

Leffa (1999) menciona que a tradição brasileira enfatizou, inicialmente, o ensino das línguas clássicas, como o grego e o latim, ampliando posteriormente para as línguas modernas, tais como o inglês, o francês, o alemão, o italiano e, mais recentemente, o espanhol. No período colonial, as línguas latina e grega eram consideradas como

disciplinas dominantes, contudo fatos como a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e a reforma educacional de 1855 fizeram com que, gradativamente, as línguas modernas fossem obtendo *status* semelhantes aos das línguas clássicas.

Foi ainda durante o período do Império que teve início a decadência do ensino de línguas, pois nesse período se passou a adotar a ideia de ensino livre seguido de exames e, dessa forma, a carga horária semanal das aulas de línguas foi lentamente diminuindo. Apesar de ser mantida a média de línguas estudadas, que era de 4 ou 5, às vezes até 6, gradualmente houve a redução do número de horas dedicadas ao seu estudo. No período da República, a carga horária semanal destinada ao ensino de línguas se reduziu mais ainda, pois, de 76 horas semanais, em 1892, a quantidade caiu para 29 horas, em 1925. (LEFFA, 1999).

Na década de 1930, após mudanças na área da educação, algumas alterações no ensino de línguas também ocorreram na questão metodológica. Dessa forma, foi introduzida no Brasil a mesma proposta da França, que se caracterizava por instruções metodológicas pelo uso do método direto, ou seja, o ensino da língua por meio da própria língua. Algumas características desse ensino enfatizavam que a aprendizagem deveria seguir os objetivos de ouvir, falar, ler e escrever acuradamente. (LEFFA, 1999).

O ensino precisava ter um caráter prático e ser ministrado na própria língua, adotando-se o método direto desde o primeiro dia de aula. O significado das palavras deveria ser transmitido não pela tradução, mas pela ligação direta do objeto à sua expressão, usando-se para isso ilustrações e objetos do mundo real. (LEFFA, 1999).

Nas décadas que se seguiram, além do método direto, que privilegiava um ensino prático, também foi sugerido que o aprendizado de línguas deveria ser orientado por objetivos educativos, proporcionando hábitos de observação e reflexão; e culturais, ao despertar o conhecimento das civilizações estrangeiras. Dentro de uma perspectiva histórica, as décadas de 1940 e 1950 privilegiaram o ensino de línguas, contudo, já na década de 1960, houve uma redução de dois terços no número de horas estudadas em comparação às décadas anteriores.

Em decorrência da publicação da Lei n. 5692, de 11 de agosto de 1971, o ensino de línguas no Brasil passou por novas reformulações. Em virtude da redução de um ano de escolaridade e da necessidade de se introduzir a habilitação profissional, as horas de aprendizagem de língua estrangeira sofreram novamente uma redução, sendo esse

ensino considerado como um acréscimo dentro de cada escola, tirando, assim, a relevância desse aprendizado.

Avançando mais no tempo, no dia 20 de dezembro de 1996, foi publicada a segunda LDB brasileira, isto é, Lei n. 9394. O ensino de 1º e 2º graus foi substituído pelo ensino fundamental e médio, e o parágrafo 5º, do artigo 26, explicitou a necessidade do ensino de línguas estrangeiras no ensino fundamental. Complementando a nova LDB, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – para o Terceiro e o Quarto Ciclos do Ensino Fundamental de Línguas Estrangeiras e, neles, o princípio da transversalidade está presente, ou seja, foi dado um destaque para o contexto no qual deve estar inserido o ensino das línguas estrangeiras. Segundo Leffa (1999, p. 16), os PCN's

[...] não chegam a propor uma metodologia específica de ensino de línguas, mas sugerem uma abordagem sociointeracional, com ênfase no desenvolvimento da leitura, justificada, segundo seus autores, pelas necessidades do aluno e as condições de aprendizagem.

O ensino de línguas estrangeiras, ao longo da história da educação brasileira, mudou o seu perfil e perdeu espaço até chegar à situação em que encontra hoje, de forma que, para que o estudante tivesse um aprendizado satisfatório, foi preciso procurar um recurso a mais: no caso, o ensino de línguas estrangeiras nos cursos livres de idiomas.

Prado (2002), referindo-se à questão histórica do ensino brasileiro de línguas, aponta:

No Brasil, a presença das línguas nos currículos tornou-se reduzida exatamente quando a "democratização" do ensino e a ampliação do número de escolas permitem o seu acesso às camadas populares. Em 1925, por exemplo, o ensino secundário incluía estudos de francês, inglês e alemão. Sucessivas reformas foram reduzindo o número de línguas e de anos em que elas eram estudadas até que, em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 5692 tornou facultativa a inclusão das línguas, o que levou ao seu desaparecimento da maioria das escolas. Restrito nas escolas, o aprendizado das línguas só poderia ser feito nos chamados cursos livres de línguas (Cultura Inglesa, Goethe Institut, Aliança Francesa, etc.), cujo custo inviabilizava sua frequência pelas camadas populares. (PRADO, 2002, p. 41).

Dessa forma, o acesso ao ensino de línguas das camadas populares permanece distante do acesso das outras classes? Sim, pois, embora ocorra uma perspectiva de ampliação na quantidade dos cursos livres – devido a uma maior abertura econômica, política e social para os mercados exteriores, levando-se em conta que o processo de

interação entre pessoas de diferentes países é proporcionado pela facilidade na comunicação – no que tange ao acesso aos cursos livres de idiomas, isso não significa que, necessariamente, haja uma democratização em seu acesso. (PRADO, 2002).

Para a autora supracitada, a implantação e a extinção das línguas estrangeiras nos currículos escolares brasileiros se vinculam às questões ideológicas e políticas, bem como aos mercados econômicos e culturais, sendo que, na atualidade, ocorre uma ampliação de línguas estrangeiras nas escolas e uma expansão dos cursos livres, porém isso não quer dizer que estejam acessíveis a todas as parcelas da população.

Nesse sentido, as línguas mais procuradas são o inglês e o espanhol, por terem uma importância no mercado linguístico brasileiro atual. A tendência é que seja ampliada a demanda e a procura pelos cursos livres, caracterizando-se como uma propensão à internacionalização de estudos, no entanto a dificuldade que as camadas populares tinham no passado para se ter acesso a essa estratégia é mantida.

Marcelino (2009) menciona que os cursos livres de idiomas têm como objetivo principal ensinar a língua e favorecer o desenvolvimento linguístico com um número determinado de dias e horas para o conteúdo ser ministrado, nos quais o estudante é testado com frequência para avaliação da fixação das estruturas. Pela perspectiva motivacional, existe a importância de o estudante se relacionar com professores nativos e manter contato com objetos e materiais originários do país em estudo, como por exemplo, mapas, fotografias, filmes, músicas, entre outros objetos, o que facilita o aprendizado, pois instiga a sensação de se explorar o desconhecido.

Com referência à relação com o professor nativo, este é a personificação da língua e da cultura estrangeira, assim, esse contato demonstra ao estudante a funcionalidade do idioma e proporciona a identificação com a cultura estrangeira, estimulando nele o desejo de falar.

Adentrando especificamente no universo do aprendizado da língua inglesa, Dias e Assis-Peterson (2006) trazem resultados de uma pesquisa realizada com pais e estudantes de escolas públicas, sinalizando que o ensino de língua inglesa na educação pública é considerado deficiente e precário e que o aprendizado ocorre de maneira mais eficaz apenas nos cursos particulares de idiomas. Santos (2005), em sua pesquisa de mestrado, entrevistou pais de estudantes que disseram saber das vantagens do uso da língua inglesa na sociedade brasileira para a obtenção de emprego, assim como compreender o valor simbólico que representa estudar essa língua.

Segundo a autora, os pais acreditam que a inclusão de mais aulas de inglês no aprendizado das crianças seja melhor para a assimilação cognitiva das informações. Outra questão observada diz respeito à sensação de distanciamento que os estudantes podem viver, caso não venham a aprender uma língua além da sua nativa e, normalmente, relacionam esse distanciamento à ausência de contato com o inglês. Isto se caracteriza por uma condição de alienação social, ou seja, o indivíduo não estaria conectado às transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas à sua volta.

Dessa forma, o aprendizado e o domínio de outra língua proporcionam ao indivíduo uma situação de pertencimento a um mundo globalizado e um contato com ferramentas tecnológicas que dificilmente estariam acessíveis se ele não dominasse um idioma como o inglês. Logo, o domínio de outro idioma seria o veículo para o indivíduo se sentir inserido na modernidade e também estar mais apto a competir por melhores empregos. “É a ponte que liga o cidadão ao mercado de trabalho.” (DIAS; ASSIS-PETERSON, 2006, p. 113).

No que se refere especificamente à questão da língua inglesa, há uma analogia entre o ensino do inglês e outras línguas que eram usadas nas antigas sociedades. O latim e o francês foram muito utilizados no passado e possuíam uma característica peculiar, que era propagar a alta cultura entre a elite intelectual. Já o inglês surge com outra conotação que é disseminar o processo de globalização em todas as esferas das atividades sociais e tem um caráter de língua enquanto princípio de dominação. Novamente, a globalização e o mundo tecnológico informam, no tempo atual, os costumes entre os povos, sendo um deles o fato de os indivíduos necessitarem de uma língua comum para uma comunicação fluída. (LEFFA, 1999).

Consideramos interessante reflexionar, nesse sentido, a evolução da comunicação na humanidade. No início dos tempos, as fronteiras entre os países eram atravessadas a pé, a canoa ou a cavalo, e era um momento em que a interação acontecia face a face. Depois disso, essa situação foi modificada, quando surgiram a navegação, a escrita e a imprensa, pois ampliaram a possibilidade de comunicação para além da comunicação direta, necessitando então de uma língua comum. (LEFFA, 1999).

Posteriormente, surgiram outros instrumentos, como trens, carros, aviões, telefone, rádio e televisão, que permitiram encurtar as distâncias entre os indivíduos. Contudo, a *internet*, que surgiu na contemporaneidade, é considerada um instrumento que pode proporcionar a interação das pessoas com uma maior rapidez de acesso do que os outros instrumentos. Essa condição da comunicação possibilitou o surgimento de

uma língua comum, que pudesse ser utilizada visando à rapidez dos contatos. E mesmo que alguns povos tenham alguma dificuldade para o aprendizado do inglês, não se pode negar sua importância no processo interacional. (LEFFA, 1999).

Assis-Peterson e Cox (2007) explicam que

Enquanto a urgência do inglês não havia batido à porta, fazíamos corpo mole para o arrematado fracasso do ensino de língua estrangeira na escola pública, situação não diferente na escola particular, com o atenuante de que sua clientela pode pagar por um curso livre de idiomas, lugar projetado como ideal para a aquisição do inglês. (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p. 6).

Algumas famílias acreditam existir uma dicotomia entre “mundo global *versus* mundo local”: o indivíduo que não se apropria do aprendizado de outra língua acaba vivendo no “mundo local”, sem ter a oportunidade de galgar outros degraus profissionais e culturais por falta de preparo, uma vez que, sem o conhecimento da língua inglesa, ele não possui ferramentas suficientes para participar de alguns setores profissionais que se modificam continuamente em virtude da globalização. Essa é, efetivamente, uma sensação de estagnação perante os avanços da sociedade moderna.

Dias e Assis-Peterson (2006, p. 116) reforçam essa colocação ao comentar que “[...] os atores da escola, ao atribuírem alto crédito à língua inglesa, que funciona como moeda de troca no mercado linguístico e simbólico, acabam por localizar os estudantes da escola em um mundinho local, fora do mundo global.” Já os atores da família enfatizados por Dias e Assis-Peterson (2006), compreendem a influência que a língua inglesa possui na sociedade atual brasileira e, devido a isso, a procura por cursos livres de idiomas, principalmente os de inglês, têm crescido consideravelmente.

Na opinião dos estudantes da referida pesquisa, eles consideram que, se pudessem estudar inglês, seus sonhos poderiam se realizar. Assim, tanto os pais quanto os filhos depositam um crédito nesse tipo de estudo, destacando que essa seja a melhor maneira de superar dificuldades financeiras e de conseguir obter um padrão de vida mais próximo daquilo que almejam ser o ideal de vida.

No que tange aos cursos livres de idiomas, nas falas dos pais entrevistados por Dias e Assis-Peterson (2006), essa opção aparece como a que gostariam de proporcionar a seus filhos:

Para os atores da família, a efetiva aprendizagem de inglês está localizada em outro local: nos cursos livres de idiomas, isto é, fora da escola regular. Se eles pudessem pagar, seus filhos estudariam nessas escolas. Os pais acreditam que esse também seria o lugar ideal para os seus filhos perseguirem o sonho de aprender inglês e supostamente ter uma vida melhor. (DIAS; ASSIS-PETERSON, 2006, p. 121).

O interesse e o desejo em proporcionar aos filhos melhores estratégias educacionais encontram-se em algumas frações de classes. A essa questão, Dias e Assis-Peterson (2006) comentam que:

Os pais, como não estudaram, não puderam ter “emprego fixo”, “trabalhar em firmas” ou ter “uma vida melhor”, hoje fazem todo o sacrifício para que os seus filhos possam estudar. Se tivessem condições financeiras, os seus filhos fariam o mesmo caminho das crianças de classe média, pois “não se aprende inglês na escola, é meio assim pra tapear.” (DIAS; ASSIS-PETERSON, 2006, p. 125).

A lacuna causada pelo *déficit* no aprendizado de línguas nas escolas convencionais antes era tolerada. Na atualidade, porém, essa condição precisa ser mudada, pois a necessidade desse estudo se tornou visível:

Se há uns 40 anos, quando fomos alunos de ginásio, científico, clássico ou escola normal, o inglês era um adorno a mais para nossa formação humanista e vinha quase sempre depois de ou junto com o francês (ou mesmo não vinha), hoje ele é vigorosamente reivindicado por pais de todas as classes sociais e graus de escolaridade, já que conta entre as condições que favorecem a conquista de um bom emprego. (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p. 10).

Os cursos livres de idiomas são vistos como o espaço eficiente do aprendizado de idiomas, ou seja, é o “[...] contexto do ‘ter’ e de a escola pública ser um contexto do ‘não ter’ as condições adequadas para o ensino-aprendizagem eficiente de língua estrangeira.” (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p. 10). Para esses autores, as vantagens dos cursos de idiomas são consideradas grandes em comparação com a situação das escolas convencionais, já que os estudantes têm tempo suficiente de exposição ao insumo da língua, as salas de aula são menores, as turmas são mais homogêneas, com infraestrutura adequada e os professores são mais capacitados e bem remunerados.

Contudo, uma questão relacionada aos cursos livres de idiomas precisa ser dimensionada, isto é, o fato de nem sempre apresentarem padrão de excelência no ensino, pois, como não existe uma supervisão direta das autoridades educacionais, alguns acabam lesando o estudante-cliente com propagandas enganosas ao proporem um ensino de qualidade que, na prática, não ocorre. Assis-Peterson e Cox (2007), em relação a essa falta de interesse das autoridades educacionais, indicam que:

[...] o governo, em suas várias instâncias, parece estar conformado com a profecia de que só se aprende inglês na escola de idiomas, legitimando a

demarcação de competências. Só aprende inglês quem pode pagar pelas aulas nos cursos livres. Quer dizer, só terá esse capital cultural quem puder comprá-lo. Essa é a ordem natural das coisas numa sociedade capitalista, e, essa crença, embora não assumida explicitamente, é apoiada implicitamente pela inércia em mudar seu status de incompetente. (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p. 12).

Vemos então que o problema da desigualdade social se mantém, isto é, as pessoas que não podem pagar por esse ensino adicional, por não terem condições financeiras para tal, não se tornam aptas a competir igualmente no mundo do trabalho em alguns postos ou cargos que exijam tal complementação da formação ou ofereçam oportunidade de trabalho em país estrangeiro. O peso disso está em que, em várias profissões, altos salários são pagos por multinacionais ou transnacionais, e as vagas oferecidas, embora para poucos, são almejadas tanto por pessoas advindas de classes baixas quanto por filhos das classes altas, que, ao conquistar essas vagas, conseguem manter ou elevar seu *status* financeiro.

No próximo tópico, discutiremos sobre os intercâmbios internacionais, abordando a questão de serem utilizados como uma estratégia educacional eficaz para a obtenção do sucesso escolar e profissional.

2.1.3 Intercâmbios internacionais: experiência e certificação internacional

Neste tópico, temos como objetivo explicar sobre a questão dos intercâmbios internacionais. Apresentaremos aproximações de caráter histórico, definição e atuação destes no universo da internacionalização de estudos.

O intercâmbio é um fenômeno fortemente presente no século XXI, e é considerado uma prática que tem crescido enormemente no Brasil, apesar de já existir referência a esse movimento de internacionalização no passado. Sua utilização voltou com “força total,” por ser uma opção de internacionalização de estudos que vem ao encontro da globalização e da necessidade do mercado mundial. (FRANÇA, 2008).

Tamião e Cavenaghi (2013) compreendem que existe uma mudança na forma de ser e estar em tempos de globalização.

Essa vivência internacional é proporcionada através da realização de intercâmbios culturais estudantis, que agregam itens requisitados pelo mercado de trabalho como, fluência em idiomas, pois é claro que a raiz de todo conhecimento é a capacidade de se comunicar, porém outros pontos são relevantes, como a vivência cultural, *network* e ganho multicultural. (TAMIÃO; CAVENAGHI, 2013, p. 42).

Logo, o intercâmbio possibilita uma série de elementos que são interessantes para o mundo do trabalho atual. O termo intercambista, segundo Sebben (2007), refere-se a todo indivíduo que vive uma experiência intercultural, seja qual for o motivo; o importante não é a atividade em si, mas a convivência com uma cultura estrangeira.

Adentrando a questão histórica, sabe-se, entretanto, que é possível situar práticas semelhantes desde o período colonial. Desde então, as famílias das elites se utilizavam da prática de escolarização no exterior, principalmente em nível universitário. Prado (2010), em referência ao envio de filhos para estudo no exterior, aponta:

Em trabalho que analisa a construção do espaço de formação no Brasil, Brito (1996, p. 167) afirma que “desde os tempos coloniais até nossos dias, um período de estudo no exterior sempre constituiu um recurso simbólico grandemente valorizado pelos brasileiros”. Através de um estudo histórico, a autora mostra que a elite brasileira, há já alguns séculos, busca no exterior, espaços diferenciados de formação. (PRADO, 2010, p. 167).

Esses espaços diferenciados de formação, indicados por Prado (2010), dizem respeito ao fato de as famílias brasileiras, há tempos, alimentarem a preocupação em proporcionar aos seus filhos a erudição que a cultura europeia sempre teve.

Tamião e Cavenaghi (2013) observam que o intercâmbio nasceu ligado diretamente à ampliação do relacionamento entre povos e culturas. Apesar de ser uma prática de deslocamento muito antiga, hoje esse tipo específico de viagem é desenvolvido em busca do conhecimento de novas línguas e ainda pela necessidade de aprendizado de outro modelo cultural de comportamento, por meio da internacionalização.

Com relação à busca do conhecimento de novas línguas, Nogueira et al (2008, p. 365) mencionam que: “[...] diversos estudos no campo da linguística aplicada apontam a existência de uma crença de que o lugar ideal para se aprender uma língua é o país no qual ela constitui a língua natal.” Por isso, muitas famílias se utilizam dessa estratégia educacional. Os autores complementam que:

Os resultados revelaram uma marca própria das estratégias de internacionalização dessas frações das classes médias: a busca de enriquecimento da formação cultural e escolar; o que se reverte em benefícios escolares quando da volta ao Brasil. (NOGUEIRA et al, 2008, p. 366).

Conforme Prado (2010), a definição de intercâmbio é bastante abrangente, já que algumas práticas relacionadas ao estudo em outros países são consideradas intercâmbios:

Na verdade, houve uma extensão dos significados da palavra intercâmbio, fazendo com que ela seja utilizada hoje principalmente para denominar várias atividades que envolvem cursos realizados fora do país (especialização, graduação ou pós-graduação; períodos de estudo de uma língua estrangeira, estágios profissionais). (PRADO, 2010, p. 157).

Entretanto, segundo Prado (2010), essa terminologia está ligada a uma das modalidades de intercâmbio, que é o cultural, o qual se caracteriza pela ida de um estudante de ensino médio ao exterior para cursar um ou dois semestres escolares. Esse tipo de intercâmbio surgiu a partir da segunda metade do século XX, quando começou a ser utilizado sob o termo de intercâmbio cultural, que inclui desde o estágio linguístico, passando por disciplinas realizadas no exterior, até o *High School*²² (FRANÇA, 2008).

O programa desse intercâmbio abrange grupos de adolescentes de camadas médias que estejam cursando o ensino regulamentado. A seleção para confirmar a participação dos adolescentes no programa consiste de atividades como aplicação de uma prova para avaliar os conhecimentos gerais, dinâmicas de grupo, entrevistas individuais e com familiares. “O objetivo é buscar candidatos com forte motivação acadêmica, que sejam flexíveis, sociáveis e que tenham como objetivo principal a aprendizagem intercultural.” (FRANÇA, 2008, p. 47).

O programa de intercâmbio cultural é destinado, em geral, aos estudantes com idades entre 15 e 17 anos, que são enviados a outros países por um período aproximado de um ano escolar e ficam hospedados em residências de famílias voluntárias, chamadas de famílias hospedeiras. As despesas básicas, tais como moradia, alimentação, transporte para a escola e livros escolares, são custeadas pela família hospedeira, que realiza essa atividade voluntariamente, sem nenhum ressarcimento pela hospedagem. Ainda no que tange à participação da família hospedeira, ela é preparada para tratar o intercambista como um novo membro da família, tentando estabelecer uma relação de pais, filhos e irmãos.

França (2008) comenta que existem também outros programas de intercâmbio para maiores de 18 anos, porém, por não fazer parte da base do estudo, não serão abordados. Outros estudos referem que o início da utilização do intercâmbio nos moldes que se tem hoje em dia, ou seja, o intercâmbio cultural, em diversos países do mundo, possui aproximadamente 60 anos de existência. (FRANÇA, 2008).

Algumas organizações que promovem essa prática propagam a informação da relevância de se realizar intercâmbio, elencando, como atrativos, as seguintes

²² Ensino Médio nos Estados Unidos da América.

perspectivas: ampliação das possibilidades de sucesso escolar e profissional, aquisição de habilidades para lidar com a diversidade de modo geral, domínio de uma língua estrangeira, amadurecimento emocional, dentre outras.

Silveira e Weihermann (2009) asseveram que esse intercâmbio é muito mais do que apenas uma viagem de turismo ao estrangeiro, já que permite um maior envolvimento com a cultura do país hospedeiro e o sucesso dessa estratégia está diretamente ligado à forma como o intercambista lida com as diferenças culturais e gerencia possíveis problemas para se adaptar.

Contudo, ressaltamos que há outras práticas de estratégias educacionais relativas à internacionalização de estudos, pois, além do intercâmbio, existem cursos de línguas no exterior; viagens turísticas; participação em discussões relativas à importância da internacionalização; estada na residência de famílias no exterior (famílias amigas ou parentes); utilização de línguas estrangeiras em casa (em diálogos ou por meio de filmes sem tradução); cursos livres de idiomas realizados no próprio país; estágios profissionalizantes no exterior, o Programa Ciência sem Fronteiras (que será abordado mais adiante), dentre outros.

Todo tipo de prática desenvolvida no campo da internacionalização de estudos é visto de um modo geral como bem-vindo, pois a assimilação de línguas estrangeiras ocorre em diferentes situações de contato. Segundo Amorim (2012), pais que financiam o intercâmbio para seus filhos têm em vista sua preparação para obter sucesso no mercado escolar e de trabalho. Mas, podemos considerar que a utilização do recurso do intercâmbio constitui uma estratégia educacional?

Para o referido autor, no Brasil as famílias secundarizam o curso livre de idiomas, isto é, preferem o intercâmbio, pois acreditam na superioridade da aprendizagem de uma língua em um país que a tem como idioma oficial, não se contentando apenas em custear cursos no Brasil. Em contrapartida, os estudantes dessas famílias convertem a experiência internacional em vantagens escolares e profissionais, a fim de fomentar uma distinção entre eles e os estudantes que não tiveram a oportunidade de vivenciar tal experiência.

Ao analisar mais especificamente as atrações que o intercâmbio cultural possui, há algumas vantagens sobre a sua prática, a saber:

- 1) O primeiro benefício seria que os intercâmbios propiciam uma assimilação mais ampla do contexto cultural do país (costumes, valores etc.); outro

benefício é que proporcionam a excelência no plano da oralidade: o falar fluente, sem sotaque, ou seja, com a naturalidade e a facilidade do morador local.

- 2) Em segundo lugar, o estudante, ao fazer intercâmbio no período do ensino médio e, ao voltar para o Brasil, pode apresentar um maior desempenho no vestibular (Hoje Sisu para alguns cursos), principalmente em algumas provas como, por exemplo, nas provas de línguas, cujo contato com outras culturas é importante para se obter melhores resultados.
- 3) Um terceiro benefício permite ao estudante fazer a escolha por determinado curso universitário pautada nas experiências que adquiriu em outro país. Por exemplo, o contato com determinada disciplina, no ensino médio de outro país, influencia de maneira significativa essa escolha. Essa vantagem possibilita ao estudante estreitar as relações com os estudos, inclusive por absorver as experiências de outras culturas a ele referentes.

Uma indagação que pode ser feita é se de fato há uma relação entre a busca por sucesso escolar e a internacionalização de estudos. A partir desses benefícios, notamos a relação da internacionalização de estudos com o favorecimento do sucesso escolar, abrangendo as possibilidades que essa estratégia educacional pode propiciar ao estudante.

O tipo de benefício que o estudante absorve, ao ter contato com outra cultura, ou seja, o desenvolvimento de uma cultura internacional apresenta-se como uma vantagem desse jovem frente à situação de outros e, ao mesmo tempo, confirma a relevância da obtenção de estratégias diferenciadas.

Essa vivência, além de ampliar a sua rede de relações sociais, tornando visível a ampliação do capital social, também propicia o preparo de estudantes para um mercado linguístico atual, que apresenta uma exigência no que se refere às opções de seleção de profissionais melhor preparados. Dessa maneira, é possível supor que os intercâmbios fomentam um consumo distintivo, pois a pessoa que domina uma língua de forma mais fluente acaba se beneficiando de uma série de facilidades sociais, ascendendo-se para relacionamentos pessoais e profissionais com pessoas ou organizações de outros países.

Uma característica que um intercambista pode obter é tornar-se mais flexível no que se refere à aceitação da opinião de outras pessoas, pois, ao ter contato com outras referências culturais, pode aprender a respeitar pontos de vista diversos do seu, já que

existem perspectivas diferentes conforme o pertencimento cultural de cada um. Sebben (2007) ressalta outras vantagens em realizar um intercâmbio: o intercambista adquire características diferenciadas, como um perfil mais arrojado, maior criatividade, flexibilidade e capacidade de iniciativa.

Outra característica é a facilidade de mobilidade, ou seja, de um modo geral, as pessoas acreditam que, para ter sucesso na vida profissional, é preciso se deslocar de um lugar ao outro, enfatizando a importância de se integrar na globalização econômica. Prado (2002) faz referência à mobilidade, na qual a circulação entre estudantes de diversos países, ocasionada pelo intercâmbio cultural, permite vários ganhos e benefícios, dentre eles o preparo para a mobilidade adulta.

Dessa forma, algumas características podem ser desenvolvidas a partir da realização de um intercâmbio, dentre elas, obter a flexibilidade e a aceitação do novo, do diferente, como também o desenvolvimento da maturidade emocional, visto que o jovem fica distante de sua família e, então, precisa aprender a levar sua rotina de forma autônoma.

Os intercâmbios são considerados pelas famílias como uma estratégia utilitarista para se obter sucesso escolar, contudo, as famílias que fazem uso dessa prática também acreditam proporcionar aos seus filhos bem-estar psicológico e realização pessoal, pois eles adquirem experiências diferenciadas ao conviver com outra cultura, facilitando inclusive no processo de amadurecimento individual.

No que se refere a análise relativa à obtenção de capitais, no que tange ao capital cultural, ressaltamos que a prática de envio dos filhos para estudo no exterior foi, no passado, uma grande estratégia para obtenção deste e, na atualidade, voltou com toda força. No que diz respeito ao capital econômico, Bonamino et al (2010) comentam que as famílias que possuem capital econômico elevado desejam proporcionar a seus filhos maior acesso às diferentes formas de capital, por meio de instituições de ensino de excelência, bens culturais variados de alta qualidade e viagens de estudo.

Nogueira, Aguiar e Ramos (2008), em um estudo pertinente sobre as diferentes visões das famílias, no que se refere à prática do intercâmbio revelam que:

Enquanto os pais dos meios intelectualizados veem na viagem de estudos uma possibilidade de aquisição de conhecimentos, de abertura de espírito (o “abrir a cabeça”), de horizontes e de oportunidades de vida, os pais empresários, sem escapar da lógica de distinção pela experiência internacional, operam no sentido de controlar fortemente as condições e as

consequências da passagem dos filhos pelo exterior. (NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008, p. 367).

Assim, observa-se que as famílias que se utilizam da estratégia do intercâmbio para seus filhos, de modo geral, são as que pertencem às frações das classes médias, já que as das elites econômicas utilizam-se de outras maneiras de acesso aos estudos no exterior.

Ressaltando a questão dos intercâmbios culturais, França (2008, p. 51) enfatiza que eles têm como missão "A educação que extrapola a sala de aula para promover o aprendizado intercultural e a compreensão internacional através da troca de ideias e experiências de vida entre os indivíduos participantes." O autor ainda complementa que os programas de intercâmbio contribuem para o desenvolvimento da cidadania, possibilitando aos estudantes conhecer outras culturas.

No que se refere ao conhecimento das particularidades de outras culturas, faz-se necessário partir do momento em que o intercambista, ao identificar os componentes de outras culturas, compreende as diferenças e semelhanças existentes entre elas, assim, por meio do processo de conhecimento de outra cultura, nasce sua aceitação e admiração.

Outra questão detectada foi a de que muitos intercambistas saem do Brasil com a crença de que em outros países tudo é melhor. Eles acreditam que, fora do país, há empregos para todos os cidadãos, boa infraestrutura no local, tais como transporte, segurança, saúde, educação, etc. Contudo, esse mito muitas vezes é derrubado porque o jovem toma consciência dos problemas que existem em outros lugares e passa a ter uma postura menos exigente em relação a sua terra natal.

É possível afirmar que se duas pessoas têm boa qualificação para um determinado posto de trabalho, com alto salário, estando em países desenvolvidos, se um dos candidatos é estrangeiro, o esperado é que o cidadão local fique com a vaga. Isso significa dizer que empregos para estrangeiros, muitas vezes, não são os que remuneram melhor, ou que oferecem melhores condições e ambientes de trabalho. Portanto, deve-se levar em conta que, em uma atividade de intercâmbio, ocorre um aprendizado mais amplo.

Dessa foram, Tamião e Cavenaghi (2013) apontam que:

[...] o intercâmbio cultural estudantil não agrega somente o idioma, que já é um quesito de grande importância, mas, sim, a vivência internacional, o dia a dia que o estudante vive em outro país com toda certeza é um aprendizado

que será devidamente utilizado em seu retorno ao Brasil, seja como pessoa ou no âmbito profissional. (TAMIÃO; CAVENAGHI, 2013, p. 43).

O objetivo maior dos programas de intercâmbio cultural está direcionado para a família hospedeira e também para a escola, pois ambas têm grande relevância para a realização do intercâmbio de maneira adequada: “[...] um dos critérios de aprovação dos candidatos, é focar naqueles que apresentam forte disposição para convivência em família, e que se dedicam aos estudos.” (FRANÇA, 2008, p. 52).

Há a questão do vínculo que o intercambista tem que ter com a família e também com a escola de ensino médio em que vai estudar, pois ambas lhe servirão de pilar de sustentação. No que se refere à seleção das famílias hospedeiras, há uma diversidade significativa nesse sentido, pois elas atendem aos padrões locais variados quanto ao nível socioeconômico, credo, etnia e outras características. Outra variação encontrada é a composição familiar, pois existem famílias que são compostas por casais com ou sem filhos, pais casados ou separados, estudantes ou idosos, dentre outras variações.

Já em relação à escola, alguns critérios precisam ser respeitados, como, por exemplo, o estudante cumprir as exigências acadêmicas e documentais da matrícula e legalizar a documentação oriunda do seu aproveitamento escolar no país hospedeiro, no cumprimento de exigências do sistema escolar. Uma das maiores exigências diz respeito à frequência escolar do estudante, pois o não cumprimento é considerado falta grave e pode ter como consequência o retorno antecipado para o seu país de origem. Ainda referente à escola, França (2008) traz o relato de alguns intercambistas, que mencionam o forte vínculo de amizade que a escola proporciona e o entendimento sobre a cultura local.

Tanto a alteridade quanto a identidade aparecem na relação estabelecida entre o intercambista e as pessoas do país hospedeiro. A alteridade, segundo Stallivieri (2004, p. 25) é o “[...] conhecimento ou aceitação da existência do outro. Nesse contexto, a alteridade representa um desafio, pois aparece como um dos primeiros pressupostos de cooperação, implicando o respeito pelo outro.” A partir da experiência internacional, o intercambista toma consciência da diversidade dos indivíduos e consegue pensar na redução das distâncias, pois, mesmo nas diferenças, as aproximações podem ocorrer, já que o caráter relacional da alteridade surge pelo processo de compreensão do indivíduo de sua identidade. Dessa forma, é possível supor que a relação entre alteridade e identidade é intrínseca no contexto do intercâmbio.

França (2008, p. 54) faz referência à construção da identidade, em situação de intercâmbio, a qual é “[...] partilhada sob novos referenciais produzidos no interior de distinções e diferenças culturais é proposta a partir da complexidade e heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea.” Analisamos, nessa colocação, a importância da percepção de diferentes visões de mundo e de estilos de vida, sendo a vivência do intercâmbio altamente profícua nesse sentido.

Adentrando especificamente na questão identitária, Todorov (1999) discute que:

As identidades culturais não são apenas nacionais, existem outras, ligadas aos grupos pela idade, sexo, profissão, meio social; em nossos dias todos já vivemos, ainda que em níveis diferentes, esse reencontro de culturas no interior de nós mesmos: somos todos híbridos. A origem cultural nacional é simplesmente a mais forte de todas, porque nela se combinam os traços deixados – no corpo e no espírito – pela família e pela comunidade, pela língua e pela religião. (TODOROV, 1999, p. 26).

Contudo, nem “tudo são flores” no processo do intercâmbio, visto que há relatos de intercambistas que sentiram uma profunda desarmonia interior, devido à vontade de retornar ao seu país e de estar com os seus pares. Nessas situações, a saída do país hospedeiro pode significar nunca mais retornar àquele lugar, ainda que tenham sido construídas novas relações sociais e novas concepções sobre o mundo.

Gonçalves (2013) faz menção às transformações pelas quais um jovem passa ao realizar um intercâmbio, ressaltando que é um “[...] fenômeno que envolve diferentes experiências durante a adolescência e resultam em profundas mudanças durante e depois do período de intercâmbio.” (GONÇALVES, 2013, p. 72). Dessa forma, o intercâmbio cultural representa para o jovem uma grande experiência, que ele levará para o resto de sua vida, tanto no aspecto do desenvolvimento emocional quanto dos benefícios e ganhos referentes ao preparo para a vida profissional.

No que se refere aos aspectos emocionais e psicológicos, além de um programa de intercâmbio ajudar o jovem a lidar com a mobilidade geográfica e viver em ambientes multiculturais, também desenvolve a capacidade de enfrentar situações inesperadas, que exigem autocontrole, senso crítico e analítico, ponderação e maturidade, visto que ele estará sozinho, sem poder contar com a ajuda da família verdadeira.

Utilizando-se de um trabalho desenvolvido por Kalervo Oberg (1954), Gonçalves (2013) comenta que o intercambista passa por diversas etapas dentro de um processo psicológico e, para melhor compreensão destas, ele apresenta as fases

relacionadas à Curva de Adaptação Cultural - U-Curve, de Oberg (1945), a qual foi criada para designar as fases pelas quais um estrangeiro passa em um novo país. (GONÇALVES, 2013).

Segundo esse autor, há diferentes fases no processo percorrido pelo intercambista: a primeira fase se denomina "Lua de Mel" (*Honeymoon*) e pode durar de uma semana até meses. Caracteriza-se pelo fato de o intercambista se sentir bastante feliz com a chegada ao novo país, mostrando-se empolgado com tudo o que vê. A segunda fase se chama "Hostilidade" (*Hostility*) e se caracteriza por um sentimento de desilusão em relação ao novo país. O jovem começa a ser hostil com pessoas e seu cotidiano passa a ser visto com dificuldade, acreditando que elementos como transporte, comunicação, trabalho, dentre outros são muito difíceis de serem encarados diariamente. É nesse momento que o jovem tem a tendência de se agrupar com pessoas do seu país natal. E, por último, tem-se a fase denominada "Em casa" (*At home*), em que a pessoa não só aceita os costumes do outro país como passa a desfrutar da nova cultura. Acontece uma adaptação ao país em que está hospedado e, como complementa Gonçalves (2013, p. 74), "[...] quando retorna ao seu país de origem leva consigo códigos sociais aprendidos durante seu tempo no estrangeiro, passando a exercê-los em sua terra natal. Ademais, sente saudade do tempo e das pessoas do país hospedeiro."

Uma questão relevante apresentada pelos autores que abordaram a condição psicológica do intercambista refere-se ao abandono que ele precisa fazer de sua vida (língua, costumes, hábitos e códigos culturais) no seu país de origem para se aventurar em um novo país, com tudo novo para ser explorado e vivenciado. A primeira sensação do intercambista no novo país é de ser "um peixe fora d'água", pois ele não pode usar os códigos culturais com que está acostumado em sua cultura e é, nesse momento, que surge um elemento muito importante no processo de adaptação à nova realidade: o choque cultural.

Esse choque se caracteriza por uma angústia decorrente da perda dos símbolos e sinais familiares, os quais dizem respeito às atitudes, gestos, expressões faciais que habitualmente são usados no cotidiano em nossa terra natal. (GONÇALVES, 2013). Tal choque também pode ser visto como uma decepção perante as características do país hospedeiro, percebendo que nem tudo naquela nova cultura é perfeito, gerando no intercambista uma junção de sentimentos de saudade e solidão.

Em relação ao choque cultural, Silveira e Weihermann (2009) mencionam que um aspecto importante para o sucesso da realização de um intercâmbio é o

conhecimento do impacto das diferenças culturais sobre o intercambista: essas pessoas enfrentam verdadeiros choques culturais que influenciam suas vidas antes, durante e depois dessa vivência. “O choque cultural e suas vertentes são os fatores determinantes para compreender todo o processo de ajustamento”. (SILVEIRA E WEIHERMANN, 2009, p. 85).

Silveira e Weihermann (2009) conceituam ajustamento intercultural como o grau de ajuste entre um indivíduo e o novo ambiente cultural, relacionado à diminuição de conflitos e ao aumento da eficiência do indivíduo, seja no convívio social, escolar ou no trabalho. Esse ajustamento também pode ser conceituado como o processo de adaptação para viver e trabalhar em um país estrangeiro. O choque cultural tende a ser mais enfático quanto maior for a distância cultural entre o país natal do intercambista e o do hospedeiro. Essa é a principal fase do processo de ajustamento de uma pessoa em um país estrangeiro.

Logo, algumas questões vêm à tona: Existe a necessidade de adaptação do intercambista ao novo ambiente mesmo que seja sua estada temporária? Como é percebida essa adaptação? Sebben (2007) apresenta alguns pontos a serem observados no processo de adaptação do intercambista: a maneira como a comunidade local está acostumada a recepcionar os estrangeiros; o nível de motivação do intercambista com relação à experiência; as características de sua personalidade; as razões que o levaram a fazer o intercâmbio; a forma como seus familiares, seus amigos e conhecidos se relacionam com ele ao longo da vivência e as estratégias utilizadas pelo intercambista para sua socialização.

Nessa situação desconfortável em que o jovem se encontra, ele precisa de aliados para se adaptar à nova cultura e, nesse caso, entra a figura dos pais hospedeiros, pois eles possuem o papel de amparar o jovem em sua fase de adaptação, auxiliando-o no aperfeiçoamento da língua estrangeira e em sua inserção na cultura local, ensinando-lhe os códigos sociais, as regras de convivência e demonstrando o que é socialmente aceito ou recusado no país estrangeiro.

A vivência em outro país e a apreensão de outra cultura resulta em amadurecimento e independência do intercambista. Essas situações ocorrem porque deparar-se com uma realidade diferente da que está acostumado em seu meio familiar possibilita a comparação entre as experiências apreendidas ao longo de sua vida e a de outros, permitindo uma avaliação das vantagens e dificuldades de cada ambiente e, em decorrência disso, surge o amadurecimento.

Para dirimir o sofrimento ocasionado pelo choque cultural, há algumas organizações que trabalham com intercâmbio e se utilizam de programas específicos para prepararem o jovem para essa experiência, como, por exemplo, o treinamento intercultural para aqueles que se sentem inseguros e despreparados para morarem em outro país. Conforme Sebben (2007, p. 133), esse treinamento “[...] é uma pedagogia preventiva que antecede o encontro com a cultura estrangeira. Através dele, é possível ao intercambista experimentar encontros e refletir sobre suas próprias ações”.

Há também a questão do retorno, pois as dificuldades sofridas podem acontecer tanto na ida para o novo país quanto na volta ao país natal. Situações como dificuldades de readaptação ao seu país também ocorrem com frequência, manifestas por meio de complicações em se relacionar com a sua família ou amigos, no retorno à utilização da língua materna e na retomada de hábitos que possuía antes de viajar, o que pode ser percebido pelo jovem como um retrocesso.

Uma postura comum apresentada pelos que estão com dificuldades em se readaptar é o contínuo sentimento de que precisam voltar a morar no exterior e, nesse caso, passam a fazer planos de retornar ao estrangeiro em uma tentativa de repetição da mesma experiência, sempre tentando ir atrás daquilo que perderam no retorno ao país natal. Esse processo, muitas vezes é tido como um momento doloroso.

Já alguns acabam tendo o desejo de se tornarem “cidadãos do mundo,” querendo investir em um futuro internacional. Como assevera Gonçalves (2013, p. 75), “[...] não é de se surpreender que ex-intercambistas prestem vestibular ou passem a se dedicar a áreas que tem relação com relações internacionais, comércio exterior e idiomas.” Mas, será que a realização de um intercâmbio por um jovem implica um envolvimento familiar? Sim, pois mesmo que o anseio de realizar um intercâmbio seja considerado uma escolha pessoal, ele está inserido em um contexto muito maior, que é um projeto familiar e também do grupo social do qual o jovem faz parte. A isso, França (2008, p. 57) corrobora, ao compreender que, “[...] a família, nesse universo determinado de classes médias, comporta muitos significados que constituem um todo mais ou menos sistemático, harmonioso ou não”.

É interessante notar que o mercado tem investido no segmento (família) para esse tipo de prática, o que demonstra que, cada vez mais, famílias têm se utilizado desse recurso. Ainda no que tange à questão da família nesse processo, Nogueira, Aguiar e Ramos (2008) explanam que, em pesquisas realizadas, chegou-se à conclusão de que os pais minimizam os aspectos negativos da experiência – como, por exemplo,

dificuldades de adaptação ao clima, costumes, língua, sistema de ensino, como também sentimento de discriminação, saudades, atrasos escolares ao retornar ao Brasil –, sobrepondo-lhes os aspectos positivos. Os pais mencionam que “vale a pena” passar pela vivência do intercâmbio, “[...] numa clara atitude de subordinação dos efeitos considerados negativos ao conjunto dos benefícios supostamente retirados da circulação pelo exterior.” (NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008, p. 367).

Portanto, no que tange aos capitais vinculados à internacionalização de estudos, o intercâmbio seria uma das estratégias para a reprodução do patrimônio cultural e social da família, pois o indivíduo que tem a oportunidade de fazer um intercâmbio estará mais qualificado e preparado para enfrentar exames, como vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o mercado profissional ao voltar ao seu país de origem. Analisamos que o intercâmbio possibilita experiência pessoal e profissional, além de uma certificação internacional, que agrega um valor positivo ao currículo dos intercambistas, ao possibilitar o desejo de uma melhor colocação no mundo do trabalho.

Por último, observamos que é perceptível o diferencial no âmbito pessoal, fazendo com que o intercambista desenvolva a capacidade de visualizar a mentalidade do mundo globalizado, no qual existe o respeito à diversidade, fazendo com que o estudante leve para seu país de origem a nova concepção de vida que incorporou no país de acolhimento temporário.

É importante então salientar que intercâmbio e aprendizado de uma segunda língua são coisas distintas. Intercâmbio diz respeito a uma troca cultural mais ampla, em que um sujeito vivencia uma cultura diferente da sua de origem, incluindo-se aí aspectos do cotidiano: moradia, modo de se relacionar com a economia, os estudos e, muitas vezes, inclui-se o aprendizado da língua na intenção de tornar tal experiência mais imersiva.

A seguir, apresentaremos o Programa Ciência sem Fronteiras no qual a experiência de intercâmbio do estudante, ao longo da sua trajetória universitária, tem se mostrado bastante válida.

2.1.3.1 Programa Ciência sem Fronteiras: uma política oficial em busca do cosmopolitismo

Neste tópico, abordaremos o Programa Ciência sem Fronteiras (2011), que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. Esse programa surgiu no ano de 2011, como proposta conjunta dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. (MANÇOS; COELHO, 2017).

O programa visa à promoção de intercâmbio entre os alunos de graduação (modalidade finalizada em 2017) e pós-graduação (atualmente só pós-graduação), por meio de estágio no exterior, com o intuito de propiciar contato com diferentes sistemas educacionais relacionados à tecnologia e inovação. Outro objetivo é motivar pesquisadores internacionais, que almejam se fixar no Brasil, a firmar parcerias com pesquisadores brasileiros nas áreas específicas do programa e, ainda, oportunizar aos pesquisadores de empresas treinamento especializado no exterior.

O espectro da proposta do programa é vasto e, ao longo dos anos, atingiu um significativo número de estudantes de graduação e pós-graduação. Conforme Manços e Coelho (2017, p. 53), o programa Ciência sem Fronteiras foi:

[...] criado em 2011 pelo governo federal e atingiu a meta de conceder bolsas a mais de 101 mil estudantes e pesquisadores brasileiros para realizarem intercâmbio acadêmico em instituições de ensino superior do mundo.

Existe certa divulgação desenvolvida pela mídia nacional sobre o tema, contudo, ainda existem poucas informações referentes à produção de conhecimento e colaboração científica internacional. Há notícias de estudantes que desejam sair do país, mas e quanto aos estudantes que poderiam vir pra cá? É notório que, intercâmbio pressupõe troca, portanto, ainda demanda aprimorar metodologias existentes e também propor novas abordagens de avaliação nessa dimensão, quanto à que internacionalização, e mais especificamente, que intercâmbio nos interessa enquanto educadores.

Uma das prioridades do programa é proporcionar a mobilidade acadêmica internacional de estudantes (hoje apenas de pós-graduação), professores e pesquisadores, sendo essa uma maneira de desenvolver estudos, treinamentos e

pesquisas em instituições no exterior. Vários países já possuem programas de cooperação internacional com o Brasil, buscando a mobilidade acadêmica e esta é uma das atividades que mais se destacam no processo de internacionalização, por isso sua realização é tão importante.

Em relação à questão da língua, no programa o candidato necessita comprovar a proficiência no idioma pedido para concorrer à bolsa e também obter a pontuação exigida pelo edital ao qual está concorrendo. Caso a nota seja próxima à exigida e o candidato apresente os outros requisitos solicitados, ele poderá obter bolsa para estudar a segunda língua no próprio país do intercâmbio; essas bolsas têm a duração de dois a seis meses antes do início do curso.

No que tange aos cursos que mais participaram do programa até o momento, observa-se que “O programa define dezoito áreas prioritárias contempladas, sendo a área de engenharia e demais áreas tecnológicas as que mais distribuem bolsas, seguido por biologia, ciências biomédicas e da saúde e indústria criativa”. (MANÇOS; COELHO, 2017, p. 61).

O Programa Ciência sem Fronteiras, no ano de 2019, está se mantendo com poucas condições de funcionamento, com corte de verbas, porém é preciso pensar que a proposta de efetivação de uma política pública de mobilidade acadêmica internacional, mesmo que reformulada ou em dimensões menores, é relevante para a interação do Brasil com outros países e nações, além da importância que tem para os estudantes, professores e pesquisadores brasileiros, incentivando sua qualificação acadêmica e profissional.

Outra questão importante a salientar é que o referido programa, até o ano de 2017, privilegiava o estudante universitário, não fazendo distinção de classe social, pois sua proposta visa à diminuição da disparidade entre os estudantes que têm mais e os que têm menos condições financeiras. Esses últimos, sem o programa, não teriam condições de ter o contato com o internacional.

Dessa forma, podemos constatar que a proposta do Programa Ciência sem Fronteiras é bastante interessante e vem ao encontro das necessidades contemporâneas relativas à abertura ao mundo globalizado e à expansão das fronteiras.

A conclusão a que chegamos é que o Brasil precisa expandir sua perspectiva de abertura à globalização, como também proporcionar um processo de interação maior com outros países, já que esta tem sido uma característica mundial. Contudo, observamos que as áreas priorizadas pelo programa estão bastante relacionadas à

engenharia e áreas tecnológicas, indústria farmacêutica, sociedade da informação, cultura de massa, ou seja, áreas intrinsecamente relacionadas ao mercado, atendendo também ao interesse do capital; não se vê, por exemplo, priorização da área de educação.

Outro aspecto a ser apontado é o encerramento das bolsas de graduação (em 2017) e a vinculação das pós-graduações a pesquisas particularmente voltadas à indústria, como foi mencionado acima e, para isso, é necessária a produção de pesquisa e, comumente, fazer pesquisa é algo incomum aos estudantes de graduação, as instituições devem estar aptas para isso, e as bolsas de iniciação científica também são poucas. Claro que há diferenças de um Estado ao outro no Brasil, algumas fundações de apoio à pesquisa tem mais recursos financeiros e oferecem mais oportunidades, como as do Estado de São Paulo (Fapesp) e Minas Gerais (Fapemig).

2.2 Reflexões sobre a utilização da internacionalização de estudos como estratégia de escolarização

Neste tópico faremos algumas discussões e reflexões a respeito da utilização da internacionalização de estudos como uma estratégia educacional. Discorremos anteriormente que a ideia de internacionalização de estudos refere-se a duas questões: a primeira é trazer o “estudo de fora do país” para dentro da nossa realidade educacional, situação exemplificada pelo ensino bilíngue/trilíngue ou pelos cursos livres de idiomas no Brasil; a segunda relaciona-se ao envio de estudantes para o exterior, por meio de intercâmbios e estudos no ensino médio, superior e pós-graduação para o aprendizado do idioma e da cultura de outros povos.

A proposta da internacionalização de estudos propicia a percepção generalizada de que o mundo ficou pequeno, que as fronteiras das sociedades e comunidades se estreitaram e que, por isso, famílias e indivíduos, cada vez mais, têm apresentado necessidade de ampliação do seu espaço. Nogueira (2012) comenta que a estratégia de internacionalização, da formação e da carreira escolar dos filhos é utilizada como um elemento importante no que se refere à diversificação dos investimentos escolares e não é considerado um fenômeno novo, mas uma prática vista na história da educação nacional desde o período em que o Brasil era colônia portuguesa, possuindo, hoje, feições diferentes devido ao presente processo de globalização.

O mundo de trabalho atual, muito influenciado pela globalização, valoriza aqueles que se encontram nos padrões da cultura dominante. A crítica feita aqui é que esta não é a realidade da maioria da população brasileira, já que, conforme Nogueira e Nogueira (2009),

Os esquemas mentais (as maneiras de pensar o mundo), a relação com o saber, as referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (a cultura culta ou a alta cultura) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitariam o aprendizado escolar tendo em vista que funcionariam como elementos de preparação e de rentabilização da ação pedagógica, possibilitando o desencadeamento de relações íntimas entre o mundo familiar e a cultura escolar. (NOGUEIRA; NOGUEIRA 2009, p. 52).

Dessa maneira, podemos reflexionar que as facilidades na trajetória escolar ocorrem em decorrência da decisão pela internacionalização de estudos enquanto estratégia educacional e os questionamentos que tínhamos feito no início do capítulo podem ser retomados. São estes a seguir: que tipo de opções de internacionalização de estudos são mobilizadas pelas famílias no processo de escolarização? Que perspectivas e vantagens são almejadas quando se prioriza a opção por um tipo de internacionalização de estudos?

Ao nos aproximarmos dessas questões, compreendemos que os tipos de internacionalização de estudos apresentados anteriormente são utilizados como estratégia educacional pelas famílias de classes médias intelectualizadas. Podemos considerar também que as referidas famílias buscam vantagens (já comentadas anteriormente) e possuem perspectivas com relação a essa forma de estratégia, principalmente no que se refere ao desempenho escolar e profissional. Os próximos capítulos tratarão das análises realizadas por meio de produção de informações desenvolvida com os agentes entrevistados, que são: docentes universitários, filhos e professores de cursos livres de idiomas.

3 ESTRATÉGIA FAMILIAR DE CLASSES MÉDIAS INTELECTUALIZADAS: INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS EM CAMPO GRANDE – MATO GROSSO DO SUL

[...] é nas classes médias, mais ainda do que nas classes superiores, que a escola está fortemente integrada numa estratégia de reprodução social. (DUBET; MARTUCCELLI, 1996, p. 119).

As classes médias possuem características específicas que a diferem das demais classes sociais e uma dessas características refere-se ao fato de que seus membros se utilizam de estratégias escolares para que ocorra uma reprodução social. As famílias das classes médias se preocupam em manter e ampliar seus capitais por meio do ensino muito mais do que as famílias das classes superiores.

As classes superiores proporcionam estratégias no sentido da manutenção das características que possuem, porém, as classes médias, por uma questão de ascensão social, buscam proporcionar estratégias educacionais aos seus descendentes, sendo uma delas a utilização da internacionalização de estudos, objeto deste trabalho. Acreditamos que tal estratégia defina um desejo de ascensão social, melhores salários, ou seja, melhora do capital econômico e por meio dele, do capital simbólico e social.

A finalidade deste estudo é buscar compreender a influência da internacionalização de estudos na trajetória educacional dos filhos de famílias de classes médias intelectualizadas, mais especificamente famílias de docentes universitários. Devido a isso, a escolha pelos entrevistados baseou-se no fato de serem agentes que haviam passado pelo processo de internacionalização de estudos.

Dessa forma, este capítulo tem como finalidade apresentar as descrições e análises referentes às entrevistas realizadas com os docentes universitários pertencentes a duas universidades privadas e uma pública em Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, como também com seus filhos.

Foram entrevistados ainda professores dos cursos livres de idiomas, com a intenção de conhecer suas opiniões acerca da motivação de famílias de classes médias intelectualizadas ao colocarem seus filhos para a realização de cursos nessa modalidade. Para isso, optamos por entrevistar professores de variadas línguas estrangeiras: um professor do curso de francês, uma professora do curso de espanhol, outra, de inglês e outra, de alemão.

Organizamos este capítulo em seis tópicos: nos cinco primeiros, apresentaremos as informações relativas aos agentes dos três grupos investigados e será analisado o

papel da família na sociedade atual – considerando a perspectiva do processo de globalização – e como ela está inserida nesse contexto. No último tópico, enfocaremos a situação das classes médias intelectualizadas em Campo Grande/MS, sendo realizada uma contextualização dessa fração de classe especificamente na realidade campo-grandense.

Adentrando na questão da pesquisa, o número de famílias, filhos e professores de idiomas totalizaram 27 agentes/participantes. As entrevistas ocorreram no período compreendido entre abril e junho de 2017 e entre agosto e setembro de 2018 e, embora tenham sido realizadas envolvendo pais e filhos, cada um foi entrevistado em um momento específico.

Os locais e horários foram escolhidos pelos agentes, sendo que os docentes universitários e os professores de cursos de idiomas preferiram ser entrevistados nos seus locais de trabalho, na maioria das vezes ao término das aulas. Já as entrevistas com os filhos dos docentes ocorreram em suas residências. O tempo aproximado da realização foi de 40 minutos a 1 hora e 05 minutos.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e foram transcritas na íntegra; os roteiros estão disponíveis nos apêndices. Vale lembrar que os nomes reais dos agentes foram preservados a fim de resguardar suas identidades, por isso optamos por nomes fictícios, contudo as informações referentes à idade, sexo, formação profissional, grau de escolaridade são verídicas.

Para a produção das informações com o propósito de dar conformação ao objeto de estudo, organizamos os agentes da pesquisa em grupos. A seguir, apresentaremos os elementos que foram focalizados para compor os grupos:

1 Grupo 1 – A produção das informações com famílias (pais, mães e filhos/jovens) no processo de internacionalização de estudos:

- Em relação aos pais (docentes) dos três tipos de internacionalização de estudos – cursos livres de idiomas, intercâmbio e escola bilíngue – produzimos inicialmente informações para a caracterização dos agentes. Posteriormente, indagamos sobre a internacionalização de estudos em si, tais como realização de estudos de língua estrangeira, realização de viagens ao exterior e realização de intercâmbio pelo agente e pelo cônjuge e por qual motivo, bem como acerca do nível de instrução dos pais e sogros dos entrevistados. Depois foram abordadas

questões referentes ao capital cultural familiar, aos investimentos escolares da família e à escolha da internacionalização de estudos.

- Após a realização desse primeiro contato com os agentes, retomamos as entrevistas com as mães (docentes) que haviam enviado seus filhos para realizarem intercâmbio, tendo como ponto principal analisar o ser e estar intelectual em Campo Grande-MS. O período compreendido foi de agosto a setembro de 2018, o local escolhido foi o ambiente de trabalho das agentes e as entrevistas duraram, em média, 30 minutos. Esse período foi um momento enriquecedor para esta pesquisa e também uma experiência instigante, já que pretendíamos investigar a percepção que as agentes tinham sobre si mesmas enquanto profissionais da área da educação.
- Com os filhos (jovens), que fizeram os três tipos de internacionalização de estudos, realizamos uma caracterização inicial, depois focalizamos aspectos da internacionalização, tais como estudos de línguas estrangeiras, realização de viagens ao exterior e intercâmbio, assim como fluência da família em idiomas estrangeiros. Também buscamos informações sobre o capital cultural do agente e de seus familiares. Por último, tratamos da realização da internacionalização de estudos em si, com perguntas relativas à preparação para os estudos e para o mundo do trabalho e, ainda, acerca de sucesso escolar, expectativas com relação ao seu futuro profissional e sobre realização pessoal, acadêmica e profissional.
- Retomamos nosso contato com os filhos/jovens que haviam feito intercâmbio e realizamos uma segunda entrevista, que ocorreu nas residências dos agentes, no período de agosto a setembro de 2018, com duração média de 40 minutos. Fizemos questionamentos específicos referentes à experiência particular do intercâmbio, pois gostaríamos de saber como eram suas vidas no país hospedeiro, se sentiram alguma dificuldade em se adaptar novamente no retorno ao Brasil, se viam diferenças culturais entre o Brasil e o país hospedeiro, se acreditavam que haviam absorvido elementos culturais da outra cultura, se sentiram algum choque cultural ao chegar ao país hospedeiro e se sentiram algum choque cultural no retorno ao Brasil.

3 Grupo 2 – A produção das informações com professores de cursos livres de idiomas:

Inicialmente, realizamos a caracterização do profissional, bem como de sua fluência em idiomas estrangeiros, realização de viagens ao exterior e de intercâmbio. Focalizamos a percepção desses profissionais sobre os pais dos alunos do curso livre de idiomas, o envolvimento desses pais com o curso que os filhos faziam. Também questionamos se os professores achavam que havia diferença nos investimentos educacionais que os pais de alunos atuais fazem em relação a seus filhos quando comparados aos pais do passado; se acreditavam que havia diferença entre as expectativas escolares e profissionais que os pais de alunos atuais fazem para seus filhos e que os pais do passado não faziam e, por fim, as opiniões dos professores sobre o que leva os pais a buscarem um curso de idiomas para seus filhos.

3.1 O papel da família na sociedade contemporânea

Neste tópico, discorreremos sobre como a família opera a fim de garantir as condições culturais e sociais para seus filhos. Analisaremos se as famílias investigadas expõem as estratégias que utilizaram, visando garantir que seus filhos obtenham condições culturais e sociais para atuarem no contexto da sociedade globalizada. Essa atuação, por sua vez, se dá numa perspectiva ampla, que abrange a economia, a cultura, o capital simbólico, tudo isso inter-relacionado à construção da história de cada família.

Por exemplo, em uma família brasileira, em que os avós falam a língua de seu país de origem, podemos esperar que algum filho ou neto queira ter o domínio do idioma, evocando um valor simbólico familiar. Inseridos nesse contexto, abordamos a aquisição de uma nova língua como capital cultural, mas, muitas vezes, esse fato encontra-se entrelaçado aos interesses dos capitais simbólico e econômico. Portanto, cabe aqui argumentar: quais as motivações para se aprender um segundo idioma? Que motivos levam à escolha de um determinado idioma? Esses são temas que perpassam não só as famílias, mas também cada indivíduo.

Na perspectiva teórica bourdieusiana, a família ocupa um lugar de destaque, uma vez que Bourdieu (1996) concebe a família como algo que transcende seus membros, existe como um universo social separado, pretende perpetuar suas fronteiras e possui a idealização do seu interior como algo sagrado. O prisma de perpetuação do que está no interior das famílias aparece, principalmente, na conexão com a reprodução das estratégias.

O referido autor compreende ainda a família como um conjunto de pessoas aparentadas, ligadas entre si por aliança, casamento, filiação ou adoção. O grupo familiar tem fortes características que, para além de laços consanguíneos, também constituem a cultura familiar, as similaridades e as peculiaridades, dinâmicas que, às vezes, favorecem interesses individuais, e outras que favorecem o que é interesse coletivo.

Bourdieu (1996) enfatiza a ideia de que algumas similaridades, que dizem respeito ao conjunto familiar, são capazes de transcender cada um para alcançar uma perspectiva coletiva. Cabe aos mais velhos na estrutura (pais, avós) encaminhar os filhos profissionalmente e, entre muitas outras coisas, estabelece-se também um código familiar, um conjunto de regras e hábitos que também se pretendem perpetuar. Dessa forma, são demonstrados os laços que aparecem na família e isso possibilita a reflexão de que ocorre um empenho por parte dos pais para que sejam reproduzidas as estratégias para os seus descendentes.

A teoria bourdieusiana postula a concepção de que a família transmite a seus descendentes uma herança que pode ser de caráter material e/ou simbólico, a qual é determinante para os resultados escolares dos filhos, gerando benefícios aos grupos sociais que mais possuem bens culturais e materiais. Essa possibilidade surte efeitos sobre os destinos escolares e amplia o fosso existente entre as famílias que possuem tipos de recursos rentáveis no mercado escolar e as famílias que não possuem, resultando em certa dissimulação das diferenças sociais mediante a aparência das diferenças individuais.

Contudo, uma questão surge nesse contexto: a transmissão dos capitais, na qual está presente o capital cultural em primeiro lugar, não é inflexível, pois os descendentes necessitam aceitar herdar a herança, permitindo tomar posse do patrimônio familiar por meio de um trabalho individual de apropriação. Isto significa que, por mais que a família dê uma abertura aos filhos para a apropriação da herança cultural, a aceitação e o anseio de absorção dependem invariavelmente dos herdeiros. (SINGLY, 1996).

A transmissão dos capitais, partindo dos pais, e a apropriação da herança cultural, por meio dos descendentes, precisa ocorrer conjuntamente, caso contrário não será possível a existência da reprodução social, já que ela está implicitamente ligada a essa relação. A reprodução permite a manutenção de determinado *status* social, econômico e cultural e é traçada como estratégia até mesmo da forma direta. Isso pode ser visto, por exemplo, em relação à reprodução da carreira profissional dos pais, em

que famílias inteiras optam pela formação em medicina ou famílias inteiras encontram-se envolvidas na administração de negócios familiares (os grandes conglomerados refletem isso). Nesses casos, a reprodução faz sentido quando já existe algo que vem se mostrando eficiente e funcional.

Por outro lado, muitas vezes a utilização das estratégias familiares e educacionais surge como uma proposta de proporcionar uma diversificação, ou melhor dizendo, algo que se possa ressaltar como diferenciado em determinada família. Uma das formas mais usuais é por meio da necessidade de atualização e investimento em práticas culturais presentes no meio familiar:

As dinâmicas familiares, os processos de transmissão dos valores e das práticas culturais no interior do universo familiar, os investimentos em produtos culturais diversos aparecem como os elementos determinantes de percursos diferenciados. (AGUIAR, 2007, p. 16).

As famílias de várias classes sociais fazem investimentos em práticas culturais específicas, a fim de legitimar e valorizar essas práticas, atribuindo-lhes certo prestígio e valor simbólico. No caso das famílias estudadas, a utilização de práticas culturais é um indicativo de que possuem a tendência de realizarem a manutenção e a ampliação dos capitais, principalmente o capital cultural. Assim, na pesquisa desenvolvida com os docentes e seus filhos, a realização de várias práticas culturais se destacou, já que uma das características das famílias investigadas é o investimento em produtos culturais diversos, visando proporcionar a seus filhos uma distinção social.

A seguir, apresentaremos o quadro 6 com as características das estratégias dos grupos dos filhos das famílias investigadas. A partir das informações nele contidas, é possível perceber que esses grupos fazem uso de estratégias por influência familiar, por esse motivo será abordado o perfil de cada grupo no que se refere à utilização da internacionalização de estudos e das práticas culturais.

Na internacionalização de estudos, são demonstradas as características com relação a cursos e viagens feitas pelos agentes e familiares, fluência de idiomas, uso de materiais audiovisuais internacionais, bem como contato com pessoas que residem no exterior e acerca de suas práticas culturais. Nesse quesito, foram pesquisados os seguintes itens: ida ao cinema, ao teatro e realização de leituras. Devido à necessidade de se compreender o funcionamento do consumo cultural das famílias, incluímos essas

questões pertinentes às práticas culturais, sendo possível constatar que os agentes apresentam essas práticas com certa frequência.

Quadro 6 - Síntese das características das estratégias dos grupos dos filhos

Grupos de Filhos		Características
1	Estudo em cursos livres de idiomas	• Viagens ao exterior-turismo • Frequência de ida ao cinema • Leituras com frequência • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Utilização de materiais audiovisuais internacionais • Parentes e amigos residem no exterior
2	Estudo em intercâmbio	• Cursos de língua estrangeira • Viagens ao exterior – turismo • Leituras frequentes • Cinema e teatro – metade vai e a outra não • Fluência em língua estrangeira entre parentes – metade sim e metade não • Utilização de material audiovisual internacional • Realização de viagens ao exterior pelos parentes – turismo - metade sim e metade não • Parentes e amigos residem no exterior
3	Estudo em escola bilíngue	• Viagens ao exterior – turismo • Leituras com frequência • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Utilização de material audiovisual internacional • Parentes e amigos residem no exterior

Fonte: Pesquisa de campo, 2017, 2018.

Organização: Souza, 2018.

Foram realizadas entrevistas com 9 jovens que cursaram cursos livres de idiomas e que são filhos dos docentes universitários entrevistados. Referente ao estudo de línguas, a língua inglesa obteve maior quantidade de respostas, seguida do francês e do espanhol na mesma proporção.

Em relação às viagens ao exterior, as respostas foram afirmativas, predominando a opção para fazer turismo. Sobre a ida ao cinema, todos declaram que o fazem com frequência; quanto ao costume de leitura, todos leem habitualmente, sendo que suas preferências são bem diversificadas dentre livros, jornais e revistas que apresentam um grau elevado de cultura.

Em relação aos familiares possuírem fluência em alguma língua, os agentes comentaram que há na família pessoas que têm contato com outro idioma, sendo citados os seguintes idiomas: inglês, alemão, espanhol e francês. No que se refere à utilização

de material audiovisual internacional, houve a afirmação de que suas famílias fazem uso deles; já no que diz respeito a seus familiares viajarem para o exterior, as respostas apontaram que eles viajam e a maioria dessas famílias possui algum parente ou amigo que reside ou nasceu no exterior.

Foram entrevistados dois jovens no grupo de filhos que realizaram intercâmbio e suas características são: ambos fizeram cursos de língua, sendo que um havia estudado inglês e espanhol e o outro inglês, espanhol, mandarim e alemão. Sobre a realização de viagens ao exterior, ambos fizeram com o objetivo de fazer turismo; quando questionados sobre realizarem mais de um intercâmbio, um agente relatou que sim.

Em relação à ida ao cinema e ao teatro, um disse que não vai e o outro relatou que sim; sobre o hábito de leitura, ambos leem diariamente e os tipos prediletos são livros e jornais de cultura geral. A família de um agente tem fluência em algum idioma estrangeiro, do outro não e, em relação à utilização de materiais audiovisuais internacionais pela família, as duas utilizam, inclusive no dia a dia.

Com relação à viagem da família ao exterior, uma não viaja, mas a outra sim, apontando o turismo como motivo das viagens. No que se refere à família possuir algum parente ou amigo que reside no exterior e sobre ter parente ou amigo que nasceu fora, ambas afirmam que sim.

Apenas uma jovem, dentre os agentes entrevistados, estudou em uma escola bilíngue e apresenta as seguintes características: não fez nenhum curso extra de idioma por acreditar ter sido suficiente o que foi aprendido na escola bilíngue. Faz leituras frequentemente e realizou algumas viagens ao exterior a turismo; sua família possui fluência em idiomas estrangeiros, em inglês, alemão e italiano, os usam mensalmente. Esses idiomas foram aprendidos em cursos livres.

Quanto à utilização de materiais audiovisuais internacionais, sua família os utiliza diariamente. A família também viaja para o exterior uma vez ao ano e possui parente ou amigo que mora ou que nasceu fora do país.

De modo geral, as características das estratégias dos grupos dos filhos sinalizam o fato de reforçar o sentido de obter experiências relativas à internacionalização e à internacionalização de estudos, bem como apontam para o uso de hábitos culturais, já que podemos observar os estilos e escolhas culturais, como ainda a valorização da formação escolar e cultural. Como corrobora Aguiar (2007, p. 66):

[...] os produtos ou obras culturais são objeto de uma apropriação exclusiva, material ou simbólica e, funcionando como capital cultural asseguram tanto o lucro da distinção quanto o lucro de legitimidade [...].

Quanto à distinção e legitimidade, vemos famílias preocupadas em proporcionar possibilidades de acesso e produção de capital cultural e escolar aos seus descendentes, já que lhes garantem um caráter personalizado e dinâmico. Ao longo do tempo transformações sociais ocorreram e modificaram também a família como instituição – são exemplos paradigmáticos a revolução sexual, o surgimento da pílula contraceptiva feminina oral, a luta das mulheres para ocupar espaços no mundo do trabalho, o direito ao divórcio, todos esses pontos mudaram nossa perspectiva social sobre o matrimônio.

Sendo assim, a família é considerada uma instituição social em transformação e apresenta configurações variadas em cada tempo histórico, e também, é entendida de modo diferenciado em sociedades diversas entre si. Com o passar do tempo e avalia-se o que deve ser mantido como capital – seja cultural, social ou simbólico, entre gerações diferentes, hábitos e regras são deixados e outros novos são incorporados.

O que observamos dentro das colocações de Bourdieu (1996) é que, existindo um capital, seja cultural, social ou econômico, o sentido dado é sempre de mantê-lo e, à medida que se considera o dinamismo histórico, expandi-lo, ou seja, “subir de degrau” ou, ainda, possibilitar a ampliação desses capitais.

Desse modo, pais que estudaram até o ensino médio, por exemplo, em geral, esperam que os filhos ultrapassem essa linha cursando o nível superior. Assim também todo capital simbólico, cultural e social construído ou adquirido perpassa as experiências dos pais para avançar para as experiências dos filhos.

Outro aspecto importante é o fato de que quanto mais elevado o grau de instrução da geração dos avôs e avós, maior a possibilidade da valorização familiar no que tange ao processo de escolarização.

Segundo Bourdieu (2007), ao analisar o nível cultural da família (sendo a instrução um importante indicador), é relevante observar o nível dos avôs e avós, pois quanto mais as gerações antigas das famílias possuírem acesso à cultura legitimada, mais próxima estará a relação com o saber e com a escola.

Ao longo do tempo, a incorporação do capital cultural representado pelo grau de instrução elevado dos familiares e a absorção de estratégias acabam sendo adotadas pelos filhos como parte de seu *habitus*. Como veremos a seguir nas características das famílias entrevistadas, isso ocorreu nesta pesquisa.

Dessa forma, com o intuito de elucidar essa questão acima e outras questões, destacaremos as características das estratégias das famílias pesquisadas. No quadro 7, apresentamos as características que foram extraídas da produção de conhecimento de cada grupo familiar.

Foram pesquisadas as seguintes informações relativas à utilização da internacionalização: realização de cursos pelo agente e cônjuges, viagens feitas ao exterior, utilização de recursos audiovisuais internacionais, fluência de idiomas estrangeiros dos familiares e dados sobre familiares residentes no exterior. Também foram investigadas questões referentes a práticas culturais e ao processo de escolarização familiar.

Quadro 7 - Síntese das características das estratégias dos grupos de famílias

Grupos de Famílias		Características
1	Estudo em cursos livres de idiomas	• Cursos de língua estrangeira • Cônjuges cursaram língua estrangeira • Viagens ao exterior-turismo • Cinema e teatro • Leituras com frequência • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Utilização de materiais audiovisuais internacionais • Parentes e amigos residem no exterior • Nível de instrução familiar diversificado, entre baixo e alto
2	Estudo em intercâmbio	• Cursos de língua estrangeira • Viagens ao exterior – turismo– metade faz e outra não • Leituras frequentes • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Utilização de material audiovisual internacional– metade usa e outra não • Parentes e amigos residem no exterior • Nível de instrução familiar diversificado, entre baixo e alto
3	Estudo em escola bilíngue	• Cursos de línguas estrangeiras • Viagens no exterior – turismo • Cinema e teatro • Leituras com frequência • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Utilização de material audiovisual internacional • Parentes e amigos residem no exterior • Nível de instrução familiar médio

Fonte: Pesquisa de campo, 2017, 2018.

Organização: Souza, 2018.

Na pesquisa, o total de entrevistados docentes cujos filhos realizaram cursos livres de idiomas são oito. Foram elencadas as características desse grupo e a primeira refere-se ao fato de a maioria dos agentes já terem estudado uma língua estrangeira e realizado viagem ao exterior por motivo de turismo, experiência também vivenciada por seus parceiros ou ex-parceiros.

A maioria não fez intercâmbio e nem seus companheiros ou ex-companheiros; apenas um dos entrevistados já realizou. Em relação ao grau de instrução dos pais e sogros dos docentes, alguns possuem apenas o ensino fundamental completo e outros são pós-graduados.

Inferimos que, mesmo em uma época em que não se privilegiavam tanto os estudos, como nas gerações anteriores, já existiam familiares preocupados com essa condição, principalmente os de nível superior, pois muitas pessoas chegavam até o ensino médio por meio de alguns cursos, tais como Contabilidade e Magistério.

Esses pais e sogros consistem em avós e avôs dos jovens e fazem parte de duas gerações anteriores. Por haver pessoas com curso superior e com pós-graduação nota-se que a valorização da escolarização já acontecia há muito tempo na relação familiar de alguns. “O fato de avós terem ultrapassado o nível superior é bastante interessante na construção do perfil escolar das famílias e, ainda, reforça a ideia de um maior investimento nos estudos.” (PRADO, 2002, p. 196).

Quanto ao capital cultural do agente e de seus familiares, a maioria costuma frequentar cinema e teatro com certa assiduidade; já em relação à prática de leitura, todos afirmam realizar com frequência.

Relativo à fluência em idiomas estrangeiros dos familiares, todos confirmam possuir e, quanto à utilização de materiais audiovisuais internacionais, a maioria usa com certa constância. Em relação às viagens ao exterior realizadas pela família e a existência de algum parente ou amigo que reside ou nasceu no exterior, a maioria respondeu afirmativamente.

O total do grupo de docentes com filhos em intercâmbio consiste em duas mães, as quais realizaram estudos de língua estrangeira, sendo a língua espanhola estudada por ambas; seus ex-companheiros não realizaram nenhum tipo de estudo nesse sentido. Sobre a experiência de viagens ao exterior, uma viajou para fazer turismo e a outra nunca viajou, nem seus ex-companheiros.

Em relação à realização de intercâmbio, nenhuma teve essa oportunidade e nem os seus ex-cônjuges. Quanto ao nível de instrução dos pais dos docentes, alguns

certificaram que os pais possuíam escolarização baixa, porém outros, alta. Ambas não vão com frequência ao cinema ou ao teatro, mas possuem o hábito da leitura diária, possibilitado por meio da leitura de jornais e revistas, que proporcionam um conhecimento mais atual.

Levamos em conta esse aspecto, mesmo não se tratando de livros, porque houve uma ênfase na questão da informação política, econômica, cultural, ou seja, tais sujeitos buscam manter-se informados. O acesso a esses serviços pode atualmente ser feito via tecnologia, por meio de sites especializados, por exemplo, algo de nosso tempo, que não pode ser ignorado como aspecto cultural de nossa sociedade.

No que diz respeito à fluência em idiomas estrangeiros, ambas possuem, sendo o espanhol e o inglês as línguas fluentes. Acerca da utilização de material audiovisual internacional, uma o utiliza semanalmente, mas a outra não faz uso dele. Referente às viagens ao exterior, ambas não viajam, mas possuem parentes ou amigos que residem ou nasceram em outros países.

Foi entrevistada uma docente que possuía uma filha matriculada em escola bilíngue. A família fez estudos de línguas estrangeiras, a agente fez inglês e alemão e o cônjuge fez inglês e italiano. Fazem viagens ao exterior com frequência, com o propósito de fazer turismo. No que diz respeito à realização de intercâmbio, tanto a entrevistada quanto seu marido não tiveram essa experiência.

Quanto ao grau de escolaridade de seus pais e sogros, o pai fez o ensino médio e a mãe fez Magistério; já seus sogros apenas terminaram o ensino fundamental. A agente vai muito ao cinema e ao teatro e, em relação à realização de leitura, se mantém informada, pois lê toda semana. Sua família possui fluência nas línguas inglesa, alemã e italiana e as utilizam com certa frequência; esses idiomas foram aprendidos em cursos livres. Sobre a utilização de materiais audiovisuais internacionais, os usa mensalmente. Sobre o fato de ter parente ou amigo que reside ou que nasceu no exterior, a agente respondeu afirmativamente.

Das informações reunidas, é possível considerar que, entre as práticas culturais legitimadas, o incentivo e o reconhecimento do prestígio da leitura consistiram em unanimidade nos relatos dos agentes. Em relação à prática de frequentar teatro e cinema, de modo geral houve uma grande adesão por parte dos entrevistados, deixando evidente que essa utilização proporciona informações referentes ao consumo cultural das famílias.

Assim, ainda que tenha sido observada uma diversificação de estilos, as famílias investigadas reconhecem as formas de capitais mais rentáveis e procuram, por meio de alguns investimentos, atualizar o seu patrimônio familiar.

É interessante discutir sobre os diferentes tipos de capitais presentes dentro do contexto familiar, pois é na família que ocorre a acumulação, a conservação e a reprodução desses capitais, os quais têm um papel central na dinâmica familiar. É na herança familiar, ou seja, nos vínculos estabelecidos entre gerações, que são transmitidos os diversos tipos de capital, como, por exemplo, o simbólico, o econômico, o cultural, o social e o escolar, sendo esse último o dominante no que tange ao investimento das famílias na escolarização dos filhos.

Esses diferentes capitais estabelecem entre si relações diferenciadas, com pesos diferentes, constituídos na história da família, seus interesses, prioridades, até certo grau de liberdade ou não de cada agente. Disso trata Bourdieu (1996), ao trazer a família como algo que transcende seus membros, quando esse grau de liberdade ou autonomia pode ser substituído pelo interesse do grupo, em grande parte ocupado na manutenção do capital econômico.

É de se esperar que as individualidades, ou seja, os desejos pessoais algumas vezes podem destoar do interesse coletivo e, a depender de como cada família valoriza ou não o capital cultural, será dado um tratamento ou outro a ele. Portanto, o valor dado a cada capital e o peso que ele assume também se constitui na história da família. Sendo assim, há casos em que o desejo dos filhos não é o mesmo dos pais, então, pode sobressair, por praticidade e funcionalidade, a manutenção ou reprodução de práticas e conhecimentos que visam à manutenção do capital cultural familiar.

Também é possível, além da reprodução, observar um desejo e um esforço de superação, em que cada geração pretende avançar quanto às oportunidades oferecidas aos filhos.

Se em uma determinada família os pais tenham cursado o ensino médio profissionalizante e, posteriormente, estejam trabalhando em instituições públicas, admitidos por meio de concursos, com salários razoáveis para a média da população brasileira, seu desejo em relação aos filhos comumente aponta para a realização de cursos de nível superior, oportunidades de estudo e trabalho no exterior e carreiras economicamente mais promissoras. Isso não quer dizer que suas estratégias de fato trarão tais resultados, mas o que observamos é o desejo de que as gerações mais novas conquistem mais bens materiais e simbólicos.

Podemos compreender que a reprodução social da família inclui, além da transmissão dos vários capitais, a ajuda material que os pais proporcionam aos seus filhos, atualmente prolongada com o aumento da escolaridade. De fato, tem sido comum ver os filhos permanecendo mais tempo dentro da casa dos pais, usufruindo de seu apoio material e financeiro, o qual consiste em parte do investimento escolar que as famílias proporcionam aos seus filhos, visando tanto à perpetuação dos capitais já adquiridos pela família como também à facilitação de obtenção de outros capitais.

Podemos distinguir no ciclo de vida familiar uma fase importante, a do ninho vazio (*Empty Nest*), caracterizada pelo momento em que os filhos saem de casa. Nos anos de 1970, nasciam crianças de pais mais jovens, porém, atualmente, têm-se casamentos mais tardios (com idades mais avançadas) e, também, a maternidade mais tardia e, cada vez mais, se ouve falar em gravidez adiada por outros sonhos, como a carreira profissional.

A ideia de ninho vazio atualmente ocorre mais tarde, atrasando também esse momento que seria de novas negociações entre os cônjuges. Além disso, filhos saem, mas voltam, ou saem parcialmente da casa dos pais, ou saem cada vez mais tarde, acima dos 30 anos, o que também confunde essa dinâmica. Assim, todo estudo sobre família, de tempos em tempos, faz grandes esforços para acompanhar uma instituição em constante modificação. (SEGALEN, 1996).

Segalen (1996) menciona ainda sobre a importância do método histórico, isto é, de como desmistificar é um processo importante na análise de nossa sociedade. A família, as transformações da sociedade, as mudanças econômicas, técnicas e sociais podem ser analisadas e explicadas não mais a partir de modelos simples, lineares e únicos, para serem olhados e analisados ao longo do tempo, levando em conta esse olhar dialético da história, de observar os fenômenos e analisá-los na perspectiva não de alinhar teleologicamente, mas de perceber os momentos de virada, de mudanças que alteram nossa relação e percepção de mundo.

Podemos relacionar o aspecto da permanência dos filhos na casa dos pais também à maior liberdade de escolha. Caso os pais tenham ido buscar trabalhos bastante jovens ainda, muitas vezes deixando de lado seus sonhos, quando tratarem das relações com os filhos, terão a tendência de lhes propiciarem mais tempo para decidir suas vidas, persistir em seus objetivos, realizar provas de vestibular por vários anos consecutivos até conquistar uma vaga no curso desejado, inclusive lhes custeando as despesas.

Concomitantemente, a instituição família guarda resistência e, junto dela, a ação, que possibilita agregar novos parâmetros sem, contudo, deixar de existir.

Ao fazermos referência ao papel da família na vida de um indivíduo, consideramos que os elementos dentro de cada família participam na construção da trajetória familiar e, conseqüentemente, do seu próprio trajeto individual. A constituição do casal e o nascimento dos filhos baseiam-se na duração e na continuidade e esse prisma de duração e continuidade da família deixa perceptível a necessidade da transmissão de capitais, principalmente o capital cultural e o social.

Ao transmitir esses e outros capitais, como o escolar e o econômico, a família sinaliza aos seus membros que está deixando a eles um legado de possibilidades. Desse modo, a família projeta nos membros toda a expectativa da continuidade daquele contexto familiar específico, uma vez que a transmissão possibilita a redistribuição social.

O capital cultural e o capital social, se observados na dinâmica familiar, podem influenciar inclusive no modo como as famílias se relacionam com o capital econômico, ou seja, o grau de importância dado a esse tipo de capital e suas formas de produção e reprodução são também constituídos na cultura familiar, é aspecto aprendido.

Portanto, o capital cultural, para Bourdieu (1989), é uma noção proveniente da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho escolar entre indivíduos oriundos de grupos sociais diferentes, pois as desigualdades escolares são mais sensíveis ao fator cultural do que propriamente ao econômico. No que se refere especificamente ao nosso objeto de investigação, ou seja, a internacionalização de estudos, inferimos que existe nessa estratégia familiar uma seletividade que reproduz as posições sociais.

No que tange à relação entre gerações dentro da família, Segalen (1996) e Bourdieu (1996) apontam que a transmissão de modelos culturais é assegurada pela presença de gerações que desenvolvem trocas numerosas e contribuem para assegurar a reprodução social.

No entanto, Bourdieu (1996) amplia esse entendimento ao analisar a função da família não somente a partir da dimensão biológica, mas também no que se refere à reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Sendo o primeiro grupo ao qual nos afiliamos, a família é fundamental para a constituição da forma como lidamos com o mundo, como nos relacionamos em sociedade e com os capitais por ela produzidos.

Na relação família e sociedade é que entra a discussão da educação proporcionada aos filhos e, nesse caso, é necessário que ocorra um processo de aprofundamento dos laços que unem as duas instâncias de socialização infantil e juvenil (a família e a escola), cujas esferas de atuação precisam se intersectar, com a escola reconhecendo cada vez mais na família uma parceira importante para a realização de suas finalidades de formação.

Por outro lado, pelo prisma familiar, Segalen (1996) destaca os objetivos dos pais sobre como educar os filhos, fazendo um questionamento: seus métodos recaem mais sobre o controle, sobre o ambiente relacional ou sobre a motivação? Isso está diretamente ligado ao grau de escolaridade do pai, da mãe e, finalmente, do tipo de casal? Assim vemos que a educação dos filhos dependeria de certa organização familiar, ou seja, deve-se levar em conta o passado da família e seu peso, assim como a maneira com que cada família valoriza cada forma de capital e os esforços que são feitos no sentido de mantê-los, reproduzi-los ou introduzir novos valores familiares.

Nesse contexto é que entram as estratégias, pois elas são reproduzidas num sentido amplo de manter o que se tem e conquistar novos patamares. Também podem ser adotadas novas estratégias, que se relacionam diretamente ao capital cultural, simbólico e social da família, já que, nesses âmbitos, são discutidos e introduzidos caminhos e acordos.

No relato da docente cuja filha fez curso livre de línguas, a reprodução das estratégias (no caso, educacionais) para os descendentes aparece evidenciada: “Meus pais deram estudo para mim e hoje tenho mais condições financeiras que eles, por isso espero que minha filha faça uma faculdade no qual se identifique.” (CÉLIA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS). Célia teve a oportunidade de estudar porque seus pais propiciaram isso a ela e, em contrapartida, acha importante dar essa possibilidade para sua filha, sendo a utilização da internacionalização de estudos por meio do curso de idiomas um dos reflexos desse investimento.

Aqui é possível perceber uma expansão da estratégia: no relato fica subentendido que as condições da mãe, Célia, foram diferentes – a filha já teria condições de escolher a formação de ensino superior que desejasse o que, no caso da mãe, não ficou claro. É possível observar, historicamente, que as famílias das elites desejavam e desejam que seus filhos sigam carreiras que representassem e representam *status* e possibilidade de obterem rendas altas, como a medicina, o direito e a engenharia.

Do outro lado, as famílias com menor poder aquisitivo, as classes populares, possuíam e possuem acesso a outras áreas de formação, dentre as quais podemos exemplificar áreas com perfil profissionalizante, que eram conquistados por meio do ensino fundamental e médio e que tinha como prioridade a profissionalização.

A escola não oferecia e não oferece uma via de acesso à melhoria social e econômica da sua condição, instaurando no seu meio familiar ensinamentos técnicos, ou seja, a escola não soube e não sabe propor uma resposta concreta às necessidades das famílias desfavorecidas. (SEGALEN, 1996).

Já a intenção das classes médias é a de possibilitar uma ascensão dos seus descendentes, pois, segundo Segalen (1996), nessa fração de classe, a escola permite realizar as aspirações de mobilidade social e põe em prática valores culturais que são os da burguesia que a instaurou. Portanto, existe certa cumplicidade ao redor de um mesmo projeto de reprodução social.

Dessa forma, vemos que as disposições e as condições para acompanhar a vida escolar dos filhos e para responder às exigências implícitas e explícitas da escola não se encontram igualmente repartidas entre as famílias dos diferentes meios sociais, já que a complementaridade entre projeto familiar e escola é evidente para certas categorias sociais, mas não para todas.

Em relação ao investimento familiar na escolarização, Bourdieu (2008) ressalta que a escola tende a ocupar um lugar importante à medida que o aparelho econômico é desenvolvido e ganha cada vez mais complexidade. Esse investimento é perpassado pela perspectiva que a família transmite aos seus filhos, pois integra o sistema das estratégias de reprodução e cada geração realiza um grande esforço em transmitir para a geração seguinte os privilégios que possui.

Na teoria bourdieusiana, portanto, a transmissão dos capitais e sua incorporação pelos descendentes têm papel decisivo na formação acadêmica, intelectual, social, cultural, profissional e ética desses agentes. Dessa forma, não é possível pensar em escolarização sem se remeter à estrutura familiar de um sujeito e é plausível supor que as famílias tendem a buscar na escola os recursos necessários para atingir seus objetivos, possibilitando aos seus descendentes maiores oportunidades de desenvolvimento.

Também é possível inferir que a posse de capital cultural anterior proporcionada pela família facilita a aprendizagem dos conteúdos veiculados pela escola e, no caso das crianças provenientes de meios culturalmente favorecidos, a educação escolar é uma

espécie de continuação da educação familiar, enquanto que, para as crianças de outros meios, significa algo distante e estranho, já que o acesso a essa possibilidade lhes é vedado.

Se adentrarmos na discussão do que é a escola atualmente, seria pertinente dizer do acesso a conteúdos e práticas diferenciados ou discutir a qualidade da escola acessada pelas famílias em diferentes estratos sociais. Até mesmo as abordagens empregadas nas diferentes instituições de ensino interferem na formação dos agentes, visto que, como se pode considerar, depois da família o segundo grupo a que a criança é submetida é o ambiente escolar.

Para Romanelli (2010), a relação da família com a escola é mediada por determinantes macroestruturais e microestruturais. Os determinantes macroestruturais consistem em elementos externos à relação familiar como, por exemplo, o sistema de ensino e o mundo do trabalho. Já os determinantes microestruturais se referem aos elementos que estão inseridos na relação familiar, isto é, no processo de escolarização dos filhos pela perspectiva da família. Essa maneira de compreender a relação entre família e escola é interessante, porque possibilita observar que determinantes macroestruturais e microestruturais interferem nessa relação.

No que se refere à trajetória familiar e pessoal, os membros de cada família atuam na construção da trajetória familiar ao mesmo tempo em que essa trajetória influencia a tendência do seu trajeto individual e pessoal, ou seja, há um entrelaçamento entre a trajetória familiar e a individual. Além da questão das trajetórias, Bourdieu (1996) elenca dois pontos centrais na relação familiar: os laços afetivos e a questão econômica.

A economia doméstica está pautada pela lógica do amor, pois há uma troca amorosa entre gerações, sendo visível isso nas sociedades modernas, uma vez que as famílias permanecem unidas, muitas vezes, com seus integrantes possuindo laços muito fortes entre si, contudo, concomitantemente cada um preservando sua autonomia e independência. Como corrobora Singly (1996, p. 113):

Na família contemporânea, a noção de respeito mudou de sentido. Ela marca o reconhecimento não mais de uma autoridade superior, mas do direito de todo indivíduo, pequeno ou grande, de ser considerado uma pessoa.

Essa perspectiva permite discutir o papel da criança no seio familiar, já que ela é vista como um bem de consumo afetivo, cujo significado e lugar ocupado na família são

transformados, pois satisfazem as necessidades afetivas e relacionais dos pais, sendo a criança considerada o centro da afetividade familiar, ao invés de apenas o elo da cadeia geracional.

Percebemos que a afetividade atualmente é considerada um fenômeno valorizado entre as gerações, já que, mesmo estando distantes entre si, seus membros se interligam por meio das novas formas de comunicação e de novas tecnologias. Também há a situação de que a família possibilita apoio afetivo aos seus membros e tem a representação de uma fortaleza, que abriga os indivíduos, protegendo-os do mundo exterior. (SEGALEN, 1996).

Com relação à questão econômica no meio familiar, em algumas situações, há uma distribuição monetária que os pais concedem aos filhos, sem esperar nenhuma retribuição. O cuidado com as condições materiais, moradia, bens e serviços, todos fazem parte do que é ou pelo menos deveria ser garantido pela família aos filhos.

Parte da distribuição monetária pode de fato não esperar retribuições diretas, mas, indiretamente, o que é ofertado aos filhos deve resultar em ganho de capital, seja econômico, cultural, social ou simbólico. Nesse caso, o sentido é sempre o de agregar.

Podemos perceber essa relação no relato de um dos agentes da pesquisa: uma docente que optou por um curso de línguas como investimento educacional para sua filha: “Minha filha terá um estudo no qual vai auxiliá-la para futuros estudos, intercâmbios, etc., pois antes meus pais não tinham tantas condições e eu hoje posso dar para minha filha uma vida melhor.” (ANITA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Anita relatou que seus pais não tiveram muitas condições de investir em seus estudos, mas que ela pôde proporcionar isso a sua filha. As famílias das classes médias, mesmo sendo originárias muitas vezes das camadas populares e tendo ascendido socialmente por meio da escolarização, alimentam esperanças de continuarem ascendendo socialmente em direção às elites, pois suas condutas fazem parte de um esforço maior em criar condições à elevação na escala social. Portanto, a referida docente percebe a diferença entre a condição financeira de seus pais e a condição que ela possui atualmente, acreditando que, por meio dos estudos, poderá proporcionar uma vida melhor para a sua filha Evelin.

Elaboramos um quadro dos grupos pesquisados com o intuito de dar uma maior ênfase às características particulares e sinalizar as semelhanças e as diferenças entre eles, analisando as suas peculiaridades e aproximações.

Dessa forma, o quadro 8 traz as características dos grupos das famílias, sendo destacadas as semelhanças entre elas, bem como as diferenças existentes em cada uma em comparação com os outros grupos. De modo geral, o que foi buscado com as questões era observar o contexto de formação do capital social e cultural dessas famílias, se havia alguma relação entre o grau de intelectualização das famílias e o que elas projetam como expectativas para os filhos.

Quadro 8 - Estratégias dos grupos de famílias – semelhanças e diferenças

Grupos de Famílias		Semelhanças	Diferenças
1	Estudo em cursos livres de idiomas	• Estudo de língua estrangeira feito pela família • Realização de viagens ao exterior – turismo • Práticas culturais – cinema e teatro • Frequência no hábito da leitura • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Utilização de materiais audiovisuais internacionais • Parentes e amigos residem no exterior	• Família não fez intercâmbio • Grau de escolarização diversificado (alto e baixo) dos pais e sogros dos docentes
2	Estudo em intercâmbio	• Estudo de língua estrangeira feito pela família • Realização de viagens ao exterior – turismo – metade faz e outra não • Frequência no hábito da leitura • Utilização de materiais audiovisuais internacionais – metade usa e outra não • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Parentes e amigos residem no exterior	• Família não vai ao cinema e nem ao teatro com frequência • Cônjuges não cursaram língua estrangeira, nem fizeram viagens ao exterior e nem intercâmbio • Grau de escolarização diversificado (alto e baixo) dos pais e sogros dos docentes
3	Estudo em escola bilíngue	• Estudo de língua estrangeira feito pela família • Realização de viagens ao exterior – turismo • Práticas culturais – cinema e teatro • Frequência no hábito da leitura	• Família não fez intercâmbio • Grau de escolarização médio dos pais e sogros do docente

		• Utilização de materiais audiovisuais internacionais • Fluência em língua estrangeira entre parentes • Parentes e amigos residem no exterior	
--	--	---	--

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Organização: Souza, 2018.

3.1.1 Semelhanças entre os grupos de famílias

Tanto as famílias dos jovens de cursos livres de idiomas, dos jovens de intercâmbio, quanto da jovem da escola bilíngue realizaram estudos de idiomas, afirmam ter parentes fluentes em outra língua e, ainda, parentes e amigos residentes no exterior.

Os familiares de cursos livres de idiomas e da escola bilíngue viajam frequentemente a turismo para o exterior, contudo, do grupo de intercâmbio, apenas metade dos pesquisados realizou viagens. As famílias dos cursos e da escola bilíngue fazem uso de materiais audiovisuais internacionais, já as do intercâmbio, somente metade faz esse uso. Referente à ida com frequência a cinema e ao teatro, os parentes dos cursos livres de idiomas e da escola bilíngue afirmaram ir com frequência, já os familiares do intercâmbio não vão.

Entre os pais entrevistados, foi uniforme a informação de que todos têm o hábito da leitura. Em relação a isso, sabemos que a média de leitura do brasileiro é baixa em relação a outros países, o que também representa um diferencial quanto à formação de um capital cultural, ainda que levemos em conta a leitura de jornais e revistas com conteúdo informacional e político²³. Essas questões foram levantadas para aproximar, de modo geral, a formação do capital social e cultural dos jovens e a relação com o meio familiar.

²³ Pesquisa publicada em 2017 afirma que o brasileiro lê em média 4,96 livros por ano. Foram considerados leitores quem leu um livro nos últimos 03 meses anteriores à pesquisa realizada pela instituição Ibope Inteligência sob encomenda do Instituto Pró-livro. Embora o índice venha aumentando, ainda é baixo, se comparado a outros países. Outra pesquisa do Market Research World publicou o Índice de Cultura Mundial e trabalhou com horas dedicadas a leitura. A Índia aparece em 1º lugar mundial e o Brasil em 27º na América Latina. Disponível em: <https://www.institutoguimaraes.com.br/single-post/2017/07/27/Retratos-da-Leitura-%E2%80%93-Perfil-do-Leitor> e <https://bvl.org.br/quais-sao-os-paises-mais-leitores-do-mundo/>. Acesso em: agosto de 2018.

Observamos que coincidem as afirmações quanto a parentes que têm fluência em outras línguas e amigos ou parentes residentes no exterior, o que indica, grosso modo, que a internacionalização é uma prática no meio social e familiar. Quanto ao uso de materiais audiovisuais internacionais, apenas os familiares de intercambistas apresentam metade de usuários e os demais afirmaram utilizar, o que também é um indicativo a respeito do capital cultural das famílias que conseguem fazer uso desses materiais, ou seja, assistir a filmes, séries e outros em língua estrangeira.

3.1.2 Diferenças entre os grupos de famílias

As famílias dos jovens do estudo em cursos livres não fizeram intercâmbio e o grau de escolaridade dos avós é variado, o que indica que os pais estão buscando elevar esse patamar de estudos por meio dos filhos. Já nas famílias dos jovens do intercâmbio, seus componentes não vão ao teatro ou cinema com frequência, os cônjuges não fizeram cursos de idiomas, nem intercâmbio e nem viagens ao exterior. O grau de escolarização dos avós dos jovens também é variado, indicando, em alguns casos, uma escalada em relação ao quesito estudos. Na família da jovem da escola bilíngue, os familiares não fizeram intercâmbio e o grau de escolarização dos avós é médio.

Com relação ao perfil das famílias, a maioria possuía um número reduzido de membros, muitas vezes, constituída por pai, mãe e um filho somente, ou mãe divorciada e dois filhos. Essa tendência das frações das classes médias de controlar a fecundidade para permitir o investimento máximo de recursos em cada filho, aumentando as chances de propiciar-lhes um futuro considerado desejável e promissor, é denominado na teoria bourdieusiana de malthusianismo.

Outro aspecto a ser observado é que, no passado, enquanto uma sociedade de cunho mais rural incentivava as famílias a terem muitos filhos, na sociedade industrial e pós-industrial, os modelos de trabalho urbanos trouxeram nova compreensão sobre quando e quantos filhos ter, priorizando-se menor número e mais investimento centralizado para que os poucos filhos superem as conquistas de seus pais.

A seguir demonstraremos o quadro dos grupos de jovens (filhos), sendo evidenciadas as semelhanças e as diferenças das características dos grupos de filhos, sendo comparado um grupo com os outros.

Quadro 9 - Estratégias dos grupos de filhos – semelhanças e diferenças

Grupos de Filhos	Semelhanças	Diferenças
1	Estudo em cursos livres de idiomas	• Nenhum agente fez intercâmbio • Não há frequência de ida ao teatro, mas há com relação ao cinema • Desconhecimento com relação ao nível de escolarização familiar
2	Estudo em intercâmbio	• Um agente fez mais de um intercâmbio • Fizeram estudo de língua estrangeira • Alto grau de escolarização dos avós • Cinema e teatro – metade vai e a outra não
3	Estudo em escola bilíngue	• Agente não fez intercâmbio e nem cursos de línguas • Agente não vai com frequência a cinema e nem ao teatro • Grau de escolarização dos avós é médio.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Organização: Souza, 2018.

3.1.3 Semelhanças entre os grupos de filhos

As questões abordadas na pesquisa dizem respeito a uma formação cultural geral e realçam o aspecto de que a escolha pela internacionalização dos estudos é acompanhada pela busca de um sentido de erudição mais amplo. Procuramos por meio desses itens, identificar o contexto de intelectualização dessas famílias – seria, quem sabe, mais exato dizer a formação de seu capital social e cultural de maneira mais ampla. Isso é observado em suas afirmações sobre práticas de leitura e frequência ao cinema.

É importante ressaltar que o acesso a esses serviços e bens tem um custo e depende da estimulação no ambiente familiar. Esses custos podem também ser incluídos na busca de uma formação mais cosmopolita, urbana e internacionalizada desses jovens; o sentido desta pesquisa foi contemplar tais questões.

Em síntese, dentre os jovens de cursos livres de idiomas, do intercâmbio e da escola bilíngue, alguns pontos merecem ser apontados: todos têm parentes e amigos que residem no exterior, todos utilizam materiais audiovisuais internacionais e todos têm frequência no hábito da leitura.

Quanto à realização de viagens ao exterior pelo agente e familiares para fazer turismo, os jovens dos cursos livres de idiomas e a jovem da escola bilíngue fizeram, mas, no caso do grupo de intercâmbio, metade fez e a outra não. Esse mesmo resultado se referiu à fluência em língua estrangeira entre parentes, pois, no caso dos jovens do intercâmbio, metade tem e outra não e, nos jovens dos cursos de línguas e da escola bilíngue, todos possuem fluência. Esses pontos podem reforçar o sentido de buscar experiências e oportunidades relativas à internacionalização.

3.1.4 Diferenças entre os grupos de filhos

Já as diferenças realçadas relativas aos jovens dos cursos livres de idiomas, notamos que nenhum fez intercâmbio, como também há um desconhecimento com relação ao nível de escolarização familiar. Os jovens do intercâmbio possuem um alto grau de escolarização dos avós, fizeram cursos de idiomas e um dos agentes fez mais de um intercâmbio.

Sobre a jovem que estudou na escola bilíngue, não fez intercâmbio e nem cursos de idiomas (alega não precisar por conta do estudo em escola bilíngue), afirma não ir com frequência ao cinema ou ao teatro e o grau de escolarização dos avós é médio.

Quanto às atividades culturais, é interessante destacar que os jovens dos cursos livres de idiomas vão com frequência ao cinema, porém nenhum vai ao teatro; já em relação ao grupo dos jovens do intercâmbio, metade vai e a outra não vai ao cinema e ao teatro. A jovem da escola bilíngue não vai nem ao cinema e nem ao teatro, pois alega não ter tempo para esses tipos de atividades culturais.

Em relação à valorização do estudo dentro do contexto familiar, a maioria dos entrevistados (docentes e filhos) mencionou que estuda uma média de 2 a 4 horas por dia e no que se refere ao nível de escolaridade apresentado pelas gerações anteriores das famílias pesquisadas, uma característica presente foi haver pais e mães e sogros e sogras dos entrevistados com baixo e médio nível de escolarização, porém alguns apresentavam alto nível, proporcionando uma perspectiva de que a possibilidade de investimentos educacionais, desde gerações anteriores era um dado relevante.

No relato de Ana, docente cujo filho fez curso de idiomas, é relatado o nível de escolaridade de seus pais: “Eu pude proporcionar ao meu filho mais oportunidades que meus pais puderam, apesar dos meus pais terem estudado no passado.” (ANA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Ana vem de uma família em que a valorização do estudo já acontecia em gerações anteriores. Observamos que o fato de os avós terem nível superior é interessante para a construção do perfil escolar da família e também demonstra a ideia de um maior investimento nos estudos.

Portanto, quanto mais elevado o nível de instrução da geração dos avôs e avós, mais possibilidade de valorização familiar no que tange ao processo de escolarização. Isso ocorre porque ter filhos ou netos menos escolarizados pode representar simbólica e culturalmente um retrocesso, além da questão escolar em si. Dessa forma, é comum que se veja a manutenção de áreas escolhidas, em que as pessoas optam por áreas próximas às de seus familiares, uma vez que aquele caminho profissional já “deu certo” e, esse fato, de certa forma, modela uma cultura familiar.

Sobre isso, a teoria bourdieusiana sinaliza que as famílias fazem investimentos na educação na proporção do volume de seu capital cultural, ou seja, equivalentes ao peso relativo de seu capital cultural em relação ao seu capital econômico.

A função social da família é compreendida, no entanto, em uma perspectiva histórica e não naturalizada, uma vez que, por ser uma invenção datada historicamente, o modelo de família tradicional tende a reduzir, devido ao crescimento da taxa de coabitação fora do casamento e ao surgimento de novas formas de laços familiares que não existiam anteriormente.

Segalen (1996) aponta que os estudos históricos realizados sobre a família, nos últimos anos, mostram uma instituição em constante transformação, ou seja, que não desaparece, mas se adapta, se transforma. A sociedade e a família, para Segalen (1996, p.10): “[...] são o produto de forças sociais, econômicas e culturais comuns, sem que uma seja o resultado da outra.”

Quando se pensa na perspectiva histórica da família, as disciplinas história e sociologia da família mostram-se indissociáveis, pois tratam do passado e do presente daquela instituição. Portanto, conhecer o passado da família é fundamental para entender suas dinâmicas no tempo presente.

Quando refletimos sobre a história da família, que é também elemento definidor quanto à produção e reprodução dos capitais, de práticas e de crenças dentro do âmbito familiar, compreendemos sua relação temporal com a sociedade e ambas são transformadas por forças sociais, econômicas e culturais.

Podemos observar o panorama social geral ocidental e percebermos que há um tipo de resistência da instituição família, a partir de modificações e processos dinâmicos. Essa instituição se mantém transformada, revisada, acompanhando os processos históricos, sociais e culturais. A experiência histórica não denota o fim da instituição família, mas percebe-se que seu poder de resistência e adaptação, de fato, perpassou as sociedades baseadas em economia agrária e se adaptou à sociedade industrial e pós-industrial. Daí o valor de uma integração histórica ao se estudar a família, uma vez que o seu passado como instituição remete-se à sua capacidade de resistir.

Um dos processos de transformação diz respeito à própria topografia – famílias monoparentais, recompostas, monossexuais, por exemplo. Como elemento aglutinador sobressai-se o afeto que seus membros manifestam entre si e mantém-se o cuidado, a atenção ao outro, as trocas simbólicas e afetivas.

Essa discussão sobre as novas composições familiares é uma realidade da contemporaneidade, cuja tendência é uma constituição sem seguir necessariamente o

modelo tradicional de dinâmica familiar, mas sim apresentando novos arranjos e rearranjos advindos das necessidades afetivas das pessoas de se relacionarem.

Um autor que fez referência a essa discussão foi Vigotski (2003), que, em sua teoria do desenvolvimento, defendeu a importância do afeto para o aprendizado e para as relações familiares e sociais, assim como Wallon (1986); ambos são importantes teóricos da área do desenvolvimento humano. De acordo com Vigotski (2003), a afetividade, isto é, a maneira como nos relacionamos com o outro é fundamental na constituição dos vínculos e da qualidade destes, desde o desenvolvimento infantil.

Nossos vínculos são, em grande parte, determinados pelos afetos, pela maneira como o ambiente (e o outro) nos tocam, principalmente pelo modo como expressam suas emoções e sentimentos. A família, sendo um coletivo, tem seus laços constituídos e modificados conforme as relações afetivas.

Para esses teóricos, já havia uma valorização do afeto nas relações humanas, pois, para Wallon (1986), a afetividade é um dos aspectos mais relevantes em nosso aprendizado social, portanto podemos compreendê-la como um conjunto funcional que emerge do orgânico e obtém um status social na relação com o outro.

Dessa forma, quando se nasce numa família, os vínculos, para se constituírem, precisam ser estimulados e vividos. Podemos entender que, mesmo numa família com membros consanguíneos, a afetividade tem grande relevância na constituição dos vínculos sociais e, muitas vezes, se sobressai, ou seja, o afeto é o amálgama base dos grupos sociais e, dentre eles, a família.

A área do Direito se relaciona com a sociedade de modo a atualizar-se de acordo com suas demandas. Assim, a concepção de família também, para fins legais, tem sido revisada e bastante alterada nos últimos anos.

A Constituição Federal é a Lei Maior que dita os valores da sociedade politicamente organizada. Dessa forma, os princípios constitucionais passam a condicionar a interpretação dos institutos de direito privado, inclusive do direito de família. Nesse contexto, o conceito de família sofreu diversas alterações sendo necessário definir a nova concepção de família. (ALMEIDA, 2014, p. 255).

Destacam-se, nesse sentido, aspectos como comprometimento mútuo, projetos e propósitos em comum, atados por um laço de interesse afetivo de uns com os outros:

A Constituição Federal colaborou, portanto, para a transformação da família brasileira até a sua atual concepção. Do conceito único de família do início do século passado, que a identificava somente pelo casamento, chegou-se ao

pluralismo das relações familiares. Essas alterações redefiniram a família, sendo que o seu elemento caracterizador é o elo de afetividade, que une as pessoas, gerando comprometimento mútuo, solidariedade, identidade de projetos de vida e propósitos comuns. (ALMEIDA, 2014, p. 261).

O casamento, base da família em seu modelo clássico, deixa de ser o critério principal, visto que ocorre um deslocamento dos interesses econômicos, políticos, religiosos e concepção de procriação para uma ideia de pessoas que se complementam e, nesse caso, o interesse é deslocado para o bem estar das pessoas:

O Direito das Famílias está ligado ao princípio da dignidade da pessoa humana e, nesse âmbito, significa igual dignidade para todas as formas de família, independentemente de sua origem. Respeitar a dignidade da pessoa humana na esfera do Direito das Famílias é reconhecer como entidade familiar as relações que se baseiam no afeto (principalmente), e também, na solidariedade, no amor, na confiança e no projeto de vida em comum. Em síntese, é permitir o pleno desenvolvimento pessoal e social de cada um de seus membros. (ALMEIDA, 2014, p. 263).

Portanto, não se trata de juntar pessoas, mas de uni-las com projetos comuns, afetos, negociações, convencimentos, uma união também no plano das ideias, emoções e percepções de mundo, tudo isso enredado nas relações afetivas estabelecidas entre os sujeitos e o ambiente.

Bourdieu (1996, p. 129) aponta que os ritos de instituição visam “[...] constituir a família como uma entidade unida, integrada, unitária, logo, estável, constante, indiferente às flutuações dos sentimentos individuais”. Assim, ela “[...] age como uma espécie de sujeito coletivo, de acordo com a definição comum, e não como um simples agregado de indivíduos.” (BOURDIEU, 1996, p. 131).

Essa perspectiva da família como uma coesão de indivíduos e não como um aglomerado de pessoas coabitando em um único espaço físico possibilita uma maior comunicação entre seus membros, bem como uma satisfação em perpetuar os capitais. O relato a seguir demonstra a vontade da docente em propiciar a continuidade e a inserção de novos capitais por meio da internacionalização de estudos para sua filha:

As minhas expectativas com relação ao futuro da minha filha é que tenha o melhor possível que as oportunidades lhes oferecerem. Gostaria que ela tenha o aprendizado da língua estrangeira e o aprendizado dos costumes do país hospedeiro, porque acho que isso é um diferencial. (ELISA/DOCENTE/INTERCÂMBIO).

Elisa tem o desejo e a preocupação de que sua filha Janaína adquira conhecimento com a realização da internacionalização de estudos, pois acredita na

diferenciação, ou melhor, na distinção que essa estratégia educacional pode dar. Contudo sua fala se apresenta esvaziada, grosso modo, pois se trata de uma fala tautológica. O que seria de fato um diferencial? Esse diferencial é deliberadamente um elemento de distinção social? O que está por trás disso pode ser uma preocupação com a elevação do status econômico e social?

Retomando a discussão sobre os capitais, é relevante ressaltar que o termo "capital" remete a um valor, não necessariamente econômico, mas que produz algum efeito de posse ou poder. Na sociedade atual, os vários tipos de capitais se relacionam entre si de modo bem complexo. Ao detalhar os capitais mais utilizados na teoria bourdieusiana, vemos que o capital cultural é o produto interligado aos princípios e saberes que estão presentes no contexto das pessoas.

Como corrobora Segalen (1996, p. 118): “O capital cultural é o produto do que Bourdieu denomina os *habitus*, princípios, saberes, valores que estão literalmente inscritos no corpo, incorporados no indivíduo.” Ainda segundo Segalen (1996, p. 118), os capitais econômico e cultural são a dupla face de um mesmo processo, contudo com suas diferenças, já que o capital econômico se partilha e o cultural “[...] não se divide, desde que os pais tenham a preocupação da inculcação”.

Bourdieu (1989) também tem outra compreensão de capital cultural. Para ele é uma noção nascida da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho escolar entre indivíduos oriundos de grupos sociais diferentes, logo as desigualdades escolares são mais sensíveis ao fator cultural do que ao econômico propriamente. A família é o primeiro núcleo no qual se obtém o capital cultural, por isso há grandes chances de esse aspecto ser passado entre gerações, fazendo a manutenção das posições sociais – destacando-se aí um caráter elitista.

Outros capitais estão fortemente atuantes no cotidiano das pessoas nos diferentes contextos, estando presentes também as transformações contemporâneas, pois, nas últimas décadas, várias modificações vêm surgindo na sociedade, principalmente com o grande avanço das tecnologias de produção, informática e de telecomunicação, bem como com as mudanças ligadas às formas de percepção e interpretação da sociedade em geral.

Essa fase de transformações tem sido apontada pelo mundo econômico como o período de transição de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento, pois os recursos utilizados na produção, que já existiam anteriormente (como capital,

trabalho e terra), aliam-se ao conhecimento, possibilitando uma nova estrutura das nações e da forma de valorização do ser humano. (ANTUNES; MARTINS, 2002).

O capital intelectual, por exemplo, que está relacionado ao conhecimento e à modificação da estrutura de produção atual e das relações estabelecidas, tem sido valorizado na sociedade. Antunes e Martins (2002) apontam que, em um momento histórico em que a tecnologia e os transportes diminuem a importância da localização dos recursos de produção, a mão de obra humana é paulatinamente substituída por tecnologia, desencadeando o crescimento da biotecnologia, cibernética, softwares e produtos que consomem menos recursos materiais e mais recursos intelectuais. Dessa forma, o indivíduo que se destaca é aquele considerado detentor do conhecimento.

Valoriza-se assim, na lógica do capitalismo e das grandes corporações, o maior uso do aspecto mental e intelectual, das habilidades para projetar, alterar, produzir e operar tecnologias de produção. O capital intelectual, cuja teorização provém da administração e da contabilidade, possui alguns aspectos, os quais convém destacar:

Ativos Humanos: compreendem os benefícios que o indivíduo pode proporcionar para as organizações por meio da sua expertise, criatividade, conhecimento, habilidade para resolver problemas, tudo visto de forma coletiva e dinâmica. Capital Humano: composto pelo conhecimento, expertise, poder de inovação e habilidade dos empregados mais os valores, a cultura e a filosofia da empresa. (ANTUNES; MARTINS, 2002, p. 48).

Nesse prisma, levando-se em consideração os aspectos destacados na citação acima, o capital intelectual se assemelha ao capital cultural, nesse caso aplicado ao contexto do mercado, do capital, das organizações empresariais. Já os estudos da teoria bourdieusiana sobre o capital cultural estão diretamente relacionados ao grau de erudição e ao acesso à cultura de forma geral – um capital que tem sua captação diretamente ligada ao contexto social e econômico de cada indivíduo.

Nessa teoria, o espaço social conforma um campo de lutas no qual se elaboram individual ou grupalmente estratégias para melhorar ou manter a posição social e tais estratégias se relacionam aos diferentes tipos de capital.

Outro tipo de capital com grande expressão na teoria bourdieusiana é o capital escolar, pois a educação escolar é uma das formas de obtenção do capital cultural considerada tão útil quanto o capital econômico na determinação e reprodução das posições sociais. Juntamente com Passeron (1964, 1970), Bourdieu estudou a seletividade educacional, cujo objetivo é marginalizar os alunos provenientes das classes populares, enquanto propicia o favorecimento dos alunos mais dotados de

capital econômico, cultural e social, contribuindo sobremaneira para a reprodução, de geração em geração, dos capitais acumulados.

Essa opinião reforça a ideia de que não existe igualdade de chances no sistema educacional. O capital escolar aparece realçado como um dos elementos de manutenção de outros capitais, como o econômico, ou seja, um parece retroalimentar o outro.

Nesta pesquisa sobre internacionalização, direcionada a abordar o capital cultural e o escolar mais diretamente, percebemos os esforços envidados pelas famílias, inclusive direcionando o capital econômico – algumas com algum grau de sacrifício – para a formação dos filhos. Dessa forma, vemos que a educação, no que tange à internacionalização, apresenta também uma seletividade que reproduz as posições sociais e, conseqüentemente, a desigualdade social é acirrada.

3.1.5 Contexto das classes médias intelectualizadas em Campo Grande/MS

O objetivo deste tópico centra-se na discussão sobre as famílias das classes médias intelectualizadas em Campo Grande/MS. Nele analisaremos a articulação entre os aspectos econômicos, culturais e sociais demarcados por tais famílias, considerando que a utilização da internacionalização de estudos dos filhos sinaliza uma estratégia buscada para a preparação desses aspectos.

Numa perspectiva mais ampla, cabe fazer uma reflexão sobre a constituição social e cultural do contexto quanto às questões econômicas, políticas e simbólicas. O estado de Mato Grosso do Sul tem forte vocação agropecuária, caracterizado por relações com o campo e a produção basicamente de alimentos e produtos primários, sem expressividade industrial propriamente.

A elite local, que se formou desde os tempos da divisão do antigo estado de Mato Grosso²⁴, delineou, em grande medida, o tipo de intelectual que existiria no estado, já que a construção de valores simbólicos, como a cultura e a intelectualidade, é indissociável da questão que sociedade deseja.

Quanto aos capitais social, simbólico e cultural e o que é passado de geração a geração, é curioso mencionar como isso se constituiu, por exemplo, no ramo da política, pois há tempos observamos o peso do “sobrenome”, ou seja, a interessante ideia de

²⁴ No dia 11 de outubro de 1977, o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar n. 31, dividindo o estado de Mato Grosso e criando o estado de Mato Grosso do Sul.

família como sobrenome, já que, historicamente, políticos conhecidos elegem filhos e netos.

Nesse sentido, ocorre a manutenção do poder, dos capitais conquistados, com apelo cultural e simbólico. Tais relações são fundamentais para compreendermos a organização social, as estratificações sociais e os lugares que determinadas famílias ocupam no imaginário e na vida econômica, social, política, cultural e simbólica e na construção dos valores e relações estabelecidas nessa sociedade.

As estratificações sociais e seu poder de decisão não necessariamente estão relacionados ao fator econômico apenas, embora este esteja atrelado ao cultural e ao simbólico. Um exemplo que pode ser focalizado é o caso da implantação de usinas de álcool na Região do Pantanal. Em 2005, o governo de Zeca do PT recebeu apoio da Assembleia Legislativa para implantar tais usinas.

De acordo com Bittar (2009), essa atitude foi negativa e marcada pelo suicídio do ativista Francisco Anselmo de Barros, fato que levou a sociedade a um rebuliço de discussões e o valor simbólico, isto é, a ideia de defesa de um ecossistema ganhou mais relevância que o fator econômico.

As definições construídas sobre a sociedade e suas estratificações de classe estão diretamente relacionadas à sua fundação e às perspectivas adotadas pelos desbravadores desse processo e se tornam mais complexas na medida em que outros fatores se somam aos processos decisórios.

O fundamento da teoria bourdieusiana diz respeito ao fato de que a condição de classe ou a posição ocupada nas relações econômicas não são suficientes para designar as propriedades comuns que fazem de um conjunto de indivíduos um grupo social relativamente homogêneo.

Há outros elementos, como a posição nas relações de produção cultural e as disposições (*habitus*) para agir, pensar, sentir ou perceber, que influenciam essa situação e norteiam as preferências que, aparentemente, são individuais, mas que, na verdade, estão ligadas às estruturas sociais externas.

Nesse sentido cada sujeito se forma na relação com o outro, ou seja, na alteridade; logo, suas decisões, ações e opiniões não são tão individuais e pessoais quanto se possa crer – elas são balizadas o tempo todo por relações sociais e pelo contato com o outro. Na história da família, observamos que algumas crenças são passadas adiante, especialmente quando estão produzindo algum resultado compreendido como bom para o grupo.

O maior exemplo que podemos destacar da relação com o outro e quanto às estruturas sociais refere-se ao que já mencionamos anteriormente: nome e sobrenome. Quando as pessoas nascem, elas não têm condições de escolher o nome – ele é escolhido na família – e, muitas vezes, vem carregado de expectativas e sonhos que o sujeito nomeado recebe sem saber o que fazer disso.

O sobrenome, já que tratamos da ideia de família e classes, é também associado, em algumas sociedades, ao lugar/*status* social e, algumas vezes, relacionado à classe social e, ainda, ao capital simbólico, econômico e cultural. Na sociedade local, há sobrenomes que remetem imediatamente às personalidades políticas da elite agrária e pecuária, ou seja, trazem traços de como essa sociedade se organizou historicamente.

A teoria bourdieusiana aponta que há vários elementos a serem levados em consideração para que se possa definir uma classe social ou uma fração de classe, pois a definição não ocorre somente por sua posição nas relações de produção (cuja identificação acontece mediante os índices profissão, renda ou grau de escolaridade), mas ainda pela proporção entre a quantidade de homens e de mulheres correspondente à distribuição no espaço geográfico e pelo aglomerado de características auxiliares que podem funcionar como princípios de seleção ou exclusão. (BOURDIEU, 2007).

Isso posto, há outros aspectos que se podem denotar como indicadores para auxiliar nessas definições de classe ou fração de classe, que incluem capital social, cultural, simbólico, intelectual e econômico. Se formos avaliar, por exemplo, a questão da intelectualidade ou do capital cultural acumulado entre famílias de frações superiores das classes médias, será possível sinalizar variações consideráveis.

Há famílias em que falar outro idioma é um capital imperativo e passado de uma geração à outra, assim como conhecer, por exemplo, literatura clássica brasileira. Outras famílias de igual classe estariam mais interessadas em transmitir como capital aos seus descendentes conhecimentos práticos em investimentos financeiros.

São aspectos pouco homogêneos os que caracterizariam essas famílias, todavia o que importa a este trabalho é a priorização de famílias de classes médias intelectualizadas quanto ao interesse no capital cultural e outros capitais que se interligam.

Historicamente, no quesito Educação, o estado de Mato Grosso do Sul tem indicadores ruins. Bittar (2009, vol. 2) destaca que uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas (INEP), em 2007, sinalizava que Mato Grosso do Sul está abaixo dos números nacionais quanto ao rendimento escolar e à média de

desempenho dos alunos. Ainda segundo a autora, em uma escala de 0 a 10, a média brasileira situa-se abaixo de 4; nos países desenvolvidos a média é 6.

Já a média de Mato Grosso do Sul seria de 3,3, abaixo de oito outros estados, sendo eles: Minas Gerais, Santa Catarina, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Distrito Federal e Roraima. O que a autora evidencia é que “[...] a educação não foi considerada como política pública essencial para a construção de Mato Grosso do Sul durante esses trinta anos.” (BITTAR, 2009, vol. 2, p. 400).

Levando-se em conta a trajetória das famílias sul-mato-grossenses, os filhos de grupos das elites tiveram acesso às instituições particulares ou puderam morar fora para estudar, o que era comum, pois uma parte dos filhos das elites locais estudava em capitais mais cosmopolitas, como Rio de Janeiro e São Paulo e, em alguns casos, até mesmo em Londres ou Paris e, mais recentemente, Estados Unidos.

Suas expectativas e anseios em relação à escola eram variáveis, objetivando a manutenção de um *status quo*, de um histórico familiar, mas, mesmo dentro de uma mesma classe economicamente identificada, outros fatores, como os interesses e as ações, também fazem diferir seus papéis e pesos na sociedade.

Às classes populares restava e resta uma educação pública maltratada pelos governos, sejam estaduais ou municipais, pois, como foi visto, a educação não foi delineada, historicamente, como prioridade.

Desavisadas, as pessoas mais simples batalhavam por uma escolaridade mínima aos filhos, visto que, com a migração para os centros urbanos, ler, para se locomover, trabalhar e sobreviver se tornava necessário. A forma de ascensão, ao menos de um modo de vida rural para um urbano, eram os cursos de ensino médio, que preparavam para o trabalho. Eles significavam, talvez, o mais alto grau de ascensão que as famílias das classes populares almejavam.

No caso das classes médias, estas compreendem a necessidade de se obterem saberes mais cosmopolitas, como, por exemplo, dominar uma língua estrangeira e programas de computadores, ou seja, conhecimentos que possam “abrir as portas” para novas perspectivas de vida, de preferência, com rendas mais altas.

Referente à classe social, Bourdieu (2007, p.101) apresenta a seguinte conceituação:

A classe social não é definida por uma propriedade [...], nem por uma soma de propriedade, [...] tampouco por uma cadeia de propriedades, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas.

A abrangência no conceito de classe social no enfoque bourdieusiano deve-se ao fato de sua definição considerar não apenas o contexto econômico, mas também o conjunto de características que evidenciam como processos de inclusão e exclusão inseridos em uma classe.

As elites, por exemplo, são influentes de maneira distinta e, ao ocupar pontos estratégicos – como o caso das famílias de “magnatas”, de alto poder aquisitivo, que detém o poder midiático no Brasil –, influenciam o modo de pensar, agir e ser de muitas outras, como também decidem o que deve ser lido, visto, vestido e até pensado.

Nesse sentido, temos outra elite – mais delineada – proprietária dos veículos de produção e divulgação de informações, que se poderia evocar a elite da comunicação e que, ao dominar determinados campos simbólicos, se fazem distintas de outras, e orientam de certo modo comportamentos, saberes e práticas, por meio daquilo que se divulga na televisão, por exemplo.

Em algum momento na mídia, nos meios de comunicação, houve ou há alguma ação no sentido de ressaltar que falar uma língua estrangeira está associado a maiores oportunidades no mercado de trabalho, com melhores salários. No entanto, até que ponto a *mass media* e a internet tem papel na definição de quais capitais devemos produzir e de quais nos apropriar? Ao que parece a *mass media* responde por boa parte das escolhas que fazemos, sobretudo quando falta criticidade e consciência. Dirigida pela classe dominante, a *mass media* prescreve comportamentos e escolhas, na medida em que define também o leque de opções acessível a maior parte das pessoas. Quem está livre disso, e em que medida?

É de se esperar que almejemos como pessoas “subir na vida” ou “superar” nossos pais, e a possibilidade real de produzir e transmitir capitais se dá continuamente num processo de inclusão ou exclusão, isto é, de acesso ou não acesso às oportunidades.

Esses processos de inclusão ou exclusão podem ser compreendidos também quando se trata de capital cultural e capital simbólico. Por exemplo, determinadas grifes de roupas têm preços tão absurdos para uma boa parte da população, todavia, para outra parte, são continuamente acessíveis porque roupas caras fazem parte do cotidiano de certa parcela da população – enquanto para outra parte podem se tornar objeto de desejo, fetiche, presente para ocasião especial, afirmação de *status*, ou, ao menos, do desejo dele.

Numa determinada escola das elites, por exemplo, certa marca de tênis “vira febre” quando divulgada amplamente nas redes sociais e nos pés dos estudantes mais populares. Há famílias cujos filhos frequentam essas escolas por outros meios de acesso (bolsas de estudos ou descontos) e, para elas, a obtenção de um par dos tais tênis famosos pode ser algo realmente custoso, sacrificante, no entanto existe um esforço para sua aquisição já que simbolizam a manutenção do *status*.

Mas, e quanto à educação, ao saber, ao capital cultural e simbólico e, particularmente, ao escolar? Existe uma necessidade da manutenção desse *status* do intelecto e da cultura? O que observamos com frequência e está refletido no senso comum é que “Filho de peixe, peixinho é”. Essa reprodução pode ser vista, por exemplo, na escolha das carreiras profissionais, isto é, o filho ou filha do médico cirurgião comumente se torna cirurgião também. Seria esse um legado econômico, cultural, social, intelectual?

Deparamo-nos com uma manutenção de hábitos culturais, por exemplo, no fato de pessoas conhecerem museus de arte mundo afora, de realizarem viagens culturais ou de comprar livros ou obras de arte. Todavia esses hábitos são mesmo capazes de garantir a manutenção de um capital cultural? Ou podem exercer a função de um “verniz”, que tem a finalidade de simular determinada imagem de intelectualidade ou de refinamento cultural? Essa condição ocorre na sociedade campo-grandense especificamente? Tratar da intelectualidade numa determinada sociedade ou grupo não é tarefa simples. Quem seria o intelectual atualmente? E nas classes médias? A partir de quais marcadores se consideram tais e tais famílias das classes médias intelectualizadas?

Sob essa questão, Nogueira (2010a) considera a configuração de classe média intelectualizada um intento problemático e arbitrário, pois há diferentes perspectivas de análise que ocasionam conceituações por vezes adversas.

As classes médias podem ser descritas como um arco que vai do polo mais material, em que são enfatizados o nível de rendimentos e o potencial de consumo, ao polo mais simbólico, que leva em consideração os modos de vida e visões de mundo desse grupo. Como coloca Nogueira, em texto de 1995:

A marcante tipicidade das condutas das classes médias que – embora guardando certa diversidade sobretudo entre as frações mais equipadas em capital cultural e aquelas mais equipadas em capital econômico – têm como traço central e mais característico o fato de atribuírem à escola um lugar central em seus projetos de futuro, que são construídos a mais longo prazo (em contraposição ao curto horizonte temporal próprio das camadas

populares), e, com esse fim, mobilizarem amplos recursos (em tempo, energia e meios financeiros) postos a serviço de uma elevada "ambição escolar". (NOGUEIRA, 1995, p. 11-12).

Já os sociólogos focalizam a estrutura sócio-ocupacional e o acesso a bens como educação, saúde, habitação, entre outros, como aspectos definidores da classe.

Até recentemente, para exemplificar, o valor atribuído a um imóvel e até a classificação socioeconômica da família, poderiam ser reflexionados em número de banheiros existentes na residência. Não apenas associado à higiene, o “*toilette*” é também associado à educação, ao refinamento, ao embelezamento. Seu valor é um tanto quanto simbólico e outros aspectos simbólicos relevantes seriam o acesso à cultura e ao entretenimento.

Neste estudo, cujo objeto é a internacionalização de estudos como estratégia de famílias de classes médias intelectualizadas, focalizamos os hábitos relacionados à cultura e ao acesso a ela, entre estes, o hábito da leitura e o acesso a teatros e cinemas, ou seja, buscamos analisar se tais hábitos estão associados ao perfil das famílias que estudamos e se há alguma aproximação no comportamento de tais famílias quanto a esses itens relacionados ao capital cultural.

Devido aos diferentes aspectos de delimitação e análise do que é denominado como classe média e suas frações, optamos por levar em consideração na investigação sobre internacionalização de estudos a questão das condições econômicas, a fim de nos pautar em informações objetivas que pudessem ser mensuradas. Nesse aspecto, o “Grupo de Trabalho para Definição de Nova Classe Média”, da Secretaria de Assuntos Estratégicos do Governo Federal, em um levantamento preliminar que visou auxiliar a definição de classes médias, sinaliza que:

Embora não se possa definir com precisão o que é a classe média (dadas às múltiplas definições disponíveis), é razoável pensarmos que se trate de um grupo que varia em torno de um ponto que divide a população brasileira em duas, o que tecnicamente chamamos mediana da distribuição (50% estão acima do ponto, e 50%, abaixo desse ponto). Se estivermos falando da renda, estaremos falando do ponto em que 50% das pessoas terão uma renda menor e 50% terão uma renda maior. No Brasil, a renda correspondente ao ponto do meio é de R\$ 440,00 familiar *per capita*. Isso significa que 50% dos brasileiros possuem renda familiar *per capita* inferior a R\$ 440,00 e 50% possuem renda superior a R\$ 440,00 familiar *per capita*. (BRASIL, 2012, p. 5).

O Grupo menciona, assim, a metodologia utilizada para definir a faixa de renda que caracterizaria a classe média brasileira:

Dividimos a população brasileira em 100 pedaços de acordo com a renda domiciliar *per capita*. Colocamos os 100 pedaços na ordem da menor renda para maior renda (obtendo o que se chama tecnicamente de percentis da distribuição de renda). Verificamos quais os pontos de corte que dividem a população brasileira em 3 grupos (classe baixa, média e alta) de forma que o grau de vulnerabilidade seja o mais homogêneo possível do ponto de vista interno de cada grupo. O exercício estatístico resultou nos seguintes pontos de corte: 34º e 82º percentil. Assim, temos que a classe baixa termina no 34º, a classe média se situa entre o 34º e o 82º e a classe alta, do 82º em diante. Em seguida, olhamos para a renda familiar *per capita* correspondente a esses percentis, chegando aos valores de R\$ 291,00 e R\$ 1.019,00. (BRASIL, 2012, p. 6).

Consultamos ainda a tabela Critério de Classificação Econômica Brasil, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), ano 2015/2016, que levou em conta as seguintes variáveis: número de banheiros, empregados domésticos, automóveis, microcomputadores, lava-louça, geladeira, freezer, lava-roupa, DVD, micro-ondas, motocicletas, secadoras de roupas e, além disso, grau de escolaridade do chefe da família e acesso a serviços públicos.

A tabela classifica 7 níveis de renda, sendo: A, B1, B2, C1, C2, D e E. A classe alta teria renda mensal a partir de R\$ 20.888,00, enquanto a classe média ficaria entre R\$ 4.852,00 e R\$ 9.254,00. As classes menos favorecidas, de C1 a E então ficariam com renda entre R\$ 768,00 e R\$ 2.705,00.

A renda familiar bruta do grupo participante da presente pesquisa vai ao encontro do corte previsto oficialmente no país para designar classes médias e os agentes foram incluídos na categoria de classes médias intelectualizadas pelo fato de se tratarem de docentes universitários e suas famílias.

Todavia, vale ressaltar que a renda é somente um dos aspectos, sendo que, na constituição de uma consciência de classe ou de agrupamentos por classe mais complexos, outros dados são relevantes. Todavia, para objetivar um aspecto, a renda é um dado concreto, mensurável, como já foi dito.

Há outros itens para se levar em consideração, quais sejam: o uso dessa renda, o grau de escolaridade dos membros, o acesso à cultura, o capital simbólico, as ações, os anseios e projetos, especialmente quando se opera com a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu.

Pochmann (2012), com base nos dados estatísticos e metodologia de classificação da classe média divulgados pela Secretaria de Assuntos Estratégicos do

Governo Federal (BRASIL, 2012), menciona que a renda *per capita* dos brasileiros aumentou a uma média anual de 3,3% entre 2004 e 2010.

Outro dado importante foi que a participação do rendimento do trabalho na renda nacional cresceu 14,8% e o grau de desigualdade na distribuição pessoal da renda do trabalho diminuiu em 10,7%, o que pode sinalizar uma contribuição do regime democrático para a expansão do desenvolvimento econômico dessa classe social.

Nogueira (2010) corrobora esse entendimento, mostrando que o grupo que possui renda familiar mensal situada nos níveis médios, comparada à distribuição de renda do país (dentro de uma perspectiva estatística), aumentou de 43% para 52% da população nos anos de 2004 a 2008 devido à geração de empregos formais e às políticas de transferência de renda aos mais pobres.

As mudanças que ocorrem dentro de uma classe social estão diretamente relacionadas à situação socioeconômica e política da sociedade e isso ocorreu no caso das classes médias, já que o desejo e o esforço de ascensão são evidenciados e parte desses esforços inclui aumentar o grau de escolaridade e diversificar as oportunidades profissionais para as novas gerações.

Essas transformações pelas quais passam as classes médias refletiram-se, conseqüentemente, na área da Educação, pois é nessas classes, mais ainda do que nas classes superiores, que o processo de escolarização está fortemente integrado a uma estratégia de reprodução social, como já foi dito anteriormente. Nesse sentido, as famílias das classes médias se utilizam de várias estratégias educacionais, a fim de conseguir a preparação acadêmica e profissional de seus filhos, sendo que uma dessas estratégias é a internacionalização de estudos.

A internacionalização de estudos parece estar associada à expectativa de acesso a melhores oportunidades de trabalho no exterior, sobretudo nos países cujas moedas são mais valorizadas que a moeda brasileira, ou no Brasil, em mercados especializados, grandes empresas que pagam altos salários. Janaína, entrevistada como intercambista, afirmou ter conquistado o emprego desejado por ter o domínio de uma língua estrangeira.

Além disso, experiências de vida no exterior, em países economicamente mais desenvolvidos, carregam também valor simbólico e de *status* social. Há ainda uma tendência a acreditar que tais experiências podem também “abrir portas” para melhores oportunidades de trabalho no retorno ao Brasil, entretanto, não é possível afirmar

categoricamente que tais expectativas se consolidem com certeza e de maneira generalizada.

No caso desta pesquisa, temos a situação de uma docente que proporcionou intercâmbio a sua filha e revela em seu relato acreditar que o fato de ir para outro país permitiu maior possibilidade empregatícia à filha: “Minha filha atualmente tem mais condições de enfrentar o mercado de trabalho; esta experiência a enriqueceu muito.” (ELISA/DOCENTE/INTERCÂMBIO). Elisa sente-se realizada por ter possibilitado um recurso a mais para sua filha Janaína, destacando que a escolha por essa modalidade de internacionalização de estudos ofereceria benefícios a sua filha.

Para outra agente, a docente cujo filho fez curso de idiomas, colocá-lo para estudar nesse tipo de internacionalização, representa uma satisfação: “Estou satisfeita pelo João ter estudado línguas, se precisasse faria tudo de novo.” (MÁRCIA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

A questão que se coloca aqui é a seguinte: João encontra-se satisfeito com os resultados? Se refletirmos sobre o familismo, pode-se dizer que é conveniente que ele se satisfaça, contudo não podemos afirmar que sua satisfação é intrínseca. É justamente nesse paradoxo que se colocam as aspirações de pais, mães e seus filhos.

Nas duas entrevistas, as docentes manifestam um sentimento de realização por terem optado pela internacionalização de estudos como meio de proporcionar maior preparo a seus filhos. Também fica implícita nas respostas uma valorização do caráter simbólico e de *status* social no fato de os filhos terem domínio de outra língua. Isso pode ser identificado tanto no relato “a experiência a enriqueceu muito”, em especificar que tipo de riqueza, quanto na fala “Estou satisfeita pelo João ter estudado línguas...”. Algumas vezes os pais têm algum conhecimento de língua estrangeira, mas os filhos os superam, pois atendem a critérios como ler, falar e escrever fluentemente, ou seja, observamos que a motivação não é apenas econômica, embora a atinja.

Assim, as classes médias, mais do que qualquer outra classe social, vêm intensificando cada vez mais suas estratégias educativas para tirar proveito dos recursos culturais e econômicos de que são detentoras, favorecendo a escolaridade de seus filhos com o intuito de assegurar-lhes a reprodução ou a ascensão na escala social. Dessa forma, as classes médias realizam uma sofisticação dos seus investimentos educacionais, sendo que, para isso, o privilégio demanda um trabalho que requer intensidade e continuidade.

Esse aspecto de trabalho contínuo e intenso foi detectado por Nogueira (1995), quando analisou as práticas de investimento escolar, pois foram consideradas as relações das camadas médias com a escola, o que torna possível compreender uma série de práticas de investimento escolar, dentre as quais: acompanhamento da escolaridade dos filhos; seleção do estabelecimento de ensino; contínuo contato com os professores; auxílio nas tarefas de casa; reforço e maximização das aprendizagens escolares; presença assídua nas reuniões convocadas pela escola; e utilização do tempo fora da escola com atividades que favorecem o preparo escolar. Existe um esforço não apenas financeiro, mas também dedicação de tempo, isto é, um acompanhamento que se faz presente em todos os processos.

Evidenciar essas características não significa enquadrar as classes médias em um grupo que apresentaria práticas e trajetórias totalmente homogêneas e disporia de iguais condições socioeconômicas ou volumes de capital cultural. De fato, os membros de cada fração dessas camadas realizam práticas específicas para garantir o bom desempenho escolar de seus filhos.

No entanto, Segalen (1996) sinaliza que as classes médias possuem uma característica peculiar evidenciada: em várias famílias o nível de instrução de uma geração para outra é aumentado e, de um modo geral, isso propicia a ocorrência de uma mobilidade ascendente dentro das famílias de classes médias.

Essa mobilidade é necessária em uma sociedade em transformação em que novos saberes e novas qualificações são exigidos. Esse aspecto é observado no grupo pesquisado neste estudo, relacionando classes médias e aumento do grau de escolaridade nas gerações mais novas. Nesse sentido, a relação entre as classes médias e o ensino apresenta um papel central nos estudos contemporâneos da Educação e da Sociologia da Educação, pois as suas ações produzem e proporcionam a perpetuação, a inscrição e a reinvenção das iniquidades sociais. (NOGUEIRA, 2012).

O crescimento econômico dos anos 1950 e 1960 produziu uma ampliação dos estratos médios urbanos. Primeiramente, houve a necessidade de educação das famílias desses estratos e, como consequência, a expansão do ensino médio da rede pública. Apesar da busca por essa opção ter sido restrita a segmentos limitados da população, foi observado um acréscimo no quantitativo de estudantes que concluíam o ensino médio e depois ingressavam no ensino superior.

Porém, essa situação mudou nos últimos anos no Brasil, pois entrou em uma crise econômica significativa, transformando novamente a realidade das classes sociais.

Portanto, as classes médias sofreram alterações em decorrência dessa crise, todavia observamos que se trata de uma classe social que passa por mudanças constantes e possui um dinamismo que facilita a sua adaptação aos novos contextos.

Partindo dos membros dessa classe social, há um esforço no sentido de galgar degraus mais altos, por exemplo: se uma renda em 2019 é considerada alta, existe concretamente a chance de um filho das classes médias alcançar tal patamar por meio de concursos públicos em instituições que pagam tais valores. Esses cargos justificariam em grande medida os anos a mais de estudos, o empenho no aprendizado de outra língua, entre outros.

Na perspectiva de um casamento, duas pessoas com salários altos elevam a família ao *status* de grupos das elites, ao menos economicamente, tendo acesso a bens e serviços dessa classe. Isso também justificaria adiar os projetos de casamento por mais tempo, até alcançar determinados objetivos profissionais.

Os agentes desta pesquisa, cujos filhos estudaram em um curso de idiomas, trazem em seus relatos referências a essas transformações: “Atualmente é preciso fazer investimentos educacionais nos filhos, porque são novos tempos e então existem novas necessidades e oportunidades.” (CIBELE/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS). “Hoje há outras possibilidades financeiras e culturais.” (CRISTINA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS). “Vejo muitas diferenças entre os investimentos na educação que meus pais fizeram para mim e os que eu faço para meu filho, porque a sociedade mudou.” (ROBERTO/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Cibele, Cristina e Roberto conseguiram compreender as mudanças que ocorreram no período delimitado entre as duas gerações: a sua e a de seus filhos e reflexionam que a adaptação às novas condições precisa acontecer. Para que isso ocorra, as classes médias utilizam estratégias específicas, dentre as quais: estimular o desenvolvimento cognitivo e social, isto é, organizar uma estrutura no período escolar e também no tempo extraescolar, como aulas de idiomas, artes, esportes, etc. para que as habilidades necessárias para a vida escolar futura sejam desenvolvidas.

Adentrando mais especificamente a discussão sobre as classes médias intelectualizadas, que na teoria bourdieusiana é conceituada a partir de uma maior aproximação ao polo cultural, apontamos como características marcantes a disposição a um capital ligado às relações sociais e uma determinada familiaridade com a cultura e um “bom gosto” legitimados.

Essas características possibilitam uma ligação maior com as práticas culturais das elites e é isso que as fazem ter uma distinção que ressalta sua necessidade de se diferenciar dos comportamentos das classes populares e também daqueles das frações mais tradicionais da elite.

É possível confirmar a capacidade de flexibilidade que essa fração de classe tem e como ela apresenta uma mobilidade e versatilidade para adaptações a outros elementos, inclusive aqueles pertencentes a outras classes sociais. Esse enfoque é corroborado na teoria bourdieusiana, que menciona que as frações mais favorecidas das classes médias pelo aspecto cultural conseguem competir com sucesso no mercado escolar com as frações culturalmente mais desfavorecidas das classes superiores.

A afirmação acima apresenta a ideia de que investir na formação cultural e escolar para as classes médias significa um avanço real, ligado à questão da ação, da perspectiva, da dedicação a um determinado objetivo que é o de permitir aos filhos a superação do limite anterior.

Nas elites, algumas vezes o esforço para adquirir e manter capitais cultural e simbólico pode ser afrouxado pela supervalorização do capital econômico propriamente, que já foi conquistado. Assim, é possível nos depararmos com alguns jovens das elites sem outra intenção a não ser cuidar dos negócios familiares.

No que tange ao objeto desse estudo específico, Bourdieu (1989) utiliza o termo “convertidos” para se referir aos filhos de professores e de intelectuais e os considera uma parcela de fração mais rica em capital cultural devido aos investimentos familiares em sua trajetória escolar, os quais permitem a ampliação do seu capital cultural.

Dessa forma, o enfoque que adotamos na teoria bourdieusiana sobre as classes médias intelectualizadas, para nós, é o melhor para aproximações, pois se relaciona com a possibilidade de ser uma fração das classes médias na qual a ampliação do capital cultural está presente e, por isso, sua aproximação com a estratégia da internacionalização de estudos.

Algumas indagações são pertinentes quando se busca compreender as classes médias intelectualizadas na realidade de Campo Grande-MS: como é visto o intelectual dentro desse contexto? O que é ser um intelectual dentro dessa realidade? De que maneira está sendo construída a identidade do intelectual campo-grandense?

Como abordado anteriormente, o processo de construção da identidade do intelectual campo-grandense se relaciona ao fato de Mato Grosso do Sul ser um estado brasileiro que possui características econômicas e políticas ligadas ao agronegócio.

Pontes (1981, p. 107) considera que Campo Grande, desde sua origem, apresentava-se como uma cidade constituída de “[...] homens práticos, indiferentes às artes e afeitos às lides do comércio e da pecuária”, incluindo-se nesse contingente os profissionais liberais com diploma superior que vinham para o exercício da profissão e acabavam se “bovinizando”, conforme expressão utilizada pelo referido autor.

O posicionamento político, ao deixar de lado a educação dando-lhe papel secundário e até desvalorizado, segundo nos indicou Bittar (2009), é forte indicativo do que foi definido no âmbito das classes dominantes e dos privilégios de que desfrutavam. Como já foi dito, os filhos dos grupos das elites tiveram e têm acesso aos estudos fora do Estado, caso queiram.

A manutenção do *status* por meio do conceito de família enquanto “sobrenome” é outro aspecto relevante, conforme evidenciamos com o caso das eleições para cargos políticos, em que tradicionalmente famílias inteiras se mantêm. Essas também são construções de poder cultural, simbólico, social e, em última instância, abrangendo os demais, o econômico.

Amarilha (2006) também faz referência às características de agronegócio ao mencionar que a classe ruralista campo-grandense teve um papel relevante na efetivação de Mato Grosso do Sul em 1977, já que havia no sul de Mato Grosso uma elite economicamente forte, encabeçada pelos proprietários de terra (principalmente pelos pecuaristas campo-grandenses), os quais, a partir de 1940, dominaram a política do estado de Mato Grosso.

Os latifundiários que possuíam fazendas no sul do estado de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) enviavam seus filhos para estudarem nos grandes centros do país, como, por exemplo, o Rio de Janeiro. Quando voltavam para o estado, eram considerados “doutores”, termo utilizado em referência a “[...] uma maneira de ser grande, sinônimo de nobreza.” (AMARILHA, 2006, p. 167).

Essa situação se mantém até os dias atuais, haja vista que continua sendo uma tradição o envio de filhos para estudos em outros estados, dando uma conotação de que a formação em instituições públicas e privadas de Mato Grosso do Sul não é valorizada. Apenas recentemente a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) expandiu tanto em número de *campus* quanto na diversificação de seus cursos.

Igualmente a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), nos últimos anos, recebeu investimentos para contratação de professores e construção de *campus* próprio. Esse também é um aspecto a ser reflexionado a partir dos capitais

cultural e simbólico, sob a perspectiva de que, atualmente, há uma parcela da população e do poder público desejando outro perfil de Estado.

Todavia, ainda existe uma valorização simbólica, cultural e econômica sobre quem consegue estudar fora do estado ou até mesmo do país, já que esse foi um aspecto construído ao longo do tempo e, se hoje algumas universidades e faculdades têm cursos se destacando, deve-se isso, em grande parte, ao esforço dos próprios docentes em investir em sua formação e no compromisso com sua atuação, caracterizando, em certa medida, uma determinada classe social e intelectual.

Embora não se tenha nessa situação específica a variável do idioma estrangeiro, observamos uma aproximação com as motivações que interferem na escolha pela modalidade de “intercâmbio”, uma vez que, naquele período histórico, estudar no Rio de Janeiro propiciava, além da formação acadêmica, certo “verniz cultural”, pelo acesso a experiências diferenciadas em face do contato com outros modos de viver, considerados mais ricos do ponto de vista da cultura legitimada socialmente.

Essa circunstância corrobora a ideia de que também a criação do estado teve o mesmo propósito, pois, como menciona Bittar (2009), a criação de Mato Grosso do Sul atendeu aos objetivos da classe ruralista campo-grandense.

Vale destacar que os filhos doutores obtinham o título fora do estado, todavia, ao voltarem, exerciam atividades ligadas aos anseios e necessidades da família, já que o intuito era atender os objetivos econômicos e políticos da classe ruralista. Não se preocupavam necessariamente com manifestações culturais e não era interesse “[...] cultivar uma tradição cultural.” (AMARILHA, 2006, p. 199).

Nesse sentido, como sinaliza Amarilha (2006), a população do estado que estava ligada à produção agropecuária não conseguia delinear uma identidade cultural, pois pouco se preocupava com manifestações culturais.

A indagação sobre que tipo de intelectual existia e existe nesse contexto se faz necessária, pois, de acordo com Bittar (2009, p. 18): “O grupo dominante não se torna dirigente senão quando chega, por meio dos seus intelectuais, a exercer a sua hegemonia sobre a sociedade inteira.” Esse é o ponto de vista de que o grupo de intelectuais exerce uma influência significativa na sociedade, todavia, dentro da realidade campo-grandense, no passado esse grupo se aliava aos interesses da classe latifundiária.

Ao se aliar, em face de um discurso de construção de um estado rico, que crescesse a partir e em torno dessa riqueza agropecuária, a classe que se poderia evocar

intelectual fez parecer que isso constituiria também o valor cultural e intelectual, por si só.

Consideramos aqui o intelectual como uma figura que exerce alguma influência sobre a sociedade onde vive, por meio de suas reflexões e canais de fala, ajudando a definir seus contornos. Desse modo, à época, a elite intelectual reforçou essa identidade rural.

Bittar (2009) assinala que a ideia da necessidade de um novo estado elaborada pela classe dos proprietários de terra foi incorporada pela sociedade, contribuindo para que essa classe se tornasse hegemônica. Nesse processo, foram gerados os próprios intelectuais que atuaram na obtenção de um convencimento individual e coletivo, tendo ênfase a Liga Sul-Mato-Grossense. Outro destaque é o jornal *Correio do Estado* que, desde sua fundação, foi considerado ideologicamente partidário da divisão de Mato Grosso.

Com base no fato da origem da identidade da classe intelectual campo-grandense estar voltada a um grupo que tinha como finalidade atender os objetivos econômicos e políticos da classe dominante, que, no caso, era a classe ruralista, é importante levantarmos outras indagações para compreender como essa classe é constituída no momento atual: como é a perspectiva do intelectual campo-grandense na atualidade? Que tipo de intelectuais temos hoje nesse contexto? A postura do intelectual atual assemelha-se a do intelectual do passado?

Essas reflexões estiveram presentes em nossa investigação sobre a estratégia da internacionalização de estudos desenvolvida pelos professores universitários e seus filhos, que buscam adesão ao mundo globalizado.

Primeiramente, pareceu-nos propício reflexionar sobre o conceito de intelectual: seria mesmo esse o contexto das famílias estudadas? Esmiuçando conceitos a respeito do que seria o intelectual, passando por Benda (2007) e outros autores, o que parece ser o fio condutor da discussão é o fato de o intelectual ser aquele que detém um saber, que pode ser utilizado não apenas em sua profissão, mas para reflexões acerca da sociedade. Seu papel não seria exercido atrelado à remuneração, uma vez que a questão da formação acadêmica, do saber específico ou o domínio das técnicas configura-se como uma acepção ampla de intelectual, bem como a sua atuação na sociedade e a aplicação de seus saberes em atividade em esfera mais abrangente.

Nessa concepção mais ampla e também polêmica, o intelectual, de fato, trabalharia no campo da reflexão, de ideias, da análise crítica. Para Benda (2007), o único compromisso do intelectual reside na justiça, na verdade e na razão.

Portanto, os intelectuais seriam homens comprometidos em defender valores eternos, supostamente universais e desinteressados, como a justiça, sob a égide da razão e ao mesmo tempo protegida por uma redoma autodesignada como verdade, ou seja:

[...] todos aqueles cuja atividade, por essência, não persegue fins práticos, e que, obtendo sua alegria do exercício da arte ou da especulação metafísica, em suma, da posse de um bem não-temporal, dizem de certa maneira: 'meu reino não é deste mundo'. (BENDA, 2007, p. 144).

Esse mesmo homem, todavia, seria inclinado à traição, pois não haveria como não se contaminar as ideais universalistas com suas próprias certezas, as quais são traiçoeiras, na medida em que fortalecem paixões políticas e os afasta de uma necessária isenção. Qualquer outra motivação para sua escrita, que não fosse à justiça, a verdade e a razão, ou seja, qualquer outra função que mobilizasse sua escrita e produção seria considerada, traição, haja vista que as paixões os levariam a seguir outras motivações, maculando, assim, a idoneidade de suas reflexões.

Que essa função esteja mais que nunca deturpada por sua submissão a fins políticos é o que mostra o exemplo de tantos romancistas contemporâneos, não porque semeiem suas narrativas com reflexões tendenciosas (Balzac não cessa de fazer isso), mas porque, em vez de dar a seus heróis os sentimentos e as ações conformes a uma justa observação da natureza, dão-lhes aqueles que sua paixão política exige. (BENDA, 2007, p. 161).

O ponto de vista do autor supracitado sobre intelectual se refere ao indivíduo que tem valores estruturais, que apresenta solidez e credibilidade, não sendo considerado um sujeito ligado a circunstâncias ou que se utiliza do sentido da oportunidade.

Ele acredita, ainda, que a atividade do intelectual não pode ser direcionada por objetivos práticos ou materiais, sendo então motivadas e movidas por princípios de justiça e verdade. O que não significa um ser neutro e apático às questões que afligem a humanidade.

Reflexionamos que ser intelectual é ser um sujeito que visa a uma transformação da sociedade, que necessita ter uma proposição ética própria e que produz algo que seja baseado em suas convicções e valores morais, sem meramente reproduzir aquilo que lhe é posto, por exemplo, por um grupo dominante.

Outro teórico que faz referência ao papel do intelectual é Edward Said (1996). Ele concebe o intelectual no papel de opositor do *status quo*, sendo assim um provocador na sociedade, um sujeito que provoca as questões a partir de suas observações e reflexões: “O dever do intelectual é mostrar que o grupo não é uma entidade natural ou divina, e sim um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado.” (SAID, 1994, p. 44).

E ainda complementa: “A tarefa do intelectual é universalizar de forma explícita os conflitos e as crises, dar maior alcance humano à dor de um determinado povo ou nação, associar essa experiência ao sofrimento de outros.” (SAID, 1994, p. 53).

O autor nos possibilita inferir que o intelectual necessita ter a habilidade de intervir de maneira certa e no momento certo, como também necessita saber a melhor forma de se posicionar para poder ser reconhecido e ouvido com sabedoria. O intelectual não é “feito de uma hora para outra”, todavia vai sendo formado aos poucos, por meio da consonância entre a teoria e a prática e por meio dos consensos e dissensos advindos das relações interpessoais.

Algo importante a ser sinalizado ainda é que o intelectual precisa ser leal às suas crenças e convicções, pois sua postura se torna uma farsa se a sua maneira de agir contraria os princípios que acredita e defende.

Qual a posição que os agentes da presente pesquisa adotam sobre o que é ser um intelectual? Silvia, uma docente cujo filho fez intercâmbio, relata em sua entrevista:

Penso que ser um intelectual não é o mesmo que ler um número enorme de livros de autores e áreas diferentes. Ou ainda frequentar eventos de teatro e dança, ir ao cinema e participar de demais atividades culturais. Também não acho que a intelectualidade esteja nos títulos acadêmicos de mestrado, doutorado, pós-doc, etc., e menos ainda no hábito de ler (ver) jornal. Acredito que a intelectualidade está na habilidade (aprendida ao longo da história do sujeito) de relacionar as leituras, as experiências, os produtos culturais, de pensar criticamente a respeito deles. A intelectualidade não está no consumo, mas na digestão do conteúdo. Mais que isso, a intelectualidade está na habilidade (também aprendida) de transmitir essas análises para outras pessoas (no caso do professor universitário, para os alunos). Penso, por exemplo, na comparação entre um acadêmico que se dedica exclusivamente à pesquisa, à produção de conteúdo intelectual e um acadêmico que se dedica também à atividade docente. Acredito que as duas atividades sejam igualmente relevantes, e que, portanto, o pesquisador não deveria ser visto como “mais intelectual” que o professor, que pode não estar produzindo conteúdo original resultante de pesquisa, mas tem o árduo trabalho de ensinar alunos que, muitas vezes, não tiveram acesso a diversos conteúdos e aprendizagens ao longo da vida. (SILVIA/DOCENTE/INTERCÂMBIO).

O relato de Silvia revela que a docente remete ao ambiente acadêmico em que atua. Nesse contexto, o docente seria um intelectual, ainda que limitado a esse local, pois cumpriria o papel de agir diretamente no meio social, uma vez que seu trabalho consiste em transmitir ao discente conteúdos e aprendizagens.

Bernard-Henri Lévy (1988, p. 44) defende que o intelectual é “o cúmplice da dor dos homens” e afirma ainda:

Tanto podem ser versáteis, flutuantes, por vezes caprichosos na gestão da sua opinião, quanto, ao contrário, se tornar graves, tenazes, quase teimosos, logo que entram em jogo as regras e os princípios que comandam seu ato de escrever.

Lévy (1988, p. 61) enfatiza o papel do intelectual enquanto “[...] ilusão de um mundo onde saberiam prevalecer os valores do universal” e reforça o conceito de Benda (2007, p. 144): “O intelectual é a verdade, a razão e a justiça”. Afirma ainda que o intelectual é “um animal sobretudo moderno”, pois apesar de sempre ter havido escritores e artistas, não estiveram “[...] saindo de sua disciplina para, sem a sombra de um mandato, e fortalecidos por uma autoridade adquirida em outra parte, achar ao mesmo tempo natural e útil vir misturar sua voz aos grandes debates da cidade.” (LÉVY, 1988, p. 26).

Na opinião de Todorov (1999, p. 31), o intelectual é aquele que “[...] se sente mais preocupado com o bem público, com os valores da sociedade onde vive e participa dos debates que dizem respeito a estes valores.” Sartre (1994), por sua vez, considera que o intelectual só pode compreender a sociedade onde vive se adotar o ponto de vista dos desfavorecidos.

Sob essa perspectiva, Bobbio (1997) aponta que, ao mesmo tempo em que participa das lutas políticas e sociais, o intelectual não deve alienar-se, comprometer-se com uma postura político-ideológica, mas manter-se livre pensador, no âmbito da reflexão e crítica constante “[...] que o impeça de se identificar completamente com uma parte até ficar ligado por inteiro a uma palavra de ordem.” (BOBBIO, 1997, p. 79).

O relato da docente Elisa, cuja filha fez intercâmbio, evidencia seu prisma sobre o que é ser um intelectual:

Um traço que vejo no intelectual: maior familiaridade com os temas da vida. A literatura enriquece um repertório de ser, de pensar a respeito. Uma grande parte da população nos coloca nesse lugar do saber – do intelectual – porque de fato estamos num patamar bem diferenciado do da maioria das pessoas

[...]. Então sim, eu penso que no meio acadêmico os docentes são intelectuais, ao menos estão num patamar bem diferenciado da grande maioria da população. E nem estou falando de discriminar saberes e culturas. O intelectual pode apreciar samba, manifestações não eruditas de cultura, não se trata de qual cultura aprecia. O ponto é sua perspectiva: ele pode apreciar, viver o sentido estético da coisa, mas sua relação com o conhecer a respeito é que é diferente. Existe um desejo que foi estimulado de conhecer mais, de olhar em profundidade. Consumo ganha outro sentido. (ELISA/DOCENTE/INTERCÂMBIO).

Nesse posicionamento sobre o intelectual, faltaria seu engajamento de forma efetiva no âmbito político e social, embora esteja presente a questão da reflexão e de certo pensar autônomo.

Há alguns pontos convergentes nessas opiniões que nos interessam enfatizar: um deles é o fato de que o intelectual precisa estar em consonância com suas ideias, convicções e princípios, ter uma postura de defesa da universalidade, não priorizando questões particularistas e de interesse de um grupo hegemônico específico e, principalmente, proporcionar, com sua forma de agir e pensar, transformações na sociedade em que vive.

Por ser uma pessoa que acredita na igualdade entre os homens, não pode assimilar e muito menos reproduzir a ideologia burguesa, já que tal procedimento é contrário ao princípio de igualdade.

Quaisquer dessas acepções de intelectual, em face do momento em que se posicionam como figuras públicas, portadoras e divulgadoras de opiniões, podem ser inclinadas à dominação social ou à produção e reprodução de representações. Desse ponto de vista, não apenas quem ou o que é o intelectual é relevante, mas também sua função, isto é, aquilo que realiza na sociedade. Caberia, de certo modo, reflexionar o que se tem chamado de classes médias intelectualizadas de uma forma mais abrangente, como uma classe média erudita.

Vale ressaltar que, ao nos referirmos ao termo “grupo de intelectuais”, não podemos esquecer que sempre houve e ainda há diferenças dentro do próprio grupo, isto é, estamos fazendo uma generalização, todavia é possível encontrar divergências, particulares de atitudes e opiniões.

Outra questão que precisa ser pontuada neste estudo diz respeito a um grupo específico de intelectuais, que são os docentes universitários pertencentes às classes médias intelectualizadas, lembrando que a opinião de “intelectuais” aqui referida está relacionada à teoria bourdieusiana, que considera como classes médias intelectualizadas uma fração específica das classes médias, aquela que detém patrimônio cultural.

Nesse sentido, as transformações que estão ocorrendo com os intelectuais campo-grandenses provavelmente apontam o diferencial que vem garantindo uma nova caracterização a esse grupo como um todo, ou seja, pessoas que possuem os atributos norteados pelos teóricos anteriormente mencionados, os quais consideram relevante que o intelectual tenha um compromisso com as necessidades da sociedade e não atue a favor de interesses individuais.

Retomando ao grupo estudado especificamente nesta pesquisa, a busca por novas propostas de preparo acadêmico e profissional, que é o caso da procura por internacionalização de estudo como uma estratégia, sinaliza um indicativo de que algumas práticas são incorporadas e aceitas pelo grupo pesquisado.

Porém, cabe questionar sobre a percepção das famílias, quanto ao seu lugar de intelectualidade. De acordo com o que foi pesquisado, e levando em conta as narrativas e informações produzidas, compreendemos que a ideia de intelectual presente, baseia-se na perspectiva neoliberal, meritocrática e particularmente centrada na obtenção de um diploma de terceiro grau, e não especificamente relacionado ao capital cultural. E algumas questões emergem: os agentes pesquisados são mesmo atuantes em termos de uma reflexão consciente e crítica da sociedade como um todo? Em que posição se colocam frente ao sonho de uma democracia que de fato se estabeleça, proporcionando iguais oportunidades a todos?

4 ESTRATÉGIAS DITAS E NÃO DITAS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS: DO SONHO À REALIZAÇÃO

Em face de ser a escolarização o percurso que as famílias de classes médias intelectualizadas utilizam para a ampliação ou manutenção dos filhos ao contexto cultural e social, buscaremos abordar à parte, as estratégias que essas famílias mobilizam.

Ao longo da vida estudantil, essas estratégias se entrelaçam a alguns conhecimentos de várias formas frente ao mundo moderno e globalizado e, nesse sentido, são enunciados como indispensáveis, por exemplo, conhecimentos de informática e língua estrangeira. O acesso a cursos que tornem os sujeitos eficientes dentro desses conhecimentos, de certa maneira, é um privilégio que não custa barato.

As classes médias que visam à melhoria ou ao avanço na educação formal dos filhos investem nesses conhecimentos, seja por uma questão puramente cultural e social, seja pelo desejo de ascensão econômica. Porém, o fato de possuírem esses conhecimentos não é garantia de colocação no mercado de trabalho com melhores salários, todavia, sem eles, pode ser ainda mais difícil.

Esse investimento na formação escolar, quando possível, começa cedo, na escolha das escolas de ensino fundamental e médio. Nesse caso, não é surpresa que são menos valorizadas as instituições escolares que visam a uma formação humanista e que priorizem a autonomia de pensamento; na realidade são mais buscadas as que prometem, no caso do ensino médio, a aprovação no vestibular, de preferência, numa instituição pública.

É curiosa a dicotomia que se coloca: escolas caras na infância podem significar acesso à universidade pública, gratuita e, comumente, são mais bem vistas nas perspectivas cultural, simbólica e social.

No caso das famílias de frações das classes médias intelectualizadas, os investimentos culminam, algumas vezes, numa formação artística e cultural com o aprendizado de algum instrumento musical ou de alguma prática esportiva ou, ainda, com a realização de alguma viagem internacional, geralmente a um país da Europa ou Estados Unidos e, com certo peso, o aprendizado de uma segunda língua, muitas vezes atrelado ao desejo de oportunizar estudos e trabalho no exterior.

Em face ao fenômeno da globalização, o espaço social vivido torna-se eficiente ao objetivo das famílias intelectualizadas que, por sua vez, almejam as melhores possibilidades de estudos a seus filhos. Na análise da pesquisa, torna-se possível a observação das estratégias utilizadas, bem como sua relação com estratégias de favorecimento do desempenho educacional dos filhos.

No relato da mãe de um jovem que fez intercâmbio, é evidenciado o fato de acreditar que a utilização da internacionalização de estudos proporciona vantagens e, conseqüentemente, reforça o sonho de futuro melhor para o filho: “O intercâmbio ajudou muito meu filho na hora de se preparar para o vestibular.” (SILVIA/DOCENTE/INTERCÂMBIO).

Para Silvia, a utilização dessa estratégia possibilitou facilidades no processo de escolarização do filho, logo após a ida para o intercâmbio, e proporcionou a realização pessoal, ao conseguir alcançar sua meta, que era prestar vestibular. Nessa situação, o intercâmbio foi realizado antes do vestibular e atrelado pela mãe à aprovação do filho no referido processo seletivo.

Há indicativos, na fala da mãe, de que, nesse intercâmbio, o aluno frequentou aulas com conteúdos de pré-vestibular em outro idioma. Porém, cabe aqui uma reflexão: as aulas no exterior poderiam ser consideradas pela mãe mais eficientes que as aulas no Brasil?

Em outros relatos, a crença nos benefícios na área escolar, decorrentes do uso da internacionalização de estudos, também estiveram presentes:

Até o momento estou colhendo os frutos de ter estudado línguas.
(CLAUDIA/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

O curso de língua estrangeira me permitiu mais preparo nos estudos, pois ganhei bolsa de estudo para estudar em uma escola particular devido ao meu desempenho. (EVELIN/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

O curso de línguas me deixou mais preparado para os estudos porque, de alguma forma, contribuiu para concluir o ensino médio.
(JOÃO/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Tanto Claudia, quanto Evelin e João sentiram os reflexos dos estudos de línguas que realizaram logo depois de o terem feito e atribuem as vantagens que tiveram ao fato de terem escolhido realizar essa estratégia educacional. Os benefícios elencados pelos referidos agentes dizem respeito à possibilidade da continuidade da trajetória de

escolarização, dando à Evelin uma bolsa de estudo em uma escola particular e, para João, a conclusão do ensino médio.

João acredita que o aprendizado de outro idioma o ajudou na conclusão do ensino médio, enquanto Claudia acredita ter colhido “frutos” de forma vaga, sem especificar os benefícios obtidos. O caso específico de Evelin traz de volta a discussão sobre o custo das escolas mais renomadas, ou seja, preparatórias para os vestibulares e seu acesso. A dedicação ao idioma estrangeiro significou, na prática, uma vaga numa escola a que ela talvez não tivesse acesso caso necessitasse pagar integralmente por isso.

Dessa forma, as estratégias educacionais empreendidas pelas famílias de Claudia, Evelin e João são mobilizadas para que ocorra o movimento de transmissão dos capitais, principalmente o capital cultural. Reforçando a questão da relação entre família, estratégias e capitais, a teoria bourdieusiana focaliza o papel que a família possui ao transmitir seus capitais e, mais especificamente, o capital cultural.

Esse movimento de transmissão envolve a mobilização de vários tipos de estratégias, dentre elas as educativas, as quais se referem ao investimento realizado pelos pais para encaminhar os filhos para escolas e cursos considerados “ideais”, na ótica da legitimação da classe social pertencente.

Como observado, esses cursos ideais, em geral, giram em torno daqueles que garantam, ao menos em suas propagandas, aprovação no vestibular. Outro nicho de formação complementar são os cursinhos preparatórios para concursos públicos, que custam caro, todavia podem ajudar na conquista de um posto de trabalho bem remunerado. Todas essas frentes de ação são parte das estratégias familiares para o avanço do grau de escolaridade e ascensão cultural, simbólica, social e econômica.

Cabe sinalizarmos o conceito de estratégia pela perspectiva bourdieusiana, para a qual esse termo se refere ao senso prático, “[...] como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo, que se adquire pela experiência de jogo e que funciona aquém da consciência e do discurso.” (BOURDIEU, 2004, p. 79). Dessa forma, a estratégia é vista como o produto do senso prático, de um determinado jogo que é construído historicamente, pois os agentes o aprendem, desde a infância, participando dele.

Um exemplo que ilustra essa questão é o fato de que, se os avós de determinada família saíram de um meio rural, em que a escolaridade não somava muito, seus filhos avançaram até o ensino médio e os netos, vindo nesse sentido de escala, alcançam graus mais elevados de instrução, voltando-se a família a um modo de vida e formas de

trabalho de característica urbana; assim, essas mudanças vão sendo incorporadas de forma estratégica.

A teoria bourdieusiana compreende estratégias de reprodução como um conjunto de práticas por meio das quais os agentes possuem a tendência de ampliar ou conservar seus patrimônios e, dessa forma, melhorar ou manter suas posições na estrutura das relações sociais. No entendimento dessa teoria, a estratégia expõe uma dimensão reprodutora das condições que produziram o *habitus* (princípios geradores de práticas distintas e distintivas) e, concomitantemente, sinaliza a capacidade de integrar novos aspectos que possibilitam um ajustamento às circunstâncias momentâneas.

Há uma aproximação entre as estratégias e o *habitus* com as práticas empreendidas pelos agentes, a fim de atingir a manutenção e o desenvolvimento da posição familiar na estrutura social vigente.

Portes (1993, p. 17) menciona que a estratégia é definida como:

O conjunto de práticas e atitudes ideológicas ou morais que – consciente ou inconscientemente – cada grupo social põe em prática com uma finalidade, no caso de seu estudo a longevidade escolar.

Portanto, há uma finalidade para que ocorram as estratégias, ou seja, os grupos sociais se organizam para que as estratégias atuem com um determinado propósito.

Relativo a isso, na pesquisa desenvolvida, temos o relato de Cíbele, mãe da jovem que fez curso de idiomas. Ela comenta que o propósito da utilização da internacionalização de estudos se justifica pelo seguinte motivo: “Pretendo que minha filha se torne uma grande profissional e que tenha uma vida mais digna.” (CIBELE/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Na concepção de Cíbele, sua filha se tornará uma grande profissional porque, com a internacionalização de estudos, obterá um capital cultural acumulado, conseguirá ainda ter um domínio social maior e terá facilidades no mundo do trabalho, isto é, os benefícios na área do trabalho significariam também um avanço no padrão econômico.

Mas o que é dignidade? Uma família cujos membros trabalham e mantêm-se ativos, mesmo sem ter acesso a bens e produtos mais sofisticados, não têm dignidade? A palavra dignidade parece ter sido empregada de forma inadequada, no sentido de maior poder de consumo.

A questão que subjaz esse discurso é se realmente é possível obter todas essas condições realizando a internacionalização de estudos ou é necessário adquirir também

outros elementos para que isso aconteça? Cibeles também associa o crescimento profissional da filha ao fato de almejar uma vida com mais dignidade, deixando transparecer que, apenas quem consegue galgar mais qualificação escolar e profissional, é que usufruirá de uma vida digna. Nesse sentido, outra motivação familiar focalizada são os estudos no curso superior:

Espero que façam faculdade e sigam alguma carreira.
(SARA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Quero que faça seu curso em uma boa universidade e faça outro intercâmbio ou um curso de pós-graduação no exterior.
(SILVIA/DOCENTE/INTERCÂMBIO).

A trajetória estudantil é importante tanto para Sara quanto para Silvia, pois ambas acreditam que os investimentos que estão fazendo em estratégias educacionais, no presente momento, vão auxiliá-las na concretização de planos futuros na área acadêmica, ou seja, os sonhos das mães docentes serão realizados por meio dessa estratégia que utilizaram.

É importante observar que, tanto Sara quanto Silvia, ao valorizarem a realização de uma graduação, atrelam isso diretamente ao capital cultural e social e nem tanto econômico propriamente, uma vez que o diploma em si já satisfaria os primeiros, enquanto que o capital econômico depende ainda da atuação profissional, do tempo despendido e da real possibilidade de ascensão ou manutenção do *status*.

Em outro relato, a realização dessa estratégia educacional se refere ao fato de que é preciso atender as necessidades do mundo do trabalho: “Hoje há maior investimento por conta da exigência de mercado.” (ANA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS). Para Ana, o mundo do trabalho exige maior preparação e empenho por parte dos jovens que visam a uma qualificação melhor: o preparo escolar. Dessa forma, os recursos culturais (capital cultural), que são proporcionados a seu filho, auxiliam na obtenção dessa qualificação e, assim, mãe e filho se sentem realizados.

Há atualmente uma relação estreita entre exigência do mundo do trabalho e preparo e formação dos filhos e, nesse contexto, a participação da escola é central, pois para que ocorra a transmissão de um patrimônio cultural, é necessário que ações pedagógicas, exercidas tanto pela escola quanto pelas famílias das diversas classes sociais, operem em função da formação social.

Nesse sentido, é necessário que haja uma parceria entre escola e família, pois, para desenvolver sua formação social e escolar, o aluno precisa adquirir recursos tanto

simbólicos quanto materiais, permitindo o aumento no investimento das estratégias. A escola, então, tem a função de mediar essa aquisição, exercendo, consequentemente, a atribuição de formadora dos alunos.

Cabe salientar ainda o esforço, algumas vezes sacrificante, que as famílias de classes médias empreendem para dar aos filhos algo melhor do que o que tiveram. Existe uma crença de que somente propiciando tudo isso se pode educar um filho para o mundo moderno e contemporâneo. O que se defende é que, para o nível econômico e escolar dessas famílias, não haveria como recuar sobre esses pontos, pois a questão é avançar.

É evidente nas famílias cujos pais não têm nível superior, o orgulho e o contorno simbólico, social e cultural que ganha um filho graduado. A escolha da escola e do perfil dela sinalizam o que os pais almejam e que tipo de patrimônio simbólico, social e cultural pretende que seus filhos tenham.

A teoria bourdieusiana focaliza a função social da escola no processo de desenvolvimento intelectual e cultural dos agentes ao considerar a escola como transmissora de uma cultura que divide os que a recebem do restante da sociedade, pois esses indivíduos acabam adquirindo um sistema de categorias de percepção, de linguagem, de pensamento e de apreciação que os distingue daqueles que só tiveram acesso à aprendizagem veiculada pelas obrigações de um determinado tipo de trabalho. Esse pressuposto é central para se compreender a função da escola enquanto elemento desencadeador da distinção dos alunos, a qual possibilita trazer à tona alguns questionamentos relevantes para a obtenção e a ampliação das estratégias educacionais.

Nesse caso, é relevante ainda lembrar que, além do acesso ou não à escola, isto é, ao ensino formal, existe ainda uma distinção entre escolas diferentes, cujos objetivos são diferentes, além do poder econômico, dos serviços que oferecem, entre outros, o que faz com que determinadas instituições se tornem verdadeiros fetiches, ancoradas no capital simbólico, cultural, social e econômico.

Dessa forma, há as escolas que personificam os desejos dos pais, prometendo a eles a formação que desejam para os seus filhos e, nesse sentido, fazem todos os sacrifícios necessários para realizar esse sonho, que lhes confere ainda certo status.

Retomando a discussão da importância da formação social e escolar dos filhos, Romanelli (2010) sinaliza um aspecto que denomina de “familismo parental”, o qual se encontra ligado à relatividade da autonomia dos filhos diante das estratégias familiares. Uma vez que o encaminhamento dos filhos para o estudo e o trabalho aparece como

algo “natural”, eles incorporam o que foi determinado pelos pais como se fosse uma decisão sua e, assim, o desejo de autonomia dos filhos convive diretamente com o familismo parental.

O discurso que concretiza esses planos elaborados no familismo parental é transmitido de maneira próxima ao que seria uma cultura familiar – de modo a enredar as gerações mais jovens sem que estas o contestem. Todavia, em algumas famílias, e isso varia de cultura para cultura, os filhos contrapõem-se aos desejos e planos dos pais, enveredando por um caminho desejado individualmente, diferente daquele planejado no bojo do familismo parental. É possível que a expressão de desejos e planos individuais esteja ligada a uma formação mais humanista, que valoriza a autonomia dos sujeitos.

Ainda assim, o poder da família sobre os caminhos dados à vida dos filhos é grande quando há a necessidade e a possibilidade de ascensão, no caso das classes médias. No caso das elites, o que observamos é que o desejo de manutenção do *status quo* está presente, já que as facilidades econômicas e de acesso à cultura são aprazíveis, contudo é também no seio das famílias mais abastadas que se torna mais fácil acessar os sonhos mais pessoais como, por exemplo, a produção de filmes no Brasil, já que, em que alguns casos, os produtores mais conhecidos são herdeiros de redes bancárias.

São os pais pertencentes às classes médias e superiores que obtêm um máximo de rentabilidade de seus investimentos educacionais. Isso graças à possibilidade de acesso às informações sobre o sistema de ensino, à importância que atribuem à busca dessas informações, à capacidade que manifestam de discernir entre elas; mas também graças ao verdadeiro monitoramento que exercem sobre a vida escolar do filho, o que lhes permite apreciar, a cada momento e com razoável precisão, o desempenho e as chances escolares dele. A isso some-se ainda, no caso das camadas superiores, os trunfos advindos dos recursos financeiros e de uma rede de relacionamentos sociais que pode ser acionada em favor de uma boa colocação no mercado escolar. (NOGUEIRA, 2007, p. 54).

Mesmo com essas observações, podemos afirmar que a influência familiar sobre o planejamento da vida dos filhos é tão extensa que, muitas vezes, fica difícil discernir o que foi estratégia da família e o que partiu da própria decisão dos filhos. Podemos empreender então um questionamento que já havíamos feito anteriormente: o sonho da realização da internacionalização de estudo é da família ou do jovem? Ou pode ser considerado um sonho de ambos?

De fato, a autonomia dos filhos, algumas vezes, fica estremecida em função do familismo parental, sinalizando a dualidade entre essas duas vertentes, ou seja, entre as escolhas dos próprios filhos e as estratégias criadas pela família, ou ainda: é difícil

demarcar a fronteira entre o que é escolha e o que é manutenção de planos coletivos por meio de estratégias.

Mesmo dentro das estratégias, pode existir, por exemplo, um filho que sonha em estudar a língua russa, contudo, a língua inglesa americana é o idioma do mundo dos negócios, sobrepondo-se assim ao sonho da língua russa. Dessa forma, são sutis os limites entre sonhos e estratégias.

Nos relatos dos agentes, a influência familiar nas escolhas dos filhos esteve presente no relato da docente que colocou sua filha para estudar em uma escola bilíngue. A relatividade da autonomia da jovem ficou aparente quando a mãe demonstrou seu propósito de preparar sua filha para o mundo do trabalho: “Eu desejo que, depois da formatura, possa conseguir uma boa colocação no mercado, mas que continue estudando para o resto da vida.” (HELENA/DOCENTE/ESCOLA BILINGUE).

Para que esse discurso se mantenha, existe, por trás das propagandas sobre internacionalização de estudos, uma concepção de que o domínio de uma língua estrangeira pode colaborar na obtenção de postos de trabalho mais bem remunerados. Podemos buscar nas publicações midiáticas, casos exemplares de jovens que obtiveram sucesso ao ingressar em grandes empresas – porém é necessário observar que pode haver outras habilidades e perfis que colaboram na concretização desse sonho.

Além do mais, seria interessante quantificar quantos jovens brasileiros bilíngues ou políglotas, de um total percentual, efetivamente alcançam postos de trabalho com salários considerados altos, em grandes empresas de alcance internacional.

Helena almeja que sua filha Gisele consiga efetivar sua participação no mundo do trabalho, todavia também assinala que a filha necessita estudar a vida inteira. O que é realização acadêmica e profissional para Helena? Seu relato deixa transparecer seu posicionamento sobre a maneira de lidar com o mundo do trabalho e ela reforça sua opinião no questionamento sobre a diferença entre as expectativas escolares e profissionais de seus pais para com ela e aquelas que ela tem hoje para com sua filha: “Existe uma diferença nas expectativas, hoje há exigência de maior formação profissional.” (HELENA/DOCENTE/ESCOLA BILINGUE).

Além da valorização familiar no investimento educacional, Helena justifica sua maneira de perceber o mundo do trabalho alegando que, na atualidade, a cobrança por uma formação profissional é maior do que em tempos anteriores e, então, acredita que sua filha precisa estudar mais. Entretanto, o que significa estudar mais? O relato não

define do que se trata; poderia ser desde um proposto refinamento cultural como, por exemplo, aulas de piano, canto, pintura ou, após ingressar numa carreira profissional, realizar uma pós-graduação ou, ainda, realizar outros cursos de idiomas ou melhorar o domínio de um idioma já estudado.

No relato de Márcia, docente que colocou seu filho para estudar em um curso de idiomas, ao perscrutarmos a diferença do investimento que seus pais tinham empreendido para seus estudos e o investimento que a agente tinha realizado para os estudos do seu filho, ofereceu a seguinte resposta: “Meus pais não tiveram condições de investir muito em meus estudos, mas eu e meu esposo tivemos condições de investir na formação do nosso filho.” (MÁRCIA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMA).

Mesmo que não seja uma constante em todas as famílias, em muitas situações, quando uma família empreende uma busca por uma estratégia educacional por ter sonhos de realização para seus filhos, já se subentende que o familismo parental está presente, visto que, muitas vezes, a família precisa manter sua condição no meio social e, para isso, reproduz suas estratégias educacionais.

Além disso, até pelo maior tempo de permanência dos filhos na casa dos pais, as estratégias familiares estão sendo também resolvidas no âmbito da família, com maior participação dos pais, que, além de pais, são mantenedores dessas estratégias.

Relativo à discussão sobre as expectativas familiares se sobrepõem às escolhas dos filhos, na realidade educacional brasileira há uma situação de dominação que incide na cultura escolar, ou seja, existe uma questão no imaginário de que, ao realizar uma atividade de estudo no exterior ou fazer o aprendizado de uma língua estrangeira, isso diretamente proporciona o êxito esperado.

Esse é um aspecto de cunho sociocultural que proporciona uma postura de idealização, pois a internacionalização de estudos mobilizada pelas famílias brasileiras não deixa de ter um aspecto imaginário que se formou cultural, social e historicamente, com base na crença de que o estudo internacionalizado é uma “porta de entrada” para a realização pessoal, acadêmica e profissional e, em face disso, as famílias de classes médias sonham com essa propositura.

Há uma distinção marcante nessa discussão que é o fato da incorporação dessa idealização estar tão arraigada ao imaginário social que fica a crença de que quem não consegue realizar tal estratégia, não vai conseguir se tornar uma pessoa realizada. Todavia, seria necessário um estudo que efetivamente quantificasse e qualificasse a eficácia dessas estratégias quanto à efetiva realização pessoal, acadêmica e profissional

desses jovens. Historicamente países desenvolvidos contratam estrangeiros em postos de trabalho com menores salários, dessa forma é possível ter em mente que um empregador estrangeiro daria preferência a um jovem de seu país para pagar melhores salários.

No que tange à situação do imaginário presente na concepção da família sobre o sucesso que a internacionalização de estudos possibilita, sua definição é assim apresentada por Pesavento (1995):

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o verdadeiro e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer. (PESAVENTO, 1995, p. 24)

Chartier (1991) faz alusão à questão da representação quando menciona a postura que os indivíduos têm com relação ao seu mundo.

As tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (CHARTIER, 1991, p. 177).

No que tange às relações entre os indivíduos de uma sociedade, muitas ações e comportamentos que ocorrem no seio da sociedade estão ligados à imagem, ou seja, à representação daquilo que é demarcado e, principalmente, imposto pela sociedade. Existem os símbolos (signos) que são definidos pelo grupo dominante de uma sociedade cujo papel é determinar a condução das vidas dos elementos de um grupo social. Chartier (1991) focaliza que a relação de representação é compreendida como a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro, porque lhe é homóloga.

A representação é transformada “[...] em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada.” (CHARTIER, 1991, p. 185-186). Nesse sentido, o referido autor, ao fazer referência às questões de respeito e submissão que proporciona uma exigência interiorizada, assinala o entrelaçamento entre aquilo que o grupo pesquisado quer conquistar com aquilo que é

necessário ser feito (como uma exigência) para que seja alcançado, tendo em mente que as vantagens da internacionalização de estudos estão presentes no imaginário da sociedade brasileira e, esse imaginário, vale reforçar, foi social, simbólica e culturalmente construído.

Reportando-nos à situação dos agentes dessa pesquisa, ao buscar o recurso da internacionalização de estudos como uma estratégia educacional, essa situação é percebida nos relatos dos agentes, pois o investimento financeiro que vários pais efetuaram e efetuam, muitas vezes com dificuldades para isso, demonstra uma necessidade de obterem vantagens e benefícios que são colocados como importantes pelo ângulo da sociedade, já que temos, no Brasil, uma cultura de valorização do que está no exterior, em detrimento das condições internas que temos aqui.

Nesse sentido, os esforços familiares são grandes para a concretização desse sonho, uma vez que, muitas vezes, as famílias (mesmo as de classes médias intelectualizadas) deixam de satisfazer outras necessidades para terem o sonho da internacionalização de estudos realizado. Isso foi evidenciado ao longo do desenvolvimento da pesquisa com os docentes entrevistados, principalmente quando se referem ao fato de os seus pais não terem tido condições para o investimento escolar dos filhos (docente e irmãos), porém eles puderam possibilitar a seus filhos. Dessa forma, trata-se não apenas de disposição, mas também de investimento financeiro.

Os investimentos educacionais que as famílias fazem (muitas vezes com grandes esforços) incidem sobre o critério de escolha de um estabelecimento de ensino mesmo no Brasil. A análise da escolha da família por uma determinada escola não deve ser vista apenas pelos elementos que compõem as motivações, mas deve contemplar as circunstâncias da escolha. Logo, a pesquisa sobre a forma com que os pais chegam até a decisão possibilita relevantes informações sobre a conduta dessa família e sobre a sua relação com a educação dos filhos.

Para tornar essa discussão mais visível, podemos fazer uma analogia considerando a situação de um jogador que está participando de uma partida. A família seria o jogador e a partida seriam as estratégias empreendidas. No caso, o jogador (a família) “aposta todas as fichas” no bom desempenho escolar e profissional dos filhos, nem que, para isso, não sejam levados em consideração os interesses e as motivações pessoais dos filhos, mas sim as expectativas familiares.

Esse é um posicionamento controvertido que muitas famílias possuem. Afinal, a família toma as decisões e, ainda, decide o perfil da escola e o caminho a ser seguido,

porém o perfil do indivíduo e o tipo de conhecimentos aos quais ele poderia dedicar-se com certo grau de prazer pode ser desprezado nesse jogo, formando, quem sabe, um profissional altamente burocratizado, exercendo funções que talvez não desejasse de fato. É comum, por exemplo, encontrar pessoas que passaram a vida sendo dentistas, mas queriam mesmo ser arquitetas ou musicistas. Não se pode afirmar, com precisão, quantos e que tipos de prejuízos isso significou ao longo da vida do sujeito.

Há uma relação estreita entre esforços, estratégias e investimentos, pois é interessante associar as estratégias empreendidas pela família com as expectativas e investimentos. No relato a seguir, ficam evidenciados os esforços pessoais que a docente empenhou para que sua filha, que fez intercâmbio, usufrísse da estratégia da internacionalização de estudos:

Tenho mais condições financeiras do que meus pais para fazer isso e hoje existe mais acessibilidade para fazer os investimentos. Meus pais eram semianalfabetos com dez filhos e financeiramente prejudicados. (ELISA/DOCENTE/INTERCÂMBIO).

Elisa faz uma comparação entre sua condição financeira atual com a condição de seus pais, sinalizando as dificuldades que eles tinham até mesmo para investir nos estudos dela e de seus irmãos e assinala a facilidade que possui hoje para fazer investimentos educacionais, já que há uma acessibilidade maior para isso.

A acessibilidade colocada deve-se à propagação dessa representação sobre as estratégias de estudos expressas, de uma maneira geral, em cursinhos de pré-vestibular e cursos de idiomas que prometem fluência com métodos inovadores e que se multiplicaram por todo país. Essas instituições configuram-se como um negócio, visto que algumas escolas viraram franquias, com o apelo de aprovação nos mais concorridos vestibulares do país, oferecendo serviços a custos altos.

O relato de Elisa demonstra uma situação que precisa ser levada em consideração, que é a influência do capital econômico na busca por estratégias educacionais. A ascensão econômica que a família de Elisa teve de uma geração à outra esteve presente no relato: os pais dela eram provenientes das classes populares o que, possivelmente, tornava difícil proporcionar-lhe os estudos. Já Elisa, atualmente, se encontra nas classes médias intelectualizadas que intensificam e refinam cada vez mais as suas estratégias educativas com o intuito de tirar o máximo proveito dos recursos que possuem – tanto culturais quanto econômicos – a favor da escolaridade dos filhos.

É possível reflexionar que o capital econômico “abre portas” para o aproveitamento escolar, no entanto o que efetivamente o concretiza é o capital cultural. O capital econômico propicia o acesso a certos estabelecimentos de ensino e a determinados bens culturais mais caros como, por exemplo, produtos e serviços para escolares e viagens de estudo. Contudo, o aproveitamento escolar que emerge dessas oportunidades depende do capital cultural que foi possuído previamente; dessa forma, os capitais econômico e social muitas vezes são vistos como meios auxiliares na acumulação do capital cultural.

Algumas vezes, a família necessita ter um capital econômico considerável para conseguir realizar as estratégias que deseja, porém o que realmente vai pesar na determinação do desempenho escolar é a ampliação do volume de capital cultural, já que este constitui o elemento da herança familiar que possui maior impacto na definição do destino escolar. Os capitais, principalmente o capital cultural, são decisivos na transmissão do patrimônio familiar, bem como se relacionam com a possibilidade de investimentos escolares e com as expectativas de melhor preparo para a vida acadêmica e profissional.

Em síntese, para conseguir obter e deter um relativo capital cultural e simbólico, tal prática deve estar inscrita na cultura familiar ou pelo menos na do jovem. Daí esses pais realizarem esforços desde a infância de seus filhos, para que eles possam chegar à adolescência e à vida adulta preparados para uma etapa mais avançada, isto é, de produção e acumulação de capital cultural, social e simbólico, que, por sua vez, como já foi sinalizado, retroalimentariam ou aumentariam a possibilidade de se conquistar mais capital econômico. Trata-se, assim, de uma ampla busca por ascensão relativa a todos os tipos de capitais.

4.1 A estratégia da internacionalização de estudos no mundo globalizado

O objetivo deste tópico é buscar compreender como a estratégia de internacionalização de estudos se aplica aos interesses das famílias de classes médias intelectualizadas, a fim de propiciar condições culturais e sociais aos filhos, de modo que tenham melhores possibilidades na sociedade globalizada.

É preciso ressaltar que há várias práticas de estratégias relativas à internacionalização de estudos que são encontradas em maior ou menor número entre as

famílias e, dentre elas, podem ser citadas: viagens de turismo, cursos de idiomas feitos no exterior, períodos passados na casa de famílias conhecidas residentes no exterior, intercâmbios escolares, utilização de idiomas estrangeiros dentro de casa, cursos de línguas feitos no próprio país, estágios profissionais realizados no exterior, dentre outros.

Há um discurso midiático que reforça tais ideias, pois é comum nos depararmos com propagandas, nos mais variados suportes, de escolas de idiomas e outras instituições que garantem fluência no idioma, embora fluência seja um termo impreciso, difícil de definir. As instituições escolares de grande porte, verdadeiras empresas, ofertam como um chamariz viagens internacionais em grupo e esse serviço aparece em instituições de nível superior como, por exemplo, em cursos privados de arquitetura e outras áreas, que oferecem viagens culturais regulares ao longo da formação.

Tudo isso tem alto custo financeiro, calcando-se na oferta de uma formação diferenciada, com experiências globalizantes. Em certa medida, os congressos acadêmicos internacionais acabam também oferecendo um pouco dessa troca, isto é, desse intercâmbio.

Essa diversidade de opções pode proporcionar uma ampliação do universo individual e familiar para outras possibilidades de trabalho, estudo e espaço relacional. Nesse aspecto, há o fato de que o contato com outra cultura, ou seja, o desenvolvimento de uma cultura internacional apresenta-se como um recurso a mais para os alunos das famílias que investem nessa estratégia diferenciada em comparação à situação daqueles que não tiveram essa oportunidade ou, como se refere Aguiar (2009, p. 71), “[...] àqueles que permanecem confinados no nacional.” Há um descrédito no ensino nacional e, por isso, a utilização da estratégia da internacionalização de estudos emerge como uma opção desejada.

Todavia, deve-se levar em conta que o Brasil é um país de grande dimensão continental, em que, oficialmente, fala-se um único idioma, apesar das variações regionais e das línguas indígenas. Porém, nas regiões fronteiriças, podemos observar mais pessoas que falam espanhol como, por exemplo, nas fronteiras de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e a Bolívia. Na Europa, diferentemente, podemos facilmente localizar pessoas que falam mais de um idioma. Os países europeus são pequenos e, com a União Europeia, as fronteiras são ultrapassadas, há um tráfego intenso entre os países por meio de transportes públicos como os trens-bala e, por isso, algumas pessoas

viajam de um país a outro para trabalhar. O que significa então falar mais de um idioma nesses dois contextos tão diferentes?

No mundo globalizado, com a internet (rede mundial e computadores), o aumento da oferta de viagens aéreas e a possibilidade de viver e trabalhar em países mais desenvolvidos está presente no imaginário da população dos países considerados não desenvolvidos. Nesse sentido, melhores salários, moedas com maior valor e qualidade de vida são apelos chamativos. Portanto, dominar um idioma estrangeiro e conhecer outras culturas se configura como uma estratégia viável para viver e integrar o fenômeno da globalização.

A internacionalização de estudos não deve ser considerada como uma cultura transnacional ou uma cultura mundial, cujo intuito é “tomar” o lugar das culturas nacionais; mas sim como uma cultura internacional, que se caracteriza pela acumulação de várias competências linguísticas e culturais nacionais. Essa acumulação permite possibilidades diferentes ao aluno internacional em comparação com os alunos que permanecem apenas no ensino nacional. A cultura internacional possui como características o estilo de vida proveniente do contato com outras culturas, bem como a constituição de uma rede de socialização desenvolvida pelos alunos internacionais nos diversos países. (AGUIAR, 2009).

Essa internacionalização de estudos, como se coloca, é presente no universo acadêmico, porém experiências com intercâmbio, em que as pessoas vão morar em outros países, podem propiciar a expansão desse limite, incluindo vivências afetivas, urbanas e culturais de uma maneira geral, ou seja, há uma relação concreta não apenas com o idioma, mas com a vivência do lugar, seus modos de vida, hábitos, formas de sociabilidade e outros aspectos.

Logo, observamos que a cultura internacional se caracteriza como um conjunto de competências linguísticas e culturais que proporciona a ampliação de vários capitais e um deles é o capital social, pois seu volume é definido em função da amplitude de seus contatos sociais e, mais especificamente, da qualidade desses contatos, já que muitas vezes, as pessoas com quem o sujeito se relaciona apresentam uma posição social determinada e um considerado volume de capital econômico, cultural, simbólico e social, do qual ele pode se beneficiar.

A ligação estabelecida com a internacionalização se relaciona com os objetivos estabelecidos, uma vez que há um itinerário internacional estabelecido para quem enseja se estabelecer na Medicina ou na Odontologia como, por exemplo, as universidades

mais renomadas e o avanço das pesquisas. Há também itinerários para quem pretende adquirir um “verniz cultural”, conhecendo música, museus, restaurantes e etc., Dessa forma, para realizar essas atividades, o domínio do idioma é considerado uma ferramenta básica.

Além da ampliação do capital social e outros capitais, uma das vantagens em que as famílias acreditam se refere ao preparo de alunos para o atual mundo do trabalho, o qual apresenta exigências cada vez mais altas no que diz respeito ao domínio linguístico, a fim de selecionar profissionais que estejam preparados segundo o aspecto mercadológico.

Em vários momentos da pesquisa que realizamos, apareceu a relação da internacionalização de estudos com a possibilidade da inserção no mundo do trabalho contemporâneo. Um exemplo que podemos mencionar é o de Cristina, uma docente que colocou sua filha para estudar em um curso de línguas. Ela acredita que:

A Andressa (filha) terá mais oportunidades de estudo e trabalho no exterior e acho que falar e compreender outros idiomas proporcionam mais oportunidades. Quero que ela tenha a oportunidade de estudar fora do país, conhecer outras culturas e outras línguas e então espero que ela possa escolher sua profissão não somente baseada na nossa realidade do Brasil. (CRISTINA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

O desejo de Cristina é que Andressa se aproprie do recurso linguístico proposto, adquira conhecimentos de outras culturas, mas que, principalmente, obtenha uma preparação para além das fronteiras brasileiras, já que a concepção é de que a aquisição da língua está vinculada à perspectiva de um futuro promissor no mundo do trabalho. Uma característica do relato de Cristina é que ela enfoca várias vezes a palavra “oportunidades”, explicitando as expectativas que a mãe/docente tem para a vida da sua filha. Nossas análises infelizmente não apreenderam se tais expectativas se confirmaram, contudo o desejo de propiciar o acesso ao mercado de trabalho no exterior está bem demarcado na fala da mãe.

Nesse relato aparece a condição do familismo parental, porque Cristina apresenta uma idealização da oportunidade da internacionalização de estudos, creditando a esta todas as vantagens que sua filha poderá ter ao realizá-la. Nos relatos dos pais docentes sempre transparece a motivação de que seus filhos possuam a experiência de falar outro idioma, de se expressarem com uma cultura que acreditam ser a “alta cultura”, deixando clara a valorização das relações de poder, de domínio e

controle que a ideia da internacionalização de estudos gera e, principalmente, o desejo simbólico de tirar seus filhos de uma vida mais limitada, que seria a opção da vida no âmbito da “cultura bovina” na qual vivem atualmente.

Outra situação presente na internacionalização de estudos é o fato de a rentabilidade aparecer como um dado importante no momento de se fazer a escolha por um recurso internacional, já que a utilização desse recurso vincula-se a uma tentativa de investir em alvos profissionais que pareçam ser mais rentáveis. Nos relatos a seguir, de Sara e de Roberto, fica evidenciado o investimento financeiro para a realização da internacionalização de estudos:

Apesar do acesso internacional a informações e cursos ser mais fácil, atualmente as escolas e os cursos de línguas estão mais caros do que no passado, mas a vantagem é que meu filho terá mais facilidade de acesso a informações na língua original. (SARA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Torço para que Adriano (filho) escolha uma profissão que goste e lhe proporcione um retorno financeiro. (ROBERTO/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Nos relatos de Sara e de Roberto notamos a objetividade da fala do lugar masculino e o acobertamento na fala do lugar feminino – o pai aponta logo a importância do capital econômico. A preocupação financeira se mostra relacionada ao desejo de investimento no futuro acadêmico e profissional, já no relato a seguir, esteve presente a preparação para o futuro profissional, todavia é focalizada uma característica pessoal que foi adquirida com a experiência, que é a obtenção de autoconfiança e melhoria da autoestima: “O estudo de línguas deixa a gente mais preparado para a vida profissional, porque aumenta o interesse no currículo, mas também tem outra situação, te deixa com uma maior confiança em si mesmo.” (ADRIANO/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Devemos refletir sobre o papel do aprendizado de um segundo idioma, levando em consideração que este não é o único critério ou condição para se alcançar oportunidades de trabalho mais bem remuneradas e/ou no exterior. O relato de Roberto sinaliza isso ao realçar a questão da escolha da profissão. Houve um período, por exemplo, que Portugal necessitava de profissionais da área de enfermagem, com salários altos para a média brasileira, ou seja, a escolha da profissão, em determinados momentos da história ou em relação ao lugar para onde se ensaja intercambiar ou migrar, é relevante.

Esse aspecto assinala novamente a questão da liberdade de escolha: até que ponto as profissões podem ser livremente escolhidas de fato? Ou elas se impõem enquanto possibilidades concretas de ingresso no mundo do trabalho internacional e globalizado?

Além da formação em si, outros aspectos são importantes em relação à internacionalização de estudos, visto que a preparação para o futuro profissional e a ênfase na formação pessoal evidencia outra condição, que é o fato de obter flexibilidade para resolver situações, sendo esta uma característica das mais relevantes encontrada nos sujeitos que se utilizam da internacionalização de estudos.

Portanto, são valorizadas características como tolerância ao outro, flexibilidade, abertura a novas experiências e autonomia, fatores tidos como parte dos aspectos adquiridos por quem se submete ao processo de internacionalização de estudos e propiciados pela vivência direta com outras culturas, expondo o indivíduo a uma grande diversidade cultural e social.

Adentrando mais especificamente nos tipos de internacionalização de estudos, abordaremos os cursos livres de idiomas, que consistem em instituições cujo objetivo principal é o aprendizado de uma língua e o desenvolvimento linguístico com um número de dias e horas para o conteúdo ser ministrado. Nesses locais, o aluno é avaliado frequentemente, visando à fixação das estruturas.

Para tratarmos dessa estratégia, iniciaremos com algumas indagações, a saber: o aluno consegue ou conseguiu ter a percepção da importância de se fazer um aprendizado mais aprofundado de línguas? Qual é ou foi o seu maior interesse nesse estudo? Por que não fazer um estudo de internacionalização em um país estrangeiro?

Nos relatos dos agentes, ficam evidenciadas algumas características da utilização do curso de línguas enquanto internacionalização de estudos. Um dos relatos selecionados foi o de Eurico, professor de um curso livre de idiomas, o qual menciona os motivos pelos quais os pais de alunos investem nessa estratégia e também o de Sueli, que vincula a opção por essa modalidade de ensino ao mundo do trabalho e ao fato de agregar valores:

Creio que a principal razão dos pais buscarem cursos de línguas para seus filhos é o enriquecimento curricular; em segundo lugar, falar uma língua estrangeira, sem a menor sombra de dúvida, reveste o indivíduo de um prestígio cultural e social que sempre vigorou e remanesce ainda nos dias atuais. (EURICO/ PROFESSOR DE LÍNGUAS).

O inglês faz parte da educação formal, é uma obrigação, mas os outros idiomas agregam valores e ampliam as possibilidades no mercado de trabalho, além de ampliarem a visão de mundo dos alunos. (SUELI/PROFESSORA DE LÍNGUAS).

A obtenção de capital cultural e capital social por meio do estudo em cursos de idiomas é reforçada quando Eurico menciona que o aluno adquire prestígio cultural e social: “[...] um prestígio cultural e social que sempre vigorou e remanesce ainda nos dias atuais”. Ao usar a palavra prestígio, o relato reveste-se de valor simbólico. Os jovens também acreditam que tiveram facilidades nos aspectos cultural e social, além de outros aspectos:

Fiquei mais preparada para os estudos e acredito que me abriu portas; pretendo atuar na minha área de estudo. (CLAUDIA/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Penso que consegui lidar com situações diversas por conta do curso de línguas. Hoje posso ter contato com pessoas que vivem no exterior e posso aprimorar meus conhecimentos na área que quero trabalhar. (DANIEL/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

O curso de línguas propicia facilidade e domínio no convívio entre outras culturas; atualmente tenho facilidade em interagir usando a língua estrangeira e também acho que o curso de línguas vai me abrir portas para o campo de trabalho. (MATEUS/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Nesses relatos, os agentes acreditam nos benefícios do estudo em cursos de idiomas e nas vantagens que o conhecimento de línguas pode propiciar nas viagens, no trabalho e na vida pessoal.

A língua pode ser entendida como uma “porta de entrada” capaz de propiciar uma vivência mais complexa, por exemplo, quando se viaja a um país no exterior. A compreensão do idioma resultaria em uma relação com o lugar com um grau de apropriação diferenciado. Portanto, para todas as famílias que adotam estratégias de internacionalização, o aprendizado de um idioma estrangeiro é o ponto de partida.

A seguir, focalizaremos a discussão sobre o intercâmbio como uma estratégia de internacionalização de estudos, já que ele faz parte de um conjunto de estratégias educativas familiares que tem como propósito aumentar o rendimento intelectual e escolar dos filhos, bem como auxiliar o processo de autonomia pessoal.

Esse auxílio se refere ao fato de que, ao viajar sozinho e ficar residindo por um período em um local distante da sua realidade, o jovem sente a necessidade de adaptar-se e, principalmente, de desenvolver atividades que antes, no contexto familiar, talvez

ele não tivesse experimentado. Assim, esse fato, de certa maneira, pode gerar nele uma autonomia.

O intercâmbio pode ser ao mesmo tempo uma oportunidade de aprender o idioma, como uma oportunidade de exercitar o que já se sabe. É comum descrições a respeito de hábitos de fala locais, expressões idiomáticas e até mudanças temporais no uso corrente do idioma estrangeiro. Dessa maneira, compreendemos que a vivência do intercâmbio pode modificar a relação do sujeito com a língua, uma vez que, nesse caso, está inserida numa perspectiva mais ampla, da experiência de se estar imerso na cultura e no cotidiano do lugar.

Janaína, que fez intercâmbio, sinaliza no seu relato a experiência que teve em relação ao que afirmamos: “Só aprendi a ter independência com a experiência de fazer o High School nos EUA; só obtive a fluência quando vivenciei a cultura com os estudos intensivos.” (JANAÍNA/JOVEM/INTERCÂMBIO). O desejo de possuir autonomia, considerada uma disposição cosmopolita relevante para a vida adulta (na teoria bourdieusiana compreendida como uma tendência), leva Janaína ou outro jovem intercambista – a partir do momento em que está distante de sua família nuclear e que precisa tomar decisões – a aprender a fazer tudo sozinho, o que faz com que a autonomia e a independência sejam aspectos desenvolvidos a fim de alcançar o preparo para a vida adulta.

Segundo os relatos dos agentes e o embasamento teórico, a realização de intercâmbio possibilita o ganho do capital cosmopolita e, conseqüentemente, o prestígio social. Logo, os intercâmbios são considerados como um produto entre os novos tipos de consumo, porém tidos como raros e mais distintivos. Enquanto consumo, o aprendizado de um idioma estrangeiro é um produto que poderia ser considerado de luxo.

Essa dimensão de distinção esteve presente na entrevista de Silvia, ao referir-se ao intercâmbio como uma opção de preparação para a vida pessoal e profissional:

O que pesou na minha decisão de colocar Rafael (filho) para fazer intercâmbio foi o fato de que quero que ele se prepare para o mercado e também tenha o aprendizado de uma língua. Acho isso porque sei que é difícil se preparar hoje em dia. Vejo que ele obterá realizações em várias áreas da vida dele. (SILVIA/DOCENTE/INTERCÂMBIO).

Para Silvia, a escolha pelo intercâmbio foi a melhor opção para proporcionar realização pessoal e profissional para o filho. Na sua concepção, o intercâmbio

proporcionou uma experiência de vida enriquecedora e, como Silvia, diversos pais possuem uma preocupação específica com a realização pessoal dos filhos devido a essa prática, além de acreditarem que ela possibilita uma maior sensibilização aos bens culturais.

Essa sensibilização aos bens culturais, grosso modo, pode ser associada ao contato com a diversidade cultural – algo que acontece em experiências de intercâmbio. Aquilo que não faz parte da cultura do próprio sujeito é percebido por ele como algo diferente e vai sendo incorporado ao seu arquivo de vivências e, à medida que se dispõe a esse contato, permite se sensibilizar por ele.

Outra situação sinalizada na pesquisa refere-se à competitividade e ao preparo para o mundo do trabalho, relacionados à realização do intercâmbio. No relato de Janaína, isso é retratado:

O intercâmbio me deixou mais preparada para o trabalho, pois fui escolhida entre outros candidatos por ter fluência no inglês e hoje trabalho diariamente e diretamente com meus parceiros ao redor do mundo. Também aconteceu de eu conseguir três trabalhos que me interessavam muito devido a minha fluência no inglês. (JANAÍNA/JOVEM/INTERCÂMBIO).

Para Janaína, o fato de ter fluência em inglês a auxiliou na busca por emprego, pois a escolha por determinado país, no qual a jovem fez seu intercâmbio, está ligada ao espaço ocupado pelo idioma no mundo do trabalho internacional.

O caso de Janaína exemplifica uma situação em que se afirma que o domínio do idioma foi decisivo na conquista do posto de trabalho. Todavia, não foi observada sua área de atuação, sua formação na área, que, possivelmente, se deu de maneira satisfatória, de modo que ela apresenta um conjunto de fatores que favoreceram sua contratação.

Podemos focalizar que as estratégias de internacionalização de estudos extrapolam o aprendizado específico de um idioma, primando por uma formação adaptada ao mundo globalizado, a qual passa pela vivência cultural e social de países em que o idioma aprendido é falado. A partir desse ponto de vista, o intercâmbio ofertaria, talvez, não apenas uma complementação do aprendizado da língua, mas sua transposição para a utilização prática dele.

As famílias investigadas atribuem créditos ao intercâmbio, pontuando vantagens e benefícios advindos dessa estratégia de internacionalização de estudos, todavia a análise que fazemos é que a utilização do intercâmbio, enquanto estratégia, não atinge a

grande maioria da população brasileira, já que essa estratégia é vista como um consumo distintivo, ao qual apenas um pequeno grupo de famílias tem acesso, em face do alto investimento financeiro que é preciso fazer para sua realização.

Para que a prática do intercâmbio fosse mais explorada, aprofundamos com os entrevistados e fizemos alguns questionamentos complementares. O primeiro questionamento refere-se a: como foi a experiência que você adquiriu ao longo do desenvolvimento da internacionalização de estudos, mais especificamente por meio da realização do intercâmbio?

Rafael mencionou no seu relato:

Foi uma experiência única poder estar em contato com uma cultura superior à nossa, é algo que marca profundamente o espírito. Não senti dificuldade de me adaptar, pois vivi toda a vida no Brasil e fiquei fora somente por um ano, mas evidentemente vive-se uma espécie de mal-estar quando, de volta, os contrastes e comparações se impõem à mente. Vivemos, então, o que antigamente se dizia complexo de vira-lata. Vivi de fato esse complexo e tinha fundadas razões para senti-lo. Eu senti muitas diferenças entre o Brasil e o país hospedeiro; sem sombra de dúvidas as diferenças são colossais, a começar pela língua, mas há outras não menos importantes. A população do país hospedeiro tem um grande amor pelo conhecimento, coisa que não existe no Brasil, cujo povo em tudo age pragmaticamente, não sabendo conceber nenhuma atividade desinteressada do espírito que não seja sinônimo de lazer. Eu acredito que absorvi muitos elementos culturais da outra cultura; para começar, fiz de tudo para dominar a língua, de fato em cinco meses já podia me comunicar, ainda que com alguma dificuldade. Quando parti, um ano depois da minha chegada, já falava com alguma fluência. Não senti nenhum choque cultural ao chegar ao país hospedeiro, pois se trata de um país de cultura ocidental, como o nosso, onde imperam os valores democráticos, onde os sinais da cultura cristã estão por toda a parte, etc. Mas as diferenças são enormes e as vantagens são inúmeras, a começar pela segurança. Não é novidade para ninguém que no Brasil corre-se permanentemente o risco de ser assaltado e/ou morto. Em segundo lugar, não há maneira mais rápida de aprender uma língua e absorver valores e hábitos de outras culturas do que morando fora. (RAFAEL/JOVEM/INTERCÂMBIO).

Rafael deixa evidente, em vários momentos, a opinião que ele possui do país em que fez intercâmbio, colocando-o como uma cultura superior à cultura brasileira. Em seu relato, fica clara a associação de poder e domínio que embasa a representação social sobre o assunto da internacionalização. Ele acentua as diferenças entre o Brasil e o país hospedeiro e focaliza a questão do complexo de vira-lata, demonstrando certo mal-estar ao retornar para sua pátria.

Observamos que, além do peso das moedas dos países considerados desenvolvidos e sua consequente influência sobre o valor dos salários pagos nos países desenvolvidos, há ainda a questão da qualidade de vida que se pode ter nesses lugares, como, por exemplo, aspectos relacionados à segurança pública e ao acesso ao lazer.

No relato de Janaína, referente à indagação sobre esse aspecto, foi sinalizada a seguinte situação:

A minha experiência foi muito prazerosa, modificou minha visão de mundo, acrescentou valores ao meu quadro de referência interno, também confirmou crenças e modificou outras. Não senti dificuldade para me adaptar novamente ao Brasil, apenas senti desconforto ao observar o comportamento dos brasileiros menos orientados para ética e mais orientados para seu próprio ego. As diferenças culturais entre o Brasil e os EUA são muitas e incontáveis e acredito que absorvi muitos elementos culturais da cultura norte-americana, os quais persistem até hoje, tempos depois da volta e penso que estarão presentes na minha vida para sempre. Eu senti um determinado choque cultural ao chegar lá porque haviam horários diferentes, hábitos sociais e escolares diferentes. Ao retornar para o Brasil, não senti nenhum choque cultural, mas pude perceber grandes virtudes culturais brasileiras e também grandes virtudes culturais dos norte-americanos. Assim como percebi limitações em ambos. (JANAÍNA/JOVEM/INTERCÂMBIO).

A postura de Janaína já difere da de Rafael, pois ela conseguiu absorver ao máximo a experiência que teve, todavia não desvaloriza as condições e características culturais brasileiras e reforça as características norte-americanas.

É possível que a forma com que Janaína se relacionou com o contexto americano tenha trazido uma relativização maior, possibilitando perceber, inclusive, qualidades do seu país de origem. É comum ouvir relatos que reforçam essa concepção de que lugares como os Estados Unidos ou a Europa sejam melhores para se viver e esse posicionamento parece ser reforçado pelo desejo de consumo.

É comum, por exemplo, a afirmação de que carros em Portugal são muito baratos, que qualquer trabalhador lá pode morar no que seria aqui um imóvel de classe média e comprar um veículo automotor, num local com baixo índice de violência. Ainda que não se possa afirmar isso com certeza, essas concepções estão presentes no imaginário comum, em filmes e telenovelas e alimentam o sonho de muitas famílias de residir no exterior.

O outro questionamento feito aos intercambistas entrevistados foi referente à trajetória escolar: Como foi a sua trajetória escolar durante o processo de internacionalização de estudos? Rafael fez o seguinte comentário:

A minha trajetória escolar foi muito boa, além de aproveitar ao máximo os estudos que realizava, tinha bastante tempo para fazer outras coisas, pois lia muito, passeava muito, fazia amigos, etc., de modo que pude absorver tudo de bom que aquela cultura pode oferecer. (RAFAEL/JOVEM/INTERCÂMBIO).

No relato de Rafael podemos retomar o alto custo financeiro que o intercâmbio tem para as famílias e seu consequente valor distintivo, uma vez que o aluno, em nenhum momento, menciona trabalho remunerado. Ele relata que “[...] tinha bastante tempo para fazer outras coisas, pois lia muito, passeava muito, fazia amigos”, e quanto às bolsas de fomento aos estudos, sabemos que são poucas.

Janaína ainda acrescentou no seu relato: “A minha trajetória escolar era semelhante à vida rotineira de um estudante de ensino médio numa família tradicionalmente norte-americana do noroeste do país.” (JANAÍNA/JOVEM/INTERCÂMBIO). A região citada é onde se encontra o Washington, centro do poder econômico e político nos EUA.

Os comentários de ambos os agentes participantes da pesquisa demonstram uma absorção significativa da experiência que obtiveram. No caso de Rafael, além das atividades corriqueiras dos estudos propostos, realizou atividades extras que propiciavam o desenvolvimento do seu capital cultural.

O terceiro questionamento teve a seguinte indagação: A sua vivência da internacionalização de estudos favoreceu a longevidade escolar? Para Rafael, a vivência da internacionalização de estudos favoreceu sim a longevidade escolar:

Com a experiência do intercâmbio tive facilidade em reconhecer e compreender o material de estudo na língua estudada, ampliando meu conhecimento, também me deu mais flexibilidade em resolver diferentes situações a cada dia. Sinto que todo dia cresce o meu interesse para adquirir novos conhecimentos e o intercâmbio me deu a chance de alcançar metas e sonhos tanto no sentido escolar como profissional. (RAFAEL/JOVEM/INTERCÂMBIO).

No relato de Janaína aparece a seguinte situação:

O intercâmbio me permitiu obter fluência na língua quando vivenciei a cultura e depois da experiência continuei desenvolvendo um aprofundamento dos estudos que realizei. Pretendo divulgar cada vez mais os benefícios de ter sido uma intercambista. (JANAÍNA/JOVEM/INTERCÂMBIO).

As posições de ambos os agentes relativas ao terceiro questionamento são favoráveis à vivência que tiveram, pois ficaram estimulados para continuarem estudando, fato comprovado por Janaína acreditar ser importante divulgar os benefícios de ter realizado tal prática.

Janaína enfatiza a questão da fluência, defendendo que é possível que a língua estrangeira aprendida formalmente em escolas de idiomas esteja um pouco distante da

língua falada em seu país de origem – isto porque as línguas modernas possuem movimento, são dinâmicas e apresentam diferenças entre a língua culta e a língua falada, assim como acontece na língua portuguesa. Desse modo, é possível que a referida agente vincule o intercâmbio com o aspecto da fluência justamente pela oportunidade de contrapor a língua aprendida formalmente em escolas à língua vivenciada na prática.

Entrando na discussão sobre a escolha pela internacionalização de estudos por meio da aprendizagem do ensino médio em uma escola bilíngue, atribuímos essa escolha ao fato de a família procurar um recurso para o qual o jovem tenha preparo em duas realidades e contextos culturais. Essa é a crença que norteia o motivo das famílias escolherem esse tipo de escola, pois o ensino não fica restrito às condições nacionais e não apresenta um espaço delimitado pela separação geográfica.

As escolas atualmente exploram cada vez mais o conceito de fluência, propondo aproximações culturais com o país de origem da língua, procurando acompanhar as atualizações e transformações que ocorrem em qualquer idioma.

A escola bilíngue, como já mencionamos anteriormente, propicia tanto o ensino em dois idiomas, bem como a certificação desse aprendizado, sendo considerada por vários pais uma vantagem em comparação a outros alunos que não se utilizam dessa possibilidade por não terem acesso financeiro ou não terem interesse. De acordo com Nogueira e Catani (2008), é por meio do certificado escolar que ocorre a comparação entre diplomados e possibilita estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro do capital escolar.

Além da certificação escolar empreendida pela escola bilíngue, as famílias acreditam que há facilidades que possibilitam a inserção do aluno em diferentes espaços internacionais, não restritos ao meio nacional como, por exemplo, interação com pessoas de outros países e culturas, ampliação da forma de perceber o mundo, gerando experiência de vida, cultura geral e erudição, além de outras situações.

Outra forma adotada por algumas escolas para aproximar os alunos do idioma é garantir a presença de professores nativos oriundos de países estrangeiros. Além disso, há também o fato de oferecerem atividades que se proponham imersivas como, por exemplo, assistir a filmes produzidos nos países em que se falam os idiomas ensinados, sem legenda de tradução. Essas são algumas maneiras de se entrar em contato com a pronúncia, fator relevante ao aprendizado de idiomas.

A crença que motiva a busca por escolas bilíngues (ou multilíngues) é que a perspectiva de profissionalização “abre as portas” para o trabalho e para o estudo em outros países e serve como auxílio no momento de se conseguir um trabalho ou estudo que requeiram a utilização de outro idioma, apesar de que nem sempre isso realmente aconteça, todavia é o que se encontra no imaginário social.

Focalizamos, a seguir, alguns questionamentos pertinentes à realização de estudo em escola bilíngue, a saber: a seleção por uma escola bilíngue reflete a preocupação da família em melhor preparar seu filho para o mundo do trabalho? O estudo em uma escola bilíngue o ajudou a ter uma perspectiva do mercado mundial? Pelo fato de a escola bilíngue trazer como proposta uma educação não limitada a um contexto local, permite ao aluno um ângulo mais amplo de mercado, não o restringindo a um espaço delimitado? O aprendizado de uma segunda língua propicia a preparação em condição igual ao aprendizado da primeira?

Quanto a essa última indagação, o maior motivo para se viver a experiência bilíngue é que ambas as línguas devem ser igualmente valorizadas. Essa é uma característica importante, pois não há predomínio do estudo de um idioma sobre o outro, já que a prioridade tem que ser dada para ambos.

Os motivos pelos quais a família optou por esse tipo de escola aparecem nos relatos da mãe (docente) e da filha (jovem):

Fiquei satisfeita com esta escolha porque a escola proporciona uma formação em outra língua de forma natural, tranquila, como se fosse a língua mãe. (HELENA/DOCENTE/ESCOLA BILÍNGUE).

A convivência com uma língua estrangeira gerou maior naturalidade na fala e familiarização. (GISELE/JOVEM/ESCOLA BILÍNGUE).

Para Helena e Gisele, o aprendizado de uma segunda língua ocorreu de maneira “natural”, já que a escola bilíngue permitiu à Gisele adquirir capacidades linguísticas que não são definidas apenas pelo conhecimento formal da língua, mas pelo domínio prático de sua utilização nas relações sociais.

Essa questão está baseada no fato de que, muitas vezes, ao dominar uma língua estrangeira, a pessoa pode dominar todas as características sociais e culturais inerentes àquela língua específica. Essa é uma das situações que as escolas bilíngues buscam proporcionar ao trazer professores falantes nativos e buscar acompanhar, por exemplo, notícias e atividades culturais do país de origem do idioma ensinado. As escolas

bilíngues ou multilíngues que se destacam e têm recursos financeiros disponíveis adotam estratégias para aproximar os alunos da língua real.

Dessa forma, o fato de as agentes mencionarem que o aprendizado na escola bilíngue permite uma impressão de que a língua estrangeira é considerada a língua mãe, e que ela se torna familiar, demonstra uma maior aproximação e familiaridade com elementos internacionais.

No relato de Gisele, evidenciamos o fato de ela ter gostado de estudar o ensino médio em uma escola bilíngue e os motivos de ter gostado: “Gostei de ter estudado principalmente pelo acesso a uma cultura diferente e aprendizado sobre outro país.” (GISELE/JOVEM/ESCOLA BILÍNGUE). Aqui aparece a valorização da internacionalização dos estudos, pois, além do aprendizado de uma língua, o contato intercultural mostrou-se importante no processo de escolarização e em relação à conclusão do ensino médio. É no planejamento da carreira a ser seguida que a influência dessa experiência se apresentou relevante.

Há outra questão a ser destacada: além da motivação pelo aprendizado da língua estrangeira, a agente tem como motivação o cultivo de disposições cosmopolitas, pois, como corrobora Weenink (2005), o capital cosmopolita é composto por predisposições mentais e corporais, bem como por competências facilitadoras do desenvolvimento da autoconfiança em locais de disputa social globalizados, tais como o mercado educacional e o do trabalho.

Com base nisso, há um descrédito em relação ao modelo de formação escolar e profissional no Brasil e daí decorre uma preocupação com a oferta de empregos e postos de trabalho, sendo estes os motivos pelos quais diversos pais alegam escolherem a escolarização bilíngue, sendo esta uma alternativa que se encontra menos focada nos padrões escolares vigentes.

Pelo fato de não seguir apenas padrões vigentes, o aluno acredita ter um recurso a mais ao supor que o domínio de uma língua propicia vantagens acadêmicas em relação aos sujeitos que não têm condições financeiras de se utilizar dessa estratégia. Novamente (como no caso dos outros tipos de internacionalização de estudos) observamos a desigualdade entre as famílias que podem utilizar da internacionalização de estudo como um recurso a mais para a manutenção e ampliação do capital cultural e de outros capitais em relação às famílias que não podem se utilizar dessa opção.

São lacunas entre dois mundos de alunos presentes no contexto educacional brasileiro e, como assinala a teoria bourdieusiana, ao invés de ter uma função

transformadora, o processo educacional reproduz e reforça as desigualdades sociais pelo caráter de seletividade que possui.

Ao fazer a reflexão relativa aos capitais presentes na estratégia da internacionalização de estudos, mais especificamente sobre o capital cultural, podemos supor que o aprendizado de outra língua pode proporcionar a obtenção de capital cultural, pois o domínio da língua culta funciona como uma moeda que possibilita, a quem o possui, várias recompensas tanto no sistema escolar quanto no mundo do trabalho. Essas várias recompensas é o que se acredita que possa acontecer, porém não dá para ter garantias de que realmente aconteça.

Bourdieu (2007) atribui um valor ao aprendizado de línguas, afirmando que esse conhecimento pode ser considerado uma forma de capital:

É evidente que, em uma sociedade determinada, num determinado momento de tempo, o conhecimento de diferentes línguas propicia lucros materiais e simbólicos extremamente diversos para um investimento que pode ser suposto como equivalente. Assim, o conhecimento do inglês possui um valor de troca incomparavelmente maior do que o conhecimento do espanhol ou do italiano, sem falar do grego ou do berbere. Como o peso das diferentes línguas pode variar no curso do tempo (e em particular, em seguida a mudanças políticas), os proprietários de um tipo determinado de capital linguístico podem encontrar-se desapropriados devido à desvalorização daí resultante. (BOURDIEU, 2007, p. 148).

Muitas famílias das classes médias (inclusive os agentes deste estudo) possuem a crença de que o domínio de uma língua estrangeira por meio de cursos de idiomas, intercâmbio ou estudo em uma escola bilíngue propicia uma abertura para uma perspectiva internacional e amplia horizontes e fronteiras.

Nesse sentido, a internacionalização de estudos é uma opção procurada por famílias de classes médias intelectualizadas para a sobrevivência em um mundo globalizado, todavia a crítica que podemos fazer no que se refere às ações governamentais vinculadas a uma política da educação é que apenas grupos restritos chegam a obter tal estratégia, já que ela não condiz com a realidade financeira da maioria dos brasileiros. Em face disso, programas de intercâmbio internacional precisam ser estimulados para que haja a permanência e a ampliação deles enquanto uma estratégia para valorização do internacional, dando acesso a um maior número de jovens brasileiros.

Para que deixe de cumprir um papel excludente, é necessário que o ensino de uma ou mais línguas estrangeiras seja visto como parte de todo processo educacional

brasileiro, de maneira comprometida e efetiva, e não como um produto de luxo, acessível apenas às famílias com rendas médias e altas, pois a contradição é que são justamente os jovens mais carentes que mais necessitam de oportunidades para acessar o mundo do trabalho e serem mais bem remunerados.

4.2 Fronteiras ultrapassadas e desafios vivenciados por meio do cosmopolitismo e da globalização

O intuito deste tópico é analisar se as famílias investigadas apresentam a possibilidade de preparação de seus filhos para uma condição para além das fronteiras nacionais, tendo como princípio que a internacionalização de estudos se insere em um contexto cosmopolita e globalizado.

Com o objetivo de adentrarmos mais especificamente no cosmopolitismo, inicialmente vamos apresentar seu conceito segundo Zanella (2009, p. 833): "Cosmopolitismo é um conceito ocidental que representa a necessidade que agentes sociais têm de conceber uma entidade cultural e política, maior do que sua própria pátria, que engloba os humanos em escala global".

De modo amplo, quem sabe, o cosmopolita deveria poder se comunicar mundialmente. Em teoria a língua inglesa seria a mais indicada para isso, já que se coloca como a língua que mais se popularizou e é vista como a língua do mundo do mercado globalizado. Desse modo, seria um passo rumo ao cosmopolitismo dominar o idioma inglês, contudo o conceito de homem cosmopolita contempla mais do que isso, uma relação tão direta quanto aprofundada com a cultura, os modos de vida, os hábitos – uma compreensão da outra cultura e, ao mesmo tempo, uma alta capacidade de adaptação a ela.

Diante disso, a definição de cosmopolitismo diz respeito a um contexto sociocultural, econômico e político que possui uma abrangência maior do que o trânsito em uma fronteira limitada, por isso, ao nos referirmos ao cosmopolitismo, é necessário ter em mente sua vinculação com a cidadania mundial.

O cidadão mundial ou cosmopolita é aquele sujeito partícipe de uma sociedade administrada pelas relações entre os Estados e os indivíduos estrangeiros, destacando, nesse sentido, que a delimitação territorial não é barreira para ele, já que seu caminhar extrapola fronteiras físicas, pois há uma transcendência no seu deslocamento e ele

deseja exceder a divisão geopolítica que é inerente às cidadanias locais dos diferentes Estados e países soberanos.

Esse cidadão, em algum momento, oportunizou transitar por diversas culturas e se habituou a isso, de modo que realiza esse trânsito com alto grau de desenvoltura, já que consegue se relacionar desde o aeroporto até as vilas das cidades pequenas dos locais que visita no exterior, é capaz de conhecer um pouco de cultura e de lei, bem como de comportamento e de expressão do lugar.

O cidadão cosmopolita apresenta um enraizamento, isto é, um lugar que possa ser considerado seu, perpetuando suas peculiaridades culturais, todavia demonstra uma atitude de integração com os diferentes espaços nos quais se relaciona e aos quais se vincula. Possui ainda uma abertura para os ambientes de outras pessoas e alguns princípios e valores são respeitados, dando destaque à igualdade e à solidariedade entre os homens.

Para que se tenha uma postura cosmopolita, o sujeito necessita ter uma atitude positiva em relação à diferença, precisa ter o desejo de formar uma solidariedade universalista, na qual ocorram alianças pacíficas entre os cidadãos e haja uma comunicação que abranja questões culturais e sociais. Também, para que se tenha uma postura cosmopolita, é preciso que o sujeito desenvolva disposições ao capital cultural internacional, que é compreendido como o conjunto de conhecimentos, competências e habilidades necessárias e importantes para transitar com facilidade em meios internacionalizados, podendo se constituir como trunfos em diversos mercados, como o escolar, do trabalho, bem como o matrimonial.

As disposições para o desenvolvimento do capital cultural internacional ou cosmopolita se manifestam por meio dos conhecimentos em língua estrangeira e frequência de seu uso, ocorrência de viagens ao exterior, contato com objetos culturais e rede de relacionamentos no exterior. Depende de uma vivência ostensiva e presencial da cultura globalizada, uma vez que o cosmopolita é um sujeito que, algumas vezes ao ano, transita por aeroportos internacionais. Essa é uma formação cara, possível às famílias das elites e encarada, com sacrifícios, até pelas classes médias, em nome da formação de seus filhos.

O acesso à rede de relacionamentos no exterior, bem como a possibilidade de alcance de novas experiências são alguns dos aspectos motivacionais constituídos pela internacionalização de estudos que foram focalizados pelos agentes da pesquisa, como pode ser constatado pelo relato de um entrevistado:

Eu acredito que meu filho conseguiu sucesso ao estudar em um curso de línguas porque foi ampliado seu acesso a informações, teve novas vivências em diferentes culturas, teve formas de convívio e ampliação de amizades desconhecidas por ele.” (ROBERTO/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Para Roberto, o sucesso do seu filho está diretamente relacionado à obtenção de várias facilidades que o aprendizado de uma língua estrangeira proporciona, principalmente o acesso ao capital social por meio dos relacionamentos que são adquiridos. Esses relacionamentos orientam para uma definição de classe em que a aprendizagem de um idioma estrangeiro significa a manutenção de um status simbólico, cultural e social e, para alguns, a conquista dele. Mais uma vez cabe mencionar que o capital econômico é decisivo no acesso à escola de idiomas, intercâmbio ou escolas bilíngues; nesse sentido, fecha-se um círculo que, como já se sabe, é excludente.

Janaína, que realizou intercâmbio, enfatiza a valorização do aspecto relacional que teve nesse período: “Criei vínculos para a vida com pessoas fantásticas, entre amigos, famílias hospedeiras, conheci lugares e tive a oportunidade de ver e vivenciar como nativa dos lugares que morei no exterior.” (JANAÍNA/JOVEM/INTERCÂMBIO).

Janaína conseguiu absorver o intercâmbio como uma junção de vivências, obtendo um cabedal de experiências em vários aspectos, sentindo-se até mesmo como alguém pertencente às culturas onde residiu, ou seja, conseguiu desenvolver seu capital social e cultural no período de intercâmbio e, conseqüentemente, desenvolveu o capital cultural internacional ou cosmopolita.

O capital cultural internacional ou cosmopolita é considerado uma modalidade particular de recurso simbólico como componente do capital cultural e social das famílias, pois está associado às competências internacionais como, por exemplo, o domínio de línguas e o contato com culturas estrangeiras.

A crença nas vantagens que o domínio de línguas reúne esteve presente no relato a seguir, pois, ao perscrutarmos se o estudo de línguas em uma escola bilíngue a deixou mais preparada para o mundo do trabalho, a jovem acredita ter sido beneficiada com a realização da internacionalização de estudos e oferta a seguinte observação: “Sim, principalmente pela globalização e interação entre diferentes mercados do mundo todo, além de oportunidades de emprego em outros países”. (GISELE/JOVEM/ESCOLA BILÍNGUE).

A necessidade de adquirir vantagens nesse tipo de internacionalização de estudos se mostrou no relato de Gisele, já que ela almeja sucesso na sua vida profissional e reflexiona que, dessa forma, o terá. Relativo à globalização, a jovem comenta sobre ela e observamos o quanto pensamos nas características do mercado, pois, de uma maneira geral, cada vez mais é possível, por exemplo, realizar compras em sites de produtos importados e algumas dessas empresas se utilizam de profissionais com essa formação globalizada. Em vários aspectos, lidar com outras línguas, culturas e modos de consumo está se tornando mais e mais premente no mundo atual.

O fenômeno da globalização, juntamente com a situação do cidadão cosmopolita, demandam estratégias de vivências mais especializadas para a sobrevivência no mundo do trabalho internacional. Assim, comportamentos e posturas que visam à dinâmica internacional são importantes e a isso Wagner (1998) denomina de “adesão a um espírito internacional”, expressão que se relaciona com a perspectiva de cidadão cosmopolita.

A língua é apenas um aspecto, embora seja fundamental e necessário, quando a expectativa é de vivência de fato, de viver em um país estrangeiro e poder experimentar isso da forma mais plena possível, mais próxima à de um cidadão local, focalizando-se as habilidades de se adaptar, respeitar, tolerar, compreender e integrar.

De acordo com Wagner (1998, p. 61), “É preciso possibilitar a adesão a um espírito internacional [...] produzir novos indivíduos que saberão dar provas de abertura, de tolerância, de compreensão internacional.” A postura de cidadão cosmopolita tem como peculiaridade uma abertura à diversidade, respeitando as diferenças, proporcionando a valorização do relacionamento internacional e a expansão da perspectiva de mundo e de homem.

No relato a seguir, da professora do curso de línguas, são enfatizadas as questões de domínio do conhecimento juntamente com a necessidade de ampliação de visão de mundo. Ao perscrutarmos o que achava que os pais dos alunos ensinavam ao matricularem seus filhos nos cursos de línguas, afirmou: “Mais oportunidades de trabalho, inserção no mercado de trabalho internacional, maior qualificação, porém, também buscam mais conhecimento cultural e uma visão de mundo.” (MARÍLIA/PROFESSORA DE LÍNGUAS).

Segundo a interpretação de Marília, as famílias, ao utilizarem a internacionalização de estudos, almejam uma colocação maior no mundo do trabalho, todavia não negligenciam a vontade de proporcionar aos filhos um desenvolvimento

cultural maior e uma perspectiva de mundo ampliada. Essa perspectiva de mundo está direcionada para a adaptação e desenvoltura em transitar por ambientes internacionais, adquirindo capital cultural internacional ou cosmopolita.

Esse capital compreendido como formação está atrelado, de forma simbólica, ao grau de erudição e ao acesso a certo capital econômico, não sendo possível, em muitos casos, desvincular os capitais cultural, social, simbólico e econômico.

Ainda com relação ao capital cultural internacional ou cosmopolita, há uma aproximação entre as disposições internacionais ou cosmopolitas e a questão do gosto enquanto operador de práticas culturais. De acordo com Bourdieu (2007), o gosto embasa os estilos de vida e proporciona uma relação entre a dimensão material e a simbólica dos agentes, funcionando como um indicador simbólico; já as informações objetivas, como a renda e nível de instrução, funcionam apenas como indicadores objetivos.

O gosto se refere a um conjunto de preferências distintivas, consistindo em uma atitude ou uma propensão à apropriação tanto material quanto simbólica de objetos e de práticas. O gosto constitui uma classificação dos sujeitos que se discernem pelas diferenças que operam entre o que é distinto e o que é vulgar, entre o que é bonito e feio; por meio do gosto é traduzida a posição desses sujeitos nas classificações objetivas. (BOURDIEU, 2007).

Em geral e como temos refletido, apesar de o gosto ser considerado algo individual, particular e intransferível e, é claro, cada indivíduo apresenta suas preferências, não podemos ignorar, quando abordamos uma cultura familiar, a questão do familismo parental. A partir da sua cultura familiar e das vivências que lhe são permitidas, de sua relação com o ambiente e as trocas com o outro, desde criança o sujeito vai se definir enquanto indivíduo e, desse repertório, terá a variação necessária e acessada para definir gostos, fará sua própria seleção, ou seja, até mesmo o gosto é definido em boa parte pela oferta, pelo que se tem acesso.

Em face dessa compreensão, atentamo-nos às situações ligadas às práticas e preferências culturais, tendo em mente que as classificações provenientes do gosto são essenciais para uma análise mais aprofundada da relação entre agente e sociedade. As obras culturais funcionam como capital cultural, garantindo tanto o lucro da distinção quanto o lucro da legitimidade, por serem objetos de uma apropriação exclusiva, material ou simbólica (AGUIAR, 2007).

Dessa forma, no gosto por realizar viagens internacionais é sinalizada a ampliação no volume de vários capitais, como, por exemplo, capitais linguísticos, culturais, sociais, profissionais e simbólicos. Essa ampliação é ensejada e propiciada pelo esforço da família, que se não ciente, intui os valores agregados, ao menos no campo simbólico, a essas experiências.

Em vários momentos da pesquisa que desenvolvemos, a influência do gosto por viagens foi sinalizada, pois, ao perscrutarmos o hábito de viajar ao exterior, a maioria das famílias afirma que costuma viajar com frequência, sendo o contato com o exterior presente na vida das famílias que gostam de viajar.

No relato de uma mãe cujo filho fez curso livre de idiomas, ao mencionar que pôde proporcionar mais oportunidades aos seus filhos do que seus pais puderam, concedeu a seguinte observação: “Pude propiciar mais oportunidades devido à crescente facilidade que vivenciamos: a globalização; os custos para viagens fora do Brasil caíram drasticamente e possibilitaram o acesso ao turismo internacional”. (CÉLIA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Algumas indagações vêm à tona, a partir do que foi exposto, a saber: o turismo internacional está mesmo tão mais acessível? Ou há uma nova cultura de transmissão de capitais que aponta isso como necessário, aumentando os esforços para que aconteça? Tornou-se tão acessível que qualquer família, com qualquer que seja seu capital cultural e social pode propiciar que seus filhos façam viagens internacionais?

O enfoque é que os investimentos necessários são mais amplos e dependem de uma visão de mundo e da possibilidade, desde a escolarização infanto-juvenil, de os filhos terem acesso aos cursos de idiomas e a toda formação cultural e social que antecede esse movimento para que o objetivo de formar um jovem para viver e residir de forma plena no exterior se concretize.

Há diversas famílias que vão, por exemplo, ilegalmente viver no exterior, pois, em alguns países de primeiro mundo, mesmo sem muito estudo e fazendo trabalhos de natureza menos intelectual, creem ser possível levar uma vida que no Brasil seria das classes médias.

Os filhos formados para se tornarem cosmopolitas vivem uma proposta diferenciada, pautada em custos e investimentos, com uma valorização de trocas culturais, percebendo, em espaços diferenciados, todo o aprendizado cultural, social, simbólico e também econômico. Há ainda o interesse em vivenciar os modos de vida e as formas de se relacionar inclusive com a economia local. Embora os estudantes

intercambistas possam dedicar parcialmente seu tempo em funções como babá, motorista e outros, ao morar no país estrangeiro, a proposta dessa experiência tende a ser a de se integrar de alguma forma, e aprender e apreender o idioma estrangeiro.

A maneira como estudantes que fazem intercâmbio encaram a possibilidade de trocas culturais tem uma predisposição ao aprendizado da cultura do lugar e com o lugar, pois está inserida em estratégias mais ampla, a de se educar para ser do mundo, cosmopolita. Alguns desses jovens têm a oportunidade de realizar intercâmbio acadêmico, ou seja, viajar para ampliar sua formação profissional, dessa forma, tem-se uma postura diferenciada.

Para Célia, a facilidade de acesso ao turismo internacional, decorrente do processo de globalização, é um aspecto diferencial entre o que ela teve proporcionado pelos seus pais e o que ela pode ofertar a seu filho. De um modo geral, as viagens realizadas podem acrescentar uma distinção na vida dos agentes, pois estão inseridas nas estratégias educativas familiares a fim de exaltar o rendimento intelectual dos jovens.

Assim, o estudo de línguas estrangeiras e as viagens ao exterior são um aspecto da relação com o internacional, pois se constituem em uma forma de aquisição de conhecimentos apresentando um caráter formativo ou, ao menos nesse caso estudado em específico, o que se busca é esse caráter formativo.

No que tange ao turismo internacional, podemos observar que o contato com o exterior aparece associado ao ritmo de vida das famílias que ensejam a internacionalização de estudos, pois, mesmo sendo o turismo o motivo mais recorrente, estudo e trabalho também são motivações para a realização dessas viagens, permitindo contatos estudantis e profissionais que envolvem o exterior, sendo esse o resultado da globalização do mundo do trabalho e da própria internacionalização de estudos.

Dessa forma, é na realização de viagens que o sujeito se relaciona com outras culturas e essa experiência lhe possibilita a oportunidade de agregar valores e suprimir o preconceito e a intolerância entre os povos, ao menos no que diz respeito a ele mesmo. Essa mudança ocorrida nesse sujeito pode torná-lo um agente amplificador dessa nova compreensão de mundo, todavia possivelmente restrita ao seu meio social, exceto em casos em que as discussões sobre sociedade sejam foco de seus estudos ou trabalho.

O contato intercultural ou interétnico possibilita a ruptura de barreiras entre as pessoas, permitindo que haja uma tolerância maior entre culturas. Portanto, a postura do cidadão cosmopolita é perpassada pela crença de que as pessoas apresentam diferenças

que precisam ser respeitadas, o que o direciona a ter uma tolerância maior às diferenças culturais, sociais e pessoais, dentre outras.

No relato de Rafael, que realizou intercâmbio, o preconceito e a tolerância ao diferente estiveram presentes: “Muitos preconceitos são desconstruídos ao conhecer novas culturas que nos enriquecem, os sonhos são realizados e a realidade vivida na prática é muito boa.” (RAFAEL/JOVEM/INTERCÂMBIO). Rafael associa a desconstrução dos preconceitos ao contato com novas culturas e essa é uma postura de quem vai realizar um intercâmbio despido de conceitos e pré-conceitos, oportunizando ser influenciado pelo diferente.

Nogueira (2012) apresenta uma colocação sobre o cosmopolitismo e sobre o multiculturalismo que coaduna com os relatos:

Embora a literatura sobre esse ponto seja ainda muito escassa, alguns trabalhos já fornecem uma pista interessante ao formular a hipótese de que se trata de um processo de acumulação ou de atualização de capitais, expressa nas afirmações de que atualmente o cosmopolitismo (capital cosmopolita) é uma forma de capital social e cultural, ou de que o multiculturalismo é, cada vez mais, fonte de capital cultural e social. (NOGUEIRA, 2012, p. 119).

Nogueira (2012) ainda complementa que as famílias das camadas médias respondem às exigências impostas pelo processo de globalização das esferas da vida social, econômica, política e cultural no sentido da formação de sujeitos munidos de determinadas disposições e de um capital de competências internacionais.

Em face da globalização e do cosmopolitismo contemporâneos, os agentes entrevistados acreditam que a utilização de recursos internacionais tem sido uma prática que possibilita uma ampliação do capital cultural internacional ou cosmopolita. Para que essa formação ocorra, é necessário que haja intencionalidade e investimentos concretos, porém existe um tempo de formação para isso, que pode ser mais ou menos extenso. Todavia, devemos ter em mente, nesse sentido, que há uma escolha e a utilização de diversas estratégias, visando a um objetivo maior, que é a formação desse sujeito cosmopolita.

No que diz respeito à relação entre internacionalização, globalização e cosmopolitismo, Pereira (2000, p. 97) comenta:

O capitalismo já nasceu como um sistema com tendência à internacionalização e nestes últimos vinte anos, presenciou-se o fortalecimento de fenômenos de ordem econômica que extrapolam o âmbito nacional, tais como: fluxos de capitais, migração de mão-de-obra, ordenação

das economias nacionais segundo parâmetros mundiais, política de enfraquecimento dos Estados nacionais; fenômenos de ordem cultural também foram robustecidos, destacando-se dentre eles o revigoramento das identidades étnicas locais. Esses aspectos – econômicos e culturais – do capitalismo fazem da globalização um desafio contemporâneo para estudiosos das Ciências Humanas e Sociais.

Essa discussão, a respeito da internacionalização, já tem de antemão seus pressupostos de sustentação na própria lógica do capital. A migração da mão de obra, por exemplo, pode produzir resultados mais eficientes na lógica mercadológica se houver o conhecimento básico da língua.

Os sujeitos dominados são direcionados a acreditar que possibilitar aos filhos falar uma segunda língua e conhecer outra cultura pode propiciar a eles melhores oportunidades no mundo do trabalho. Contudo, essa questão é uma “faca de dois gumes”, já que nem todo estrangeiro tem bons salários fora de seu país e, mesmo que um jovem seja empregado numa grande multinacional ou transnacional, recebendo grandes salários, por certo se trata de uma pequena porcentagem de um universo de diversos jovens no mundo do trabalho, já que, na maioria dos casos, nos deparamos com pessoas altamente qualificadas trabalhando pela sobrevivência.

Pereira (2000) aponta ainda o fato de que as grandes indústrias ocupam regiões que não são consideradas incluídas tradicionalmente no processo produtivo.

Outro paradoxo da crescente globalização é uma forma de reação a ela, isto é, o retorno às identidades étnicas locais, pois, ao mesmo tempo em que há um desejo de pertença a esse mundo globalizado, cujo imaginário faz brotar o desejo e a prática do consumo, por outro lado, é pertinente elucidar o quanto é preciso retornar às nossas raízes, a fim de não nos perdermos na estandardização.

Essas identidades são engendradas nesse grande sistema como manifestações reativas ou como processo intermediário em relação à globalização, ainda que se faça um discurso necessário frente às desigualdades sociais – o poder do capital financeiro – a presença ou não de tais recursos acaba por influenciar a manutenção de representações culturais que servem aos interesses da produção e acumulação de recursos por alguns e escassez para muitos outros.

Seja pelo exotismo que emanam as viagens e estudos internacionais, pelo turismo ou pelo simples apelo afetivo emocional, por exemplo, ser neto de estrangeiros e desejar conhecer a língua e o país de seus avós, existe uma distinção social, econômica e cultural das pessoas que usufruem da oportunidade de fazer turismo e

estudos internacionais – representa, como capital simbólico, um diferencial, um processo que reforça a exclusão social.

Onde ficaria o aprendizado de outra língua nesse contexto? Até que ponto a evocação de ancestrais que falavam outro idioma ou a expectativa de melhores salários influenciam as ações das famílias nesse sentido? E ainda: como o capitalismo se relaciona com a perspectiva de nação?

Podemos ter em mente que o processo de globalização, de extrema valorização da lógica da acumulação em detrimento da equidade e dos direitos dos cidadãos, faz com que as pessoas sejam manipuladas até mesmo na sua relação com o lugar onde nasceram e a língua que falam. É preciso, então, levar em consideração as reais motivações e expectativas dos sujeitos e de seus núcleos íntimos quanto ao desejo de internacionalização, pois observamos que pessoas falantes de outras línguas não têm assegurado ou não tem garantias de que terão engajamento no mundo do trabalho.

É possível observar que há uma ilusão de que a internacionalização, em todas as situações, pode, de fato, ser compreendida como uma forma de ascensão para aqueles que detêm o maior volume de capitais. Certamente essa é uma busca, todavia sem garantias de obtenção de êxito.

E como fica o Estado diante desses desafios? O Estado contemporâneo deve modificar-se amplamente, transformar-se e fortalecer-se em seus novos papéis frente ao novo cenário mundial? Como “abrir as portas” para a internacionalização e incentivar cidadãos a aprender outras línguas e culturas? Como não ser invadido de maneira indevida? Como não ter a própria cultura solapada pelo ideal de globalização? É preciso pensar em políticas viáveis a fim de combater a exclusão.

Se chegarmos à conclusão de que a internacionalização de estudos pode gerar bons frutos, podemos refletir a respeito de qual o melhor caminho para isso e como ele pode ser vantajoso de fato. Nesse sentido, é preciso estabelecer estratégias de curto e longo prazo, com programas orientados para favorecer o povo e a cultura brasileira, sem permissão para novas violências e dominações.

Encarar isso na perspectiva de que dominar códigos, sejam eles linguísticos, culturais ou econômicos, pode propiciar maior liberdade ao sujeito para transitar entre esses códigos e fazer escolhas conscientes. É necessário que, no processo educativo, se aprenda a valorizar o próprio país, suas riquezas, sua língua, sem menosprezar suas particularidades. Para isso é necessário que se estipule adequadamente que tipo de

política de internacionalização se deseja adotar, e com quais objetivos, algo que não se pretende encerrar neste estudo, uma vez que o mesmo não é propositivo/prescritivo.

No relato da intercambista que foi para os EUA, ela mencionou que encontrou qualidades e defeitos lá tanto como aqui, e coisas boas e que funcionam do mesmo modo, ou seja, é preciso aprender a enfatizar as próprias virtudes.

É preciso que o jovem seja educado para saber que seu engajamento e sua reflexão profunda, não apenas no período eleitoral, são fundamentais para lutar por um país em que a população reivindique aquilo de que necessita e possa cobrar isso de forma de fato democrática. Nesse sentido, esse jovem carece de receber formação mínima para entender como funciona (ou não) a justiça e as leis em seu país, bem como o sistema educacional e prisional para que ele seja um agente comprometido com a melhoria de seu país e disposto a trabalhar por isso.

Cada vez mais somos evocados a nos posicionar política, cultural e socialmente, sendo que, a partir disso, podemos pensar o fortalecimento de nosso país enquanto parte do mundo. Contudo, o que se percebe é que o modelo de formação abrangente é neoliberal, favorecendo uma formação voltada ao mercado, em que até mesmo a educação é produto e seus usuários, consumidores de exclusividades.

É importante também refletirmos a respeito de por que realizar certas ações, sejam políticas, educativas, bem como entender como isso nos leva às expectativas das famílias que investem na escolarização internacional de seus filhos, ou seja, essa internacionalização deve ser pensada num sentido de trazer cidadãos qualificados a fim de focalizar o contexto nacional e agir nele de modo a fortalecer sua autonomia e crescimento social, cultural, simbólico e econômico. É necessário, ao poder público, refletir seriamente quanto ao papel da internacionalização e realizar os esforços válidos e necessários para garantir o acesso também às famílias das classes populares.

4.3 A relação entre a trajetória de escolarização de longa duração e a internacionalização de estudos

Com a finalidade de refletir sobre a influência da estratégia da internacionalização de estudos no preparo acadêmico e profissional dos filhos das famílias investigadas, este tópico intenciona abordar as expectativas familiares no que se refere à trajetória de escolarização de longa duração e ao sucesso acadêmico e profissional buscado.

Logo de início, alguns questionamentos são pertinentes: as famílias de classes médias intelectualizadas buscam a internacionalização de estudos como uma estratégia que possa atender as necessidades educacionais, acompanhando uma trajetória longa até ser atingido um relativo sucesso? Esse sucesso se refere apenas ao bom desempenho escolar ou atinge uma preparação para a vida profissional? A utilização da internacionalização de estudos corresponde às exigências do mundo do trabalho? Neste tópico, serão feitas aproximações a essas questões.

Com as transformações ocorridas na sociedade contemporânea, principalmente no que tange ao processo de escolarização, a preocupação com o êxito escolar se tornou algo central e as famílias que podem proporcionar a seus filhos condições de estudos favoráveis e uma trajetória de escolarização de longa duração “perseguem”, de maneira contínua, a possibilidade de alcance do sucesso escolar.

De acordo com Segalen (1996, p. 196), “Esta verdadeira obsessão pelos resultados escolares é reforçada pelo prolongamento da escolaridade, característico da nossa época.” Quanto às frações das classes médias que possuem o perfil de tentar proporcionar bom desempenho escolar, essa situação aparece: “Em mobilidade social ascendente, os pais das novas classes médias inquietam-se com a obtenção de um bom diploma, chave de acesso a um futuro profissional para os seus filhos.” (SEGALEN, 1996, p. 196).

Todavia, até que se atinja a obtenção deste “bom diploma” sinalizado pela autora, um longo caminho deve ser percorrido. O início dos investimentos na vida escolar depende da disponibilidade financeira da família. Quando possível, instituições mais renomadas de ensino são buscadas desde a infância e, em outros casos, investimentos mais pesados são feitos já no período pré-vestibular. Cursos de idiomas em variadas estratégias, como abordamos anteriormente, ocorrem em faixas etárias variáveis, desde a infância até o pré-vestibular.

É possível encontrar pessoas cursando o nível superior e desenvolvendo cursos de idiomas. Em algum momento todo esse conjunto – escola, formação complementar, pré-vestibular, curso de idiomas e formação acadêmica – ocorrem com maior ou menor intensidade, entre jovens ou jovens adultos. Podemos mencionar que é um pacote de educação a fim de alcançar uma formação diferenciada, que prepara para o mundo globalizado.

Além disso, quando refletimos sobre um “bom diploma”, é possível retomarmos ao familismo parental. A escolha de qual profissão virá com esse diploma, muitas vezes, é uma escolha do grupo, sem necessariamente visar os sonhos e desejos do indivíduo que irá se formar. Não é desconhecido de nossa cultura o favorecimento à escolha de certas carreiras profissionais em que, supostamente, é mais possível de se atingir altas remunerações no mundo do trabalho globalizado.

O alcance de “sucesso escolar” está diretamente relacionado à satisfação de desejos e realizações pessoais dos filhos, já que lhes propicia um maior preparo profissional, ainda que estes estejam seguindo as escolhas da família. Esse sucesso também se constitui em um tipo de símbolo do êxito pessoal dos pais, como se o bom desempenho dos filhos se tornasse um critério fundamental da autorrealização e da autoestima dos pais. Assim, estes apresentam uma postura de responsáveis pelos sucessos e fracassos escolares e profissionais dos filhos e sentem-se responsáveis em inseri-los, da melhor forma possível, na sociedade.

Vale ressaltar que essa situação diz respeito às classes médias, já que, para as classes populares e grupos das elites, a dinâmica é outra, por apresentarem outras necessidades e características. De acordo com Segalen, (1996, p. 197), “Os meios mais favorecidos e as camadas médias praticariam um modelo educativo liberal, enquanto as classes populares seriam caracterizadas por uma atitude de severidade.” As classes com maior poder aquisitivo valorizavam mais o autodomínio, a ambição e a criatividade, enquanto as classes populares privilegiavam mais a qualidade de obediência e o respeito do que a autonomia e a imaginação. Assim, a essas formas educativas diferentes correspondiam a estilos educativos e métodos pedagógicos que, por vezes, se baseavam ora na disciplina, ora no diálogo e na persuasão. (SEGALIN, 1996).

Ao tratar de uma realidade Suíça, no início do século XX e até os anos 1960, aproximadamente, a afirmação de Segalen (1996) indica que pode haver maior liberdade de escolha entre os filhos das elites. Desse modo, torna-se compreensível que, nas famílias de classes médias, os caminhos sejam escolhidos no seio da família e não pelo indivíduo apenas. Caberia às famílias de classes médias maior pragmatismo no preparo de seus filhos para galgar postos de trabalho públicos bem remunerados, representando, além de um avanço quanto aos capitais cultural, social e simbólico, também um avanço em relação ao capital econômico, o que supostamente aumentaria ainda mais as chances de sucesso para as gerações seguintes.

Todavia, esses modelos fazem parte do passado e, apesar de haver a possibilidade de um retorno a isso, constatamos que novas propostas têm surgido atualmente. Observamos, em todos os meios, um crescimento da democracia da família ligada à homogeneização da cultura das classes médias e dos modelos de vida. Assim, “[...] a convergência dos modelos educativos, é inegável, nem por isso erradicou a diferença nas práticas de socialização consoante os meios sociais, feitas de diferenças mínimas capazes de assegurar a reprodução social, na distinção das classes burguesas”. (SEGALEN, 1996, p. 197).

Retomando a discussão da responsabilidade dos pais, percebemos que, para a concretização dos desejos, os pais mobilizam um conjunto de estratégias a fim de elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, principalmente frente ao sistema escolar, o qual, por sua vez, tem uma relevância ascendente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais.

Dessa forma, para os pais e também para os filhos, o “sucesso escolar” é alcançado mediante dois componentes: as práticas educativas e a vontade de se atingir um bom desempenho. A vontade do aluno e de sua família de obter “sucesso” está relacionada às motivações intrínsecas ou ao desejo subjetivo de alcançar essa meta, como também às questões extrínsecas, que estão relacionadas ao meio em que ele vive e à influência deste sobre as suas decisões.

Nesse caso, é necessário ter em mente a influência das motivações familiares (motivações extrínsecas) para que ocorra o sucesso, pois há a influência positiva do envolvimento dos pais no desempenho dos filhos, como vimos anteriormente, contribuindo a termo para a redução da evasão e repetência escolar; sendo assim, o envolvimento familiar pode estimular o processo de aprendizagem do aluno.

Os pais tornam isso possível ao permitir uma vida doméstica confortável e a não obrigatoriedade de que esses filhos entrem para o mundo do trabalho, permitindo a eles o acesso ao lazer e a serviços médicos, ou seja, cria-se uma atmosfera social e cultural favorável ao desenvolvimento escolar pleno desse jovem e/ou jovem adulto.

Por outro lado, as experiências pessoais dos alunos podem auxiliá-los a alcançar formas mais eficazes de atuação e desempenho. Essas experiências podem estar pautadas em aspectos como diferenças originárias da cultura, da linguagem, da comunidade, do gênero, da escolarização anterior e principalmente da organização e dos valores advindos da família. O aluno agrega esses aspectos, possibilitando ou não um bom desempenho nos estudos, que não se referem às aptidões pessoais.

De acordo com Brandão (2010), o sucesso ou o fracasso escolar independem das aptidões individuais e reforçam o papel da família nessa situação. Desde as décadas de 1960-1970, os dons e aptidões individuais não são mais considerados os “vilões” do mau desempenho dos alunos. A relevância da família na construção das disposições linguísticas e culturais (*habitus*) modificou o rumo das investigações sobre sucesso e fracasso escolar, tendo como foco central a análise das articulações entre famílias e escolas.

Dentro desse contexto, observamos que as vantagens econômicas que as famílias possuem têm, sobre o desempenho escolar, um efeito menor do que os fatores socioculturais, dentre eles: hábitos culturais e linguísticos, grau de escolarização familiar, postura e anseios dos pais e dinâmica familiar.

Podemos levar em conta essa construção no tempo, ou seja, na exposição desse jovem às experiências enriquecedoras do ponto de vista cultural, intelectual, social. As habilidades e competências relativas à obtenção e manutenção de vários capitais são estimuladas de acordo com a cultura familiar. O hábito da leitura, por exemplo, é algo que comumente se adquire no ambiente familiar.

Logo, determinadas famílias foram consideradas mais capazes do que outras em estimularem o bom desempenho escolar devido a suas atitudes de valorização e interesse pelos estudos dos filhos, já que a sua forma de encorajá-los conta muito. Dessa maneira, observamos que há uma superação da concepção de que as aptidões individuais são as responsáveis pelo êxito escolar. Por meio das pesquisas na área da Sociologia da Educação, abriu-se um espaço para a discussão de que outros elementos interferem na necessidade de obtenção de sucesso, sendo um deles a influência familiar, ou seja, as motivações extrínsecas.

Na pesquisa que desenvolvemos, em vários momentos os docentes fizeram menção aos desejos de realização escolar e profissional, comprovados com o relato de Cibele:

A expectativa que tenho é que meu filho consiga um futuro profissional com boas oportunidades no mercado. (CIBELE/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Cibele tem a noção de que os investimentos nos estudos hoje podem levar a uma possibilidade maior de sucesso no futuro profissional, contudo essa possibilidade não necessariamente vai se concretizar, visto que a realidade no mundo do trabalho nem

sempre corresponde ao investimento efetuado, por isso precisamos relativizar essa questão, mesmo que a intenção de Cibele seja louvável.

Uma discussão atual, por exemplo, trata de profissões que podem desaparecer no futuro, por isso as incertezas quanto ao caminho profissional são motivo de grande preocupação para os alunos e suas famílias. Não existem garantias, mas existe sim uma escolha e um longo caminho escolar a trilhar.

A seguir, demonstraremos os relatos de docentes que proporcionaram curso de idiomas para seus filhos, deixando explícitas as motivações por essa opção:

Eu fiquei muito satisfeita em colocar meu filho em um curso de línguas e, se precisar, investirei mais, pois minha meta é que ele fique preparado para exercer a profissão que escolher. (ANA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

[...] fiquei satisfeita em colocar a Andressa (filha) para estudar no curso de línguas porque foi e continua sendo fundamental para a formação dela, por isso estou extremamente satisfeita. (CRISTINA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Ana e Cristina se sentem satisfeitas pelas escolhas que fizeram e acreditam que acertaram no investimento realizado. Como vimos anteriormente, a participação familiar tem uma influência grande na determinação da trajetória escolar dos filhos, os quais, por acreditarem que seus pais vão lhes proporcionar estratégias que efetivamente auxiliem nas escolhas educacionais atuais e futuras, muitas vezes respeitam as opiniões paternas e maternas, contudo, geralmente o que está presente nessas escolhas é a questão do familismo parental, expressão já definida anteriormente neste trabalho e que equivale ao fato de os filhos assumirem as decisões familiares como sendo suas, perdendo sua autonomia nas escolhas.

Todavia, essa perda de autonomia não é entendida como um motivo de sofrimento quando, coletivamente, há uma crença de que o caminho apontado é o melhor, o mais propício ou promissor. Essa ausência de autonomia, algumas vezes, sequer é percebida, tão grande é o envolvimento e o senso de responsabilidade e participação do indivíduo cujo destino está sendo definido em relação ao seu grupo familiar. É disso que trata, de certa maneira, a própria concepção de reprodução das estratégias familiares.

A possibilidade de investimento nos estudos dos filhos retrata o interesse familiar no alcance de sucesso escolar, sendo que a teoria bourdieusiana acredita que o

êxito escolar depende basicamente do capital cultural herdado, bem como de outros capitais e da tendência da família em investir no sistema de ensino.

Nesse sentido, tanto a influência do capital cultural e de outros capitais quanto o investimento escolar interferem na obtenção do sucesso escolar, porém há uma questão sobre os capitais que precisamos destacar, Nogueira (1995, p. 150) menciona que:

Omitindo as diferenças de capital econômico, social e cultural entre os grupos sociais que se traduzem em vantagem ou desvantagem escolar, tal postura poderá acentuar as desigualdades de aprendizagem e resultados escolares, culpando perversamente os pais e mães pelo fracasso escolar.

Pelo fato de o investimento e acompanhamento dos pais muitas vezes ser grande na situação de êxito escolar, a culpabilização do fracasso pode também recair sobre eles, caso não seja levando em consideração a diversidade de aspectos que podem interferir nessa condição. Embora os docentes da pesquisa possam escolher as escolas de seus filhos, não se pode ignorar que, para isso, se baseiam em algumas decisões, ou seja: qual perfil de formação ensinam, se existe o acesso a atividades culturais e a atividades físicas, qual é o modelo didático-pedagógico adotado pelas escolas, etc.

Tudo isso depende de pesquisa por parte da família, sendo responsabilidade dos pais fazerem a opção final, todavia no que diz respeito à escola, o cuidado com a formação do aluno interfere no resultado obtido por ele. É necessário que haja uma intensa troca entre a escola e os pais, garantindo que o aluno esteja atingindo o que os pais desejavam e que a escola esteja garantindo isso naquilo que lhe compete.

Gatti (2010, p. 2) sinaliza um conceito de sucesso escolar abrangente, sendo compreendido como o “[...] processo pelo qual alunos percorrem os anos escolares em progressão crescente, [...] desenvolvendo o resultado positivo relativo à aquisição de aprendizagens escolares”. Apesar de essa definição ser pertinente, a discussão sobre o alcance de sucesso escolar e profissional, precisa ser relativizada, já que se refere ao êxito de alunos que satisfazem as normas de excelência escolar, ou seja, diz respeito a uma padronização, atendendo a necessidades sociais e culturais que variam de escola para escola com relação às prioridades, objetivos e métodos e divergem de acordo com as escolhas das famílias.

A sociedade contemporânea se preocupa em dar uma definição de sucesso escolar por meio da valorização do currículo escolar e de normas de excelência, porém o que não é levado em consideração é o sucesso educativo global, que assimila a

diversidade de concepções de vida e de educação que coexistem numa sociedade pluralista. (PERRENOUD, 2003).

Podemos refletir que quanto mais capital cultural, social e simbólico, maior o preparo das famílias para enfrentar os processos decisórios sobre em quais escolas colocar seus filhos. Assim, essas famílias mais claro terão o que desejam, ou seja, qual formação ensinam para seus filhos e o porquê de tal escolha. A depender de quanto podem despendar para arcar com o custo da escolarização, nas grandes metrópoles e capitais há escolas com propostas didático-pedagógicas alternativas, a fim de uma formação mais ampla, humanista, cosmopolita e urbana.

Dessa forma, compreendemos que a questão de sucesso escolar e profissional é contingencial, pois como vimos anteriormente, a utilização de estratégias educacionais empreendidas pelas famílias nem sempre direciona para o sucesso idealizado, porém podemos reflexionar que, muitas vezes, esse sucesso pode atender aos anseios dos agentes no que se refere à realização pessoal e à incorporação do sucesso educativo global. Nesse sentido, cabem algumas indagações: o fato de se alcançar sucesso de uma maneira que não seja a desejada pode não ter a relevância para a realização pessoal, escolar e profissional? No momento da concretização da internacionalização de estudos, podem surgir outras expectativas que não haviam sido pensadas antes?

Essas novas expectativas, caso surjam, podem resultar da vontade do próprio sujeito e um novo processo de decisões pode ser iniciado. Vários são os aspectos que podem ser levados em conta, tais como a validade da nova proposta perante os anseios familiares, a reorganização de custos, a perspectiva de futuro profissional, entre outros. Algumas vezes acontece de um aluno ingressar numa graduação e, ao final do primeiro ano, aproximadamente, optar por outro caminho. Em face disso, as famílias passam por processos de acompanhamento desse jovem e de processos decisórios de maneira intensa, visto que esse não é um investimento apenas financeiro, mas inclusive de tempo, afetivo, de atenção, cuidado e reflexões.

Nos relatos a seguir evidenciamos a relação entre sucesso, alcance de conhecimentos e realização pessoal, acadêmica e profissional obtidos como possibilidades surgidas durante a realização da internacionalização de estudos:

O estudo de línguas além de aprimorar conhecimentos, trouxe para mim realização pessoal. (ADRIANO/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Hoje tenho realização pessoal e profissional porque não me deixa ficar dependente de outras pessoas para lidar com certas situações. (CESAR/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

O conhecimento que estou adquirindo de alguma forma está sendo importante até mesmo para ter sucesso na escola. (ANDRESSA/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Vale destacar que Cesar se formou em Engenharia Civil, Adriano em Direito e Andressa ainda é estudante. Cesar e Adriano acreditam ter tido realização pessoal e Andressa acredita ter relação entre o sucesso nos estudos na escola e a realização do curso de línguas. Portanto para esses jovens, a associação entre conhecimento adquirido, sucesso e realização esteve presente e, no relato de Cesar, surgiu outro elemento determinante: o fato de ele ter desenvolvido a autonomia pessoal.

Desse modo, observamos que, para esses agentes, a realização da internacionalização de estudos prioriza o desenvolvimento da personalidade do jovem e seu bem-estar psicológico, bem como eles sinalizam o fato da realização da internacionalização de estudos “abrir” novas possibilidades.

Essa autonomia estaria ligada à autoconfiança gerada pelo conhecimento. Ao perceber seu próprio domínio sobre mais códigos de linguagem e comunicação, é possível que o indivíduo se sinta mais capaz de “navegar” no mundo a partir de seus próprios instrumentos.

Outra questão que merece ser ressaltada é a discussão sobre as exigências do mundo do trabalho atrelada à necessidade de ter um bom desempenho na utilização da internacionalização de estudos, uma vez que o preparo para a sociedade globalizada é um elemento relevante na condução da trajetória de escolarização de longa duração.

É possível que a parcela do mundo do trabalho ensejado por esses jovens seja específica: grandes empresas multinacionais ou transnacionais, carreiras públicas internacionais e outras situações em que seja útil ter o domínio de uma segunda língua, ressaltando o fato de que o empenho deles não se dirige ao trabalho de balcão de franquias de *fast food*. Há um desejo latente que os movimenta, isto é, o de se destacar no trabalho em postos bem remunerados.

Nos relatos a seguir, fica evidenciada essa preparação para o mundo do trabalho:

Eu acho que o que leva os pais a buscarem um curso de línguas para seus filhos é porque precisam preparar os filhos para um mercado competitivo. (MARIANA/PROFESSORA DE LÍNGUAS).

Penso que meu filho conseguiu maior oportunidade no mercado, pois o curso de línguas atendeu as exigências, já que hoje ele tem facilidade no trabalho e nas viagens. (CIBELE/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Eu acredito que o fato de ter estudado línguas me deixou mais preparada para o mundo do trabalho, porque a exigência do mercado é grande. (CLAUDIA/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

As agentes Mariana, Cibele e Claudia tratam do preparo escolar e profissional, cada uma dentro de seu contexto específico, já que Mariana está inserida no grupo de professores de idiomas, que conhece a situação da utilização da internacionalização de estudos por pais que almejam o preparo futuro do filho, Cibele é uma das mães docentes que colocou o filho para estudar em um curso de idiomas e Claudia é uma jovem que estudou línguas. Todas abordam a preocupação em atender as exigências do mundo do trabalho atual, já que há uma imposição seletiva no processo de globalização, sendo assim, as três agentes reforçam a exigência e competitividade do trabalho contemporâneo.

O mundo do trabalho com o intuito de possibilitar o acesso às posições de maior prestígio valoriza tanto o conhecimento técnico específico quanto a capacidade do candidato a emprego de se comportar e se comunicar de forma condizente com as necessidades do trabalho.

A respeito das expectativas em relação ao futuro profissional, os relatos a seguir evidenciaram as seguintes pretensões:

Espero que o estudo de línguas abra portas para que meu filho progrida profissionalmente. (MÁRCIA/DOCENTE/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Eu pretendo crescer profissionalmente e ser um bom profissional. (ADRIANO/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

Pretendo ter flexibilidade, independência financeira, acessibilidade e interação com os demais profissionais da mesma área que atuo. (JOÃO/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

A expectativa que tenho com relação ao meu futuro é ser um profissional com reconhecimento internacional. (CESAR/JOVEM/CURSO LIVRE DE IDIOMAS).

O interesse e a vontade de se ter bom desempenho escolar e profissional estão presentes nos relatos dos agentes, tanto dos docentes quanto dos jovens. Conforme já exposto, não podemos esquecer que a concretização do sucesso nem sempre acontece de forma a atender as expectativas familiares, mas sim para atender as necessidades atuais dos jovens que passam pelo processo de internacionalização de estudos, já que, muitas

vezes, as famílias colocam expectativas na escolarização e no sucesso dos filhos, todavia essas expectativas nem sempre correspondem ao que eles almejam.

Há outra situação a ser considerada que é o fato de o sistema escolar exigir dos alunos comportamentos, conhecimentos e habilidades linguísticas que somente aqueles que estão socializados na cultura dominante podem ter. Nesse caso, fica evidente o problema da distinção de alguns e a exclusão da maioria dos jovens brasileiros.

O bom desempenho escolar e profissional demonstra uma correlação com o desenvolvimento do capital cultural que o agente já possui ao realizar a internacionalização de estudos, pois há relação com o investimento empreendido no processo de escolarização. Como corrobora Segalen (1996, p. 197), “Ao adotarem estilos educativos que estão de acordo com o seu tempo, os grupos sociais detentores de um capital cultural dispõem-se a inculcá-lo aos filhos, quase inconscientemente”.

O sistema escolar tem a tendência de requerer dos alunos um conjunto de condições que apenas quem adquiriu esse tipo de capital vai conseguir corresponder à expectativa. Isso nos faz pensar que o sistema escolar reflete a desigualdade presente na sociedade, em que há os indivíduos que possuem acesso e facilidades para obtenção de melhores condições e aqueles que não possuem, ocorrendo sempre uma lacuna entre essas duas realidades.

Ao fazer a reflexão sobre o papel do sistema escolar na relação entre a família e o sucesso escolar do jovem, é necessário levar em consideração a participação das políticas públicas nesse contexto, já que “As famílias e o Estado produzem, em conjunto e circularmente, valores que fazem funcionar a sociedade”. (SEGALEN, 1996, p. 197). Não é possível generalizar, mas em nível internacional, há famílias que desejam acompanhar o processo escolar dos filhos e que possuem a compreensão de que essa participação consiste em um direito democrático.

No que se refere aos principais países ocidentais, a intervenção do Estado visa possibilitar uma estratégia de promoção do sucesso escolar, por meio do incentivo de mecanismos de estreitamento dos laços entre a escola e a família como forma de diminuir o fracasso escolar devido ao desperdício de recursos públicos que ocorrem aliados a esse fracasso.

Refletir sobre a educação nos mostra uma maneira perversa de existir da sociedade, pois estamos conscientes desse movimento de exclusão a partir da educação, mas, ao invés de se batalhar de fato para que todos tenham acesso ao melhor, batalha-se para acessar, a todo custo, o “exclusivo”. As propagandas nos ensinam que a principal

função de nosso veículo novo é causar inveja no vizinho, que está ali, de “olhos arregalados, molhando a grama dele e desejando a nossa”.

As classes médias, ao menos, são cientes desse processo excludente, daí seus esforços para incluir seus filhos no universo, ao menos escolar, das elites. Os capitais cultural, social e simbólico estão vinculados aos ambientes frequentados pelos sujeitos e seu aprendizado; grosso modo, está relacionado ao *status* da erudição, da capacidade de contemplação do belo (estética), de um fazer-se polido, por assim dizer. Para que haja a construção e manutenção de uma cultura familiar condizente com o nível que se ensina, a família se aproxima da escola e dos aprendizados desse jovem, logo, é mais complexo do que parece.

A tendência atual da realidade brasileira é ampliar o envolvimento da família na escola, encorajando uma aproximação maior entre ambos, com o intuito de favorecer o sucesso dos alunos, porém tendo a suposição de que cada uma dessas instâncias cumpra sua função no processo de escolarização, não permitindo que o papel da escola seja substituído pelo da família e vice-versa.

A ideia central dessa aproximação é proporcionar aos professores o acesso às informações específicas de quem são seus alunos, suas famílias, suas culturas e suas vidas cotidianas para, assim, auxiliá-los no desenvolvimento mais competente do seu trabalho. Pela perspectiva das famílias, essa aproximação pode facilitar a escolarização dos seus filhos ao contribuir para que esse processo ocorra sem transtornos. Então, havendo uma interação maior entre escola e família, é possível que os jovens tenham um percurso escolar mais significativo. (REALI, TANCREDI, 2005).

O Estado, por meio das políticas públicas, possui a função de estimular a participação e o processo interativo da escola com a família e vice-versa, bem como criar mecanismos para que isso aconteça. Tanto a escola quanto a família necessitam propiciar a abertura para tal aproximação, possibilitando um diálogo possível a fim de ocasionar a diminuição dos problemas e conflitos existentes na trajetória de escolarização de longa duração. Relativo à internacionalização de estudos, esse diálogo também precisa ocorrer, favorecendo o bom desempenho dos alunos no processo de escolarização em nível internacional.

Há muito que se fazer em pesquisa sobre o tema, por exemplo, pode ser uma sugestão para estudos futuros, levantar e analisar os resultados dos intercâmbios realizados na UFMS por meio do programa Ciência sem fronteiras. Cabe aos pensadores da educação questionar ainda que internacionalização de estudos se deseja,

com quais objetivos, de modo que se possa de fato favorecer a autonomia do sujeito, a melhor colocação da população ampla no mercado de trabalho, entre outros aspectos, sem, contudo reforçar uma tendência colonialista de dominação cultural, inclusive pela imposição deste ou daquele idioma estrangeiro.

À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese de doutoramento visou lançar luz sobre a internacionalização de estudos utilizada como estratégia educacional de famílias de classes médias intelectualizadas, nesse caso caracterizadas e compreendidas como docentes da educação superior e seus filhos. O intuito foi entender como essas famílias se organizam no sentido do processo de escolarização e se tal organização se dá, a fim de oferecer uma formação intelectual para um mundo globalizado e atual, quando se buscam estratégias educacionais internacionais.

O caminho percorrido na investigação consistiu inicialmente em uma revisão de literatura, bem como a compreensão do contexto da investigação que, no caso, é a realidade de Campo Grande – MS. Na elaboração dos roteiros de entrevista, buscamos selecionar questões ligadas à internacionalização e, principalmente, à internacionalização de estudos, bem como dar ênfase às práticas culturais, pois a apropriação de produtos culturais legitimados é considerada uma prática importante.

Na construção do objeto, ocorreu a imersão no tema internacionalização de estudos como estratégia de escolarização e nos aprofundamos nos seguintes assuntos: seleção de estabelecimento de ensino internacional, escolas bilíngues e trilíngues, cursos livres de idiomas e intercâmbios internacionais.

Apresentamos diferentes concepções de autores que estudaram as referidas temáticas, sendo possível compreender o critério de seleção de estabelecimento internacional e o funcionamento das escolas bilíngues e trilíngues, que são opções de tipos de escolarização internacionalizada dentro do Brasil, bem como entender a forma como o ensino de línguas estrangeiras acontece em cursos livres também no contexto brasileiro. Foi possível, ainda, conhecer outra estratégia de ensino internacional, a qual é obtida por meio do envio de estudantes para fazerem intercâmbio ou estudarem em outro país.

Na sequência, identificamos o perfil das famílias pesquisadas assim como focalizamos a discussão da pesquisa desenvolvida com as famílias de classes médias intelectualizadas, representadas pelos docentes universitários e seus filhos, os quais tiveram a oportunidade de realizar a internacionalização de estudos. Os professores de cursos livres de idiomas, considerados agentes formadores do processo de internacionalização, também foram entrevistados e comentaram suas percepções acerca do fenômeno da internacionalização de estudos.

Cabe destacar dentre as estratégias o intercâmbio, embora a denominação intercâmbio não fosse utilizada, no período colonial havia uma prática de enviar estudantes para a Europa para de lá trazer o que havia de mais moderno. Havia o entendimento de que atividades técnicas e artísticas não se desenvolveriam satisfatoriamente sem o aval da tradição europeia.

Retoma-se essa discussão para tratar da própria ideia de intercâmbio. A rigor, o processo de intercambiar remete a uma troca – no caso estudantil – da mesma forma que um estudante brasileiro vai ao exterior buscar o aprendizado de outra cultura, estudantes estrangeiros viriam ao país também para aprender com nossas experiências. Em todos os relatos é bastante presente a ideia de que os filhos vão para trazer algo melhor ou de maior valor, o que reforça nosso comportamento, como sociedade, ainda atrelado ao sentido de país colônia, ou seja, o que é bom está lá fora.

Logo, não existiria qualquer sentido em estudantes estrangeiros virem até aqui, é a mesma posição adotada no período colonial, em que era necessário sair à busca de tradição, como valor simbólico. Um dos intercambistas entrevistados traz esse aspecto em seu relato de maneira bastante clara. Na fala dele traz ideias como “[] cultura superior à nossa, é algo que marca profundamente o espírito”, e ainda, afirmações sobre o caráter do que seria o brasileiro “Brasil, cujo povo em tudo age pragmaticamente, não sabendo conceber nenhuma atividade desinteressada do espírito que não seja sinônimo de lazer.”

Outra intercambista apresenta um comentário com sentido semelhante, ao falar de sua readaptação ao Brasil, disse sentir “desconforto ao observar o comportamento dos brasileiros menos orientados para ética e mais orientados para seu próprio ego”. Não seriam reais as carências de bens e serviços básicos aos quais muitos brasileiros são diariamente submetidos? E nesse sentido, não seria compreensível uma posição auto-centrada, que pode indicar apenas um esforço pela sobrevivência?

A consciência, enquanto categoria de análise social, também pode ser um ponto de reflexão. Os relatos trazidos testemunham certa fala vazia – destituída de sentido enquanto discurso – ou ainda – e de forma paradoxal trazendo de forma velada um sentido discursivo que reforça nossa herança colonialista. Podemos começar questionando – qual o nível de consciência dessas famílias quanto ao que desejam? O que esperam da internacionalização de estudos? Uma das entrevistadas afirmou desejar que o filho fizesse “outro intercâmbio” ou “um curso de pós-graduação no exterior”. Mas o que essas afirmações dizem? Para que? Qual o sentido disso?

Não podemos deixar de considerar que há uma grande imbricação entre as expectativas familiares com as dos filhos, sendo que, em vários momentos, isso foi destacado neste estudo. Essa questão nos faz refletir se as aspirações são apenas dos jovens, de suas famílias ou de ambos e quais as implicações e os pontos positivos são observados tanto pelo ângulo da família quanto do ângulo dos jovens.

A partir do momento em que os agentes da pesquisa conseguem identificar suas expectativas, buscam as estratégias e, assim, foi possível observar que esse dimensionamento ocorre a partir de um desejo de ascensão social e manutenção do status, percebido em suas narrativas, e não necessariamente de uma consciência, enquanto categoria social, da importância dos capitais cultural, educacional e simbólico.

Observamos assim a importância do capital econômico da família ao possibilitar recursos para financiar melhores estabelecimentos de ensino ou melhores estratégias escolares aos filhos, já o capital cultural que se encontra correlacionado ao seu desenvolvimento escolar, isto é, o nível de instrução da família influencia o processo educacional deles, contudo, o que sobressai são os capitais econômico e simbólico.

As classes médias intelectualizadas acreditam que, dentro de um conjunto ideal de indicadores de seus capitais cultural, social e simbólico, estaria o grau de instrução formal e o enriquecimento cultural de seus filhos, as histórias e vivências de viagens ao exterior e uma cultura média mundial.

Essa cultura média estaria, por exemplo, no acesso aos maiores e mais importantes museus de artes, a música clássica e erudita, espetáculos de artes e outros bens culturais, bens valorizados ao longo de nossa cultura e história, cujo acesso e conhecimento elaboram certo significado social, cultural e simbólico, o de uma erudição média esperada aos denominados bem educados. Esses outros benefícios acima citados estariam atrelados ao capital simbólico, mas também demonstram alto grau de poder aquisitivo, não são financeiramente acessíveis a todos.

Grosso modo, o contexto apresentado contribui mais uma vez para um processo de exclusão, pois nem toda família compreende esses bens como diferenciais e, principalmente, nem todas têm as condições de propiciar isso aos filhos. Existe uma esfera social, à qual quem tem acesso à internacionalização de estudos passa a pertencer e que o distingue dos que não se formam nesse ideal cosmopolita. De forma curiosa, esse aspecto se manifesta nos seus gostos e até na sua forma de consumir e, particularmente, em relação a que tipo de bens consome, que tendem a certo ar de

exclusividade, partilhado a partir disso com seus iguais, em geral, distintos também pelo fator econômico.

Outra discussão relevante e pertinente para a compreensão deste estudo é o estabelecimento das relações de poder e dominância que um grupo hegemônico exerce sobre as classes sociais. No que concerne à realidade da sociedade, há um discurso de poder que depende dos interesses hegemônicos para escolher elementos da realidade a fim de modificá-los em símbolos, em detrimento de outros. No momento atual, a internacionalização de estudos se apresenta como um símbolo socialmente valorizado.

Podemos ter em mente que o imaginário que se impõe em geral é de um grupo dominante, ou ao menos autorizado por ele, ou seja, o movimento que determinada sociedade fará vai depender da construção dos símbolos que são escolhidos pela lógica de dominação, para nortear as relações entre os indivíduos. A construção simbólica tende, então, a atender as necessidades do imaginário que foi alimentado sem qualquer isenção, pois há sempre uma intencionalidade ou uma possibilidade de se exercer alguma medida de controle social.

Sobre o ambiente escolar propriamente dito, há uma concepção de que a sociedade e a escola se relacionam e não é possível mencionar o entrelaçamento dessas duas instâncias se não refletirmos sobre as relações de dominação e subordinação que há na sociedade brasileira como um todo.

Alguns contextos são determinados pelas políticas de grupos dominantes, uma vez que as reflexões e práticas assumidas atendem a objetivos específicos. Por exemplo, algo comum nas escolas de ensino médio e pré-vestibular é a demonstração de expertise na aprovação nos processos seletivos mais visados do país. Não necessariamente haveria espaço para se discutir uma educação mais humanista, com foco, por exemplo, na responsabilidade social e na preservação do meio ambiente.

Dessa forma, observamos que, muitas vezes, os interesses e mais especificamente, as políticas de um determinado grupo são colocadas em prática e outras políticas, de outro grupo, nem são comentadas, ocorrendo uma significativa desigualdade.

Com isso, temos que nos remeter ao conceito de política pública, pois ela diz respeito à coisa pública, ou seja, o que é de responsabilidade do Estado, com base em organismos políticos e entidades da sociedade civil e que se estabelece por meio de um processo de tomada de decisões que derivam das normatizações da legislação do país.

Qual seria o interesse da internacionalização de estudos para as políticas públicas de educação? E o papel destas quanto à ida e volta de estudantes ao exterior, em programas de intercâmbio? Para que um processo como esse seja eficaz enquanto política que possa propiciar maior autonomia dos sujeitos, desenvolvimento econômico local e regional, seria necessário ter bem claros os objetivos, justificativas e métodos, para não “cair”, como ocorre comumente, em processos burocráticos com resultados maquiados.

Exemplo disto é que esta questão da internacionalização nas escolas, de modo geral, não está adequadamente contemplada, as escolas brasileiras oferecem o ensino de uma língua estrangeira, contudo de maneira incipiente.

De modo geral há certa normatização quanto ao que se espera da escola, mas a depender do acesso ao capital econômico e dos interesses dos envolvidos, há um verdadeiro abismo entre uma escola pública de periferia e uma escola privada em um bairro de classe média/alta. O acesso ou não às oportunidades é, em certa medida, determinante para o desenvolvimento educacional e profissional dos jovens.

Há um impasse ainda em relação ao acesso às universidades públicas, pois alunos oriundos de escolas privadas de alto nível acessam as melhores universidades públicas do país por meio de processo seletivo e conseguem as vagas em decorrência de seu preparo diferenciado, divergindo das condições dos jovens de escolas públicas.

O que acontece, na contramão, é que os indivíduos que mais necessitariam dessas vagas de universidades são oriundos de escolas públicas, onde o ensino tende a ser fraco ou insuficiente e, muitas vezes, não dá conta do processo seletivo nas universidades públicas. Grosso modo, o capital econômico é utilizado para obter os melhores benefícios das políticas públicas, sem, contudo, necessitar questioná-las ou alterá-las.

Na teoria, o objetivo das políticas públicas, em que está inclusa a política educacional, seria o de envolver todos os grupos da sociedade civil e determinar o padrão de proteção social implementado pelo Estado, voltadas, em princípio, à redistribuição dos benefícios sociais. Contudo, o que é percebido na prática é que o ensino oferecido a cada grupo social tem um tipo de escola com diferentes condições, de modo que as instituições que atendem os setores populares não garantem uma educação de qualidade, o que tem definido e configurado as políticas públicas no Brasil.

O que tem sido debatido na atualidade relativo às políticas públicas para o ensino médio, por exemplo, é a discussão sobre a universalização do direito ao ensino

médio de qualidade para todos e a retomada das dimensões do trabalho, ciência, tecnologia e cultura na constituição da identidade do ensino médio.

Esse nível de ensino no Brasil apresenta duplo papel: o de preparar para a continuidade dos estudos e, outras vezes, além disso, concomitantemente preparar para o mundo do trabalho, no caso dos cursos técnicos. Inserido nesse contexto, o ensino médio no Brasil e suas políticas públicas se relacionam com a internacionalização de estudos, pois a preparação para futuros estudos e/ou para o trabalho pode se beneficiar da internacionalização nos dois sentidos, tanto de continuidade dos estudos quanto de formação para o mundo do trabalho.

Todavia, o que nos preocupa é que essa possibilidade de ter esse processo de formação para o mundo globalizado não é acessível a todos os jovens e que é apenas por meio das políticas públicas que esse acesso poderá ser permitido e garantido a todos. Portanto, as políticas públicas de um país devem ser direcionadas a toda a população, respeitando o direito de cada indivíduo e assegurando o bem comum.

Nesse sentido, não é possível aceitar que os interesses de grupos dominantes se sobreponham às necessidades da população como um todo e, para que ocorra a igualdade social de fato, todos deveriam ter acesso aos benefícios sociais e a bens e serviços entendidos como importantes para a formação desses sujeitos, enquanto atuantes e protagonistas de suas histórias.

A internacionalização de estudos, nesta pesquisa, foi considerada uma estratégia educacional por parte de professores universitários e seus filhos em Campo Grande-MS, pois eles buscam adesão ao mundo globalizado, indo além das fronteiras nacionais. As famílias investigadas possuem a propensão a investir no estudo das línguas estrangeiras e isso ocorre porque percebem os ganhos e vantagens que esse investimento pode trazer aos seus filhos, todavia, é prerrogativa de grupos restritos.

Há formas, por meio de políticas públicas, de se instituir a internacionalização de estudos de maneira que realmente fortaleça a autonomia dos sujeitos e seu protagonismo frente à sua própria história, sem com isso reforçar a lógica colonialista de dominação?

Compreendemos que, enquanto expansão das possibilidades de estudo e acesso ao mundo do trabalho, há aspectos positivos na internacionalização. Uma vez entendida como benefício que seria interessante se estendido a toda população, a internacionalização dos estudos, visando formar sujeitos cosmopolitas, portanto algo que deveria estar no foco das políticas públicas de educação.

Da forma como está configurado, o sistema escolar, ao invés de ter uma função transformadora e agregadora na vida dos indivíduos, reproduz e reforça as desigualdades sociais, uma vez que a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais, posicionamento preconizado pela teoria bourdieusiana.

Na pesquisa foi identificado que as estratégias educacionais representadas pela internacionalização de estudos trazem vantagens a quem pode ter acesso a ela, ou ao menos isso está presente nas narrativas dos agentes, porém o maior desafio é fazer com que possam ser garantidas à população brasileira, por meio das políticas públicas, sendo reconhecida a validade dessas estratégias para uma formação atualizada para atender as necessidades do mundo globalizado em que vivemos e, dessa forma, não permitindo que ocorram distinções.

Aparentemente os pais desejam uma formação cosmopolita, para o mundo. Contudo, uma formação cosmopolita deveria habilitar o sujeito para viver tanto na Europa quanto na Índia. Não se trata, por exemplo, de dominar a língua inglesa, mas de se adaptar a qualquer cultura. Tal formação é possível a partir de uma escola bilíngue? É possível afirmar que este seja o perfil almejado pelas escolas internacionais – como a citada Escola das Nações em Brasília, que de fato têm professores e frequentadores vindos de vários países – até mesmo por abrigar filhos de diplomatas estrangeiros?

Nosso tema, que tem como pano de fundo a educação e as estratégias de internacionalização educacional permite ainda visualizar a educação entendida como produto, e seus usuários, como consumidores. Ao observar de maneira rápida a oferta de modelos adotados, é possível notar que esta depende da demanda e do poder aquisitivo de cada região, e de seus interesses e papéis no plano geopolítico e econômico.

Disto decorre novamente a imbricação do tema ao neoliberalismo e à lógica do capital. Trazendo para o contexto local, quais produtos são ofertados em Campo Grande – MS aos consumidores na área da educação? O produto mais distintivo, em voga no momento, podemos afirmar, são as escolas bilíngues, que não à toa experimentaram um crescimento significativo nos últimos anos.

A questão trazida pelos pais em relatos é exatamente a possibilidade de oferecer aos filhos uma formação que os distingue da maioria, um produto senão “exclusivo”, distintivo. A tese defendida a partir da pesquisa é de que os benefícios buscados pela internacionalização de estudos é a inserção num mercado de trabalho diferenciado, que se poderia dizer de luxo, com melhores salários e acesso a uma vida social, intelectual e cultural pretensamente elevada. Ou seja, tratar-se-ia da busca pela ascensão social e o

ingresso num mercado de trabalho privilegiado, seja no Brasil, em grandes corporações e/ou no mercado dito de luxo, seja no exterior. Na fala de Roberto, pai de Adriano, fica claro o interesse no capital econômico, ao afirmar que deseja para o filho uma profissão de que goste, mas que traga “retorno financeiro”.

A formação, proporcionada pela família, seja com maiores ou menores esforços financeiros visaria ser, no balanço final, um fator de distinção determinante do destino ocupacional/profissional e da posição social do indivíduo. Todo o percurso que abarca os capitais social, cultural e simbólico estaria alinhavado pelo interesse no capital econômico, capaz de produzir, sustentar e reproduzir, grosso modo, os demais, ainda que de forma superficial e instrumental de certo ponto de vista. O verniz da formação, o bom acabamento teria assim um objetivo final que é de ascensão econômica e manutenção desse status.

Seria como um colonialismo interno em camadas – esse elemento distintivo levaria certo grupo social a um patamar mais elevado que os demais na perspectiva de um endocolonialismo. Ou seja, continua-se numa perspectiva de colonizador e colonizado, agora internalizada em nossas relações sociais locais.

Dessa perspectiva, não é desejável que o jovem filho da senhora que realiza trabalhos domésticos tenha acesso à mesma educação dos filhos de camadas da sociedade que se consideram intelectualizadas, ou detentoras de maior poder econômico. A distinção entre classes é elemento capaz de manter as relações de dominação, exploração e acumulação. Seria interessante, assim, estimular políticas públicas que permitissem o acesso à internacionalização de estudos a todos os jovens igualmente? E como seria?

Conhecendo-se os jogos de dominação social, é possível imaginar que outros mecanismos distintivos seriam criados e estimulados, e sendo assim, haveria sempre um abismo a ser superado.

Nesse processo de estudos foi realçado ainda o valor distintivo do intercâmbio propriamente, ou seja, uma valorização maior daqueles indivíduos que tiveram a oportunidade de vivenciar uma temporada no exterior, numa experiência de imersão no país e na cultura que desejavam aprender. Entre os patamares de internacionalização, escola de idiomas, escolas bilíngues e intercâmbio, este último sobressaiu.

Envolve, entre outras coisas, preparo cultural, custos elevados, e cuja recompensa é trazer ao currículo uma vivência prática de uma cultura estrangeira, em geral, buscam-se países economicamente mais desenvolvidos e destacados. Este

elemento distintivo destacado fica claro no relato da agente Janaína: “Só aprendi a ter independência com a experiência de fazer o High School nos EUA; só obtive a fluência quando vivenciei a cultura com os estudos intensivos.”

Portanto, voltando-se a ideia de que sempre haverá um abismo a separar dominadores e dominados, numa escala de endocolonialismo, vale mais quem vive uma experiência de sair do país em busca do *pedigree*, da tradição, de certa certificação internacional, reforçando mais uma vez nossos laços sociais colonialistas, bem como a lógica do neoliberalismo, uma retroalimentando a outra.

Como educadores, contudo, é nosso papel desejar e lutar para que a escola tenha de fato uma função transformadora e agregadora na vida dos indivíduos. Os grupos hegemônicos, que estabelecem relações de poder e dominância aceitariam um sistema de educação igualitário para todos?

Ou, como foi indicado, encontrariam outros elementos da realidade a fim de modificá-los em símbolos socialmente valorizados e restritos ao grupo dominante. Mais uma vez retornamos ao capital simbólico e seu uso manipulado para manter o capital econômico, sobretudo em relação à sua acumulação por alguns poucos. Nesse contexto resta ainda refletir sobre qual internacionalização se deseja, e para quê.

De um ponto de vista objetivo e simples, poderia ser pensado, dentro do sistema educacional atual, o ensino de línguas estrangeiras de modo mais estruturado, de forma que oferecesse resultado equivalente ao das escolas de idiomas, que atualmente significa um custo a mais ou até inviável para as famílias da classe baixa, permitindo seu acesso à população ampla.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. M.S. **O recurso às escolas internacionais como estratégia educativa de famílias socialmente favorecidas.** 2007. 245f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

_____. Quando a melhor escola é internacional: famílias brasileiras em busca de internacionalização “in loco”. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 31, Caxambu, MG, 2008. **Anais...**, Caxambu, MG, 2008.

_____. Estratégias educativas de internacionalização: uma revisão da literatura sociológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 67-79, jan./abr. 2009.

ALMEIDA, A. G. M. Afeto: uma nova concepção de família. **Revista Jurídica ESMP-SP**, São Paulo, v.5, p. 255-282, 2014.

ALMEIDA, A. M. F. et al. (Org.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004.

AMARILHA, C.M.M. **Os intelectuais e o poder:** história, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2006.

AMORIM, M. A. A educação dos brasileiros & o estrangeiro: breve histórico da internacionalização dos estudos no Brasil. **Brasiliiana – Journal for Brazilian Studies**, [s.l.], v. 1, n.1, p. 1-12, sep./2012.

ANTUNES, M. T. P.; MARTINS, E. Capital intelectual: verdades e mitos. **Revista Contabilidade - Finanças - USP**, São Paulo, n. 29, p. 41 - 54, maio/ago. 2002.

ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 5-14, jan./abr. 2007.

BALL, S. J.; VINCENT, C. I. Heard it on the grapevine: hot nknowledge and school choice. **British Journal of Sociology of Education**, [s.l.], v.1, n. 3, p. 377-400, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARREDA, S. V. M. **A história dos professores de espanhol nas fronteiras.** 2007. 191f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007.

BARROS, A.J.P.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

BENDA, J. **A traição dos intelectuais**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007. 284 p.

BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado**, volume 1: regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009. 411 p.

BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado**, volume 2: poder político e elites dirigentes sul-mato-grossenses. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009. 494 p.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP. 1997.

BONAMINO, A.; ALVES, F.; FRANCO, C.; CAZELLI, S. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 488-489, set./dez. 2010.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Tradução Lucy Magalhães. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOTT, E. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, P. **La Noblesse d'État**, Paris: Minuit, 1989.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. **A miséria do mundo**. Trad. Mateus S. Soares Azevedo et al. Petrópolis/RJ, Editora Vozes, 1997.

_____. **Coisas Ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo/SP, Brasiliense, 2004.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani (Org.). 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Sérgio Miceli (Org.). São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. O ofício de sociólogo. In: BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. **O sociólogo e o historiador**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Ensaio Geral, 3). p. 14-39.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 128-144.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKY, L.; SAINT MARTIN, M. Les stratégies de reconversion. **Information sur les Sciences Sociales**, Paris, v.12, n.5, p.61-113, 1973.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **Ofício de Sociólogo: Metodologia da Pesquisa na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BIBLIOTECA PARQUE VILLA-LOBOS. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <https://bvl.org.br/quais-sao-os-paises-mais-leitores-do-mundo/>. Acesso em: 11 out. 2018.

BRANDÃO, Z. Sucesso e fracasso escolar no contexto das relações família e escola. In: SANTOS, L. L.C. P. et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Coleção Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRANDÃO, Z.; LELLIS, I. Elites acadêmicas e escolarização dos filhos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 509-526, ago./2003.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos. Comissão para definição da classe média no Brasil. **Relatório sobre a definição da classe média no Brasil**. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos, 2012.

BROADY, D.; BORJESSON, M.; PALME, M. Go West! O sistema de ensino sueco e os mercados transnacionais. In: ALMEIDA, A.M.F.; NOGUEIRA, M.A. (Org.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 192-222.

CALOF, J.; BEAMISH, P. Adapting to Foreign Markets: Explaining Internationalization. **International Business Review**, USA, v. 4, n. 2, p. 115-131, 1995.

CAMPO GRANDE NEWS. Cidades. **Escolas trilingues de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/escola-trilingue-de-ms>>. Acesso em: 11 out. 2018.

CANTUÁRIA, A. L. **Escola internacional, educação nacional**: a gênese do espaço das escolas internacionais de São Paulo. 2005. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CATANI, A. M. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). **Educação & Sociedade**, Campinas, a. 23, n. 78, p. 57-75, abr. 2002.

CATANI, A. M.; OLIVEIRA J. F.; DOURADO, L. F. Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, a. 22, n. 75, p. 67 – 83, ago. 2001.

COLÉGIO HARMONIA. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://www.colegioharmonia.com>>. Acesso em: 11 out. 2018.

COLÉGIO STATUS. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://statusms.com.br>>. Acesso em: 11 out. 2018.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n.5, p. 173-191, 1991.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. Trad. Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

CRESCER PROCURA POR ESCOLAS BILÍNGUES NO PAÍS. **Escolas bilíngues**. 2018. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geralcrece-procura-por-escolas-bilingues-no-pais,499839>>. Acesso em: 14 out. 2018.

DIAS, M.H.M.; ASSIS-PETERSON, A.A. O inglês na escola pública: vozes de pais e alunos. **Polifonia**, Cuiabá, v. 12, n.2, p. 107-128, 2006.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar./2002.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. **À l'école**: Sociologie de l'expérience scolaire. Paris: Seuil, 1996.

DUQUE, D. **Você provavelmente não é da classe média e é mais rico do que pensava**. 2015. Disponível em: <<http://mercadopopular.org/2015/09/classe-media>>. Acesso em: 11 out. 2018.

EDUCAÇÃO BILÍNGUE. **Escolas bilíngues**. 2018. Disponível em: <<http://educacaobilingue.com/escolas/escolas-bilingues>>. Acesso em: 11 out. 2018.

ESCOLAS BILINGUES PARTICULARES NO BRASIL. **Escolas Bilíngues**. 2018. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral/crece-procura-por-escolas-bilingues-no-pais,499839>>. Acesso em: 11 out. 2018.

ESCOLA DAS NAÇÕES. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <https://www.escoladasnacoes.com.br/>. Acesso em: 15 de out. de 2018.

ESCOLA ESPAÇO LIVRE MS. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://escolaespacolivrems.com.br/metodologia>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ESCOLA GAPPE. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://www.escolagappe.com.br/index.html>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ESCOLA MAPLE BEAR. **Apresentação**. Disponível em: <<http://maplebear.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ESCOLA O CASULO - INSTITUTO ANA BORGES. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://www.institutoanaborges.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ESCOLA O QUINTAL - METROPOLITANO MS. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://metropolitanoms.com.br/educacao-infantil-e-ensino-fundamental-em-campo-grande-ms>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ESCOLA SESC MS. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://www.capitalnews.com.br/educacao/escolas-do-sesc-de-ms>>. Acesso em: 23 de dez. 2018.

ESCOLA TRILINGUE DE MS OFERECE ESPAÇO PARA BRINCAR, APRENDER E SER FELIZ. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/escola-trilingue-de-ms>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ESCOLA VIVA INFÂNCIA. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <http://vivainfancia.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2018.

FARIA, R.M.; SILVA, E.P. *Habitus* e composição dos capitais cultural, econômico e social como fatores explicativos da constituição das expectativas e práticas de formação e trabalho de alunos de uma escola pública estadual. **Trabalho e Educação**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 77-92, set./dez. 2009.

FLORY, E. V.; SOUZA, M. T. C. C. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XIX, p. 23-40, 2009

FRANÇA, M. C. C. C. Cidadãos do mundo: experiências pessoais e familiares entre participantes de um Programa de Intercâmbio Cultural. **Mouseion**, [s.l.], v. 2, n. 3, p. 1-15, jan./Jun.2008

FREIRE, A. **Estratégia – Sucesso em Portugal**, Editorial Verbo, Lisboa, 1997.

GATTI, B.A. Sucesso escolar. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

GEWIRTZ, S.; BALL, S.; BOWE, R. **Markets, choice and equity in education**. Buckingham: Open University Press, 1995

GONÇALVES, A. R. R. **Construções de entre-lugar sociocultural de professores brasileiros e ingleses na implementação de um novo currículo em uma escola internacional**. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GONÇALVES, T. G. Sua majestade, o intercambista: intercâmbio como tentativa de retorno a uma ilusão de completude. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 5, n. 2, p. 72-76, jul./dez. 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARMERS, J e BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

INSTITUTO GUIMARÃES. **Retratos da Leitura – Perfil do Leitor**. 2018. Disponível em: <https://www.institutoguimaraes.com.br/single-post/2017/07/27/Retratos-da-Leitura-%E2%80%93-Perfil-do-Leitor>. Acesso em 10 out. 2018.

INSTITUTO LUTHER KING. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <http://www.lutherking.org.br/>. Acesso em 15 out. 2018.

IPEA. Mobilidade urbana: o automóvel ainda é prioridade. In: IPEA: **Revista desafios do desenvolvimento**. 2011 . Ano 8 . Edição 67 - 20/09/2011. Acessível em: < http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2578:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 11 out. 2018.

KIDS@SCHOOL OFERECE MÉTODO DE ENSINO CRIADO EM CIDADE DO NORTE DA ITÁLIA. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://www.acritica.net/noticias/kidsschool-oferece-metodo-de-ensino-criado-em-cidade-do-norte-da/162833/>>. Acesso em: 11 out. 2018.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, Pelotas, n. 4, p. 13-24, 1999.

LÉVY, B.H. **Elogio dos intelectuais**. Tradução de Celina Luz. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 102 p.

MANÇOS, G.R.; COELHO, F.S. Internacionalização da Ciência Brasileira: subsídios para avaliação do programa Ciência sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, v.2, n.2, pp. 52-82, dez.2017.

MAPLE BEAR CANADIAN SCHOOL. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <<http://maplebear.com.br>>. Acesso em 23 de dez. 2018.

MAPLE BEAR CAMPO GRANDE ABRE AS PORTAS EM EVENTO ESPECIAL PARA A COMUNIDADE ESCOLAR E CONVIDADOS. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <http://www.acritica.net/noticias/maple-bear-campo-grande-abre-as-portas-em-evento-especial-para-a/252662/>> Acesso em: 14 out. 2018.

MARCELINO, M. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XIX, p. 1-22, 2009.

MEGALE, A. H. Bilíngue, eu? Representações de sujeitos bilíngues falantes de português e inglês. **Revista X**, [s.l.], v.2, p. 243-263, 2012.

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, [s.l.], v. 3, n. 5, p. 15-31, ago. 2005

MEYER, R. The Internationalization Process of the Firm Revisited: Explaining Patterns of Geographic Sales Expansion, **Management Report**, Erasmus University, Rotterdam, 1996.

NISHIMOTO, M. M. **Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa**. 2011. 211f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

NOGUEIRA, M.A. Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto de estudo em construção. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.1, p. 9-25, jan./jun.1995.

_____. Convertidos e oblatos – um exame da relação de classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. **Educação, Sociedade & Culturas**, São Paulo, n. 7, p. 109-129, 1997.

_____. Uma dose de Europa ou Estados Unidos para cada filho: estratégias familiares de internacionalização de estudos. **Pro-posições**, Campinas, v.9, n. 1, p.113-131, 1998.

_____. A. Viagens de estudos ao exterior: as experiências de filhos de empresários. In: ALMEIDA, A.M.F. et al. (Org.). **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 47-63.

_____. A construção da excelência escolar: Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, p. 124-154. 2010a.

_____. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. **Currículo sem fronteiras**, Pelotas, v.10, n.1, p. 213-231, jan./jun. 2010b.

_____. Um tema revisitado – as classes médias e a educação escolar. In: DAYRELL, J. et al. (Org.). **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 110-131.

_____. Estratégias de internacionalização dos estudos: um novo fator de desigualdade escolar? **Habitar a escola e as suas margens - Geografias Plurais em Confronto**. Instituto Politécnico de Portalegre e Escola Superior de Educação- Porto Alegre/RS, 2013, p. 27-36.

NOGUEIRA, M.A.; AGUIAR, A. M. S. A escolha do estabelecimento de ensino e o recurso ao internacional. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 2, n. 1, p. 3-22, jan./abr. 2007.

NOGUEIRA, M.A.; AGUIAR, A.M.S.; RAMOS, V.C.C. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago. 2008.

NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.) **Escritos de Educação**. 10.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. (Ciências sociais da educação).

NOGUEIRA, M.A.; NOGUEIRA, C.M.M. **Bourdieu & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OLIVEIRA, P. S. **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo, Editora Hucitec/Fapesp, 1999.

PAIVA, F. M. **A internacionalização da pós-graduação em educação no Brasil: Mobilidade e produtividade docente (2010-2016)**. 2017. 178f. Tese (Doutorado) –

Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, UFMS. Campo Grande, 2017.

PESAVENTO, S. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

PEREIRA, J. H. V.. As implicações da reorganização da economia no reordenamento dos estados nacionais. **Fronteiras (Campo Grande)**, Campo Grande - MS, v. 3, n.5, p. 97-116, 2000.

PEREIRA, M. V. M. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em educação: o ensino superior em música como objeto. **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n.40, p. 221-233, jul./dez. 2013.

PERRENOUD, P. Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo! **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 9-27, jul./2003.

POCHMANN, M. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

PONTES, J.C.V. **História da Literatura Sul-mato-grossense**. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.

PORTES, A.P. **Estratégias escolares do universitário das camadas populares: a insubordinação aos determinantes**. 1993. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

PRADO, C. L. **“Intercâmbios culturais” como práticas educativas em famílias das camadas médias**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

_____. Um aspecto do estudo de línguas estrangeiras no Brasil: os intercâmbios. ALMEIDA, A.M.F. et al. (Org.). In: **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 64-84.

_____. Em busca do primeiro mundo: intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 155-183.

QUADROS, J.E. **A opção pela educação infantil bilíngue por famílias de Belo Horizonte: perfil social e motivações**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

QUERO BOLSA. **Apresentação**. Disponível em:
<https://querobolsa.com.br/revista/entenda-melhor-o-programa-ciencia-sem-fronteiras>.
 Acesso em 10 de out. de 2018.

REDE BRASIL ATUAL. **Cidadania**. 2018. Disponível em:
 <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/10/ibge-de-4-1-filhos-por-mulher-em-1980-taxa-ira-a-1-5-em-2030-9405.html>>. Acesso em: 5 de jul. 2018.

REALI, A.M.M.R.; TANCREDI, R.M.S.P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. **Paidéia**, Ribeiro Preto-SP, v. 15, n. 31, p. 239-247, 2005.

RIEDNER, D. D. T. **Estratégias de escolarização**: ações combinadas entre famílias de grupos da elite e uma escola de prestígio. 2013. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIEDNER, D. D. T; PEREIRA, J. H. V. A heterogeneidade das elites brasileiras e as estratégias distintas na obtenção do sucesso escolar. **Revista Contexto e Educação**, Campo Grande, v. 27, n. 87, p. 4-25, 2012.

RODRIGUES, E. C. P. **Histórias de vida de professores migrantes**: culturas e contextos de Mato Grosso do Sul. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

ROMANELLI, G. O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. **Paidéia**. Ribeiro Preto-SP, p. 123-136, fev./ago., 1998.

ROMANELLI, G. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante-trabalhador. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 99-123

SAID, E. W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SAID, E. W. **Representaciones del intelectual**. Barcelona: Paidós, 1996

SALGADO, A. C. P.; DIAS, F. H. Desenvolver a bilinguagem: foco da educação bilíngue e do ensino de línguas. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 35 n. especial, p. 145-153, jul./dez., 2010.

SANTOS, L. I. S. **Crenças acerca da inclusão de língua inglesa nas séries iniciais**: quanto antes melhor? 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2005.

SARTRE, J. P. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

SEBBEN, A. **Intercâmbio cultural: para entender e se apaixonar**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

SEGALEN, M. **Sociologia da família**. Lisboa: Terramar, 1996

SERVILHA, G. B. **A internacionalização e ensino básico: suas motivações**. 2014. 79f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2014.

SILVEIRA, R.B.; WEIHERMANN, C. Longe de casa, há mais de uma semana: o processo de ajustamento de intercambistas no exterior. **Revista ANGRAD**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, jul./set. 2009.

SINGLY, F. **L"appropriation de l'héritage culturel**. Lien social et politiques, [s.l.]. n. 35, p. 153-165, 1996.

SINGLY, F. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993.

SOUZA, S.B.; ASSIS, J.H.V.P. Internacionalização de estudos: estratégia educacional das famílias de classe média em busca do sucesso escolar. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos/SP, v. 9, n. 19, p. 607-625, set. /dez. 2017

STALLIVIERI, L. **Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

TAMIÃO, T. S.; CAVENAGHI, A. J. O Intercâmbio Cultural Estudantil na Cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 8, n. 9, p. 40-49, jan./jun. 2013.

TODOROV, T. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

THIESEN, J.S. A educação básica nos movimentos de internacionalização do currículo: Aproximações conceituais. **II Colóquio desafios curriculares na formação de professores**. Livro de Atas, Minho/Portugal, 2017.

THIESEN, J.S. Internacionalização dos currículos na educação básica: concepções e contextos. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 991 – 1017 out./dez.2017.

VALENTE, A.L. E. F. Os negros, a educação e as políticas de ação afirmativa. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 76-86, jan./abr. 2002.

- VIANA, M. J. B. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 45-60.
- VIEIRA, M. M. G. **A globalização e as relações de trabalho: a lei de contrato a prazo no Brasil como instrumento de combate ao desemprego**. Curitiba: Juruá, 2000.
- VIGOTSKI, L. S. A educação do comportamento emocional. In L. S. Vigotski. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 113-124.
- WACQUANT, L. J. D. O legado social de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, p. 95-110, nov. 2002.
- WAGNER, Anne-Catherine. **Les nouvelles élites de la mondialisation: une immigration dorée en France**. Paris: PUF, 1998.
- WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.
- WEENINK, D. **Upper middle-class resources of power in the education arena: Dutch elite schools in an age of globalisation**. 2005. 203 f. Tese (Doutorado) - School for Social Science Research, Amsterdã, Bélgica, 2005.
- ZAGO, N. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. **Paidéia**, Ribeirão Preto-SP, p. 70-80, Jan./jul. 2000.
- ZANELLA, D. C. O Cosmopolitismo estóico. In: **IV MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO-PUCRS**, 4, Porto Alegre, 2009. **Anais...**, Porto Alegre, 2009.
- ZILIANI, J.C. **Tentativas de construções identitárias em Mato Grosso do Sul (1977-2000)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados. - MS, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A. ROTEIROS DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista para os filhos (intercâmbio; cursos livres de idiomas; escola bilíngue)

Informar que os dados serão transcritos para a Tese de Doutorado em Educação que faz parte de uma pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação/FAED - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Dados sobre o entrevistado e sobre os familiares:

- 1 – Idade:
- 2 – Qual o seu nível de instrução?
- 3 – Qual a sua profissão?
- 4 – Qual a renda familiar bruta de sua família?
- 5 – Quantas pessoas moram na residência?
- 6 – Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?
- 7 – Você fez ou faz estudos de alguma língua estrangeira, além dos realizados na escola? Qual/quais?
- 8 – Você fez viagem ao exterior, excluindo o intercâmbio? A qual ou quais países? Com que objetivo? (Turismo; cursos de línguas; pós-graduação; outros cursos; trabalho; outros.)
- 9 – Você fez mais de um intercâmbio? Em caso afirmativo, diga para qual país foi.
- 10 – Você conhece o nível de instrução de seus avós paternos?
- 11 – Você conhece o nível de instrução de seus avós maternos?

Dados sobre o Capital Cultural:

- 12 – Com relação ao seu tempo, você assiste muito TV? Que tipo de programa? (Turismo; cultura em geral; esportivo; noticiário; religioso; político; outro)
- 13 – Você vai com frequência ao cinema? Qual o tipo de filme que você gosta? (Drama; terror; comédia; ação; religioso; romântico; outro)
- 14 – Você vai com frequência ao teatro? Qual o tipo de peça teatral que você gosta? (Drama; terror; comédia; ação; religioso; romântico; outro)
- 15 – Você gosta de ler? Com qual frequência? Lê livros, jornais, revistas? Quais?
- 16 – Seus familiares falam idiomas estrangeiros? Quais idiomas? Como aprenderam? Qual a frequência com que vocês utilizam o idioma estrangeiro?
- 17 – Vocês utilizam TV/música/cinema/teatro/internet/jornais/revistas/livros internacionais? Com qual frequência?
- 18 – Vocês viajam para o exterior? Para quais países? Com qual objetivo? Com qual frequência?

19 – Vocês possuem algum parente ou amigo que mora no exterior?

20 – Algum parente ou amigo nascido no exterior?

Dados sobre a estratégia de internacionalização (intercâmbio; cursos livres de idiomas; escola bilíngue)

21 – Você acredita que o fato de você ter feito (intercâmbio, cursos livre de idiomas ou escola bilíngue) o(a) deixou mais preparado(a) para os estudos? Por quê?

22 – Você acredita que o fato de você ter feito (intercâmbio, cursos livre de idiomas ou escola bilíngue), se isto proporciona ou proporcionou sucesso escolar? Por quê?

23 – Você acredita que o fato de você ter feito (intercâmbio, cursos livre de idiomas ou escola bilíngue) lhe proporciona ou proporcionou uma realização pessoal, acadêmica e profissional? Por quê?

24 – Você acredita que o fato de você ter feito (intercâmbio, cursos livre de idiomas ou escola bilíngue) o(a) deixou mais preparado(a) para o mundo do trabalho? Por quê?

25 – Quais são suas expectativas com relação ao seu futuro profissional?

26 – Você gostou dessa experiência (intercâmbio, cursos livre de idiomas ou escola bilíngue)? Por quê?

Roteiro de entrevista para os pais

Informar que os dados serão transcritos para a Tese de Doutorado em Educação que faz parte de uma pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação/FAED - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Questionário respondido por: () mãe () pai () outro: especificar:

Dados sobre o entrevistado e sobre os familiares:

1 – Idade:

2 – Situação familiar (casado(a); separado(a)/divorciado(a); solteiro(a); viúvo(a))

3 – Número de filhos:

4 – Qual o seu nível de instrução?

5 – Qual o nível de instrução do marido/mulher ou companheiro(a)?

6 – Qual a sua profissão?

7 – Qual a profissão do marido/mulher ou companheiro(a)?

8 – Qual a renda familiar bruta de sua família?

9 – Quantas pessoas moram na residência?

10 – Quantas pessoas contribuem para a renda familiar?

11 – Você fez ou faz estudos de alguma língua estrangeira, além dos realizados na escola? Qual/quais?

12 – Seu marido/mulher ou companheiro(a) fez ou faz estudos de alguma língua estrangeira, além dos realizados na escola? Qual/quais?

- 13 – Você fez viagem ao exterior? Para quais países? Com qual objetivo? Com qual frequência?
- 14 – Seu marido/mulher ou companheiro(a) fez viagem ao exterior? Para quais países? Com qual objetivo? Com qual frequência?
- 15 – Você fez intercâmbio quando mais jovem? Em qual país, em caso afirmativo?
- 16 – Seu marido/mulher ou companheiro(a) fez intercâmbio? Em caso afirmativo, para qual país?
- 17 – Você conhece o nível de instrução de seus pais?
- 18 – Você conhece o nível de instrução de seus sogros?

Dados sobre o Capital Cultural:

- 19 – Com relação ao seu tempo livre, você assiste muito TV? Quais programas? (Turismo; cultura em geral; esportivo; noticiário; religioso; político; outro)
- 20 – Você vai com frequência ao cinema? Qual o tipo de filme que você gosta? (Drama; terror; comédia; ação; religioso; romântico; outro)
- 21 – Você vai com frequência ao teatro? Qual o tipo de peça teatral que você gosta? (Drama; terror; comédia; ação; religioso; romântico; outro)
- 22 – Você gosta de ler? Com qual frequência? Lê livros, jornais, revistas? Quais?
- 23 – Você/seu marido/esposa/filhos falam idiomas estrangeiros? Quais idiomas? Como aprenderam? Qual a frequência com que vocês utilizam o idioma estrangeiro?
- 24 – Vocês utilizam TV/música/cinema/teatro/internet/jornais/revistas/livros internacionais? Com qual frequência?
- 25 – Vocês viajam para o exterior? Para quais países? Com qual objetivo? Com qual frequência?
- 26 – Vocês possuem algum parente ou amigo que mora no exterior?
- 27 – Algum parente ou amigo nascido no exterior?

Dados sobre investimentos escolares:

- 28 – Você vê diferença nos investimentos educacionais que seus pais fizeram para você e os que você faz hoje para seu(s) filho(s)? Por quê?
- 29 – Você vê diferença entre as expectativas escolares e profissionais de seus pais para você e aqueles que você tem hoje para seus filhos? Por quê?
- 30 – Você acha que, do ponto de vista econômico, viveu uma ascensão, ou seja, pode proporcionar aos filhos hoje mais oportunidades que seus pais puderam? Por quê?
- 31 – Você gostava de estudar? Estudava quantas horas por dia?

32 – Como você pensa o futuro escolar e profissional dos filhos? Quais as suas expectativas?

QUESTÕES ESPECÍFICAS PARA OS PAIS QUE ESCOLHERAM CURSO LIVRE DE LÍNGUAS:

Você acredita que o fato de seu(s) filho(s) estudar ou ter estudado em um curso livre de línguas, se isto proporciona ou proporcionou sucesso escolar ao(s) mesmo(s)? Por quê?

Você acredita que o fato de seu(s) filho(s) estudar ou ter estudado em um curso livre de línguas, se teve ou terá uma realização pessoal, acadêmica e profissional? Por quê?

Você ficou satisfeito em colocar seu(s) filho(s) para estudar ou ter estudado em um curso livre de línguas? Por quê?

QUESTÕES ESPECÍFICAS PARA OS PAIS QUE ESCOLHERAM O INTERCÂMBIO

Você fez intercâmbio quando mais jovem? Em caso afirmativo, diga para qual país foi.

Seu marido/mulher ou companheiro(a) fez intercâmbio? Em caso afirmativo, diga para qual país foi.

Seus outros filhos fizeram ou fazem intercâmbio? Para que país?

Quais as razões da decisão de enviar o(s) filho(s) para o exterior?

O que mais pesou na decisão, ou seja, se você tivesse que citar três aspectos que influenciaram mais fortemente a sua escolha, quais são eles, por ordem de importância e por quê?

Você acredita que o fato de seu(s) filho(s) realizar intercâmbio, se isto proporciona ou proporcionou sucesso escolar ao(s) mesmo(s)? Por quê?

Você acredita que o fato de seu(s) filho(s) realizar intercâmbio, se isto teve ou terá uma realização pessoal, acadêmica e profissional? Por quê?

QUESTÕES ESPECÍFICAS PARA OS PAIS QUE ESCOLHERAM ESCOLA BILÍNGUE

Quais os critérios adotados na seleção de uma escola bilíngue? Por quê?

O que mais pesou na seleção, ou seja, se você tivesse que citar três aspectos que influenciaram mais fortemente a sua escolha, quais foram eles, por ordem de importância? Por quê?

Você acredita que o fato de seu(s) filho(s) estudar ou ter estudado em uma escola bilíngue, se isto proporciona ou proporcionou sucesso escolar ao(s) mesmo(s)? Por quê?

Você acredita que o fato de seu(s) filho(s) estudar ou ter estudado em uma escola bilíngue, se teve ou terá uma realização pessoal, acadêmica e profissional? Por quê?

Como você ficou sabendo da escola bilíngue?

O que uma escola bilíngue possui que as outras não possuem? Por quê?

Você ficou satisfeito com a escolha pela escola bilíngue? Por quê?

Roteiro de entrevista para os professores: curso livre de línguas

Identificação do entrevistado:

- 1 – Nome:
- 2 – Idade:
- 3 – Escola(s) onde trabalha:
- 4 – Qual o seu nível de instrução?
- 5 – Área de formação?
- 6 – Tempo de trabalho no curso livre?
- 7 – Você fala quantos idiomas estrangeiros? Qual/quais?
- 8 – Você fez viagem ao exterior? A qual(is) país(es)? Com que objetivo? (Turismo; cursos de línguas; pós-graduação; outros cursos; trabalho; outros.)
- 9 – Você fez intercâmbio quando mais jovem? Em caso afirmativo, diga para qual país foi.

Dados sobre os pais dos alunos do curso livre de línguas:

- 10 – Você sabe as profissões dos pais dos seus alunos? Quais são?
- 11 – Você sabe a escolaridade dos pais dos seus alunos? Quais são?
- 12 – Você percebe diferença com relação à profissão dos pais e o envolvimento com o curso que os filhos fazem? Por quê?
- 13 – Você vê diferença nos investimentos educacionais que os pais de alunos atuais fazem para os filhos deles e que os pais do passado não faziam? Por quê?
- 14 – Você vê diferença entre as expectativas escolares e profissionais que os pais de alunos atuais fazem para os filhos deles e que os pais do passado não faziam? Por quê?
- 15 – O que você acha que leva os pais a buscarem um curso de línguas para seus filhos?

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: INTERNACIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS: ESTRATÉGIA DAS FAMÍLIAS DE CLASSE MÉDIA INTELECTUALIZADA NA BUSCA DO SUCESSO ESCOLAR

Pesquisador: Solange Bertozi de Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65854217.9.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.990.038

Apresentação do Projeto:

O projeto constitui-se em estudo que busca investigar a internacionalização de estudos utilizada como estratégia educacional de famílias de classe média intelectualizada, visando à obtenção do sucesso escolar. Do ponto de vista metodológico, será realizada uma investigação com dados quali-quantitativos, a partir de revisão bibliográfica e aplicação de entrevista semiestruturada. O público-alvo consistirá nos professores de uma faculdade particular de Campo Grande-MS. Os resultados sinalizarão se a internacionalização de estudos constitui ou não uma estratégia educacional para obtenção do sucesso escolar de estudantes de ensino médio oriundos de famílias da classe média intelectualizada.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

-Identificar na escolha das famílias de classe média intelectualizada pelo recurso da internacionalização de estudos, se esta é uma estratégia educacional que visa ao favorecimento do sucesso escolar de seus filhos.

Objetivo Secundário:

-Identificar nas possíveis escolhas das famílias de classe média intelectualizada que optaram pela internacionalização do estudo se há a preocupação em proporcionar uma realização pessoal,

ANEXO A. PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA - PLATAFORMA BRASIL

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS

Bairro: Caixa Postal 549

CEP: 79.070-110

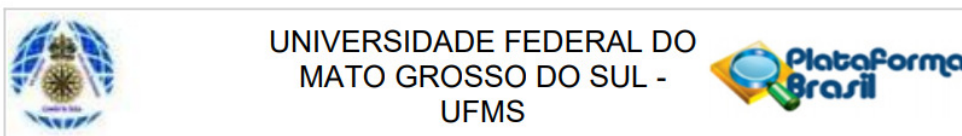
UF: MS

Município: CAMPO GRANDE

Telefone: (67)3345-7187

Fax: (67)3345-7187

E-mail: bioetica@propp.ufms.br



Continuação do Parecer: 1.990.038

acadêmica e profissional;

-Analisar se o envio de jovens para estudar em outro país proporciona longevidade escolar dos intercambistas.

-Realizar revisão bibliográfica, estudos teóricos, interpretação de dados e análise de conteúdo.

-Registrar os dados e interpretá-los à luz do referencial teórico bourdieusiano.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos previstos serão mínimos devido à coleta de dados ser por meio de entrevista e ficar garantido ao participante a recusa de resposta, caso haja algum constrangimento durante a entrevista. Será garantida a confidencialidade da pesquisa. Aos participantes será entregue um relatório dos resultados obtidos.

Benefícios: Os benefícios serão acadêmicos e científicos e podem fomentar novos estudos sobre a questão da Internacionalização de estudos, em Campo Grande/MS, além de contribuir para a ampliação dessa temática nas investigações desenvolvidas na Sociologia da Educação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa tem relevância no campo da ação familiar, da classe média intelectualizada, na escolha e opção pelo recurso da internacionalização de estudos se seus filhos, para compreensão desse fenômeno e possível favorecimento do sucesso escolar de seus filhos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto contém todos os documentos obrigatórios e informações adequadas e necessárias para sua aprovação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando os documentos postados e analisados, manifestamos parecer favorável a aprovação do projeto de pesquisa por esse Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_865034.pdf	09/02/2017 20:48:10		Aceito
Outros	Entrevista_país_intercambio.docx	09/02/2017 20:45:08	Solange Bertozi de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	Termo_de_Consent_Liv_Escl.doc	09/02/2017 20:44:09	Solange Bertozi de Souza	Aceito

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS
Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** bioetica@propp.ufms.br



Continuação do Parecer: 1.990.038

Justificativa de Ausência	Termo_de_Consent_Liv_Escl.doc	09/02/2017 20:44:09	Solange Bertozi de Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_INTERNAC_ESTUDOS.doc	09/02/2017 20:43:45	Solange Bertozi de Souza	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_para_Unigran.pdf	09/02/2017 20:43:26	Solange Bertozi de Souza	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceite_Unigran.pdf	09/02/2017 20:43:08	Solange Bertozi de Souza	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	09/02/2017 15:39:33	Solange Bertozi de Souza	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 29 de Março de 2017

Assinado por:

PAULO ROBERTO HAIDAMUS DE OLIVEIRA BASTOS
(Coordenador)

Endereço: Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/UFMS

Bairro: Caixa Postal 549 **CEP:** 79.070-110

UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE

Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** bioetica@propp.ufms.br